



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA**

MARIA CLAUDIA CAVALCANTE

**O RESSENTIMENTO COMO PROJETO DE BRASIL: Um estudo sobre o
ostracismo intelectual e os elementos formadores do pensamento de
Gilberto Amado (1905-1969)**

**RECIFE
2017**

MARIA CLAUDIA CAVALCANTE

O RESSENTIMENTO COMO PROJETO DE BRASIL: Um estudo sobre o ostracismo intelectual e os elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado (1905-1969)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de
Albuquerque Júnior

RECIFE
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

C376r Cavalcante, Maria Claudia.

O ressentimento como projeto de Brasil : um estudo sobre o ostracismo intelectual e os elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado (1905-1969) / Maria Claudia Cavalcante. – 2017.

166 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em História, Recife, 2017.

Inclui referências e anexos.

1. História. 2. Vida intelectual. 3. Amado, Gilberto, 1887-1969. 4. Ostracismo. 5. Formação intelectual. 6. Projeto de nação. I. Albuquerque Júnior, Durval Muniz de (Orientador). II Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-218)

MARIA CLAUDIA CAVALCANTE

O RESSENTIMENTO COMO PROJETO DE BRASIL: Um estudo sobre o ostracismo intelectual e os elementos formadores do pensamento De Gilberto Amado (1905-1969)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História.

Aprovada em: 13/06/2017.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profº. Dr. Flávio Weinstein Teixeira (1º Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Lourival de Holanda Barros (1º Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Alarcon Agra do Ó (2º Examinador Externo)
Universidade Federal de Campina Grande

Profº. Dr. Francisco Régis Ramos (3º Examinador Externo)
Universidade Federal do Ceará

Para Seu Otávio e Dona Nina

AGRADECIMENTOS

A Deus ou a qualquer força maior que atuou na efetivação do desejo de estar concluindo este Doutorado.

A meus pais: Dona Nina e Seu Otávio por serem a base de sustentação de toda a minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador, Durval Muniz Albuquerque Jr, pela confiança e acolhida sincera à minha produção. Pelo incentivo. Pela disponibilidade de compartilhar seus ensinamentos e de querer contribuir com o sucesso de seus orientandos. E por, acima de tudo, ter despertado a paixão pela História nos idos de 2001 quando iniciei minha Graduação em História.

A Alarcon Agra do Ó por também ter acompanhado minha trajetória acadêmica com risos e boas sugestões e, inclusive, por ter despertado o interesse pelo trabalho com Gilberto Amado desde o Mestrado. E pelo esforço feito para encontrar um espaço para ler este trabalho e estar presente na minha banca de defesa.

Aos professores Flávio Weinstein, Lourival Holanda e Francisco Régis que aceitaram compor a banca de defesa de tese.

À banca de qualificação composta por Iranilson Buriti e Antônio Paulo Rezende, cujas boas sugestões me ajudaram a repensar questões relevantes a este trabalho. Em especial, Antônio Paulo Rezende, pelo fino trato, pela sensibilidade, pelas leituras de Literatura que permitiram pensar não só este trabalho, mas nossas próprias existências para além dos parâmetros acadêmicos. À Regina Beatriz pelas ricas aulas de Teoria e Metodologia que contribuíram para repensar o percurso deste trabalho.

A Antônio Clarindo por ter proposto o redimensionamento que se mostrou necessário à aprovação do projeto de Doutorado no processo de seleção em 2013.

Aos amigos: Edemberg Rocha, Francis Oliveira, Marcílio Borba, Eduarda Soares e à prima Suênia Guedes do Ó pelo compartilhamento das risadas, angústias e sociabilidades diversas essenciais à produção deste trabalho.

Às amigas desde o tempo de Graduação e Mestrado em História na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG): Kelly Catão, Fernanda Karoline, Paula Rejane, Catarina Braga, Sílvia Tavares e Fabiana Miranda; por, de formas peculiares, também fazerem parte da minha trajetória e experiência de vida.

A Fábio Ronaldo por ter sido um companheiro fiel, paciente e flexível nesses quatro anos em que tivemos que pensar juntos, visando a melhor efetivação das burocracias e do cumprimento dos prazos inerentes ao processo de doutoramento.

Às secretárias do Programa: Sandra Regina e Patrícia pela acolhida e eficiência no trato das questões burocráticas.

À FACEPE pelo financiamento que permitiu a produção deste estudo.

À Fundação Joaquim Nabuco, à Fundação Casa de Rui Barbosa e à Academia Brasileira de Letras que, por meio de seus solícitos funcionários, permitiram a pesquisa das diversas fontes sobre Gilberto Amado.

À Maria Teresa Amado por ter permitido a pesquisa no acervo de seu avô.

Enfim, à trajetória intelectual de Gilberto Amado, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo problematizar o ostracismo intelectual e os elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado entre os anos de 1905 e 1969. Assim, buscou-se reconstruir a trajetória intelectual do autor, atentando para as ideias que atuaram na construção de seu projeto de nação: a formação de uma classe dirigente que guiaria a nação nos rumos do progresso. Verificou-se que a ideia de formação persegue Gilberto Amado não só na produção de tal projeto, como também aparece, em seu discurso, como fundante de sua existência. Como possibilidade de diálogo teórico-metodológico para tal estudo, optou-se por problematizar tanto a ideia de formação, quanto as redes de sociabilidade que atuaram na visibilidade e invisibilidade do autor enquanto intelectual em diferentes momentos históricos. O recorte temporal deste trabalho que vai de 1905 a 1969 se justifica por iniciar sua abordagem a partir do estudo dos elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado em sua experiência como aluno da Faculdade de Direito do Recife e se estende até 1969, ano de sua morte.

Palavras-chave: Gilberto Amado. Formação Intelectual. Ostracismo. Projeto de Nação.

ABSTRACT

This thesis aims to problematize the intellectual ostracism and the formative elements of Gilberto Amado's thinking between the years 1905 and 1969. Thus, we sought to reconstruct the intellectual trajectory of the author, paying attention to the ideas that acted in the construction of his project of Nation: the formation of a ruling class that would guide the nation in the direction of progress. It was verified that the idea of formation pursues Gilberto Amado not only in the production of such a project, but also appears in his speech as the founder of his existence. As a possibility of theoretical-methodological dialogue for such a study, it was decided to problematize both the idea of formation and the networks of sociability that acted in the visibility and invisibility of the author as intellectual in different historical moments. The temporal cut of this work that goes from 1905 to 1969 is justified to begin his approach from the study of the elements forming the thought of Gilberto Amado in his experience as a student of the Recife Law Faculty and extends until 1969, the year of his death.

Keywords: Gilberto Amado. Intellectual training. Ostracism. Project of Nation.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à problématiser l'ostracisme intellectuel et les éléments formatifs de la pensée de Gilberto Amado entre 1905 et 1969. Ainsi, nous avons cherché à reconstruire la trajectoire intellectuelle de l'auteur, en accordant une attention aux idées qui ont agi dans la construction de son projet de Nation: la formation d'une classe dirigeante qui guiderait la nation en direction du progrès. On a vérifié que l'idée de la formation poursuit Gilberto Amado non seulement dans la production d'un tel projet, mais apparaît également dans son discours comme fondateur de son existence. Comme une possibilité de dialogue théorique-méthodologique pour une telle étude, il a été décidé de problématiser à la fois l'idée de la formation et les réseaux de sociabilité qui ont agi dans la visibilité et invisibilité de l'auteur de l'intellectuel dans les différents moments historiques. La coupe temporelle de ce travail qui va de 1905 à 1969 est justifiée de commencer son approche à partir de l'étude des éléments formant la pensée de Gilberto Amado dans son expérience d'étudiant de la Faculté de droit de Recife et s'étend jusqu'à 1969, l'année de sa mort.

Mots clés: Gilberto Amado. Formation intellectuelle. Ostracisme. Projet de Nation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DO APRENDIZADO DAS PRIMEIRAS LETRAS À ESCOLA DO RECIFE: INSTRUÇÃO E FORMAÇÃO	23
2.1	“HISTÓRIA MINHA INFÂNCIA”: IMAGENS DE UMA INSTRUÇÃO	23
2.2	DE SERGIPE PARA PERNAMBUCO: RECIFE, ESPELHOS E UM “BANDO DE IDEIAS NOVAS”	29
2.3	UMA DANSA SOBRE O ABYSMO: O DIÁLOGO DE GILBERTO AMADO COM A CIÊNCIA E AS TEORIAS RACIAIS DO SÉCULO XIX	37
2.4	A LITERATURA E O DESENVOLVIMENTO MENTAL DO BRASIL: A PERMANÊNCIA DAS TEORIAS RACIAIS NO DEBATE SOBRE A UNIDADE NACIONAL	43
2.5	TOBIAS BARRETO: O DEBATE SOBRE A CULTURA	52
3	CIENTIFICISMO: PRODUÇÃO DE SI E DE UM PROJETO DE NAÇÃO	59
3.1	POSITIVISMO E FORMAÇÃO INTELECTUAL DO POVO BRASILEIRO: O CAMINHO PARA O PROGRESSO	61
3.2	JOÃO RIBEIRO: HISTÓRIA E CIÊNCIA	71
3.3	IMPrensa E CONFLITOS: O NÃO DITO NA MEMORIALÍSTICA DE GILBERTO AMADO	75
3.4	KANT E NIETZSCHE: DISCURSOS DE MORAL E FORMAÇÃO	80
4	UM TIRO DISPARADO CONTRA A PRÓPRIA IMAGEM: RIO DE JANEIRO, BELLE ÉPOQUE, SOCIABILIDADES E (DES)RAZÃO	90
4.1	AINDA RECIFE...	91
4.2	QUANDO A RAZÃO NÃO CHEGA: UM TIRO CONTRA O ESPELHO	93
4.3	QUANDO A ESCRITA CHEGA: A RECOMPOSIÇÃO DE CACOS DE SI	103
4.4	IMPrensa CARIOCA: NOTAS SOBRE UM PAÍS EM RUÍNAS	110
4.5	USOS E (DES) USOS DO CONCEITO DE RAÇA	114
5	ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO: A REPERCUSSÃO DA OBRA	122
5.1	RELATOS DE UM “HOMEM PERDIDO”? OS ACONTECIMENTOS DE 1930 E A REPERCUSSÃO NA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE GILBERTO AMADO	123
5.2	1940 E 1950: O DIÁLOGO COM A CULTURA POPULAR	130
5.3	ENTRE A MORTE E O RE (NASCIMENTO): A REPERCUSSÃO DA OBRA DE GILBERTO AMADO	134
5.4	A RESSONÂNCIA DO PENSAMENTO DE GILBERTO AMADO EM “ANOS DE CHUMBO”	145

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
	REFERÊNCIAS	157
	APÊNDICES A - JORNAIS CITADOS.....	165
	APÊNDICES B - ACERVO PESSOAL DE GILBERTO AMADO - FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA/ARQUIVO MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA	166

1 INTRODUÇÃO

Junho de 2013. Emerge na cidade de São Paulo uma série de manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento das passagens de ônibus. Estudantes, em sua maioria de classe média, reivindicavam não só o cancelamento do reajuste, como também o direito ao transporte público de qualidade e gratuito¹. A maneira violenta com a qual os estudantes e jornalistas foram tratados pela Polícia Militar do estado, na repressão ao movimento, é notícia na mídia e redes sociais, causando verdadeira indignação popular.

O clima de indignação atinge outras esferas e se espalha pelas cidades brasileiras das capitais aos interiores. A rapidez na circulação das informações é beneficiada pelo uso das redes sociais, principal via de organização dos protestos. Nas ruas, uma gama de reivindicações, “uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos.” (ROLNIK, 2013). Sob a alcunha do apartidarismo e vestindo camisas brancas, milhares de pessoas vão às ruas, com uma agenda de questões que de partidárias nada tinham. A maioria destas era contrária, como bem aponta Ruy Braga (2013), à “questão da efetivação e ampliação dos direitos sociais.” Os partidos e demais agências de direita, em especial a mídia, percebendo o clima favorável, inflamam a população contra o governo de Dilma Rousseff eleita para cumprir o mandato de 2011 a 2014. Rousseff foi reeleita nas eleições de 2014, mas refém de um Congresso Nacional contrário ao seu governo e, sobre acusação de crime de responsabilidade, é alvo do que os partidos de direita, no Brasil, chamam de processo de Impeachment, mas que estudiosos de diversas áreas apontam para a efetivação de um Golpe Institucional, dado a descaracterização por qual passou o processo de acusação da presidenta eleita democraticamente².

Sendo muitas vezes questionada e autoquestionada sobre o porquê de se estudar uma figura pouco conhecida no senso comum e nos debates acadêmicos, um personagem um tanto quanto arisco, como veremos, e que, para além disso, não comungava das minhas concepções políticas; eu como expectadora e participante dos acontecimentos acima narrados, vejo em muitas das reivindicações que se iniciaram em 2013, o ranço das ideias defendidas por Gilberto Amado em seu projeto de nação. Sempre aliado aos partidos conservadores, o projeto

¹ As reivindicações do movimento extrapolam a esfera do transporte público e dizem respeito a uma série de demandas sociais acerca dos usos da cidade (Conf.: ROLNIK, 2013).

² CAVALCANTI, André. Entenda porque o “Impeachment” de Dilma é Golpe. Disponível em: <https://andredemessias.jusbrasil.com.br/artigos/317608764/entenda-porque-o-impeachment-de-dilma-e-golpe>

amadiano de formar uma classe dirigente elitista e ilustrada, que governaria o Brasil rumo ao progresso, tem muito a dizer sobre a maioria das reivindicações que resultaram na destituição da presidenta Dilma Rousseff. Gilberto Amado, aliás, foi amigo íntimo e professor de um dos principais financiadores do Golpe Civil Militar de 1964: Antônio Gallotti, ex-presidente da Light, empresa responsável pela geração e distribuição de energia elétrica no eixo Rio-São Paulo. Aqui, vale destacar, a volta dos militares ao governo também fez parte da pauta de reivindicações dos manifestantes contrários ao governo destituído em 2016.

Acreditando, como historiadora, que o passado não está morto e sim vivo, na medida em que é ressignificado pelas questões que emergem no presente, enxergo nos acontecimentos contemporâneos, muito da tradição elitista da qual Gilberto Amado fez parte e foi porta voz. Acreditando também na dimensão ética e política de que o trabalho acadêmico e do historiador possuem, penso que este texto pode vir a contribuir com a discussão acerca da ignorância histórica que parece assolar nosso tempo, fazendo com que determinados acontecimentos e posicionamentos, por muitos considerados ultrapassados, venham à tona num forte processo de amplificação do retrocesso nas conquistas sociais ao lado do avanço de ideias autoritárias que pareciam soterradas por uma frágil democracia. É importante salientar que Amado não defendeu o autoritarismo³ como sistema político, mas sua ideia de uma democracia, baseada no governo dos melhores, muito nos diz acerca da tradição elitista de nosso país. Daí a necessidade de historicizar tais ideias por meio de seus posicionamentos e do estudo dos elementos formadores de seu pensamento, objetivo principal deste trabalho.

³ Em artigo intitulado **Liberais e autoritários orgânicos, a representação política no pensamento de José de Alencar, Assis Brasil, Gilberto Amado, Alberto Torres e Oliveira Vianna**, Cristina Buarque de Holanda e Ivo Coser (2014) afirmam que Gilberto Amado não defendeu o autoritarismo como sistema de governo. Por este motivo, e propondo uma análise que se distinguia da de Oliveira Vianna e Guerreiro Ramos, Holanda e Coser (2014) preferem categorizar Amado, Alencar e Assis Brasil como liberais orgânicos, contrariando a ideia de Ramos e Vianna de que esses autores pertenciam ao grupo dos idealistas utópicos, por se inspirarem em premissas alheias aos contextos nacionais. Para Coser e Holanda (2014), esse grupo de intelectuais supõe a possibilidade de uma representação liberal, passíveis de adaptação ao meio, além de elogiarem o “proporcionalismo como instrumento de pluralidade de opiniões.” Tal análise do pensamento de Gilberto Amado é feita a partir da leitura do livro *Eleições e Representação* (1932). Gilberto Amado não defendeu o autoritarismo como sistema de governo. Todavia, seu projeto de uma democracia de cunho elitista se contrapõe à ideia de sufrágio universal no Brasil e, portanto, não se pode considerá-lo um liberal. O sufrágio universal, para o autor, era justificável em sociedade avançadas e esclarecidas, o que não era o caso do Brasil. Para efeito de uma análise acerca de uma trajetória intelectual, que leva em consideração as diversas produções do autor ao longo de sua experiência, a denominação liberal orgânico, defendida por Coser e Holanda (2014), se mostra insuficiente em sua tentativa de categorização do pensamento de Amado. Além disso, as classificações propostas tanto por Guerreiro Ramos, Oliveira Vianna, quanto por Coser e Holanda (2014) negam a historicização da construção do pensamento dos autores analisados, corroborando com a ideia de que um único livro, partindo do exemplo de *Eleições e Representação*, funda e condensa o pensamento do autor em um conceito fechado. Ideia essa que pretende ser questionada por este trabalho.

O interesse pelo pensamento de Gilberto Amado já possui um resultado: uma dissertação de Mestrado, na qual procuro interrogar como Gilberto Amado construiu sua imagem de intelectual na sua literatura memorialista. Esse percurso, iniciado há oito anos, quando defendi a dissertação intitulada *Em frente ao espelho, recompondo e decompondo cacos de si: intelectualidade e memória em Gilberto Amado*⁴, ganha agora continuidade. Pretende-se, a partir de um estudo que tem como ponto de partida a narrativa em torno do que Gilberto Amado chama de formação intelectual, problematizar as leituras que fizeram parte da construção de sua subjetividade enquanto homem de saber e como tais leituras atuaram na construção de suas concepções e seu projeto de nação, bem como discutir a própria noção de formação intelectual utilizada pelo autor.

É necessário frisar que a noção de intelectual tem contornos fluídos e delineados com o tempo. Aqui, optei por adotar a ideia de intelectual em diálogo com os estudos que partem do ponto de vista de uma História Cultural. Nesse sentido, a leitura de Ângela de Castro Gomes (1993) privilegia a ideia de intelectual como produtor de bens simbólicos, envolvido direta e indiretamente na área política. Nessa perspectiva, os intelectuais são considerados produtores de uma espécie de campo simbólico dentro do qual se forjaria sua identidade social. Assim, os intelectuais são tidos como produtores de uma realidade com a qual eles se veem e se identificam. (Conf. TEIXEIRA, 1995). O intelectual que, segundo essa definição, é aquele que se especializa na criação e transmissão cultural, é sempre herdeiro de uma tradição intelectual, ou seja, o intelectual está sempre vinculado ao patrimônio de seus antecessores, ao “estoque de trabalhos” que integra arcabouço simbólico. Nesse sentido, a noção de tradição intelectual é crucial para essa reflexão, pois é postulada como base e estímulo para os posicionamentos de Gilberto Amado, e não necessariamente como ausência de transformação. A noção de tradição se “reforça ao modificar-se, ao ampliar-se a imagem dos que deles se alimentam por convergência ou oposição.” (GOMES, 1993, p. 64)

Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria nasceu em Estância (Sergipe), em 7 de maio de 1887 e morreu no Rio de Janeiro em 1969. É o primeiro de quatorze filhos de Ana de Lima Azevedo de Sousa Ferreira e Melchisedech de Sousa Amado. Atuou como professor, escritor, político, jornalista e jurisconsulto. Gilberto Amado não produziu nenhuma grande obra de interpretação do Brasil. Alguns de seus ensaios, a maioria

⁴ A dissertação de Mestrado foi apresentada em maio de 2009 pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH-UFCG). Os livros que fazem parte da literatura memorialista de Gilberto Amado, objeto de estudo da dissertação, são: **História da Minha Infância** (1954); **Minha Formação no Recife** (1958); **Mocidade no Rio e Primeira Viagem a Europa** (1956), **Presença na Política** (1958) e **Depois da Política** (1960).

dos quais publicados nos jornais para os quais colaborou, encontram-se condensados em livros como *Espírito de Nosso Tempo* (1932), *A Dansa sobre o Abysmo* (1932) e *A Chave de Salomão e outros ensaios*, cuja edição de 1971, reúne outros livros, tais como *Aparências e Realidades* (1919 a 1922) e *Dias e Horas de Vibração* (1933). O autor ainda produziu dois romances⁵ que não obtiveram sucesso. Gilberto Amado ficou conhecido por sua produção memorialística, compostas por cinco volumes que, nas suas palavras, tinham como finalidade compreender “uma vida em seus múltiplos desenvolvimentos”. (AMADO, 1960, p. 195).

Suas memórias são apontadas por Nelson Werneck Sodré como verdadeiros documentos sobre o Brasil⁶. O estudo de seus relatos memorialísticos na dissertação de mestrado apontou para o forte investimento desse autor na construção de sua imagem como intelectual e a luta contra seu ostracismo. Verificou-se, a partir daquele trabalho, a necessidade de deslocar Gilberto Amado de sua escrita de si e nos aproximarmos de outras produções que nos oferecessem indícios de como este autor se apropriou das leituras apontadas em suas memórias para construir seu projeto de nação. Verificou-se também a pertinência de se investigar outras fontes que nos apontassem para repercussão da obra amadiana. Assim, o recorte temporal deste trabalho pode parecer longo, mas se justifica por iniciar sua abordagem a partir do estudo dos elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado em sua experiência como aluno da Faculdade de Direito do Recife e se estende até 1969, ano de sua morte. Amado lutou até o fim da sua vida pelo reconhecimento de sua obra. Portanto, para este estudo, o trabalho com as décadas de 1950 e 1960 são fundamentais, pois além das memórias escritas do autor terem sido publicadas entre 1954 e 1960, tal período demarca certo reconhecimento da produção amadiana, bem como a mobilização de esforços na luta contra o esquecimento de sua obra.

A partir desse percurso, pretendemos problematizar os vários Amados construídos nos diversos textos lidos e de sua autoria. Tal debate demanda o diálogo com a discussão suscitada por Michel Foucault (1992) acerca da função autor. Segundo Foucault, a noção do autor é um momento forte da individualização do sujeito. É, portanto, parte do processo de disciplinarização dos discursos. Os textos e livros começaram a ter autores, na medida em que seus discursos se tornaram subversivos e se tornou possível punir o autor. É, nesse momento – final do século XVIII e início do XIX - que os escritores perderam sua áurea mítica e sacralizante. A partir de então, se torna necessário saber quem é o autor, atribui-lhe uma

⁵ *Inocentes e Culpados* (1941) e *Os interesses da Companhia* (1942)

⁶ Afirmação feita por Sodré em carta destinada a Gilberto Amado e data de 23 de setembro de 1957. Acervo Pessoal de Gilberto Amado que se encontra na Fundação Joaquim Nabuco.

identidade, estabelecer um regime de propriedade sobre os textos, sobre a relação autores-editores, sobre os direitos de reprodução.

A figura do autor é produto desta episteme moderna. Emerge junto com as noções de sujeito, indivíduo e pessoa. É, a partir da modernidade, que a noção de subjetividade dá corpo à autoria. Esta passa ser tratada como uma essência que como tal é imutável, configura o próprio ser do autor. Portanto, a figura do autor não pode ser tratada por nós historiadores como uma noção a-histórica. Ela é resultado de vários percursos históricos que imbricados convergem para a produção do sujeito moderno. De acordo com Foucault (1992), a figura do autor é desenhada como indivíduo qualificado a partir de um processo de homogeneização de seus textos. O autor passa a existir a partir do emaranhado discursivo que configura sua obra. Aqui surge uma questão crucial: o que é uma obra? Que elementos a compõem? “Será que tudo que o autor escreveu ou disse, o que ele deixou atrás de si, faz parte da sua obra?” (FOUCAULT, 1992, p. 38). Para Foucault, o modelo com que a crítica literária definiu o autor deriva da exegese cristã. O que faz do indivíduo autor é apenas uma projeção de características mais ou menos psicologizantes, nas quais se operam aproximações e exclusões que efetuamos com o objetivo de traçar um perfil, conceder uma singularidade. Portanto, podemos concluir, que em meio a este processo de singularização do discurso de um autor existe uma pluralidade de “eus”, alguns dos quais são negligenciados por quem constrói uma dada identidade para o autor a partir da produção de sua obra.

Este estudo sobre Gilberto Amado é, em grande medida, um exercício de estar atento para não tomar sua obra como algo que funda o autor, que confere uma pretensa identidade imutável para Gilberto Amado. É necessário se levar em conta aos diversos “eus” presentes nas diversas produções deste autor: escritos memorialísticos, ensaios publicados em jornais; ensaios editados para compor livros, etc. Estes “eus” são construídos no e por meio de textos, não só os seus textos, como também nos textos dos pares com os quais o autor dialogava, seja para endossar, seja para divergir. A construção identitária é fruto de uma relação tensa e conflituosa que delineia conflitos e mudanças ao longo da trajetória intelectual. Assim, este estudo visa questionar: quais tipos de discursos são designados como aqueles que qualificam e singularizam Gilberto Amado? Quais leituras fizeram parte da formação deste autor, as quais permitiram a produção de suas ideias e textos? Com quais autores Amado dialogava, quais eram combatidos e por quê?

Este trabalho é também uma problematização da noção de formação, categoria extremamente perseguida por Amado a ponto de ser construída em seu discurso como algo que o funda. Segundo Jorge Larrosa (1996), a ideia clássica de formação tem duas vertentes.

Uma significa dar forma, desenvolver um conjunto de disposições pré-existent. A outra visa a ideia de formar o homem em conformidade com um modelo ideal fixado. A apropriação, nessa perspectiva, não é entendida como recepção criativa do conhecimento e sim como domesticação da palavra, uma vez que pressupõe um protótipo ideal a ser alcançado. Gilberto Amado, homem formado pelas Luzes, persegue a construção desse protótipo que, na sua concepção, seria o tipo de homem necessário à formação da classe dirigente que conduziria a nação no caminho do progresso. Amado fala em causa própria, seu projeto para o Brasil reivindica um lugar para si na nação que parecia esquecê-lo.

A luta contra o esquecimento é, aliás, outra causa que inquieta Gilberto Amado. Como veremos, o itinerário intelectual desse autor dá indícios de forte ressentimento em relação à intelectualidade brasileira que, na concepção de Amado, não reconhecia sua importância enquanto pensador do Brasil. Portanto, este trabalho é também um estudo sobre o ressentimento. Não pretendo interrogar se Gilberto Amado teria ou não motivo para nutrir tal sentimento. Certamente, lidar com o insucesso não é das tarefas mais fáceis⁷. Todavia, como veremos ao longo deste texto, o ressentimento está presente na narrativa do sergipano por várias vias: ressentimento contra o pai por, supostamente, ter renunciado ao sonho de ser literato para seguir a carreira política; ressentimento com o sucesso de outros literatos; ressentimento com o insucesso de seus romances e, principalmente, ressentimento em relação à nação que não reconhecendo o seu valor, não reservou um lugar de perenidade para o autor, esquecendo de sua contribuição para o estudo das chamadas “questões sociais brasileiras”.

Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi, talvez, quem melhor estudou o ressentimento. Em Nietzsche, a ideia de ressentimento está associada a castração da vontade de potência que seria “todo movimento de afirmação da vida, uma pulsação originária de vida e expansão que leva todo indivíduo a buscar sua expansão.” (CUNHA, 2006, p. 30). A aliança entre moral judaica cristã e a tutela do Estado na coerção sobre os instintos vitais, teria produzido, na modernidade, uma leva de ressentidos que, ao aniquilarem sua vontade de potência, se transformaram em escravos da moral, soterrando assim todo impulso criativo de vida. O ressentimento seria a marca não só da moral judaico-cristã, mas também da História que impregnada de memória solapava o esquecimento de toda uma tradição metafísica de negação do eu como vontade de potência, criando assim uma legião de escravos. O esquecimento, em Nietzsche, tem uma potência vital, pois ele é o antídoto contra o ressentimento e, portanto, a via de realização da vontade de potência como força de expansão.

⁷ Aqui me refiro especificamente ao insucesso de seus romances.

Segundo Rodrigo de Moura e Cunha (2006, p. 29), “o ressentimento é entendido como uma vingança contra o tempo, contra o ‘foi assim’.” O ressentido é aquele que petrifica e se petrifica no passado. “(...) para Heidegger, o ressentimento não é contra o puro e simples passar, mas contra o passar na medida em que ele só deixa o passado existir como passado, deixa-o petrificar-se na rigidez do definitivo”. Daí podemos entender a fixação de Amado em lembrar e relembrar sua trajetória intelectual, seu apego ao insucesso dos seus romances e à ausência de reconhecimento no Brasil.

A imagem do ressentimento, neste estudo, não tem a pretensão de enclausurar o autor em tal qualificação. Tal imagem irá nos servir como metáfora para um projeto de Brasil que carrega consigo muito dos elementos que atuaram na formação de Gilberto Amado. Pretendemos, pois, questionar a própria construção narrativa que indica certo apego ao passado de sua formação, sendo tal prerrogativa erigida pelo autor como fundante de sua existência, a qual amplifica a necessidade de Amado lembrar e relembrar dos pressupostos que atuaram em sua formação numa constante luta contra o esquecimento e a possibilidade de ostracismo intelectual. Assim, pretendemos, ao analisar a trajetória intelectual de Gilberto Amado, deslocar o significante que o próprio autor, consubstanciado por sua formação e circundado pelas circunstâncias históricas, constrói para si. Um estudo sobre a trajetória intelectual de um autor é um estudo que põe em cena diversas imagens que, por vezes, contradiz ele mesmo e as representações que para ele foram construídas. É, portanto, um estudo sobre as possibilidades de existências de vários autores/leitores ao longo de sua trajetória.

A própria ideia de que Gilberto Amado é um personagem esquecido na história do pensamento brasileiro demanda um debate acerca da produção de tal esquecimento. Que forças atuaram na gestação do silêncio em torno de Amado? As ideias de Amado estariam mesmo esquecidas ou camufladas? O estudo da produção do esquecimento em torno da obra amadiana requer um debate sobre a produção e recepção de sua obra. Utilizo, para tanto, o debate suscitado por Roger Chartier (2007) sobre a questão da recepção de escritos, para nos interrogarmos acerca das condições de produção e recepção da obra do sergipano. Há que atentar para as técnicas, os códigos e convenções que regem a percepção a apropriação das obras. No caso de Amado, o questionamento sobre os pares com os quais o autor dialogou e a que público era destinado seus textos é de fundamental importância para produção do presente trabalho. Roger Chartier (2007) se apropria do conceito de campo cultural de Pierre Bourdieu para analisar as condições de produção de uma obra. Segundo Bourdieu, o campo intelectual corresponde ao feixe de relações sociais nas quais o autor está inserido e pela estrutura dos

capitais sociais⁸ aos quais o autor esteve vinculado. No início de sua trajetória, Gilberto Amado dispôs de um campo intelectual que possibilitou que sua atuação tivesse destaque em alguns dos principais jornais da época. Antes da vida política, teve acesso fácil como colaborador de jornais, vinculados com posturas situacionistas na época, tais como o *Diário de Pernambuco*, em Recife, em 1907 e *O Paíz*, no Rio de Janeiro, em 1910.

Assim, é de fundamental importância para esta tese, o trabalho com a noção de rede de sociabilidade que, assim como Gomes (1993), entendo como um conjunto de formas de convivência com os pares “como um ‘domínio intermediário’ entre a família e a comunidade cívica obrigatória.” Apoiando-se em Maurice Agulhon (1968), Gomes (1993) compreende que a rede de sociabilidade é constituída por “grupos permanentes ou temporários, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar.”

Nessa perspectiva, a rede de sociabilidade é construída pelo que a literatura chama de “microclimas”, os “pequenos mundos” em particular. Assim os espaços de sociabilidades são “geográficos” e “afetivos”, neles se recortando relações de amizades, cumplicidade, hostilidade, rivalidade. A rede de sociabilidade seria a marca de uma sensibilidade produzida e sedimentada por um evento, personalidade ou grupos especiais. Veremos, ao longo dessas páginas, principalmente no terceiro e no quarto capítulo, como as redes de sociabilidade com as quais Amado esteve envolto atuaram no acolhimento e rechaçamento da figura de Gilberto Amado em distintos momentos de sua trajetória.

A ideia de rede também comporta a noção de *loci* de aprendizagem e de trocas intelectuais. Assim são os salões, café, editoras, academias, escolas, revistas, etc. Estes são lugares, por excelência de circulação e formação de ideias. Os jornais, por exemplo, era um dos principais lugares de formação intelectual da época. Daí a importância de estudar como os diversos capitais (social, cultural e simbólico) eram manuseados neste espaço de sociabilidade intelectual, bem como entender a imprensa como objeto de estudo e historicizá-la. O discurso do jornal não é uma entidade ou um ser que possui vida própria. Como indica Tânia Regina de Luca (2008), por trás do jornal existe um grupo editorial com vinculações políticas. É necessário também observar a forma, ou seja, o lugar de destaque dado aos ensaios e crônicas de Amado, pois a forma prepara o sentido que o texto possui e interfere na recepção do mesmo. Os textos de Amado, no *Diário de Pernambuco*, geralmente, ocupavam a primeira

⁸ A noção de capital é ampliada em Pierre Bourdieu. Além do capital econômico, existem o social, o cultural e o simbólico. A posição dentro do campo intelectual depende do jogo que envolve estes capitais. (BONNEWITZ, 2003)

página do jornal, indicando que o discurso deste autor chegava aos seus leitores pela porta da frente, o que sinaliza para um possível destaque a Gilberto Amado nas páginas daquele jornal.

Se em determinado momento, Amado chegava aos seu leitores pela porta da frente, vale questionar as forças que operaram em torno do ostracismo de sua obra. Nos inspirando em Benjamin (Apud GAGNENIN, 2009), consideramos que, tão importante quanto estudar o contexto de produção dos textos de Gilberto Amado, é estudar também como o presente lê a produção deste autor e se ele a lê, dado que Gilberto Amado é um autor, em grande medida, esquecido nas rodas de debates historiográficos e literários. De acordo com Benjamin, existe um processo histórico-político conflituoso que atua na transmissão de uma obra até o presente, podendo esta ser negligenciada, lembrada ou esquecida. Tal processo leva à construção de um cânone ou a exclusão de vários outros autores desse cânone. Este trabalho procura atentar para este conflito: quais os jogos e as disputas de poder e saber que produziram um lugar de esquecimento para Gilberto Amado? E por quê? Que tipos de convenções no campo do saber operaram no ostracismo intelectual deste autor?

O trabalho com os elementos formadores do pensamento de um autor, cujas principais fontes, são materiais que compõem uma escrita de si, composto, no caso de Amado, pelas memórias escritas e seu acervo pessoal, demanda também uma discussão sobre o uso de tais materiais como fonte para um estudo que também é, em certo sentido, um trabalho de biografia intelectual. Na esteira de Maria Lúcia Pallares Burque (2005), defendo a importância de desconfiar dos materiais autobiográficos, confrontá-los com outras fontes, pois, em grande medida, a tarefa do historiador que tem biografias como fonte e objeto de estudo é tentar reconstituir o que o autor consciente ou inconscientemente rejeitou ou apagou.

Para Pallares Burque (2005), nossas imagens são apresentadas ao mundo por meio de máscaras. Nossos papéis são, portanto, autoconstruídos no enredo tecido pelo tempo, por isso a importância de estudar os vários personagens produzidos ao longo de uma trajetória intelectual. Confrontá-los. Mostrá-los diferentes de si mesmos. No caso de um estudo de construção de um pensamento, estas modificações também variam de acordo com as leituras feitas no percurso de formação do autor. Além disto, os intelectuais amadurecem ou decaem ao longo do tempo e podem mudar de ideia no que se refere a alguns temas importantes.

É com base nesta discussão teórico-metodológica que pretendemos estudar Gilberto Amado. Pretendemos analisar suas fontes como fragmentos. Fragmentos que o constitui, que lhe dão forma e corpo e que precisam ser desmontados, postos em conflitos, problematizados, dispostos no tempo. Um tempo que diferencie como uma determinada coisa que é dita no passado assume uma nova roupagem quando é dita no presente. Um tempo, cujo momento

presente, suscite questões que nos leve a nos interessar pelas ideias de Gilberto Amado e a questionar os jogos políticos que levaram ao quase total esquecimento deste autor na atualidade. Um tempo que nos ajude a questionar o estatuto do esquecimento (Quais imbricações políticas do esquecimento? Estariam mesmo suas ideias esquecidas?). Um tempo que permita fazer irromper fragmentos de Gilberto Amado de modo a nos possibilitar entendê-lo para além das sedimentações que buscaram calcificar uma determinada identidade para este autor.

Para fins didáticos, optei por organizar este texto de uma maneira linear. Iniciamos nosso percurso pelos relatos de infância e juventude de Amado. Em capítulo intitulado *Do aprendizado das primeiras letras à Escola do Recife: instrução e formação*, elegi como fontes principais a serem trabalhadas nesse capítulo o livro *História da Minha Infância* (1954) que narra as primeiras práticas educativas do sergipano. No segundo momento, procuramos problematizar os elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado por meio de seu segundo livro de memórias *Minha Formação no Recife* (1958) e os ensaios e conferências publicados na década de 1930 no formato de livro. Buscamos confrontar estes textos com algumas crônicas na coluna *Os Golpes de Vista*, escritas para o *Diário de Pernambuco*, entre os anos 1907 e 1909, por meio dos quais objetivamos problematizar o seu diálogo com o movimento intelectual da Escola do Recife.

No segundo capítulo, *Cientificismo: produção de si e de um projeto de nação*, pretendemos discutir o viés cientificista de Gilberto Amado a partir das leituras de expoentes que, segundo ele, foram cruciais na sua formação intelectual na época de estudante de Direito no Recife, a saber: Auguste Comte, Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche e João Ribeiro. Pretendo também problematizar a própria noção de formação intelectual defendida pelo autor.

A ênfase do terceiro capítulo: *Um tiro disparado contra a própria imagem: Rio de Janeiro, Belle Époque, sociabilidades e (des)razão*, será a análise da rede de sociabilidade que permitiu a Amado um lugar de fala e contribuíram para a gestação de um pensamento elitista sobre o Brasil. O cenário dessa discussão será a Belle Époque carioca. Num segundo momento, procuramos trabalhar textos que indicam a recorrência de algumas temáticas nas abordagens de Amado, tais como a preocupação com a educação do povo brasileiro, a questão da unidade nacional e os usos do conceito de raça.

O quarto e último capítulo, intitulado *Entre o esquecimento e a memória: a repercussão da obra*, tem como objetivo abordar a movimentação intelectual e política de Gilberto Amado no final de sua vida, bem como a rede de sociabilidade que atuou em prol e contra seu esquecimento. Estudaremos, nesse capítulo, a ligação da figura de Gilberto Amado com

diversos intelectuais conectados aos mais variados aportes teóricos que delineiam a cartografia cultural do período entre 1930 e 1950, bem como sua relação com setores autoritários ligados a deflagração do Golpe Civil-Militar de 1964.

Iniciemos nosso percurso.

.

2 DO APRENDIZADO DAS PRIMEIRAS LETRAS À ESCOLA DO RECIFE: INSTRUÇÃO E FORMAÇÃO

2.1 “HISTÓRIA MINHA INFÂNCIA”: IMAGENS DE UMA INSTRUÇÃO

Numa sala atijolada, com bancos altos encostados na parede, cercada por colegas de turma dos mais variados tipos e idades, assiste aula um cabrocha de cabeça grande e atarracada, gago a ponto de não conseguir entoar o hino da escola. Gilberto Amado, por volta de 1887, começou a frequentar a escola de Dona Olímpia, conhecida, em toda Itaporanga, como Sá Limpa. (AMADO, 1954, p. 85) Até então, o menino Amado tinha aprendido as primeiras letras com a mãe Donana. Naquele Brasil do século XIX, era comum a educação de crianças ser feita por mestres particulares, os chamados preceptores ou até mesmo pela mãe, caso estas tivessem algum aprendizado das letras, como parece ser o caso da mãe de Amado. A educação doméstica era reconhecida como modalidade adequada até certa idade, apesar de ser acessível a poucas pessoas.

A sala da escola abria para rua que dava logo para a lama. Os meninos saíam da escola a patinar na água barrenta. E entravam na sala com os pés enlameados, trazendo consigo excrementos e, com eles, disenteria e ameba. Alguns iam para casa com sezões, chegando a ter ataques. “Batiam os dentes, começavam a tremer”. A professora Sá Limpa os cobriam com um saco velho por detrás de uma porta. No fim da aula, eles voltavam suando e com um ar de quem sai da escuridão, piscando os olhos. Iam pela rua trocando as pernas” (AMADO, 1954, p. 91).

Os bolos da palmatória ainda violentavam as mãos dos meninos a ponto de o mijo escorrer por entre as pernas (AMADO, 1954, p. 85-88). Para termos ideia das condições escolares vigentes no Sergipe, na primeira década do século XX, basta destacar que, nas vésperas da instauração da República, o presidente da então província, Dr. Francisco Ildefonso Ribeiro de Menezes, denunciava as condições de funcionamento das escolas públicas, informando suas precárias condições de existência, enfatizando a falta de espaço e luz, os olhos nus das crianças que sentavam em tábuas ao rés do chão, onde não havia nem mesa para os professores, nem tampouco livros para os alunos estudarem. Entre os anos de 1889 e 1910, quatorze atos tentaram organizar a instrução primária no estado. Estes atos constataavam as precárias condições que circundavam as práticas de escolaridade no Sergipe, fortemente denunciadas pelos presidentes que governaram o estado (OLIVEIRA, 2004, p. 75 -

79). Pela narrativa de Amado, podemos inferir que, mesmo sendo a escola de Sá Limpa particular, as condições de escolaridade daquele espaço de saber pareciam não se diferenciar tanto das demais escolas públicas do estado do Sergipe.

O objetivo deste capítulo é, como indica as linhas anteriores, percorrer os primeiros passos da construção de Gilberto Amado enquanto sujeito de saber, tomando por base o livros de memórias *História da Minha Infância* (1954) e sua narrativa acerca dos modo de ensino aprendizagem baseado na ideia de instrução. No segundo momento, procuro problematizar os elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado por meio de seu segundo livro de memórias *Minha Formação no Recife* (1958) e os ensaios e conferências publicados na década de 1930 no formato de livro. Busco contrapor estes textos com algumas crônicas na coluna *Os Golpes de Vista*, escritas para o *Diário de Pernambuco*, entre os anos 1907 e 1909, por meio dos quais pretendo problematizar o seu diálogo com o movimento intelectual da Escola do Recife.

Voltando às memórias de Amado, havia, na escola de Sá Limpa, meninos de todas as idades: seis, dez, quinze, dezoito anos... Meninos de engenho mandados tardiamente para as escolas. “Caipirinhas”, “pixains”, “cabos verdes”, “sarárás”, “italianos”, outros “banguelas”, “zarolhos”, “tártaros”, “perebentos”. Havia também meninos com “umbigos grandes”, “tufudos”, “empinados”, “pendentes como quiabos no meio da barriga”. Meninos que comiam caroços de jaca e bunda de tanajura assada, além de cacos de telha nova, dos quais Amado só lembra suas panças e faces tristes (AMADO, 1954, p. 90-91). Todos esses personagens se diferenciavam do autor de *História da Minha Infância* em sua narrativa. Afinal, ele era filho do coronel Melk, dono da loja mais famosa da cidade, chefe político, homem que trouxe o teatro para Itaporanga.

A professora Sá Limpa entra para as memórias de infância de Amado como um dos seres fantásticos que povoavam sua imaginação infantil, “como uma das visagens que [...] crespusculavam os olhos na primeira sonolência noturna.” (AMADO, 1954, p. 85) A mulher hidrópica, de barriga imensa, parecendo um baú dava aula de leitura e operações aritméticas. Uma educação instrutiva, na qual o objetivo para as primeiras letras era fazer com que os alunos armazenassem o básico. Segundo Durval Muniz Albuquerque Jr (2005), a educação como instrução pensava a criança como um armazém, cuja finalidade era, como a palavra sugere, armazenar a maior quantidade possível de conhecimento, baseado apenas nas faculdades de ler, escrever e contar. Esse tipo de aprendizagem visava desenvolver as

capacidades e formar o “pupilo” que se tornaria o erudito, alguém com a habilidade de memorizar uma grande quantidade de detalhes raros, exóticos, pouco acessíveis à maioria das pessoas.

A instrução seria o tipo de aprendizado destinado às sociedades tradicionais, nas quais o objetivo maior era a manutenção do status quo, daí a pouca preocupação com a transformação social. Não existe, nesse tipo de ensino, lugar para ideia de formação. A ideia de formação é uma ideia moderna por excelência. Tem a ver com a ideia iluminista e positivista de evolução do espírito. A ideia de formação visa a educação integral da criança: corpo e mente disciplinados. Daí o surgimento da Educação Física como disciplina se dar, na Europa, apenas no século XIX, momento esse, em que a educação corporal é relegada ao patamar de inferioridade em relação à educação intelectual. A emancipação humana dizia respeito apenas ao espírito, daí a submissão do corpo ao intelecto. O corpo tinha um novo cárcere: a razão. “A emancipação é identificada com a racionalidade da qual o corpo, estava por definição excluído.” (BRACHT, 1999, p. 70)

Gilberto Amado não praticava Educação Física na Escola de Sá Limpa. Sua narrativa dos corpos dos outros, os diversos “outros” que se destacam em suas memórias - “banguelas”, “zarolhos”, “tártaros”, “perebentos” - indicam que o aprendizado, baseado na ideia de instrução não se preocupava com a noção de formação corporal e, portanto, de construção de um corpo higiênico. A ideia de formação é também uma ideia de disciplinarização do exótico, do selvagem que nos habitam. É uma ideia de aprimoramento da razão. Se a narrativa de Amado acerca das práticas de escolaridade vivenciadas na sua infância dá indícios de um processo de aprendizagem baseado na noção de instrução e, portanto, pouco atento à disciplina e higienização dos corpos, não podemos nos esquecer que o Gilberto Amado que escreve suas memórias na década de 50, é um sexagenário que, ao longo da construção de sua subjetividade, teve acesso tanto ao ensino instrutivo, quanto a uma formação baseada nos ideais iluministas, evolucionistas e positivistas aprendidos em Recife.

Gilberto Amado é esse personagem que vivenciou a passagem do século XIX para o XX, por isso sua subjetividade mescla repertórios de performances erudita e intelectual. Não é à toa que os colegas de turma desfilam no relato de Amado, caracterizados de modo a distinguir-se do autor. São “perebentos”, “tártaros”, “zarolhos”, doentes de faces tristes. O ato de rememoração sempre traz um passado novo, posto que é produto do presente. O passado a

ser dito no presente é dito de outra maneira, como bem nos lembra Jeanne-Marie Gagnebin (2009), ao discutir o pensamento de Walter Benjamin. Isto é, o ato de lembrar parte do presente e, como tal, está impregnado de convenções elaboradas neste tempo histórico e do desejo que o autor possui de construir uma dada imagem de si. Gilberto Amado, quando destaca em sua narrativa, esses corpos precários, sujos, enlameados objetiva marcar seu lugar no presente como corpo higiênico, disciplinado, dotado de razão. Corpo ideal ao intelectual do século XX. A intelectualidade, nas memórias de Gilberto Amado, parece estar relacionada ao ideal de um corpo higiênico, saudável, racional, disciplinado, tal como é pensado o ideal de formação a partir da modernidade.

Assim, para demarcar seu lugar de intelectual no presente, posto que não baseia sua atuação apenas no armazenamento de conteúdos, mas também no cuidado com o corpo, Amado visa, acima de tudo, fugir do ostracismo a que parece ter sido relegado, dado o insucesso de seus romances. Ele almeja se salvar da morte em vida por meio da escrita de suas memórias. É o próprio Amado que, em carta de 3 de novembro de 1956 a Olívio Montenegro, fala do malogro de seus romances:

A verdade é esta. Depois de longos anos de silêncio, após o malogro dos meus romances, pensei ter terminado o que não chegou a ser sequer uma carreira literária. Em 1952, porém, encontrando-me em Paris, sobre o rigorosíssimo e intenso tratamento médico, andei desconfiado de que iria morrer. Comprei um ditafone e soltei para o aparelho em justamente vinte e oito dias aquilo que está em História da Minha Infância. Minha preocupação era deixar alguma coisa antes de desaparecer no esquecimento total.⁹

A escrita de memórias é uma luta contra morte, uma tentativa de se eternizar por meio de palavras. No caso de Amado, podemos dizer que a preocupação em destacar em suas memórias toda uma ênfase em um corpo saudável, higiênico, racional e disciplinado é também uma luta contra um corpo que, no momento de escrita de suas memórias, é um corpo convalescente, assaltado pela possibilidade da morte. Um corpo que carrega consigo não só o peso da doença, mas também o peso do malogro dos seus romances e de seu ostracismo intelectual. A preocupação de Amado com o corpo é recorrente em sua escrita memorialista. Amado apesar de se achar feio, como veremos adiante, se preocupava com a saúde desse

⁹ FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA/ARQUIVO MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA. Carta de Gilberto Amado a Olívio Montenegro. 3 de novembro de 1956. Acervo Pessoal de Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria.

corpo que, apesar de feio, deveria ser um corpo saudável. Enquanto que para grande parte dos rapazes que frequentava as repúblicas de Salvador e Recife, ter marca de sífilis na pele era sinal de virilidade. Amado nomeava este tipo de comportamento como “boçalidade sexual”, chegando a fugir de mulheres que carregava “moléstias do mundo”.

Dominado, desde cedo, por um senso naturalístico da vida, acreditando em micróbios, contágio, infecção, e disposto a não sacrificar definitiva e desnecessariamente a saúde, não me deixei arrastar e imolar na facilidade em que via tantos colegas se desgraçarem. Troçavam-me na sua inconsciência; não podiam compreender que eu me preservasse como o fazia. A mulata provocava-me, usava de todos os meios de atração. Defendi-me, não a deixei sequer aproximar-me. Tinha medo até do hálito distante (AMADO, 1954, p. 21).¹⁰

Os primeiros anos de escolarização de Gilberto Amado é, notadamente, marcado por uma forma de aprendizado baseado na noção de instrução. Isso se repetiria no Colégio Oliveira em Aracaju, internato onde o autor diz ter estudado precariamente português, francês, geografia, aritmética e latim.

O internato entra na narrativa memorialística do autor como momento marcado por extrema violência. Um castração da infância. O esfacelamento de uma identidade que rompe os laços de pertença à Itaporanga e, com esta ruptura, o fato de ser reconhecido como filho do Coronel Melk, dono da maior loja de Itaporanga e chefe político da situação. Em Aracajú, o jovem Gilberto era apenas afilhado de seu padrinho o qual o autor denomina de “L”. Foi, em Aracajú, que Amado se deu conta de sua gagueira, estigma que, aliás, segundo Miceli (2001), acompanhou muitos intelectuais contemporâneos de Amado¹¹. Em Aracaju, quem é esnobado é Amado. Ele não tinha os brinquedos que os filhos de seu padrinho tinham, nem tampouco lera os livros que os demais meninos haviam lido. (AMADO, 1958a, p. 221-222).

¹⁰ Conferir maior aprofundamento sobre o assunto em CAVALCANTE, Maria Claudia. **Em frente ao espelho, recompondo e decompondo cacos de si: intelectualidade e memória em Gilberto Amado** / Campina Grande, 2009.125 f.

¹¹ Segundo Miceli (2001), eram gagos Humberto de Campos, Lima Barreto e Hermes Fontes. De acordo com Joachin Azevedo Neto (2015), ao colocar o estigma como característica da trajetória intelectual de muitos autores, Miceli acaba por construir certa visão determinista acerca da trajetória desses intelectuais. “Desse modo, Humberto de Campos carregou a marca de ser “mulato, feio”, Lima Barreto a de ter sido também “mulato”, bem como “alcoólatra”; Manuel Bandeira foi “tuberculoso aos 18 anos”, José Bello era “doentio, frágil” e Juarez Távora não carregou nenhuma característica “negativa”. Quer dizer, em uma sociedade patriarcal, para Miceli, o sujeito que optava por seguir uma carreira ligada ao universo das letras – tidas como objeto de distração feminina – era portador de algum elemento físico ou psicológico que o colocava em franco desajuste com os padrões dominantes de masculinidade”. (AZEVEDO, 2015, p. 112)

O colégio ia-me por face a face com uma realidade diferente. Aí não se tratava de fruta fundindo-se no paladar; mas de caroço de mastigação difícil exigindo dente duro. Embalde procurar iludir a memória chamando-a a deter-se nalguma refração agradável. Tudo, ao contrário, se embacia numa opacidade fechada. Colégio interno em Aracaju, Colégio Oliveira, único aliás do Estado, tinha de internato, no sentido normal do termo, apenas o nome. Era uma casa chata de muitas janelas, junto do quartel, numa esquina no fim da rua da Frente, no caminho da Fundação. Na calçada, debaixo de uma enorme barriguda e um tamarindeiro que ensombrava, alunos externos e internos fervilhavam soltos com as moscas e mosquitos, em torno dos vendedores de frutas e dos tabuleiros de doces. A recordação não se associa a lembrança de estudo, meninos de livros nas mãos, cabeças pendidas sobre em mesa de aula. (AMADO, 1958a, p. 232-233)

O colégio aparece na narrativa de Amado apenas como experiência que o tornou homem por meio da violência, pois, nesse espaço, o menino Amado entrou em contato com a face perversa das pessoas, inclusive a sua. O internato em quase nada acrescentou a sua formação intelectual, uma vez que a própria direção e administração do colégio sob os cuidados do professor Oliveira parecia ser um fiasco. Segundo o autor, o diretor era um fraco que chorava sem motivos e além de tudo era mandado pela esposa e filhas (AMADO, 1958a, p. 233), ou seja, nem mesmo o diretor Oliveira correspondia ao tipo de homem forte e másculo, tido por Amado como ideal para a direção de um colégio que se destinava a formar homens.

Uma experiência crucial, nesse processo, foi quando Gilberto, impelido pelo chefe dos meninos, diz ter sido obrigado a dar uma sova em um de seus companheiros, cumprindo com sua função de sentinela do quarto, largando a corda em Conradinho que quis passar sem permissão. “O menino abaixou-se, as cordas apanharam-no no rosto de maneira infeliz, o sangue jorrou.” (AMADO, 1958a, p. 232). Antes do episódio do assassinato de Annibal Theophilo (Conf. CAVALCANTE, 2009), a face violenta de Amado já estava exposta. Isso porque tal face é fruto de uma construção. Uma construção que enxerga a violência como um método educativo por excelência. Os internatos, aliás, aparecem na narrativa de muitos literatos como casa para amansar meninos rebeldes. Daí a produção de homens violentos como parece ter sido o caso de Amado.

A identidade da criança e do adolescente é construída a partir de elementos que incorporam o idílico e a relação com o sagrado, a partir de características como temeridade, imprudência, fraqueza e fragilidade (MOURA, 1999). Foi com um ato cruel, segundo Amado, influenciado por um colega de internato, que o menino Gilberto entra no mundo adulto. O colégio interno de Aracaju entra para as memórias de Amado como um agente de defloração

de sua infância, porque além de simbolizar a desterritorialização em relação ao mundo familiar, também põe Amado em contato com o mundo violento da construção da masculinidade em meados do século XIX. O colégio rompe, portanto, com o mundo idílico da infância em Itaporanga, aquele mundo de meninos tártaros, zarolhos, com umbigos pendentes no meio do bucho que metiam o pé na lama. O colégio interno que, segundo Ana Maria de Oliveira Galvão (1988), era tido como casa de correção, sanatório, prisão que servia para amansar, endireitar, consertar os alunos, atua na construção da face violenta de Gilberto Amado.

Anos depois, Amado se transfere para Salvador para estudar Farmácia, o que indica o quão multifacetada foi a construção de sua subjetividade enquanto homem de saber, dado que o erudito é aquele que não se especializa em um só tipo de conhecimento. Seu interesse é diversificado e superficial. Mas de onde vem o ideal de corpo disciplinado tão marcante na memorialista de Amado? Ideal este identificado com a ideia de formação. Prossigamos nossa viagem. De Sergipe sigamos para Pernambuco.

2.2 DE SERGIPE PARA PERNAMBUCO: RECIFE, ESPELHOS E UM “BANDO DE IDEIAS NOVAS”

O ano era 1905. Debaixo de chuva e de paletó, o jovem Gilberto Amado chega em Recife, no fim de março ou começo de abril, para fazer a matrícula na Faculdade de Direito daquela cidade. Recife entra para as memórias de Gilberto Amado como sinônimo de positivismo, evolucionismo, cientificismo, bibliotecas, livrarias, conferências literárias; mas também calçadas e ruas esburacadas, pousadas insalubres, bondes de burros, peste bubônica. Um Recife “colonial, monárquico, republicano” (...) que conservava clubes ingleses, “môças no portão”, “môças pintadas”, moças da vida. (AMADO, 1958, pp 16-21)

Um Recife que, ao que tudo indica, no que diz respeito aos problemas de saúde pública, não se diferenciava muito da dinâmica de capitais republicanas que abrigavam uma grande quantidade de ex-escravos nos primeiros anos da República. Segundo Paulo César Garcez Martins (1998), a experiência de modernização destas cidades foi marcada por duas características centrais: o tumulto e a desordem. Emergia, neste momento, a massa de cidadãos que representava o entrave para as elites, as quais desejavam implementar a higienização e disciplinarização dos espaços daquelas cidades. Junto com esta massa de cidadãos marginalizados, surgiam também suas moradas: as casas térreas, de estalagens e

cortiços. A superpopulação e as más condições de moradia facilitavam o aparecimento de surtos de cólera-morbo, febre amarela, varíola, malária e tuberculose, espaços que se destacam, na narrativa memorialística de Amado, como algo repugnante à sua sensibilidade de intelectual, mas que fez parte da experiência deste autor. A pousada em que Gilberto se instalou em seus primeiros anos, na capital pernambucana, foi afetada pelo surto de peste bubônica em 1905, fazendo vítimas dois conterrâneos: Odilon Martins e um outro rapazola que o autor se refere apenas como sendo do engenho da Continguiba. (AMADO, 1958, p. 20)

Recife chega a Amado por meio de imagens. A primeira delas ele vê refletida no espelho. Este fato marcou seu espírito pela repercussão psicológica que teve. Pela primeira vez, no Hotel de França, Amado se viu por completo. Em Sergipe, ele só se vira em espelhos pequenos. Dessa vez, ele se viu por inteiro e se assustou consigo:

Achei-me pela primeira vez, diante de uma coisa que eu nunca tinha visto: enormes espelhos, descendo ao longo da parede até o soalho, espelhos que só tinham conhecimento pela descrição de romances. No que estava na frente, meu olhar começou a navegar como um mar siberiano, numa cinza líquida carregada de mistério (...) Recife e espelhos... eis a primeira imagem (...) Eu não tirava os olhos de mim mesmo. Pela primeira vez me via de corpo inteiro. Até então só tinha me olhado em espelho pequeno, de parede ou pequeníssimo, de bôlso, reproduzindo só rosto, gravata, pescoço. Jamais assim... todo paletó, calças, sapatos. Tive um choque. Aí que tomei conhecimento da minha fealdade. Experimentei uma espécie de recuo diante de mim próprio. Eu era 'aquilo'? Mentiria se especificasse impressões ou nuances de sentimento. Do que recordo é do estremeção recebido. Êsse choque iria repetir-se a vida tôda. Era ver-me em espelho, grande, de frente, e sobretudo de perfil, era ser abalado por uma sensação brusca, quase diria de susto, diante de mim mesmo, ao me ver tal qual 'a natureza em mim próprio me resolvia'. (...). Sensação de mal-estar, quase diria de inimizade com o meu físico. A cabeça, grossa e pesada, se me enterrava nos ombros, formando com o torço empinado em ângulo agudo. A queixada aproava num arremesso antipático. (...). Por isso não gosto de me olhar em espelho tenho medo de me indispor comigo mesmo (AMADO, 1958, p. 4-7).

A indisposição com o corpo é algo marcante na memorialística de Gilberto Amado, assim como a preocupação com um cuidado de si que demanda toda uma necessidade de disciplina e higienização de um corpo considerado feio pelo próprio autor. Mesmo feio, este corpo deveria ser cuidado, higienizado, protegido das moléstias da vida. Amado, como já vimos, busca, em sua narrativa, se diferenciar de grande parte dos jovens da época para os quais ter marcas de doenças venéreas na pele era sinal de virilidade. Sua escrita de si prioriza a produção de um corpo e uma mente disciplinados. Na ausência de um corpo bonito e

carregando neste corpo algumas especificidades, como a gagueira, Amado parece querer investir sua atenção no cultivo do intelecto; nas leituras, nas bibliotecas e livrarias do Recife, pois até ficar na pousada, onde se hospedou nos seus primeiros anos, causava-lhe engulhos e frequentes vontades de vomitar. Segundo o autor, seu quarto dava para o quarto onde se amontoava lixo que chegava a fermentar. (AMADO, 1958, p. 9).

As condições de moradia de Amado melhoraram consideravelmente, quando o autor passou a escrever para o *Diário de Pernambuco* e se mudou para a Caxangá em 1907. Em sua sessão intitulada *Golpes de Vista*, o jovem Amado parecia se interessar por outros assuntos que não se restringiam às condições de insalubridade do Recife. Destacam-se em suas crônicas: a política local, nacional e internacional, costumes, acontecimentos cotidianos, etc. Mas, sem dúvidas, o assunto que salta aos olhos, na pesquisa dos jornais, são suas leituras. Seu gosto pela literatura, filosofia e sociologia, que fizeram parte da construção de seu pensamento, era exposto ao debate que, nas páginas do *Diário de Pernambuco*, corria solto, gerando conflitos de ideias que, por vezes, beiravam a ofensas pessoais, mas que, acima de tudo, dão indícios de um Recife efervescente no que diz respeito a circulação e o debate de ideias que delineavam o campo do saber naqueles primeiros anos do século XX.

Segundo Luiz do Nascimento (1968), a partir de 1901, o *Diário de Pernambuco* se envolve em acirradas disputas políticas e passa por uma crise que atingiria seu formato editorial, levando a suspensão do mesmo no dia 24 de março de 1901. No mesmo ano, o *Diário* é adquirido pelo Conselheiro Rosa e Silva, então vice-presidente da República, que entregou a direção do jornal a Artur Orlando. Em 20 de abril, o jornal se apresenta completamente reformado, destacando em suas páginas, que a reforma pela qual passou o *Diário*... “outro sentido não tem senão o de adaptação fecunda ao gênio luminoso de seu tempo.” (Apud. NASCIMENTO, 1968, p. 111-112)

Nesse momento, o *Diário de Pernambuco* já contava com a colaboração de Silvio Romero, autor que foi tema de algumas crônicas de Amado, como veremos adiante. Em 1908, o nome de Gilberto Amado desfila ao lado do de Aníbal Freyre da Fonseca e Francisco de Assis Rosa e Silva como membro do corpo redacional do jornal.

Em suas memórias, Gilberto Amado narra a sua entrada para o *Diário de Pernambuco* como simples golpe do acaso, fruto da provocação de um colega de república, ainda na Rua das Cruzes, que bradava da janela discursos contra o então senador e dono do *Diário*..., Conselheiro Rosa e Silva. Numa briga com seu colega Souto Filho, este último, segundo Amado, rebentou: “Você o que quer é entrar para o *Diário*.”. Para o autor, esse acontecimento

tem profunda repercussão na sua formação, pois só depois das palavras de Souto Filho, a ideia de escrever para o *Diário* passou a fazer parte de seus projetos, o que, posteriormente, contribuiu para a grande notoriedade que teve em Pernambuco. Depois desse episódio, como que em um passo de mágica ou por vias “telepáticas”, para usarmos uma expressão de Amado, Gilberto se encontra com Rosa e Silva Júnior, filho do Conselheiro, nos corredores da Faculdade de Direito do Recife, e é surpreendido com um toque no braço e o chamado: “Venha escrever no Diário...” (AMADO, 1958, p. 137-140)

No entanto, o próprio Amado não esconde que tinha receio que Aníbal Freire, vice-presidente da casa legislativa pernambucana à época e futuro genro do Conselheiro Rosa e Silva, ouvisse os brados de seu colega de república. Não era interessante desagradar Rosa e Silva, “chefe do Norte, a cuja orientação obedecia no [seu] Estado a política de [seu] pai.” (AMADO, 1958, p. 136). Os brados de Solto e Filho poderiam criar entraves ao sonho do Coronel Melk que era ver o filho político. Afinal, Gilberto tinha ido estudar Direito para se tornar deputado federal pelo Sergipe, contando até mesmo com uma bolsa de oitenta mil-réis por mês, aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado. (AMADO, 1958, p. 135-138)

A narrativa em torno da entrada para o *Diário* figura, em Amado, como golpe do destino e como produto de uma sucessão de fatos, como aliás acontece com todo o relato sobre sua formação e atuação política e intelectual (Conf. CAVALCANTE, 2009). Tal estratégia corresponde ao que Maria Lúcia Pallares-Burke (2005), apoiando-se em Raphael Samuel e Paul Thompson (1990), chamou de dos “mitos pelos quais vivemos”, nos quais os acontecimentos de nossas vidas são narrados numa sucessão ordenada de eventos, como se obedecesse a um plano “em busca de objetivos claros e harmoniosos, sem conflitos e desordem.” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 21)

Os mitos pelos quais Amado viveu, na verdade, são tecidos por uma trama maior que envolve o campo intelectual ao qual o autor esteve, desde jovem, vinculado. Para Sérgio Miceli (1979), o profissional intelectual integra um campo específico que interage com outros (os campos político, educacional, etc), bem como depende do manuseio de determinados capitais de relações para a legitimação de sua atuação. Portanto, a construção de Gilberto Amado, enquanto político e intelectual, depende do feixe de relações que abrange os capitais familiar, afetivo, educacional, profissional. Amado contou até mesmo com bolsa de estudo, aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe para estudar em Recife. Seu pai, o coronel Melk, era correligionário de Rosa e Silva, político ligado à aristocracia açucareira de Pernambuco de grande influência na política deste estado e então dono do *Diário*. O que figura, na narrativa memorialística de Amado, como uma sucessão harmoniosa e linear de

acontecimentos, por vezes dosada por supostos golpes do acaso, como a briga com seu colega de república e o encontro com Rosa e Silva Júnior nos corredores da Faculdade de Direito do Recife, possivelmente, é parte de uma trama maior, atrelada aos sonhos do pai de ver o primogênito seguir a carreira política.

Aliás, ainda de acordo com Miceli (1979), a maioria dos intelectuais anatólios, um tipo novo de intelectual profissional assalariado ou pequeno produtor independente, provinha de famílias de estirpe, como era o caso dos Amados em Sergipe, cuja origem remonta aos antigos ramos senhoriais ligados a propriedade da terra. Como Amado, aqueles intelectuais dispuseram de toda espécie de triunfos sociais e culturais para que pudessem levar a cabo uma trajetória escolar bem sucedida. De acordo com Miceli,

O fato de terem se especializado na atividade intelectual deve-se muito mais ao imperativo de reproduzirem as posições de classe que os seus vinham monopolizando do que às conveniências impostas por uma estratégia recente de reconversão. (MICELI, 1979, p, 167)

Mas voltemos ao Recife de início do século XX. O Recife, onde Gilberto Amado inicia o que chama de formação. Junto com a peste bubônica vinham os livros, seus primeiros contatos com as filosofias do século XIX e com os sergipanos que encabeçaram a chamada Escola do Recife. A Escola do Recife foi um movimento intelectual, inaugurado a partir de 1870, nas dependências da Faculdade de Direito do Recife cuja principal finalidade era cientificizar o Direito a partir do que um dos seus principais expoentes, Sílvio Romero, vai chamar de um “bando de ideias novas”: positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo. A ideia era que não só o direito passasse pelo processo de cientificização, como também a arte, a história, a literatura e a política.

Sílvio Romero declara a morte da metafísica e reivindica análise científica do conhecimento. A cientificidade seria uma condição para o alcance do ideal de civilização, tão necessário aos novos tempos. Segundo Lilia Moritz Schwarcz (1993), o jargão evolucionista, em Recife, teve larga aceitação, contando com a difusão de autores como Spencer, Darwin, Le Play, Le Bon e Gobineau, dentre outros. O Direito se alia à biologia evolutiva, às ciências naturais e à antropologia física e determinista e se distancia das demais ciências humanas numa tentativa de se firmar como uma área que possui leis e, portanto, caminhos mais seguros.

Um dos livros que apresenta Sílvio Romero a Gilberto Amado é *Doutrina contra Doutrina: o evolucionismo e o positivismo no Brasil*, de 1894. O livro é um verdadeiro ataque

ao positivismo por meio da comparação com o naturalismo evolucionista, teoria defendida ardentemente por Romero. *Doutrina contra doutrina...* é também um apelo à juventude brasileira para que esta não aderisse ao positivismo, teoria que, por ser muito flexível, se adaptou aos mais diversos gostos e credos, ganhando assim, muitos adeptos no Brasil, haja vista o fato de ser adotada pelos primeiros presidentes republicanos, algo extremamente criticado por Romero. Para o autor, os militares apesar de terem tido papel crucial em determinados momentos históricos da nação, não deveriam intervir na política. (Conf. ROMERO, p. LVII)

A maior crítica ao positivismo reside no fato desta teoria ter tomado as vestes de uma religião, segundo Romero. Daí a ampla aceitação do positivismo no Brasil. Aliás, segundo o autor, o positivismo vestia a máscara que lhe convinha e assim agradava aos mais diversos públicos e interesses.

Se trata de *sciencia*, o positivismo declara incontinenti: aprecia-o muito, e tanto que a minha doutrina repousa sobre as sete *sciencias particulares*. Fica-lhe depois livre o campo para podar a *sciencia* como entender. Se fala-se em *philosophia*, acode elle: é a minha paixão, detesto o especialismo *anarchico*, quero as vistas do conjunto, *synthese geral* e ultima. Fica-lhe depois desassombrado o animo para arranjar a sua *synthese subjectiva*, como bem lhe parecer. Se vem a pello o *materialismo* ou *espiritualismo*, acode o systema matreiro: são duas concepções metaphysicas, nada conhecemos das essencias, como nada de *causas primeiras e finaes*.

Fica-lhe livre o caminho para bambaleiar á direita á esquerda até perder-se na doce sobrevivência do feiticismo do *Grand-Milieu*, do *Grand-Feitiche* e quejandas anomalias. (ROMERO, p. 113-114)

Outra diferença crucial entre o evolucionismo naturalista e o positivismo é que para o evolucionismo, segundo Romero, a ideia é de uma evolução constante, calcada na diferenciação progressiva e no conceito de luta, enquanto que, para o positivismo, fala-se de uma evolução já finalizada nos três estados comtianos, visando “o estabelecimento de uma autoridade central, que produz a paz dos espíritos em nome do imobilismo de uma doutrina universalista.” (ROMERO, p. 116)

Contudo, a crítica ao positivismo exercida por Romero gera controvérsias. Segundo Antônio Paim (1966), Silvio Romero não rompeu com o positivismo, chegando a transformar a lei dos três estados a partir das ideias de Darwin e da influência de Spencer. A crença inabalável na existência de leis que regem o desenvolvimento cultural e social também seria uma herança positivista. Segundo Sergio Buarque de Holanda, “todo estudo só seria

cientificamente certo na medida em que se conformasse a certas leis fundamentais, leis que seriam as mesmas para o mundo físico e o da cultura.” (Apud, SOUSA, p. 18)

O fato é que o estilo combativo de Romero parece não ter conquistado o aluno da Faculdade de Direito: Gilberto Amado. Em suas memórias da época de estudante de Direito em Recife, Amado destaca que não se sentiu arrastado pelas preferências e antagonismos de Silvio “que não podia conceber a vida e as idéias senão sob o ângulo da antítese. Adorava Spencer e por isso julgava-se no dever de atacar Augusto Comte.” (AMADO, 1958, p. 18). Esta atitude rebaixava Silvio Romero no conceito de Amado.

Opinião diferente tinha o jovem Gilberto em um de seus textos para os *Golpes de Vista* no Diário de Pernambuco. Em 8 de junho de 1907, na primeira página do *Diário de Pernambuco*, Gilberto Amado, com pseudônimo de Áureo, faz uma pequena resenha sobre o livro de Silvio Romero: *A América Latina (Analyse do livro de igual titulo do Dr. M. Bomfim)*, de 1906. O livro, como o próprio nome indica, tece críticas contundentes à análise de Francisco Manoel de Bomfim: *A América Latina: males de origem (1905)*, beirando a ataques pessoais por parte de Silvio Romero que foram recebidos com indiferença por Bomfim.

Em sua crônica diária para o jornal pernambucano, Amado parece não se incomodar com o estilo combativo de Silvio Romero, afirmando, ao término da leitura daquele autor, que o mesmo acabara por esmigalhar o livro de igual nome de Manoel Bomfim. O texto constitui uma resenha mais da forma com a qual Silvio Romero critica o trabalho de Bomfim, do que uma problematização das ideias de ambos autores. Aliás, em nenhum momento, como também em nenhum texto posterior, Gilberto Amado menciona a leitura de Manoel Bomfim, chegando mesmo a afirmar que a seção não tem a finalidade de conter um estudo comparativo das ideias dos autores: o crítico e o criticado. O texto seria apenas uma homenagem ao “imortal construtor da nossa história da literatura.”¹²

A crônica segue no derramamento de elogios ao mestre da Escola do Recife. Assim, para o autor dos *Golpes de Vista*, o livro é atestado do “*cerebro assombroso*” de Silvio Romero, o “verdadeiro defensor da verdade científica, defensor implacável e invencível”. Para o jovem Amado, “cada obra que aparece do grande brasileiro deixava sua leitura uma simultaneidade de admiração e espanto.” E continua

(...) na América Latina (...) o que se vê [é] a averiguação das fontes onde o sr. Bomfim sorveu seus conhecimentos, a denuncia de algumas dessas mesmas fontes como duvidosas ou imprestáveis: a critica profunda do plano

¹² Diário de Pernambuco. Recife - Sabbado, 8 de junho de 1907, p. 1.

geral da obra, do seu fim, das suas induções, do estilo, e até da gramática do autor.¹³

A divergência de opiniões entre o Gilberto Amado, sexagenário que escreve suas memórias na década de 1950 e o jovem Gilberto do início do século XX que passa a entrar em contato como o “bando de ideia novas”, em Recife, sugere o percurso de uma trajetória intelectual que nunca é linear e homogênea, e sim conflituosa e fortemente marcada pela relação de pertencimentos, afastamentos e visões de mundo que o autor constrói com o seu tempo de escrita, o que nos indica a possibilidade de entrar em contato com distintas imagens de Gilberto Amado ao longo do tempo, sugerindo assim a impossibilidade em se falar em uma identidade una para o autor. A série de bajulações que Amado concede a Silvio Romero, na crônica de 8 de junho de 1907, pode ser lida como uma estratégia de aproximação do seu mestre da Escola do Recife, uma vez que como afirma Schwarcz (1993), o jargão evolucionista teve larga aceitação naquela cidade, sendo o *Diário de Pernambuco* também um divulgador das ideias de Romero. Além disso, as bajulações de Amado a Silvio Romero, no texto de 1907, dão indícios de uma trama maior que envolve a relação política do Coronel Melk com os donos do *Diário de Pernambuco* e o seu desejo de formar seu primogênito para a política. “As ideias novas” que corriam pelas páginas do *Diário* foram alicerçadas por velhas formas de se fazer política, estas ainda calcadas na tradição aristocrática dos velhos patriarcas do Norte.

No mais, a crítica que o autor faz a Romero em suas memórias pode ser interpretada tanto como fruto do amadurecimento intelectual, produto da sua experiência de leitura durante anos, quanto como estratégia de pertencimento a um tempo em que as ideias de Silvio Romero e do conhecimento produzido entre os séculos XIX e meados do XX, não possuem mais legitimidade no âmbito do conhecimento.

Contudo, para um estudo de uma trajetória intelectual é imprescindível que voltemos ao “passadinho” do autor, para utilizarmos uma expressão do próprio Gilberto Amado. Como bem enfatiza Pallares-Burque:

A auto-imagem de um escritor famoso ou de um estadista revela alguma coisa de sua natureza, enquanto a imagem que um jovem tem de si mesmo, especialmente quando ainda não sabe o que se tornará é ainda mais importante. (PALLARES-BURKE, 2005, p. 22)

¹³ Idem

Assim, a trajetória intelectual de Gilberto Amado sugere um caminho de descoberta e por que não dizermos também de esquecimento de si para este autor. O Gilberto Amado do início do século XX não exclui o Gilberto Amado dos anos 1950, momento de escrita de suas memórias, mas também não constrói uma face única para este autor, como sua memorialística almejou. Ao contrário, o confronto de suas ideias, ao longo do tempo, parece estilhaçar a imagem daquele sergipano que se vê refletida no espelho pela primeira vez por completo no Recife de início do século XX. Continuemos nossa viagem pelos diversos períodos da trajetória intelectual de Gilberto Amado. Acompanhemos nosso autor em sua dança sobre o abismo.

2.3 UMA DANSA SOBRE O ABYSMO: O DIÁLOGO DE GILBERTO AMADO COM A CIÊNCIA E AS TEORIAS RACIAIS DO SÉCULO XIX

“Uma dança sobre o abismo” é assim que Gilberto Amado define sua formação e atuação intelectual. Em livro com título de mesmo nome, publicado em 1932, o autor diz reunir alguns dos escritos típicos da sua formação e os passos mais característicos da sua atividade intelectual no Brasil. Segundo Amado, os textos foram feitos ao impulso e publicados sem nenhuma alteração. “Da rhetorica de alguns deles, de certas afirmações e pontos de vista que me poderiam parecer hoje excessivos, sorrio sem desaprovação com a ternura do homem maduro pelos desatinos da mocidade.” (AMADO, 1932, p 5)

O objetivo desta seção é explorar como e de que forma as leituras e discussões realizadas pelo jovem Gilberto Amado, estudante da Faculdade de Direito do Recife no início do século XX, fizeram parte da sua produção intelectual nos anos que se seguiram à sua passagem pela capital pernambucana. Aqui, privilegiamos o diálogo do autor com a ciência e as teorias raciais do século XIX, procurando problematizar como essas leituras fizeram parte dos textos de Gilberto Amado na década de 1920, momento de produção dos textos que serão analisados.

De antemão, podemos sugerir, como já foi indicado nas páginas anteriores, que a trajetória intelectual de Gilberto Amado pode sim ser comparada a uma dança sobre o abismo. Um abismo que parece unir de um lado ao outro por uma linha invisível duas épocas: o passado de sua formação e o presente de escrita de seus textos. O presente se apresenta de forma multifacetada e parece sempre escapar a cada linha escrita, assim como as ideias que fizeram parte de suas leituras. Sua *Dansa sobre o Abysmo* reúne textos dos mais variados

anos, na maioria das vezes, não indicados pelo autor. Os textos aí presentes, quando postos lado a lado com outros, indicam uma verdadeira dança sobre o abismo, na qual velhas ideias são ratificadas outras refutadas, dando indícios de uma possível queda, mas também de um esforço incansável para se manterem em pé.

O livro está dividido em duas partes. A primeira, dedica-se ao que o autor denomina de Estudos Literários, a segunda aos Estudos Sociais. Chama a atenção, na segunda parte, a quantidade de títulos dedicados a temas como a *Exaltação do Brasil*, *A Experiência Brasileira*, *A Civilização do Brasil*. A maioria desses textos trata da formação e exaltação nacionalista do Brasil.

Em texto intitulado *A Exaltação do Brasil*, escrito na ocasião do centenário da Independência, em 1922, o então deputado federal Gilberto Amado faz uma exaltação da história oficial do Brasil e da noção de unidade nacional. Noção essa que, no discurso de Amado, foi alavancada pelo português:

(...) os colonizadores da terra, não há um, mas há três séculos conseguiram estabelecer no Brasil: a unidade de governo de instituições, de religião, e até certo ponto, de uma maneira geral, ao menos sob o ponto de vista da tonalidade moral da população, a unidade da raça. (AMADO, 1932, p. 142)

O ensaio se propõe a fazer um retrospecto histórico dos acontecimentos e da participação dos personagens e povos que formaram, segundo o autor, a sociedade brasileira: navegantes, descobridores, conquistadores, padres jesuítas, negros bons da costa da África, governadores, capitães-mores, tenazes portugueses, etc” (AMADO, 1932, p. 129).

Afirmando um discurso historiográfico que emerge no Brasil, desde a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, o texto de Gilberto Amado corrobora para a construção de uma identidade nacional que tem no elemento branco português o verdadeiro desbravador e impulsionador da formação do povo brasileiro, tema recorrente desde Silvio Romero a Gilberto Freyre. Nesse texto, Amado faz um verdadeiro elogio à escravidão, sem a qual não teria sido possível o povoamento do Brasil nem seu desenvolvimento econômico. Para o autor,

O grande acto político do Império foi a utilização consciente da imigração negra (devo aos meus patrícios educado na escola do pensamento positivo a verdade concretamente demonstrada despreendida das brumas do pensamento liberal) pela elite, pelo grupos dirigentes, pelos homens providenciaes, pelos chefes que vieram com a maioridade desenvolver a tarefa da Regência. (AMADO, 1932, p. 133)

A relação de Gilberto Amado com o positivismo é assunto para páginas posteriores. Para este momento, é interessante irmos mais adiante no discurso deste autor e observarmos na sua defesa à escravidão o uso de conceitos advindos do debate sobre raça e miscigenação tão em voga no Brasil do início do século XX e muito próximo de Amado nas discussões de sua época de estudante na Faculdade de Direito do Recife. Mais adiante, em sua defesa à escravidão ele afirma:

Com o aproveitamento da colonização africana, não repugnante, aliás a nenhuma das nações colonizadoras do tempo, obedeceram eles a um alto senso político e concorreram, ahí sem prévia adivinhação, mas conduzidos pelo bom destino do Brasil, para a formação das vibráteis idealistas, generosas, confiantes e obedientes sub-raças que compõem ainda hoje a maior parte da população brasileira, aptas por sua adesão natural á habitação dos rigores do clima equatorial á prolongada resistencia em cuja exaustão soçobraria talvez em duas gerações o branco sem mistura, como demonstra hoje sem contraste a sciencia experimental, pela observância que se passa em outros povos. (AMADO, 1932, p. 136)

Sub-raça, determinismo geográfico, miscigenação, termos fartamente encontrados no livro sobre qual o jovem Amado escrevera sua crônica no Diário de Pernambuco, naquele 8 de junho de 1907. Como já mencionado, O livro *A América Latina (Analyse do livro de igual titulo do Dr. M. Bomfim)*, de 1906, constitui uma crítica ao livro *A América Latina: males de origem (1905)*, de Manoel Bomfim. Neste estudo, Bomfim busca estudar as origens das mazelas que assolavam a América Latina, apelando para a História e utilizando-se de uma interpretação de cunho biológico e psicológico na análise dos fenômenos sociais. Para o autor, a origem dos males da América Latina, bem como a construção estereotipada sobre este continente na Europa são frutos da colonização parasita de portugueses e espanhóis em terras americanas. A visão preconceituosa que é veiculada sobre a América Latina na Europa, por sua vez, é produto da ignorância de cientistas e “sociólogos publicistas” que desconhecendo a história do continente americano e buscando coaduná-lo a um modelo de evolução hipócrita, “mascarado de ciência barata”, criou a chamada teoria científica do valor das raças, a qual relegou aos latinos americanos o lugar de inferiores na escala da evolução humana. (BOMFIM, 2008, p. 190)

Manoel Bomfim era médico, e como tal, acreditava que a sociedade podia ser estudada como um organismo. Daí seu vocabulário e interpretação dos fenômenos sociais serem fortemente influenciados pela Biologia. Assim, de acordo com o autor, as sociedades

existem como verdadeiros organismos, sujeitos como outros a leis categóricas. Como organismos, as sociedades dependem das condições do meio e do tempo. Assim, para estudar um grupo social é necessário recorrer à História para compreender os motivos pelos quais eles se apresentam naquelas condições. Estudar as nações latino-americanas implicava, necessariamente, para Bomfim, levar em conta o passado de colonização destes países.

Ao contrário de grande parte da intelectualidade da época que via a miscigenação como entrave ao progresso das nações sul-americanas, Bomfim não enxerga na mistura de raças a impossibilidade de formação de uma nação saudável e evoluída. De acordo com este autor, a miscigenação não pode ser responsabilizada pelo atraso das sociedades sul-americanas. Os índios e os negros, apesar de serem dotados de caráter inconstante, levianos e imprevidentes, não contribuíram negativamente para formação de tais sociedades, pois eram povos simples sem virtudes nem defeitos. Ao contrário, esses povos, por serem infantis, ofereciam elementos de renovação à formação de uma nação, devido à sua adaptabilidade a qualquer condição de vida e pouca resistência ao influxo de ideias novas.

Silvio Romero, por seu turno, apesar de ver a mistura de raças como traço característico e singular da população brasileira, defendia a ideia de uma miscigenação controlada. Isso significa dizer que um indivíduo mestiço deveria ter filhos com um indivíduo branco para que prevalecesse os traços do elemento branco. A continuidade desse processo, segundo Romero, levaria ao branqueamento da população. A eugenia também foi cogitada por este autor como medida para o controle da miscigenação, visando proibir que as pessoas tivessem filhos degenerados, os quais seriam entraves ao progresso e à civilização. (SOUZA, 2004)

É em nome da ciência, de fins do século XIX e início do XX, que Romero refuta as ideias de Bomfim, no livro *O livro A América Latina (Analyse do livro de igual título do Dr. M. Bomfim) (1906)*. Para Romero, o livro do contrerrâneo possui uma contradição intrínseca: apresenta a América Latina como vítima da colônia europeia e, ao mesmo tempo, pinta o seu povo “como pobres diabos cheios de terríveis vícios e defeitos.” (ROMERO, 1906, p. 13) Para este autor, Bomfim pinta um quadro negro para o Brasil, no qual a condenação é completa e sem agravo. Nem mesmo os europeus disseram a metade “de tantos esconjuros e maldições.” (Idem, p. 194). Aqui, Romero se refere diretamente à noção de progresso de Bomfim, para o qual, o alcance do mesmo implicaria na total negação do passado de colonização das nações sul-americanas.

(...) não sabe esse professor de psychologia que as forças do passado, o que

vale dizer a pressão da tradição, as energias da história que importam no concurso acumulado de qualidades e predisposições ethnicas, sociaes, políticas, religiosas, costumeiras, econômicas e trinta outras prendem fatalmente os homens em um certo trilho da vida imprimindo-lhe uma direção predeterminada?
(...)

Que conservar? Muito: o espírito da raça, o seu character, a língua, alma de seus grandes homens, o bom senso, os bons costumes, o equilíbrio do genio, o amor da patria, das tradições, do progresso bem entendido, da liberdade, da ordem, e, em geral todos os nobres qualidades seleccionadas pela historia no coração de nossos maiores. (AMADO, 1906, p. 194-195)

No debate travado entre Silvio Romero e Manoel Bomfim, Amado parece preferir, em 1922, os argumentos de Romero. Mesmo narrando, em suas memórias, a sua indisposição contra os dualismos utilizados pelo mestre do Recife na defesa de seus argumentos, Gilberto Amado compartilha, em muito, com Silvio Romero na suas conclusões em torno da História e da escravidão brasileira. Ao contrário de Bomfim, a escravidão, para Romero e Amado, foi plenamente justificável, pois de acordo com o evolucionismo, os povos inferiores necessitavam da colonização até mesmo por uma questão de sobrevivência.

A História para Silvio Romero, assim como para Gilberto Amado é, antes de tudo, conservar. Conservar os grandes feitos dos grandes homens que impulsionaram às custas do trabalho escravo, plenamente justificável nos discursos dos dois autores, não só o progresso da civilização brasileira, como sua própria existência enquanto unidade nacional. Para Romero, Bomfim aplica erroneamente o conceito de parasitismo da Biologia para análise da sociedade. Aliás, o parasitismo para este *autor* “era uma forma natural do meio social.” (ROMERO, 1906, p. 44). O parasitismo, assim como as castas, classes, escravidão, servidão, comensalismo e outros não passam de formas diversas de solidariedade. Portugal e Espanha teriam prestado um favor ao colonizar os países latino-americanos. De acordo com o autor, assim como na Biologia, os seres parasitas foram livres antes de se tornarem parasitas, por isso mais tarde, precisam se alojar em outros seres:

(...) as raças e as populações humanas só escaparam a morte e a completa extinção, consentindo, no momento azado, em perder a independência e a autonomia para, com outras raças e outras populações, entrarem em combinações sociaes inferiores.” (Grifos do autor. ROMERO, 1906, p. 42)

Em suma, para Romero (1906), o parasitismo era um fato geral, universal, trivial indispensável à natureza. Os próprios mamíferos eram parasitas de sua mãe durante todo o

período embrionário. Bomfim teria transformado o parasitismo em algo inédito a ponto de ser capaz de explicar “a vida íntima de vinte nações.” (ROMERO, 1906, p. 45). E o Brasil não deveria sua colonização apenas aos portugueses, mas principalmente à nobreza da terra.

Silvio Romero e Gilberto Amado identificam memória e tradição elitista como sendo história. A História é, antes de tudo, conservar a versão oficial acerca do desbravamento do Brasil. Não existe espaço, nesse tipo de historiografia para o questionamento de tal memória. Na sua concepção de história, o Brasil parece ser o eterno feto de Portugal, por isso não pode esquecer de sua mãe, de sua gestora. Gestora aliás, que, para Romero, oferecia ao Brasil o elemento de purificação: a raça branca que quanto mais se misturasse ao índio e ao negro, mais se tornaria apta ao progresso e à civilização. As ideias do mestre da escola do Recife parecem ter feito parte do modo como o deputado Gilberto Amado pensou o Brasil. Um Brasil conservador. Um Brasil que teve que ser explorado pelos portugueses para poder se sedimentar como nação. Um Brasil fruto de uma escravidão justificada pela lei de que os inferiores necessitam dos superiores para colonizá-los, subjugar-los. Um Brasil que não pode perder de vista a memória de seus avôs desbravadores¹⁴. Em texto intitulado *A Civilização no Brasil*, Amado apesar de proclamar a independência do Brasil em relação a Portugal e à Europa como um todo, chegando a afirmar que a Europa não vivia mais dentro dos brasileiros (AMADO, 1932, p. 152), afirma:

Devemos sorrir á simplicidade dos commentadores europeus que proclamaram a superioridade das raças a que pertencem, sem se dar ao trabalho de as deslocarem da commoda graduação dos paralelos onde se organizaram ao estímulo dos climas tonicos do norte. (AMADO, 1932, p. 155)

Gilberto Amado afirma que não adianta conjecturar o que o elemento anglo-saxão poderia fazer na Amazônia. A verdade era que, nas condições físicas do Brasil, nem um outro povo poderia ter alavancado a obra de colonização com tamanho sucesso como o português. Amado, apesar de proclamar a independência do Brasil em relação à Europa, não perde de vista a sua gestora ou seriam gestores? Homens fortes desbravadores que num território inóspito conseguiu, desde o início pela obra do povoamento, fomentar a unidade nacional do território.

¹⁴ Tanto Sílvio Romero quanto Gilberto Amado eram descendentes de portugueses. Provenientes da freguesia de Nossa Senhora de Campos do Sertão do Rio Real, os Amados vieram do Sertão para Estância. A família era de origem portuguesa, já antiga detentora de terras na colônia. (AMADO, 1954, p. 27). Sílvio Romero, por sua vez, era filho do comerciante português André Ramos Romero e Maria Joaquina Vasconcelos.

Voltando a Manoel Bomfim e Silvio Romero, podemos dizer que, apesar de divergirem quando o assunto é formação do povo latino-americano e brasileiro, estes autores participam da mesma episteme do pensamento moderno que permite que os mais variados campos do saber concentrem sua força numa explicação pretensamente científica que tem como base o evolucionismo darwinista. Ambos, apesar de direcionamentos distintos, tem a Biologia do século XIX como baliza de conhecimento e, portanto, de análise da sociedade. No caso do Brasil, a partir de 1870, os intelectuais se sentem impelidos a pensar a formação do povo, o futuro do Brasil, as vias para se atingir o progresso e a civilização e a construção da nacionalidade. Bomfim e Romero são, portanto, homens de seu tempo, imbuídos por formações discursivas de seu tempo e por ideias de seu tempo.

2.4 A LITERATURA E O DESENVOLVIMENTO MENTAL DO BRASIL: A PERMANÊNCIA DAS TEORIAS RACIAIS NO DEBATE SOBRE A UNIDADE NACIONAL

As ideias que atingiam o jovem Gilberto Amado, estudante de direito em Recife, não se restringiam apenas à ciência. No início do século XX, as discussões produzidas pela ciência extrapolam seus limites, atingindo os mais variados saberes, dentre eles a literatura. A literatura, aliás, tem papel fundamental na formação deste autor, bem como constitui área de seu mais legítimo interesse. As memórias escritas de Gilberto Amado são, em grande medida, um desabafo, uma forma de botar para fora um desejo que foi, supostamente, recalcado pelos anseios do pai de formar o filho para a política, isto é, o sonho de seguir a carreira literária. Em suas memórias de infância Amado relata:

Tudo que me cercava me dispunha a uma vida que não me atraía – a da política, a da ação, a de um ‘papel’ a representar. Dar gosto a meu pai, ao meio que me rodeava, seria dar-me desgosto. (...) Minha visão era um quarto de estudante, um refúgio onde pudesse dedicar-me à vida que as leituras tornavam tão fascinante. Minha viagem seria em sentido oposto a do adolescente francês, prisioneiro dos séculos, dos hábitos e da cultura. Eu me destinaria à procura desta. Aquêles queriam evadir-se de um ciclo fechado para o espaço livre e a aventura exterior. Eu queria sentar-me à beira das fontes antigas do saber. Todo êsse frenesi foi-se tornando pouco a pouco ridículo aos meus olhos, de um ridículo dolorido, espécie de encabulamento de preto em querer passar por branco, de aleijado querendo correr como atleta. (AMADO, 1954, p. 286-288)

A relutância em advogar persistiria na juventude, tornando uma repugnância que parecia subir-lhe pelas entranhas (AMADO, 1956, p. 36). No discurso memorialístico de Gilberto Amado, até mesmo o gosto pela literatura e demais áreas do saber aparecem como uma tara de família, ou seja, uma predeterminação biológica. Narrando sua indisposição para com o Direito, Amado indagava:

Que tinha eu contra a profissão? Em princípio – nada! Obstáculo de ordem intelectual nenhum. Trata-se antes de tudo de uma tara de um modo de ser de família. Dos cinco bacharéis que somos lá em casa, nenhum advogou propriamente. (...) Isso vem de dentro.” (AMADO, 1956, p. 36).

Assim como apontavam as teorias biodeterministas que fizeram parte de sua formação, o gosto pelo mundo das letras aparece, em Amado, como uma tara, algo hereditário, que parece estar entranhado nos gens dos Amados. Gilberto Amado se apropria das teorias que fizeram parte da sua formação para escamotear as circunstâncias que proporcionaram a sua atuação no mundo intelectual, assim como o fez ao narrar sua entrada para o *Diário de Pernambuco*. O certo é que, como veremos, o percurso trilhado por Amado não se diferia muito da trajetória dos demais letrados no início da República (SEVCENKO, 1998). Gilberto Amado contou com uma gama de capitais simbólicos que propiciaram a sua atuação como letrado e intelectual.

A Literatura, para Gilberto Amado, seria não só o desejo oculto recalcado pelos sonhos do pai, mas a substância do Brasil, aquilo que o homogeneizava e o representaria enquanto nação, o substrato da identidade de um povo. Por este motivo, dedicaremos esta seção à problematização de suas ideias sobre a literatura brasileira e o seu papel na construção da nacionalidade, tema recorrente nos escritos do autor desde a juventude e que perdurou até a velhice.

Não é à toa que, em crônica do dia 15 de junho de 1907, Amado escreve um texto que denuncia a ausência de uma literatura brasileira que signifique “o padrão da força intelectual do nosso povo.” O Brasil possuía uma literatura fragmentária, característica dos povos novos

Faz mister para que se constituam um processo renovado de stratificação social, de organização do carácter do povo, uma vez que são verdadeiras manifestações da alma das raças, na linguagem de Lebon.

Se este fenômeno da alma das raças afluente na formação das literaturas, como pensa Taine e o autor acima citado, somente literaturas perfeitamente

organizadas haverá dos povos de longo tirocínio.¹⁵

De acordo com Schwarcz (1993), G. Le Bon (1841-31), autor aliás extremamente citado por Romero e refutado por Bomfim, divulga, no século XIX, sua teoria que relacionava raças humanas com espécies animais. Le Bon também acreditava que o inconsciente do grupo determinava o consciente do indivíduo, ou seja, era o grupo que instituíam o comportamento individual. H. Taine (1828-93) também foi outro adepto do determinismo ao interpretar o indivíduo enquanto resultado do grupo constituidor. Em Taine, o conceito de raça é ampliado e passa a equivaler à ideia de nação. E é aí onde entra a refutação do jovem Amado às ideias destes autores.

A mim essas teorias, afiguram-se muito palidamente verdadeiras. Se a idéia da raça parece incontestável e sua negação, puro esforço dos latinos a justificarem pelo argumento das *circumstancias históricas*, o avanço extraordinário dos anglos saxônios, todavia, sem incorrer em contradicção, estudando rigorosamente as correntes moraes e sociaes do século, pode-se estabelecer o conceito de que na Europa não é justo determinar e selecionar literaturas segundo as nações, e sim constatar a existência de uma verdadeira literatura européa. (Grifos do autor)¹⁶

Para Amado, não era mais possível falar em literatura das nações, pois “a comunicação do pensamento scientifico e dos sentimentos moraes é feita com tal correlação e rapidez, que todos se confundem na mesma orientação harmonica da época.” Não existia uma literatura das nações, e sim dos continentes. O artista e o autor não sofriam mais influência do seu povo e do seu meio. “Não mais existia uma civilização franceza, inglesa, etc, mas uma civilização européa.”¹⁷

No Brasil, quer se adopte ou não a opinião de Le Bon de que a disparidade dos elementos étnicos afasta a hypothese de unificação da raça, de formação de constituição mental, de caracter definido, a verdade é que não (illegível) literatura cohesa, exprimindo o gênio nacional e representando uma grandeza correlativa á da sua natureza.¹⁸

Para o jovem Gilberto Amado, só existiam três escritores sérios que se debruçavam para revelar o problema social do Brasil: Silvio Romero, Artur Orlando e Euclides da Cunha. E na literatura essencialmente artística Coelho Neto. A literatura “phosphoreanava à porta da

¹⁵ Diário de Pernambuco. Recife – Sabbado, 15 de junho de 1907, p. 1.

¹⁶ Idem

¹⁷ Ibidem, p. 1.

¹⁸ Ibidem, p. 1

Garnier, no Rio de Janeiro ou arrastando-se molemente na vida preguiçosa dos Estados.”¹⁹

A ideia de uma literatura que construísse um ideal de nacionalidade para o Brasil estava relacionada, dentre outras fontes, à ideia de seu mestre da Escola do Recife. A literatura, para Silvio Romero, deveria se alicerçar em bases científicas para não escrever tolice.” (Apud. SCHWARCZ, 1993, p. 152). A crença científica invade a literatura. No Brasil, *Os Sertões* de Euclides da Cunha, livro de 1906, é tomado como marco da produção nacional, tropical, naturalista. A crítica da época vai atribuir a esse livro o início da busca pelo verdadeiro país, pelo seu povo, por nossas origens. “Teríamos ficado conhecendo com ele, a influência do ambiente sobre o nosso caráter e a nossa raça em formação.” (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 53) Em *Os Sertões*, o elemento da unidade nacional eram os “paulistas” ou seus descendentes, no sertão no Norte do país. O sertanejo estava livre das influências nefastas do litoral e do cruzamento com os negros, por isso, seria uma raça mais próxima do ideal de pureza, se comparada ao mestiço de negro com branco.

Amado, jovem estudante da Faculdade de Direito do Recife, respira cientificismo, evolucionismo, positivismo. No debate sobre a questão nacional, ele se apropria da ideia de Taine para, diferentemente deste autor, dizer, que a literatura não era produto e produtora de uma dada nacionalidade e, sim constituidora da identidade de um continente. A comunicação entre pensamento científico e sentimentos morais era feita com tamanha rapidez que era impossível a produção de uma literatura específica de um país, o que impedia a construção da ideia de nacionalidade, ideal perseguido a partir da instituição do Estado Moderno. No caso do Brasil, tal noção passa a ser a foco de interesse a partir do movimento de independência e a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, em 1838. A ideia de nacionalidade passaria, a partir de então, a ser uma verdadeira obsessão dos intelectuais brasileiros, chegando a permanecer como foco de preocupação latente até meados do século XX.

A noção de uma identidade nacional participa do que poderíamos chamar de dispositivo das nacionalidades, um conjunto de regras anônimas que passam a reger as práticas e os discursos do Ocidente desde o final do século XVIII (ALBUQUERQUE JR., 2001). Esses discursos impunham aos homens a necessidade de ter uma nação, de superarem as fronteiras locais e se identificarem com um espaço e territórios construídos historicamente por meio de guerras ou convenções, ou mesmo artificialmente em prol do reconhecimento de elementos que unificassem toda uma diversidade cultural sobre o rótulo de identidade nacional (AMADO, 2001, p. 48).

¹⁹ Ibidem, p. 1

A preocupação com a constituição de uma identidade nacional por meio da Literatura era uma preocupação dos escritos de Gilberto Amado. Em ensaio intitulado *A Literatura e o Desenvolvimento Mental do Brasil*, publicado em Buenos Aires, no jornal *La Nacion*, também este no centenário da independência brasileira: 7 de setembro de 1922, o autor faz um retrospecto pela História da Literatura Brasileira, dialogando principalmente com Silvio Romero, em busca do momento em que a Literatura deixa de ter contornos portugueses e passa a ganhar faces brasileiras.

Apesar da maioria dos estudos da época apontarem que a Literatura do Brasil se torna independente de Portugal com os românticos, especialmente, com Gonçalves Dias, Amado afirma que, para ele, o primeiro grande escritor brasileiro foi José de Alencar. “Este, sim, escreveu língua, estylo, em que nem de longe poderia lobrigar vestígio, requicio, sombra, siquer de influência portuguesa. Este, sim, é nosso, do Brasil independente.” Diferentemente de Gonçalves Dias que teria sido formado em Coimbra, José de Alencar formou-se “na contemplação dos nossos céos, no convívio da nossa gente, no trato com os nossos homens, nas escolas brasileiras, entre criança brasileiras, entre rapazes brasileiros.” (AMADO, 1932, p. 77)

José de Alencar, segundo Amado (1932, p. 79), trouxe para a Literatura brasileira as três raças formadoras da nacionalidade: o índio, o português e o negro, dando a estes uma fisionomia particular: à ferocidade do conquistador contrapôs o tipo idealizado do bom patriarca branco, à índole sorradeira e brava do índio inassimilável opôs a figura do guerreiro bronzeado heroico, generoso e sentimental como na literatura cavaleiresca medieval; quanto ao negro, Gilberto Amado afirma que ao “representar o africano fel-o com a piedade compreensiva do poeta em cujo animo delicado o gênero humano encontra por igual simpatia.”

Poderíamos nos questionar por que o negro tem que ser descrito com piedade? Seria pela sua condição de raça inferior, segundo as teorias raciais que fizeram parte da formação do pensamento de Gilberto Amado? Seria por que o Romantismo, movimento literário ao qual José de Alencar esteve vinculado, exclui ou pouco fala da contribuição do negro na formação da identidade brasileira? Seria por que Amado, em seus discursos políticos e ensaios, enxerga que a contribuição do negro foi de primordial importância apenas como mão de obra necessária ao desenvolvimento econômico da nação, restringindo o negro à condição servil? Poderíamos afirmar que todos esses questionamentos fazem parte do mesmo quebra-cabeça que monta a construção do pensamento político e intelectual deste autor e sua relação com a

produção de uma interpretação para as questões brasileiras de seu tempo.

Com o Romantismo, a Literatura ganha a conotação de elemento que poderia colaborar para o progresso da nação. Essa contribuição se daria por meio da construção de uma identidade para o Brasil, projeto inteiramente relacionado à Independência da nação e instituição do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, em 1838. O Romantismo brasileiro busca produzir uma identidade para o Brasil baseada na valorização do nacional - este representado pelo índio colonizado pelo português (primeiro habitante do Brasil, portanto, elemento genuinamente brasileiro) - e da natureza. Esses elementos permitiriam a construção de uma identidade brasileira independente da metrópole. De acordo com Schwarcz (apud SILVA, 2004, p. 57), o Romantismo “aparecia como caminho favorável à expressão da nação recém fundada, pois fornecia concepções que permitiam a universalidade, mas também o particularismo, e portanto a identidade, em contraste com a metrópole...”

Não se distinguindo do projeto romântico de criar uma identidade para o Brasil, baseado na valorização do índio, nota-se, em Alencar, o silêncio em relação à contribuição do negro na construção da identidade brasileira. A escravidão aparece na literatura alencariana em *Tronco do Ipê* e *Til*, ambos de 1871, de forma secundária, sendo os personagens escravos descritos por dotados de “almas rudes” e pelas funções servis que desempenhavam: Martinho (pajem do barão), Eufresina (mucama da baronesa) ... (SILVA, 2004). Ou seja: na literatura de José de Alencar, a contribuição do negro aparece apenas como mão de obra servil, algo que não se distinguia de suas ideias políticas acerca da escravidão. Talvez, por isso, a afirmação em tom de concordância de Gilberto Amado de que José de Alencar teria tratado o negro com uma piedade compreensiva. Ambos autores viam o negro apenas como mão de obra necessária à manutenção da economia agrícola. José de Alencar ao dar aos senhores de escravos a imagem de patriarcas benevolentes, ao construir o índio enquanto guerreiro e o negro enquanto elemento servil, foi, para Amado, o primeiro vulto de uma literatura genuinamente brasileira²⁰.

Assim como o Romantismo, no século XIX, buscou a construção de uma identidade brasileira independente da metrópole, elegendo o índio colonizado como símbolo da

²⁰ José de Alencar, assim como Gilberto Amado, defendiam a manutenção da escravidão, uma vez que a economia do país baseava-se integralmente na agricultura. O literato cearense chega a ser contrário a aprovação da Lei do Ventre Livre em 1871. Contudo, para Alencar, a sociedade brasileira estava visivelmente caminhando para abolição. As relações harmônicas entre senhores e escravos, o bom tratamento dispensado aos cativos indicavam que a sociedade brasileira estava se encaminhando para uma “revolução dos costumes” que desembocaria na emancipação pela iniciativa privada. (SILVA, 2004, p. 1)

nacionalidade brasileira, Gilberto Amado, em sua análise da história da literatura brasileira, elege José de Alencar como primeiro grande escritor da nação, por ter sido Alencar formado em solo estritamente brasileiro, não sobrando no autor cearense, nenhum resquício da influência portuguesa. Amado escreve, em 1932, momento em que a nacionalidade brasileira passa a ser pensada a partir de diversos aportes teóricos. Era preciso fortalecer o Estado Nacional e, nesse sentido, os intelectuais seguem sua busca por simbologias que representassem e que fossem genuinamente brasileiras. Nesse sentido, José de Alencar é eleito por Amado como autor fundante de uma literatura originalmente brasileira.

A literatura de José de Alencar, certamente, se alinhava ao projeto amadiano de valorização da produção nacional, pois estava em pauta no século XIX a construção de “um passado exemplar a ser usado no presente como fonte de inspiração.” (RAMOS, 2011, p. 324). E, nesse sentido, o presente de escrita de Amado dialoga diretamente com os propósitos de José de Alencar de construir a imagem de um passado heroico que serviria de exemplo para o futuro da nação. Assim, se o passado de José de Alencar foi construído a partir da demanda de seu presente de inventariar um mito fundacional para o Brasil, o presente de Gilberto Amado também construiu uma origem fundante para a literatura brasileira na figura de José de Alencar. Aliás, José de Alencar oferecia a Amado um elemento atraente: uma ficção literária fortemente baseada na pesquisa histórica com o objetivo de conceder à sua literatura o estatuto de verdade. (RAMOS, 2011)

Para Gilberto Amado (1932), a literatura deveria representar, no estrangeiro, a qualidade singular do povo brasileiro, isto é, o fato de ser produto de raças cruzadas. No entanto, a escravidão, quando aparece como temática abordada pelos escritores brasileiros como é o caso de Castro Alves, é sempre qualificada como algo menor. Mesmo admitindo que poemas como *Vozes d' África*, o *Navio Negreiro*, a *Cachoeira de Paulo Afonso* compõem os versos mais belos e admiráveis da literatura brasileira, Amado julga a temática da escravidão, abordada por Castro Alves, patética. (AMADO, 1932, p. 84)

A miscigenação, aparece em Gilberto Amado, assim como para seu mestre do Recife, Sílvio Romero, como traço singular da sociedade brasileira. No entanto, o negro, em Amado, carrega consigo toda sorte de mazelas propugnadas pelas teorias raciais do século XIX. Ao descrever Cruz e Sousa e sua participação como expoente do Simbolismo no Brasil, Amado relata:

Era um negro pretíssimo, esguio, delicadíssimo de maneiras, solitário,

austero de costumes, puro, casto, sem nenhum dos defeitos em geral emprestados ao africano, isto é denguiço, a doçura excessiva de animo, raiando pela passividade, a indole fácil e aberta, a sensualidade imediata e grosseira. (AMADO, 1932, p. 86).

Ao analisar a estética do racismo na ciência e na arte, Maria Bernadete Ramos Flores (2007) observa como a noção de raça esteve presente ao longo de todos os debates sobre a questão da identidade nacional e da modernização do país. A invenção da hegemonia racial europeia indica que beleza, brancura e civilização são tidos como fenômenos inseparáveis. Nessa perspectiva, os povos de cor negra e miscigenados são significados como fenômeno de fealdade e barbárie. O Estado brasileiro, em fins do século XIX, acolhe as teses deterministas para impor o tipo ideal da imagem do homem que a República deveria projetar: branqueado, viril e disciplinado. Para a autora, o mito da pureza racial, calcado nos padrões estéticos da Grécia Antiga, foi propalado por muitos políticos, artistas e intelectuais. Não é à toa, portanto, que tal ideal é perseguido por Amado em suas concepções científicas e estéticas, a ponto do autor sentir a necessidade de descrever os traços físicos de Cruz e Souza, mesmo que estes não correspondessem a “nenhum dos defeitos emprestados aos africanos.” Além disso, o padrão do intelectual branco e disciplinado, como vimos, faz parte da autoconstrução de Amado enquanto intelectual. Daí também a preocupação com a disciplina dos corpos e dos espaços. Seu corpo, apesar de feio, era branco, era disciplinado, tinha ascendência europeia, sendo na sua percepção, o corpo do intelectual brasileiro.

Gilberto Amado, baseando-se na ideia de Taine, ao que tudo indica, supunha que a obra literária resulta de três fatores: a raça, o meio e o momento histórico. A partir desses três prismas se formariam o caráter nacional. Para Taine, o traço fundamental do caráter francês seria a análise das ideias, enquanto que o inglês, a análise dos fatos. Embora admita que tal característica inglesa era, em parte, explicada pela educação, pelas leituras e o gosto pelas viagens, sustenta que tais fatores não explicariam tal predisposição. Taine pressupõe a existência de uma “tendência inata da raça”, uma vez que os ingleses teriam um gosto pelo fato e pela indução, daí a aptidão pela Filosofia e a Literatura. (Conf, LEITE, 1976, p. 35)

O texto *A Literatura e o Desenvolvimento Mental do Brasil* tem forte inspiração nas teorias científicas da época, na medida que propõem um estudo de análise da literatura enquanto constituidora da identidade brasileira. Em Sílvio Romero temos uma concepção pessimista acerca do futuro da nação. Concepção essa calcada na ideia de que a miscigenação degeneraria a nação brasileira e que o brasileiro apresentava determinados traços que o incapacitaria para a marcha do progresso, tais como a apatia, desânimo, o abatimento

intelectual, etc (Conf.: LEITE, 1976, p. 194). Em Gilberto Amado, essa visão, como veremos ao longo deste texto, permanece. Contudo, o elemento libertador do atraso a que estava fadado a nação brasileira seria dado pelo investimento na construção de uma classe dirigente ilustrada para o Brasil. Somente o projeto de formação dessa classe, conduziria a jovem nação nos rumos do progresso, tudo isso ancorado na contribuição do trabalho braçal da massa popular que atuaria na sustentação da economia brasileira.

Não temos acesso ao ano de escrita de *A Literatura e o Desenvolvimento Mental do Brasil*, mas o fato de ter sido publicado em 1922 demanda, ao menos, um questionamento: por que este texto ganha visibilidade numa publicação de um jornal argentino? É o próprio Gilberto Amado que, em 1914, atesta que as ideias de Silvio Romero não causaram grande impacto no Rio de Janeiro, pois “pelas circunstâncias em que foi composta, não podia ter a mesma comunicabilidade e a mesma sedução” (AMADO, 1971, p. 104). No mesmo texto, ao se referir ao *História da Literatura Brasileira*, de Sílvia Romero - livro com o qual, possivelmente, Amado dialogou ao produzir sua interpretação sobre a literatura brasileira – o autor afirma que “há idéias que não apaixonam mais; todavia esse livro desengonçado e admirável é a maior contribuição que ainda tivemos para a compreensão do problema brasileiro, em toda sua complexidade.” (AMADO, 1971, p. 106)

Desengonçada parece ser a dança sobre o abismo que foi a formação e a atuação intelectual de Gilberto Amado. Mesmo reconhecendo a inviabilidade das teorias raciais do século XIX, Amado as endossa em seus escritos. Mesmo que queira dissipá-las, elas parecem estar entranhadas em sua mente e até mesmo no seu corpo.

Lembremos que as décadas de 1920 e 1930, momento de produção e publicação dos textos aqui discutidos, é marcada, segundo Albuquerque Jr (2001), por uma nova sensibilidade em torno do espaço. O ritmo das transformações das cidades, a rapidez dos transportes e das comunicações, o trabalho realizado em meios artificiais desnaturaliza o espaço. Essas mudanças também atingem a disposição dos saberes, alterando as posições recíprocas entre o que se deve conhecer e aquilo que é objeto do conhecimento. Essa mudança na forma de olhar coincide com o que, Albuquerque Jr (2001) chama de emergência de uma nova formação discursiva que participa dos dispositivos das nacionalidades, isto é, um conjunto de regras anônimas que passam a reger as práticas e os discursos no ocidente desde o final do século XVIII. Inicia-se a necessidade de se forjar uma identidade por meio de símbolos e signos que preencham a ideia de nação.

Assim, podemos entender as condições de possibilidade da publicação dos ensaios de Amado nas décadas de 1920 e 1930. Mesmo que em texto anterior, o autor tenha observado

que as ideias de Silvio Romero, extremamente fincadas ao naturalismo, estavam ultrapassadas já nas décadas de 1910, o contexto de transformações que marcou a década de 1920 e a emergência de uma nova preocupação com a questão das identidades nacionais e regionais possibilitaram visibilidade às ideias de Gilberto Amado. Ideias essas construídas por meio de sua formação na Escola do Recife.

Além disso, como veremos adiante, a década de 1930, é também o momento em que Amado é nomeado por Getúlio Vargas Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, em 1934. Iniciava-se, assim, sua carreira diplomática e, com ela, a possibilidade do sergipano se dedicar à obra literária, projeto do autor que acabou ficando adormecido, devido à dedicação à carreira política.

A propósito, também foi em 1934, que Amado publicou a sua conferência realizada no Centro Oswaldo Spengler na inauguração do curso de extensão acadêmica, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, sobre o mestre da Escola do Recife: Tobias Barreto. Passemos então ao diálogo de Gilberto Amado com este autor.

2.5 TOBIAS BARRETO: O DEBATE SOBRE A CULTURA

Em conferência sobre Tobias Barreto proferida no Centro Oswaldo Spengler na inauguração de um curso de extensão acadêmica, Gilberto Amado se interroga por que havia sido escolhido para falar do mestre da Escola do Recife, uma vez que sua geração “não recebeu influência de Tobias Barreto. Nas polêmicas e conversas de estudante no Recife do meu tempo, de 1905 a 1909, não era frequente o nome do famoso sergipano.” (AMADO, 1934, p. 7). O mestre da Escola do Recife não despertou o interesse daquela geração “mais ou menos [parnasiana]”, por causa do seu desleixo em relação à escrita. “Ora, não se podia abrir um livro de Tobias sem deparar verdadeiros horrores syntaxicos e um desleixo absoluto, um mal gosto extremo de linguagem.” (AMADO, 1934, p. 11). Para Amado (1934), ele teria sido escolhido para proferir tal conferência, “porque sabeis que procurava compreender. Porque sabeis que eu sou capaz de amar o adversário, que eu não negocio com o espírito. Ainda mais porque sabeis que o homem é gigantesco, que a obra é formidável.” (AMADO, 1934, p. 16)

Provavelmente, os anos de formação de Gilberto Amado no Recife coincide com o declínio da movimentação de ideias da Escola do Recife que, segundo Antônio Paim (1997), abrange os fins do primeiro lustro do século à época da Primeira Guerra Mundial. A partir de 1906, escasseiam-se os trabalhos de cunho filosófico. Seus principais expoentes deixam de se dedicar a atividade filosófica, passando a ocupar-se com outros fins. Clóvis Beviláquia

ocupa-se da defesa do código civil. Artur Orlando, nos últimos dez anos de sua vida, tem uma atividade intelectual dispersa, descurando-se da Filosofia. Silvio Romero procura em Le Lpay a explicação para a sociedade brasileira. Com a morte deste último chega ao fim o ciclo da Escola do Recife (PAIM, 1997, p. 52).

O declínio da *Escola...* deu-se de fato, porque seus demais membros não conseguiram se distinguir do positivismo. Os seguidores de Barreto não levaram em frente seu enfoque filosófico, o qual era constituído, de um lado, pelo culturalismo que tem a criação humana como objeto privilegiado de reflexão filosófica e, de outro, pelo neokantismo que relega à Filosofia a atividade de inquirição dos fundamentos e pressupostos da ciência e não apenas um degrau a mais para o conhecimento como no positivismo e cientificismo. O apego ao cientificismo não possibilitou à Escola do Recife a reciclagem necessária para se distinguir do positivismo, bem como apresentar novas possibilidades de leituras para as questões brasileiras de início do século XX.

Não podemos nos esquecer que o início do século XX demarca também um momento de emergência de uma nova dinâmica que passa a pôr em xeque o estatuto de pensamento e dos conhecimentos que tinham por base as ideias e metodologia da ciência do século XIX. Não seria apenas a morte de Silvio Romero que fecharia o ciclo da Escola do Recife em 1914. A emergência da máquina e do mundo da técnica, bem como a deflagração da Primeira Guerra Mundial iniciam o momento de questionamento do sistema de conhecimento edificado pelo século XIX. É o próprio Gilberto Amado que, anos depois vivendo o segundo confronto mundial, atesta que o otimismo do século XIX teve seu desfecho na conflagração universal e na multiplicação de seus horrores. (AMADO, 1934, p. 50). E segue Amado em sua leitura do que separava o século XIX do XX.

Na verdade, que distancia nos separa delle! Quantas coisas entre o mundo de Tobias e o nosso! Separa-nos antes de tudo no plano economico e portanto no plano politico - a machina. Separa-nos a atmospheria em que se move a machina – a technica.

Separam-nos as massas, filhas da machina.

O mundo moderno é um systema de contactos, um choque de distancias, uma concomitância, uma simultaneidade. Onde nos encontramos, num lago do Japão, num canal de Veneza, numa aldeia da Argentina, estamos, por assim dizer no centro do mundo.

Ahi ouvimos a voz de Hitler, ahi nos attinge um gesto de Mussolini. Passa sobre nossa cabeça um avião que partiu de Paris; treme do ar a mensagem electrica enviada de Nova York. Envolve-nos uma rêde de ‘ondas curtas’ que se entrecruza em todas as direções.

A Europa, acostumada a pensar com precisão, recebe a cada instante o influxo dos pensamentos imprecisos da Asia.

O occidental affeito á justa medida é chamado enfrentar as indeterminações

do Oriente. Este se acha deante de realidades nitidas que lhe cabe interpretar com o seu sentido de mysterio. O tempo precede o tempo da simulcadência do minuto.

Três horas antes de pronunciadas e produzidas na Europa chegam aos ouvidos dos brasileiros as palavras dos oradores, o canto dos artistas, a voz dos amigos, o rumor das cidades.

No entanto, no tempo de Tobias estando mais distante, os homens se achavam menos separados. Longe um dos outros eles se achavam mais próximos. Separava-os o espaço physico, mas não os separavam tantas incompatibilidades moraes. (AMADO, 1934, p. 47-49)

As transformações técnicas, econômicas e políticas pelas quais o mundo passava atingiam a produção do conhecimento que possibilitavam as diferentes concepções de cultura de autores como Tobias Barreto e Oswald Spengler, autor que dava nome ao Centro onde Gilberto Amado fez a conferência sobre o autor sergipano. Para Amado, a diferença de concepção de cultura entre esses dois autores era mais um indício das mudanças e transformações que separavam os séculos XIX e o XX. Para Barreto, “cultura é desenvolvimento, progresso intelectual, avanço na escala do aperfeiçoamento humano, intellectual, materialmente”, o que significa dizer que cultura seria um bem material, e culto era quem compreendia mais, “tal como pensava o século XIX, renaniano, taíneano, spenceriano.” (AMADO, 1934, p. 42).

De acordo com Amado (1934), a orientação de Spengler contrastava com a de Tobias Barreto. Para Spengler, “as culturas são cyclos vitaes, são blocos harmônicos, conjuntos vivos que nascem e morrem como organismos.” (AMADO, 1934, p. 34). Segundo Augusto Patrim (2010), Oswald Spengler, apoiando-se no pensamento de Friderich Nietzsche e na metodologia de Goethe, propõe uma visão cíclica das culturas e da história, rompendo com a ideia de que cultura e história possuem um sentido como na noção de progresso que fizera parte da formação e concepção de Tobias Barreto e Gilberto Amado. Para Spengler, as diversas culturas do mundo não se relacionam e são completamente independentes uma das outras. Spengler retoma também o velho debate alemão entre cultura (*Kultur*) e civilização (*Zivilisation*). Cultura seria um termo ligado ao nascimento, à criação, à vida; e Civilização, um termo relacionado à expansão, ao utilitarismo. Amado faz referência a essa distinção, atestando que ao contrário de Tobias Barreto, em Spengler, a cultura antecede a civilização. “A cultura em vez de ser a natureza transformada, conquistada, policiada, é, ao contrário, a natureza na plenitude de sua virgindade.” (AMADO, 1934, p. 43)

Como observava Amado, em 1934, a concepção de cultura de Oswald Spengler carregava consigo muitas das transformações de seu tempo. Seu livro *A Decadência do*

Ocidente foi sucesso editorial na Alemanha da República Weimar. “Por causa da derrota alemã em 1918 na 1ª Guerra Mundial, o “espírito do tempo” (*Zeitgeist*) pessimista ou cético parecia corroborar com muitas de suas interpretações.” (PATRIM, 2010, p. 1). Segundo Patrim (2010), muito do ostracismo intelectual de Spengler se deve ao fato de suas ideias políticas terem sido incorporadas pelo movimento nacional-socialista.

De acordo Leandro Assunção da Silva (2008), no prefácio do primeiro volume de *A Decadência do Ocidente* fica claro o nacionalismo extremo de Oswald Spengler. A busca de regeneração do Ocidente passava pela liderança autoritária da Alemanha. O filósofo e historiador alemão chega a votar em Adolf Hitler. No entanto, em 1933, quando o partido nazista chegou ao poder na Alemanha e Hitler assume a Chancelaria dando início ao III Reich, Spengler considerou o líder político alemão um homem vulgar, muito aquém da história da nação. Após o rompimento com Hitler, Spengler teve sua obra proibida em seu país. O historiador não aceitava o anti-semitismo e o racismo biológico dos nazistas. A superioridade alemã, para este autor, era uma questão de tradição, de cultura e de história. (SILVA, 2008, p. 15) Mesmo com o rompimento com Hitler, o rótulo de nazista persistiu o que, de certo modo, explica o ostracismo intelectual do pensador alemão.

Em 1934, ano em que Hitler funde a presidência da Alemanha à chancelaria, assumindo assim, o controle do exército, Amado parecia já ter ciência do rótulo que circundava tal nome, pois ao evocar a paixão de Tobias Barreto pela Alemanha, questionava em sua conferência:

A Alemanha teria ainda para ele o mesmo prestígio místico de fonte mágica da sabedoria e da luz? A Alemanha racista, a Alemanha anti-judaica, totalitarista e anti-einsteiniana – seria a sua Alemanha. Para vós do centro Oswald Spengler a questão não oferece dificuldade... Para vós as culturas, são blocos harmônicos, conjuntos vivos que nascem morrem como organismos. Pedaco vibrante das camadas superiores do século XIX, instante agudo do nosso drama moderno, Tobias estaria dentro do seu quadro, seria uma molécula do seu bloco, uma célula do seu organismo... (AMADO, 1934, p. 33-34)

Tobias Barreto, de pensador negligenciado por Amado na juventude parece ascender à categoria dos grandes pensadores que por ter um alto nível de cultura, aqui entendida como bem cultural, não pode ser esquecido nem tampouco inserido num quadro, num bloco, apenas como uma célula de um organismo. Tobias, representante do século XIX, o século “intelectual e inteligente” (AMADO, 1934, p. 41), não pode morrer na memória dos alunos de Direito, porque a morte de sua memória significa a morte de uma geração: a geração de

Tobias e a de Amado, que mesmo não tendo lido o mestre da Escola do Recife na juventude, reivindica a perpetuação de uma memória, a perpetuação de formas de pensar, dizer, saber e produzir as questões sociais como problemas que merecem ser discutidos. Questões essas que, mesmo passando por transformações como bem observou Gilberto Amado, parecem, em muitos momentos, ainda ser explicadas à luz das ideias do século XIX aprendidas no Recife de início do século XX.

Amado questiona: teria a Alemanha racista, anti-judaica, totalitarista despertado paixão no mestre do Recife como em meados do século XIX? Provavelmente, as ideias de uma Alemanha racista teriam despertado menos interesse em Tobias do que em Amado, a julgar pelas ideias que defendia em seus textos. Lembremos que em texto de 1922, ao fazer um retrospecto analítico da literatura brasileira, Gilberto Amado qualifica Cruz e Sousa como um negro pretíssimo, delicado, austero de costumes, puro, casto, sem nenhum dos defeitos presentes no africano: “denguice, a doçura excessiva de animo, raiando pela passividade, a indole fácil e aberta, a sensualidade imediata e grosseira.” (AMADO, 1932, p. 86).

Amado, praticamente, esquece do viés culturalista que fez parte da construção do pensamento de Tobias Barreto, apenas destacando rapidamente, quando afirma que o mestre do Recife concebia o Direito como “produto da cultura, do aperfeiçoamento humano” (AMADO, 1934, p. 44). Gilberto Amado sobrecarrega na compreensão da cultura pelos ditames do evolucionismo por parte de Barreto, silencia que o mestre do Recife elegeu, em algumas discussões, a cultura como parte vital da criação humana. Talvez o evolucionismo estivesse ainda tão entranhado nas concepções de Amado, fazendo com que ele se aproprie apenas dessa faceta de Barreto. Assim como os demais remanescentes da Escola do Recife que não conseguiram dar continuidade ao diálogo entre Filosofia e Cultura, esta última como potência criadora da própria sociedade, proposto por Barreto, Gilberto Amado também não oferece essa face do mestre do Recife aos estudantes da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em sua conferência, pois pôr em cena tal face põe por terra as ideias que balizaram sua formação e a produção de grande parte de suas ideias sobre o Brasil.

Segundo Ivan Fontes Barbosa (2014, p. 10), a partir de um determinado momento de sua obra, Tobias Barreto passa “a perceber a cultura como construção artificializada utilizada no combate às intempéries impostas à condição humana. Emerge a possibilidade de identificação no universo das relações sociais, a chave da compreensão dessa desigualdade”. Num determinado momento de sua obra, Barreto passa a compreender o fenômeno jurídico como construção cultural humana. A concepção de um direito superior à sociedade é uma extravagância da razão humana. O homem é um ser histórico. E sendo produto cultural, o

direito oscila e varia no espaço e no tempo. A Educação, a Arte, a Ciência, a Religião e o Direito, assim como outras instituições humanas eram produtos da cultura humana.

Esse viés aberto à cultura como artefato humano permite a crítica ao determinismo e à ideia de que os fenômenos sociais poderiam ser regidos pela força implacável de leis. Nesse sentido, a crítica às teorias raciais ocorre em torno dos conceitos de sociedade e cultura. A sociedade não poderia ser encarada como organismos vivos e produzida por mecanismos involuntários inscritos institivamente nos sujeitos. Opera-se, nesse momento, a crítica à sociologia que copiava sua metodologia de conhecimento a partir dos modelos das ciências naturais. (BARBOSA, 2014, p. 11-12)

Barbosa (2014) apoiando-se em Gilberto Freyre defende que o posicionamento teórico de Tobias Barreto tem relação direta com a sua condição de mestiço que teria alcançado o sucesso intelectual. Para Freyre, com a queda do patriarcalismo e a emergência dos modos de vida modernos, o século XIX experiencia a ascensão do mestiço na figura do bacharel e do padre. A opção antirracista de Tobias é um grito de um mestiço que contrariando às teorias raciais do século XIX logrou sucesso intelectual. Contudo, Gilberto Amado insistia de restringir o sucesso de Tobias Barreto ao critério de raça.

(...) a sua feição principal se nos afigura a que mostra a intensa calidez sentimental do temperamento do mestiço brasileiro. Tobias Barreto era, como grande número dos homens de pensamento no Brasil, um mulato, producto do cruzamento do portuguez com o africano. E' de ver-se nessa figura macula pelo character indemendente do espírito, pelo feitio ousado do temperamento, pelo poder de imaginação creadora, pela finura do olhar e pela delicadeza do gosto até onde a nossa raça pode ir. (AMADO, 1932, p. 81)

O mulato e o negro, em Gilberto Amado, aparecem caracterizados pelo temperamento, o gosto delicado, nada condescendente com aquilo que as teorias raciais adjetivavam como próprio do temperamento do negro: a sensualidade, a debilidade, a fraca aptidão intelectual. Certamente, para Amado, discípulo de Silvio Romero, as características de aptidão intelectual de Tobias deviam-se à contribuição do elemento branco português, condição que salvaria o mestiço da extinção e o elevaria ao patamar de representante singular da identidade do povo brasileiro. Esta ideia não abandonaria o debate da sociologia freyriana na década de 1930, daí talvez a publicação de tais noções de Gilberto Amado em 1932.

Podemos perceber que a ciência e as teorias raciais do século XIX, mesmo enfrentando sérias críticas desde a primeira década do século XX, ainda funcionaram como dispositivos de poder-saber de interpretação e produção de uma fisionomia para o Brasil. No

caso de Amado, por mais que na velhice ele tente negar a atuação do diálogo com tais teorias como elemento formador de seu pensamento – particularmente àquelas ligados às ideias de Silvio Romero - elas persistiram durante um bom tempo na sua produção intelectual e na sua atuação política.

Gilberto Amado é, pois, fruto das várias leituras que realizou durante sua trajetória. Não existe, portanto, uma essência em Gilberto Amado que o predisponha à atividade intelectual como ele sugere em suas memórias, chegando mesmo a dizer que o gosto pelo conhecimento fazia parte de uma “tara de família”. A ciência do século XIX e seu determinismo biológico acompanham Amado até a velhice. Não é à toa que ele usa a expressão “tara de família” para descrever predominância da opção pela atividade intelectual entre os membros da família Amado. As palavras produzem sentido e dão indícios de uma determinada experiência de vida. Ao contrário do que este autor indica em suas memórias, a atuação do determinismo biológico nas suas ideias e, até mesmo, na sua percepção sobre a vida persiste. Tais ideias parecem estar entranhadas e internalizadas no corpo higiênico e disciplinado deste autor de tal modo que ele tenta até se dissipar, mas elas escapam. Tais ideias, aliás, são apontadas por várias análises historiográficas, como prenúncio do autoritarismo que marcaria o pensamento político brasileiro.

Ao não conseguir se dissipar do poder das palavras e das ideias deterministas, Amado parece se deixar domesticar pela palavra. A ideia de formação, segundo Larrosa (1996), se define em termos de apropriação, interiorização da palavra. No entanto, a apropriação nessa perspectiva, não é pensada enquanto uma recepção criativa dos livros lidos, e sim, uma domesticação. A biblioteca seria o lugar, por excelência, de domesticação da palavra. A biblioteca humanista era um lugar em que a palavra foi depositada, convertida em História, implantada na História e completamente esclarecida. A biblioteca humanista livrava, assim, os homens do perigo da palavra. Decodificava a palavra, para que esta não alçasse outros voos.

Gilberto Amado, um assíduo frequentador de bibliotecas no Recife, realiza sua dança sobre abismo, imagem escolhida pelo autor como metáfora de sua formação e atuação intelectual, com o olho de seu presente para o seu passado. Dança entre os desníveis entre esses dois tempos históricos. Mesmo que em muitos momentos, reconheça a inadequação de determinadas ideias ao seu tempo presente, tem apego por elas. Tem apego pelas palavras e ideias que construíram uma face para sua geração. Não quer deixar que elas caiam no ostracismo, pois o esquecimento de tais ideias é também o seu esquecimento e esquecimento de um Brasil conservador que o legitimava enquanto intelectual.

3 CIENTIFICISMO: PRODUÇÃO DE SI E DE UM PROJETO DE NAÇÃO

Àquele tempo, em 1905, já havia eu chegado em filosofia a conclusões interessantes? Duvido. Mas, certamente, já havia estudado para saber de fato e não para exame. Realmente eu quis, nas minhas leituras, formar ideias dos problemas, sobre os fundamentos, como constituía o universo, o que era o homem, de onde vinha e para onde ia, o que era a matéria, o espírito. (AMADO, 1958a, p. 33)

Matéria. Espírito. Universo. Fundamentos. Palavras carregadas de sentidos no início do século XX. Palavras produtoras de pretensas verdades absolutas que balizam toda uma tradição ocidental, demarcando formas de ver, sentir, classificar espaços, gestando formas de lidar consigo e com o outro e de produzir leituras sobre as questões sociais. Estas palavras fundam o que Gilberto Amado chama, em suas memórias de formação no Recife, de questões essenciais.

Em Pernambuco, apenas uma parte de Amado teria se desenvolvido, se sobreposto ao todo, usurpado o domínio, concentrado seu poder como um cavalheiro as rédeas do animal: o intelecto. Por mais que o jovem Amado tivesse que arrumar meios de aumentar a mesada insuficiente e sonhasse em dormir em cima de lençol, “e não apenas em cima de pano gretado em colchão fedorento de palha, pintalgado de percevejos”, dentre outras adversidades, seu espírito estava usurpado pelos problemas do intelecto:

Se era importante pra mim a esse tempo pensar em camisa limpa, muito mais importante era saber a posição do homem no universo, a origem deste, as leis que presidem à formação da sociedade, a situação do individuo nesta. Monismo, Dualismo, Teoria e Crítica do Conhecimento, Livre Arbítrio e Determinismo, Causa Primária, Causa Eficiente, Causas Finais, Idéia, Substância, Vontade, Incognoscível, Absoluto, Lei dos Três Estados, Classificação da Ciências, Mecanismo, Teleologia, tudo isso que são epígrafes de títulos de capítulos e expressões para o vocabulário filosófico eram naqueles abismos a transpor, viagens a empreender, labirintos a desemaranhar, domínios a conquistar. Meses imensos! Horas côncavas, cada qual mais funda, querendo conteúdo. (AMADO, 1958 a, p. 26 -27)

As chamadas questões essenciais tomavam conta de seu corpo de leitor e estudante de Direito da Faculdade do Recife. Para o autor, os estudantes brasileiros que queriam aprender deveriam ser “verdadeiros heróis do autodidatismo.” As definições sumárias ligadas às escolas e aos nomes dos autores eram superficiais e não davam conta da complexidade das ideias dos pensadores. Impressionava a Amado “no compêndio de Laurindo Leão e de Silvio

Romero e nos folhetos de vulgarização que se compravam na *Livraria Nogueira* as alusões aproximativas, as referências e os resumos dos tratados.” (AMADO, 1958a, p. 34)

Eis o discurso do autor. Discurso que, dentre outras coisas, dá indícios da relação ambígua de Gilberto Amado com seu mestre da Escola do Recife: Sílvio Romero. Vimos no capítulo anterior, como Amado ora se distancia ora se aproxima de Romero em sua interpretação das questões brasileiras.

Sugerimos também, ainda naquele capítulo, a crítica de Gilberto Amado a forma dicotômica como Sílvio Romero tratava o evolucionismo spenciariano ao contrapô-lo ao positivismo comtiano. Por outro lado, vimos a série de bajulações do jovem Amado ao mestre do Recife em suas crônicas para o *Diário de Pernambuco*, as quais indicavam não só o diálogo intelectual de Amado com Romero, como também as ligações políticas oligárquicas da família Amado no Sergipe com a aristocracia açucareira pernambucana na figura de Rosa e Silva, então proprietário do *Diário*.

Pudemos perceber também que, por mais que Amado reconheça, já em meados do século XX, que as ideias raciais que fundamentaram o pensamento de Romero, encontravam-se em vias de superação; tais ideias estão entranhadas nos discursos de Amado no que diz respeito às questões raciais e até mesmo na forma como concebe o exercício da intelectualidade, nomeando-o como sendo uma “tara de família.”

Segundo Gilberto Amado (1958a), ler Augusto Comte desde cedo possibilitou a superação dos métodos de estudo baseados em cartilhas e na vulgarização do saber. Amado teria ido a fundo ao perscrutar o pensamento dos autores, teria procurado se informar sobre o que cada época tinha produzido, “o que os gregos haviam pensado, o que a Idade Média admitira, o que o século XVIII compendiara, em que posição o nosso século estava em relação às questões essenciais.” (AMADO, 1958a, p. 33)

Este capítulo tem como finalidade problematizar o diálogo de Gilberto Amado com autores que, segundo ele, foram cruciais na sua formação intelectual na época de estudante de Direito no Recife, a saber: Auguste Comte, Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche. A discussão, no entanto, não se esgota nos autores europeus, Amado também destaca como fundamental em sua formação a leitura de *História do Brasil*, de João Ribeiro, autor que teria inaugurado a análise científica da realidade brasileira. João Ribeiro teria aplicado à realidade brasileira a investigação científicista que permitiria, segundo Amado, desvendar “a ossatura da nação e suas vértebras.” (AMADO, 1958a, p. 270). Daí a importância de trabalharmos a leitura que Amado faz desse autor. Além disso, estudar a relação entre Ribeiro e a tradição científica europeia permite-nos perseguir um dos objetivos principais desta tese que é

percorrer o caminho de produção de uma interpretação para as questões brasileiras, em Gilberto Amado, a partir do diálogo de suas leituras de formação com o presente da escrita de seus textos posteriores.

A problematização das leituras de Nietzsche se faz importante, pois sugere a possibilidade de gestação de um outro Gilberto Amado. Um suspiro e uma desterritorialização em meio a um corpo e a um intelecto soterrado pelo apego à cientificidade. Teria mesmo Gilberto Amado se “forrado de positivismo” (AMADO, 1958a, p. 113) desde a juventude? Esta adesão se deu de forma imediata, não restando dúvidas ou possibilidades de caminhos alternativos? Existiu, ao longo de sua trajetória intelectual, a possibilidade de invenção de um outro Gilberto Amado por meio de suas leituras? Um Amado, menos iluminista, menos cientificista, menos positivista, menos moralista e, quem sabe, menos conservador? Que impacto, por exemplo, a leitura de Friedrich Nietzsche exerceu no jovem sergipano? Por qual caminho Amado optou e por quê? Prossigamos nossa incursão pelos elementos formadores do pensamento deste autor.

3.1 POSITIVISMO E FORMAÇÃO INTELECTUAL DO POVO BRASILEIRO: O CAMINHO PARA O PROGRESSO

O espírito de certas épocas penetra a gente, de maneira que se aprende no ar, recebe-se a doutrina dos tempos como pelos poros, mesmo sem ter estudado, passados os olhos por livro algum. Quase todo rapaz do meu tempo em Pernambuco era agnóstico, darwinista, spencerista, monista. (...). Para simplificar, todo o mundo era positivista, (...), mas ninguém prosélito de Augusto Comte. Nenhum dos meus contemporâneos, ao que me recordo queria ser positivista de igreja, nenhum queria adorar o Grande Ser e Clotilde de Vaux. Do mesmo modo, as vinculações políticas do comtismo com o Rio Grande do Sul, suas pretensões autoritárias, espantavam o liberalismo brasileiro, bacharelesco e palrador, e aumentavam o medo da ditadura a elas inerente. Não foi êste o meu caso. Ao contrário, não me deixei atemorizar por êsses espantalhos. (AMADO, 1958a, p. 40)

Mesmo não tendo medo de se aventurar na leitura de Comte, Gilberto Amado, já orientado pelas polêmicas em torno da religião da humanidade, afirma não ter se interessado pelo Augusto Comte idólatra da mulher e dos aforismos que se tornaram famosos na propaganda do apostolado da Igreja Benjamim Constant. Interessava ao jovem Gilberto o Augusto Comte criador da sociologia, da Lei dos Três Estados, da classificação das ciências, o crítico do materialismo e do ateísmo, o apologista da Idade Média e do catolicismo. (AMADO, 1958a, p. 37)

O que interessava aquele jovem leitor era o Augusto Comte criador da Sociologia enquanto ciência que tem por objeto de estudo os fenômenos sociais, sendo estes concebidos tais quais os fenômenos naturais. Emerge assim o positivismo, de acordo com o qual, os fenômenos sociais são tratados como submetidos às leis invariáveis. A função do filósofo positivo seria descobrir tais leis. Os resultados destas pesquisas se tornam o ponto de partida do trabalho dos homens de Estado, cabendo a estes descobrir as práticas correspondentes a estes dados fundamentais a fim de evitar as crises que um movimento espontâneo determina quando não foi previsto. (MARTINS, 2006, p. 30). Em seu curso de filosofia positiva, Comte declara:

Emprego a palavra filosofia (...) no sentido que lhe dava os antigos especialmente Aristóteles, para designar o sistema geral das concepções humanas. Acrescento a denominação positiva para especificar o modo especial de filosofar que consiste em reunir teorias em qualquer gênero de idéias, tendo por objeto a coordenação dos fatos observados o que constitui o terceiro e último estágio da filosofia geral, a princípio teológica, em seguida metafísica. (Apud. SOARES, 1998, p. 43)

A concepção filosófica de Comte constrói um todo harmonioso que tem seu fundamento na Lei dos Três Estados, de acordo com a qual, cada ramo do conhecimento passa por três estágios diferentes: o estágio teológico ou fictício; o estágio metafísico ou abstrato e o estágio científico ou positivo. Nos dois primeiros estágios, o apelo à natureza íntima das coisas prevalece como forma de se alcançar o conhecimento, sendo que no primeiro – o estado teológico - o apelo se faz ao sobrenatural. No estágio metafísico, o sobrenatural é substituído pelas chamadas “forças” - químicas, físicas, vitais – como forma de explicação dos fenômenos. Já o estado positivo, de acordo com Comte, viria a coroar, o progresso científico no trato dos fatos sociais como leis invariáveis, cuja relação de causa e efeito seria crucial ao entendimento das relações sociais. Na fase positivista, a sociedade industrial um exemplar do que se tornaria a sociedade de todos os homens. A sociedade industrial seria o momento de triunfo do pensamento positivo-científico, unificador e beneficiador do espírito humano. (COMTE, 1978, p. 35-36)

O positivismo chega ao Brasil ainda no século XIX, despertando o interesse de vários intelectuais e políticos, muitos dos quais estiveram presentes no cenário da proclamação da República. O próprio lema da bandeira do Brasil: *Ordem e Progresso* é uma máxima positivista. No entanto, a aceitação do positivismo não foi unânime. A filosofia positiva disputou lugar e, até mesmo se aglutinou a várias outras tendências políticas (liberalismo,

conservadorismo, militarismo). Uma das maiores heranças do pensamento de Comte no Brasil foi a ideia de unidade e seus desdobramentos, tais como a ideia de uma nação e o sentimento único de unidade e pertencimento. (CARVALHO, 1990)

O positivismo deixa marcas no pensamento amadiano na perseguição da ideia de uma unidade nacional e na sua concepção de conhecimento. Em 1932, Amado, mais uma vez, demonstra sua preocupação com a questão da unidade nacional brasileira. Para o autor,

A realidade é que não temos política nacional. Todos os povos têm um programa nacional. Todos os povos têm uma política nacional. Todos os povos têm um conjunto de problemas gerais a resolver (...) Assim, como saber para onde vai a nossa Pátria? Dizê-lo não será tarefa para talentos, nem para gênios, nem para homens de bom senso; será trabalho para cartomantes, nigromantes, hierofantes, feiticeiros, macumbeiros, adivinhadores de todas as matizes, tão queridos aliás por certa classe e - digamos a verdade - por quase toda uma população sem instrução, acostumada a se guiar pelo mistério dos augúrios e pelas promessas obscuras da superstição, (AMADO, 1960, p. 174).

De acordo com Gilberto Amado, o Brasil não era governado nem tampouco constituído por espíritos esclarecidos como ele, capazes de dar uma explicação científica para a pergunta “para onde vai o Brasil?” Esta resposta, num país como o Brasil, ficaria a cargo de forças sobrenaturais que tinham numa população pouca instruída as bases de suas crenças. Era como se o povo e os políticos brasileiros da época estivessem posicionados, naquilo que Comte chamava de estágio teológico, no qual o sobrenatural orienta o conhecimento humano. Na concepção de Amado, os dirigentes brasileiros não haviam atingido o grau que ele atingiu de poder dar uma explicação científica para os problemas sociais e assim ter competência suficiente para assumir um cargo de Estado, como propugnava o mestre de Montpellier. Por um momento, Amado parece esquecer que foi político na chamada República Velha e que, segundo suas próprias palavras, teve uma “atuação de comparsa”, encenada na Câmara dos Deputados, comparada pelo próprio autor com um “clube agradável que se conversava de tudo e nada se fazia de fato pelo Brasil!” (AMADO, 1958b, p. 42). Teria mesmo o discípulo de Comte posto em prática seus ensinamentos? Seria Amado mais um homem de ideias do que um homem de prática, haja vista a carreira política, como já foi mencionada no capítulo anterior, ter sido mais um caminho traçado pelo pai do que pelo próprio Gilberto?

Segundo Michel Foucault, a distinção entre teoria e prática foi construída pelo saber sociológico de fins do século XIX e início do XX. Tal construção tem a ver com a sacralização da escrita e invenção do autor como figura que aglutina sobre o nome próprio

uma série de obras e ideias, fazendo com que este seja entendido apenas como autor de obras ou formulador de teorias, como se sua vida não tivesse uma relação direta com sua prática enquanto intelectual. Daí a figura do intelectual ser entendida como detentor de verdades intransponíveis. (ADORNO, 2004, p. 32-39)

Segundo Gilberto Amado, o fato dele não estar vinculado diretamente à política no ano de 1932, possibilitou a este autor uma certa independência na veiculação de suas opiniões na imprensa brasileira, não enfrentando de acordo com Amado, entrave por parte da censura varguista. Esta suposta autonomia, segundo Daniel Pécault (1990), fez parte do projeto político varguista de aglutinar à chamada “ideologia do Estado” o maior número possível de intelectuais que pensasse as chamadas questões sociais brasileiras, bem como o projeto de construção da ideia de unidade social. Essa geração não solicitou a mão protetora do Estado, ela se apresentou disposta a auxiliá-lo na construção da sociedade em bases racionais. E tomou como ponto pacífico a ideia que a atividade intelectual era uma atuação, antes de tudo, política. Nesse projeto, era importante o domínio de uma saber socialmente valorizado. A sociologia, enquanto saber cientificamente fundamentado, é o conhecimento que baliza o pensamento desses autores.

Nos anos 20, eles reivindicavam uma ciência do social: poderia tratar-se de uma artimanha para ser ouvidos pelos governantes, mas uma grande parte das elites achava-se obsedada pela crença de que essa ciência poderia fundamentar uma administração científica dos homens e da natureza. Daí o fato de que as estratégias dos intelectuais só podiam ser entendidas em relação ao papel atribuído por outros setores ao conhecimento científico do real. (PÉCAULT, 1990, p. 21)

Gilberto Amado distingue teoria e prática, característica presente não só nesse momento de sua trajetória intelectual, mas também ao longo de seu exercício na política. Amado é parte de uma geração de letrados que tendo a base de sua formação calcada no positivismo, pensava a realidade como afastada de sua prática enquanto homens de Estado, condizendo, portanto, com o pressuposto positivo de que os fenômenos sociais seriam investigados tais quais os fenômenos naturais, o que implica não só na imparcialidade da análise dos fenômenos sociais, mas também na distinção entre teoria e prática. Apesar de perseguirem o “realismo”, de investigarem sua organização, os intelectuais positivistas brasileiros tinham horror à realidade. De acordo com Pécault (1990), a necessidade de ler a chamada “realidade” brasileira a partir das teorias estrangeiras tornava a própria “realidade” invisível aos olhos desses intelectuais.

Mesmo que alguns autores (Conf, COSTA, 1953), atestem que o entusiasmo pelo Positivismo, no Brasil, entra em declínio a partir de 1891, quando a discussão das ideias positivistas passam a se circunscrever ao *Apostolado*, as bases científicas de seu pensamento deixou marcas na elite dirigente brasileira²¹. No caso de Amado, a formação em bases positivistas corresponde exatamente à carapaça do intelectual que Amado cria para si. O intelectual, na acepção positivista do termo, é aquele que é chamado a analisar a realidade anteriormente para só assim fazer uma intervenção prática na mesma. O cientista social é, justamente, aquele que analisa os fatos sociais como coisas, com os quais ele não pode se envolver para não desqualificar a objetividade científica. Podemos dizer que o positivismo oferece a Amado a desculpa necessária para ausência de atuação, ausência esta, relacionada à sua falta de aptidão para a política. A adesão ao positivismo possibilita ao autor transitar entre o sonho do pai de torná-lo político e o gozo material e intelectual de pensar as questões sociais de seu tempo apenas no âmbito das ideias, se adequando assim a toda um paradigma ocidental de valorização da especulação em detrimento da atuação propriamente dita. É como se o positivismo oferecesse a Gilberto Amado as certezas, o porto seguro que permite aliar o não desacato ao pai e o exercício de pensar o Brasil se distanciando de projetos de intervenções efetiva na realidade.

De acordo com José Athur Gianotti, “o núcleo da filosofia de Comte radica na ideia de que a sociedade só pode ser convenientemente reorganizada através de uma completa reforma intelectual do homem.” (GIANOTTI, 1978, p. 15). Nesse sentido, Comte diferia de seus mestres Saint-Simon e Fourier, os quais supunham que a organização prática da sociedade se daria via ação prática imediata. Para o mestre de Montpellier, antes da ação deveriam ser oferecidas aos homens formas de pensar de acordo com o estado das ciências do seu tempo. Mais uma vez, o pensar antecede a ação. E, nesse sentido, podemos observar o ponto alto do diálogo das ideias de Amado com a sociologia de Comte, o qual se reflete na preocupação do autor sergipano com a formação intelectual do povo brasileiro, tema recorrente nos textos de Amado, seja da juventude, seja da maturidade.

²¹ Segundo Ivan Colangelo Salomão (2016), o prestígio do positivismo sobre a elite gaúcha merece destaque. No caso do Rio Grande do Sul, a filosofia positiva exerceu influência sobre a elite que ascende ao poder central em 1930. Para o autor, medidas efetivadas pelo governo daquele estado durante a República Velha indicam a adoção das ideias positivistas na condução da coisa pública e sinalizam a existência de políticas pré-desenvolvimentistas no período. Nessas circunstâncias, merece destaque o mandato de Getúlio Vargas (1928-1930), cujo discurso acerca do “desenvolvimento” passa a habitar a retórica oficial, indicando que o emprego do termo “marcha” não era fortuito; e sim sinalizava para a ideia de que a superação do atraso seria fruto de uma “decisão organizada, implementada com determinação e disciplina.” (*apud*. FONSECA, p. 12).

Um dos principais problemas da sociedade brasileira nas primeiras décadas da República, para Amado, era a formação intelectual de seu povo, o que sugere o forte anseio deste autor por uma educação de cunho filosófico para a juventude brasileira, condição essencial para evolução da jovem nação. Em texto intitulado *Pela sciencia pura*, de 1932, Amado destaca que o Brasil, na sua concepção, é um país que não dá valor às atividades filosóficas e artísticas, conhecimentos essenciais à educação de um povo e grande antídoto para os problemas de um país que mesmo sendo predominantemente de população analfabeta, cultivava a educação técnica em detrimento da educação especulativa. (AMADO, 1932, p. 233 -234).

Em 1914, Amado publica a conferência *A Chave de Salomão*, cujo tema também é a preocupação com a formação intelectual do povo brasileiro. Nesse texto, o autor faz uma verdadeira crítica à educação técnica, ao estilo de vida moderno e americano que parecia tomar conta do mundo. Em contraposição à educação técnica, Amado defende o desenvolvimento de uma educação contemplativa e especulativa (AMADO, 1971). Neste sentido, podemos lançar uma hipótese: o projeto de construção de uma nação, para Amado, está relacionado à formação intelectual do povo brasileiro:

Há de haver muitos indivíduos iguaes, semelhantes ou parecidos com inúmeros outros que existem em outros paizes, que nasceram com outros instinctos, sentindo outros desejos, tendo aspirações differentes, querendo o que quizeram os descobridores de verdades, os reveladores de mysterios, os constructores de utopias, os creadores de mundos, os destruidores de males, os narradores de maravilhas, enfim, os sabios, os philosophos, os poetas. O Estado não tem o direito de contorcer, nos moldes duros da suas exigências, o animo livre desses indivíduos. Cumpre-lhe dar também a eles a razão de viver. O Estado Brasileiro quer que todos brasileiros sejam advogados, médicos, engenheiros, commerciantes, profissionais, enfim. (AMADO, 1932, p. 235)

Segundo José Murilo de Carvalho (2010), as ideias que chegam ao Brasil desde os primeiros anos da República foram mal absorvidas ou absorvidas de forma seletiva. Havia uma miscelânea entre liberalismo, positivismo, socialismo e anarquismo que se combinavam de maneira esdruxula na boca de políticos e intelectuais brasileiros. Certa leitura positivista da República que destacava a ideia de progresso pela ciência e, de outro, o conceito de ditadura republicana, atuou no fortalecimento de uma postura tecnocrática e autoritária. Abre-se o caminho do governo para um autoritarismo ilustrado, baseado na competência real ou presumida de técnicos. Não é à toa que os primeiros chefes do governo municipal no Rio de Janeiro foram médicos e engenheiros, como é o caso de Pereira Passos, o que contraria a

formação tradicional da elite brasileira: a jurídica. Esta, por sua vez, também possuía, no discurso de Amado, um caráter meramente instrumental, daí talvez, sua aversão à carreira escolhida pelo pai. “No Brasil tôda gente estuda, ou melhor não estuda, para ser advogado, para ser engenheiro, para ser médico. Ninguém estuda para saber, para ser feliz, para ver com os olhos mais claros o mundo.” (AMADO, 1971, p. 17).

Posteriormente, em suas “opiniões” referentes ao ano de 1932, elencadas no livro *Depois da Política* (1960), Amado, mais uma vez, destaca a sua desconfiança em torno do ensino tecnicista que estava sendo implantado no governo Vargas. Para o autor, nenhum tecnicismo poderia suplantiar a necessidade “de formar um corpo de sábios, de pensadores, de humanistas, de homens. A civilização não será captada pela máquina de um espírito que a máquina nunca poderá produzir.” (AMADO, 1960, p. 181-183). E prossegue Amado, em sua defesa de uma formação humanística em detrimento de uma formação técnica: “O tecnicismo, com a sua consequência, a tecnografia não é tudo. O homem não é só inteligência. Suas necessidades não se resolvem na ação. Seu fundo metafísico é indestrutível. A ânsia da verdade o dominará sempre.” (AMADO, 1960, p. 183).

O tecnicismo, a que se refere Amado, diz respeito ao projeto educacional idealizado pelo escolanovismo que tem como marco, no Brasil, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, liderado por Anísio Teixeira, em 1932. Partindo de estudos feitos nos Estados Unidos, sobretudo pelo filósofo John Dewey, de acordo com o qual o processo educativo deve formar os indivíduos com vistas à atuação concreta na sociedade, a Escola Nova fez oposição ao ensino humanístico, acusando-o de enciclopédico e verbalístico e propôs uma maior atenção aos processos de aprendizagem do que aos conteúdos curriculares. (GANDRA e SÍLVIA, 2005, p. 119)

A escola tecnicista idealizada pelos pioneiros da Escola Nova ia ao encontro do ideário de formação do indivíduo para o trabalho, de acordo com as características do projeto liberal de desenvolvimento industrial brasileiro. Nesta perspectiva, a escola tecnicista visava tornar os sujeitos tecnicamente eficientes para o sistema produtivo. Segundo José Ávila Gandra e Adnilson José da Silva, a implantação de uma educação tecnicista, no Brasil, foi uma iniciativa do governo Vargas. Assim, o empresariado da época teria respaldo estatal para formar os trabalhadores de acordo com a cultura empresarial. (GANDRA e SÍLVIA, 2005, p.119-120)

A valorização da racionalidade técnica ocorre em detrimento ao conhecimento das artes e das ciências no projeto educacional da Escola Nova. Conhecimentos que, segundo Gandra e Sílvia (2005), atuam na universalização do sujeito que não ficaria apenas preso às

malhas do conhecimento racional necessário ao trabalho industrial. Esta concepção também é compartilhada por Amado que temendo que os ideais de sua formação caíssem no ostracismo proclama a importância do conhecimento humanístico.

A crítica de Gilberto Amado à educação tecnicista também pode ser associada a desconfiança da “ideologia do Estado” para com os mecanismos do mercado. De um modo geral, apesar de o governo Vargas dar início ao projeto liberal de desenvolvimento do Brasil, existia por parte dos intelectuais autoritários certa desconfiança em relação aos mecanismos do mercado como meios de auto regulação social. Para Pécault (1990), tais intelectuais admitiam a emergência de interesses contrários, mas viam neles um perigo para a nação.

Desconfiança em relação ao funcionamento do capitalismo da época ou condenação por princípio da sua lógica; dúvida sobre a viabilidade do liberalismo político do Brasil ou antipatia doutrinária em relação às próprias premissas do liberalismo, temor inspirado pela multiplicação anárquica de interesses particulares ou pessimismo devido à desorganização social; eis o que levou grande parte dos intelectuais a aderir a uma “ideologia do Estado.” (PÉCAULT, 1990, p. 44-45)

Gilberto Amado é esse sujeito de saber que passa por um momento de transição entre a subjetividade erudita, própria do século XIX, e a intelectual, que passa a ser gestada a partir do século XX. É também um sujeito que experiencia os primeiros passos do processo de industrialização brasileira, mesclando a esta à tradição aristocrata.

Além disto, a experiência das guerras mundiais vivenciada no início do século XX despertou na intelectualidade da época a consciência acerca do fracasso do projeto moderno de conquista da civilização por meio do domínio da técnica, da razão e do alcance do progresso. Para Alceu Amoroso Lima, contemporâneo de Gilberto Amado, a experiência da Primeira Guerra levou os intelectuais de sua época a rever as ideias de tudo aquilo que passou a representar o que se chamou de Belle Époque.

A chamada campanha civilista ficou marcada em nosso espírito. Mas a derrota que a ela se seguiu, com a vitória do militarismo realista daquele tempo, deixou-nos profundamente decepcionados (...) O ceticismo filosófico, aliada a decepção política provocada pela derrota do civilismo, fazia-nos crer que nada existia que merecesse o nosso sacrifício, o nosso interesse (...) Não havia nada por que lutar. (Apud. MICELI, 1979, p. 56)

Em conferência intitulada *Espírito do Nosso Tempo*, publicada em formato de livro, em 1933, Gilberto Amado se dedica ao estudo do que ele denomina de corrente reacionária. A

corrente reacionária seria, para este autor, todo um movimento intelectual de reação contra o saber filosófico e científico do século XIX que estava acontecendo na Europa no momento em que se conflagrava a Segunda Guerra Mundial. A guerra teria despertado em alguns pensadores europeus toda uma crítica à ideia de progresso material e de ciência. O que caracterizava o “espírito” daquele momento, era segundo Amado (1933, p. 25), “a reacção contra a ciência e suas applicações contra o methodo experimental, contra o methodo historico, contra o seculo XIX emfim; e na ordem social (...) a reacção contra a Revolução Francesa, contra o liberalismo político econômico, suas consequencias e desenvolvimentos. Na crítica ao pensamento do século XIX, europeus como Pierre Jean Ménard, Unamuno, Tagore, etc recorrem ao que Gilberto Amado chama de misterioso pensamento oriental, segundo o qual a verdade não é objeto de pesquisa, posto que é parte do universo.

Para Gilberto Amado, a crise da razão poderia ser entendida como produto da repugnância com que o homem, dominado por séculos de antropocentrismo, sempre teve à possibilidade de se encarar como simples elo na cadeia dos fenômenos, “uma forma entre outras formas, um pedaço da substância no meio da substância eterna.” (AMADO, 1933, p. 26). O homem teria constrangimento em aceitar sua condição natural, noção aliás presente desde os naturalistas e da ciência positivista do século XIX. Segundo Amado, “a biologia antecederá sempre a sociologia e ha de ser a sua base.” (AMADO, 1933, p. 38). De acordo com o autor, a crise da razão era fruto da repugnância com que o homem tinha em se aceitar como parte da natureza, noção presente desde os primeiros filósofos que propunham a libertação dos sentidos como forma de vencer a natureza, reinvestindo a vontade humana de atributos super-rationais, como se ela fosse um conceito absoluto, um poder independente, acima do próprio homem. Desta forma, para Gilberto Amado, era compreensível que dominados, disciplinados, civilizados, policiados pela sociedade, os elementos naturais, instintivos, “de vez em quando” eclodissem, mesmo que não se possam precisar se as guerras “devam a ser consideradas como emersões dessa vasa subterrânea.” (AMADO, 1933, p. 35)

Interessante observar que mesmo que Amado identifique a supervalorização da razão pelo saber filosófico, o autor não recorre a uma crítica que supere o paradigma ocidental racional, e sim à própria filosofia naturalista e positivista que em suas raízes, segundo o autor, já propugnavam a essência natural do homem. Para o autor, desde os naturalistas e a ciência positiva do século XIX, o natural antecede o social. E o homem é parte deste processo. No entanto, a compreensão de tal ideia era algo recente na história do pensamento: “até meados do seculo passado, o homem era simplesmente alma, centro do universo. O corpo humano não

existia; era deixado completamente de lado. O de que sempre se cuidava era de salvar a ‘alma.’” (AMADO, 1933, p. 33)

Para Amado, provavelmente, o apelo à filosofia oriental como refúgio à percepção das mazelas da guerra e da crise do paradigma da razão ocidental representa um retrocesso para o conhecimento. Possivelmente, uma volta ao estado teológico de Augusto Comte. De acordo com o autor,

A reacção contra a natureza e contra a sciencia revela a fadiga, a desesperança, a ruina das gerações. Na situação presente, depois de uma grande explosão de impulsos naturaes como a da guerra, os espíritos fatigados, submetidos e aniquilados pelo abalo sofrido, (...) se agregam no plano social, aterrorizados como o rebanho depois do cataclysmo... O apelo ao exercício da vida espiritual, a esperança nos milagres da contemplação pura, isto é, a absorção pelo extase, o esquecimento pela embriaguez mystica, anseio do somno narcótico pela imagem das doçuras sonhadas, voltam como a prece depois da tempestade nas cabanas do sertão e nos oasis do deserto. A fraqueza, a debilidade desse estado moral permite então que se introduzam que se infiltrem e se insinuem pelas cicatrizes abertas as crenças mais estranhas... (AMADO, 1933, p. 53)

A própria noção de progresso, para Gilberto Amado, não era de todo condenável como sugeriam aqueles que ele denomina de “pessimistas”. Para o autor, estes pensadores haviam esquecido as consequências fecundas do progresso: a melhoria das condições de vida, o aperfeiçoamento das utilidades, as tentativas de melhor distribuição dos bens das terras, as reformas sociais, etc. De acordo com Amado, o progresso material avançou junto ao progresso moral que permitiu conquistas como a abolição da escravidão no Brasil e a melhoria da situação do trabalhador. O progresso material e moral andavam juntos, pois as aptidões intelectuais tanto eram transmitidas por obra da hereditariedade inata, como por obra da hereditariedade social, pois “quanto mais um meio social é superiormente qualificado pela aptidão da sua collectividade, mais apto elle é a crear homens distinctos e raros, factores essenciaes de todo progresso.” (AMADO, 1933, p. 29)

A preocupação de Gilberto Amado quanto à formação intelectual do povo brasileiro está atrelada, portanto, à formação de uma elite letrada capaz de levar o Brasil ao progresso material e moral. A libertação dos escravos e as conquistas dos trabalhadores não são frutos da luta de homens e mulheres explorados, e sim do progresso moral que está atrelado ao progresso material. A lógica seria: quanto mais materialmente evoluída uma sociedade, mais se poderia investir na formação de homens iluminados que agiriam em prol do amadurecimento moral e das conquistas sociais.

De acordo com Pécault (1990), intelectuais, como Gilberto Amado, demonstravam uma forte preocupação com a formação intelectual do povo brasileiro, mas advogam, sobretudo, em causa própria. Em Gilberto Amado, temos o substrato do pensamento autoritário brasileiro que retira das massas qualquer capacidade de ação. Os intelectuais de viés autoritário, apesar de suas discordâncias, convergem na reivindicação de um status de uma elite dirigente. Não existiria outro caminho para o progresso que não fosse o “de cima”.

De onde viria então a concepção de história capaz de conferir a Amado uma análise científica da gênese e evolução da realidade brasileira, essencial ao corpo de ilustrados aptos a reger o Brasil no processo de conquista do ideal de nação? Partiremos, pois, para as suas leituras de história.

3.2 JOÃO RIBEIRO: HISTÓRIA E CIÊNCIA

História do Brasil, de João Ribeiro, publicada em 1900, só nesse anos de 1907 chegaria a Pernambuco. Dela não tinha jamais ouvido falar. Peguei o livro na Livraria Ramiro Costa, por acaso. Fui avançando, de página em página, por estradas insuspeitadas. De revelação em revelação, caíam diante de mim cortinas e cortinas. João Ribeiro mostrou-me como nascera o Brasil, quem o fizera, o que era o meu país. Esse livro de ciência, o mais sério no gênero então produzido em nossa terra, sem comparação com nenhum outro, tornou-se nas minhas mãos uma chave com que abri portas fechadas. Hoje é difícil calcular o efeito produzido no espírito de um jovem como eu, que acabara de ler Augusto Comte e Spencer, por esse livro brasileiro em que nenhuma linha soava inútil ou ôca. Relativamente às leis da evolução histórica e social, de que havia tomado conhecimento naqueles sociólogos, nada encontrara eu em livros brasileiros. (AMADO, 1958 a, p. 188)

História do Brasil, de João Ribeiro, seria, para o sergipano, o maior exemplo de uma apropriação bem sucedida das análises científicas sobre a história e realidade brasileira. Para Amado, João Ribeiro inaugura a verdadeira forma de se fazer História no Brasil: isto é, uma História experimental, específica do Brasil, muito diferente daquela feita por Rui Barbosa que, em seu discurso, intitulado Partido Conservador, insiste em analisar o que ele chama de realidade brasileira comparando-a com a realidade europeia.

Evocar uma civilização embebida nas fontes antigas, estabelecida na prática da vida municipal à beira de estradas feitas pelos romanos num território entrecortado de rios inesgotáveis, evocar a França universitária e discutidora de Sorbonne, de mil colégios especializados, e os seus dramas complexos, a propósito dos problemas do Brasil, nascido ontem, despovoado, analfabeto, escravo e pobre era pra mim o supra-sumo do inexplicável. Quando deixa a França e a Grécia, volta-se Rui para a Inglaterra, cuja apologia fez sem interrupção no curso da sua existência com uma sinceridade e inocência de

estudantes de primeiras letras de história política, isto é, como se a Inglaterra e os sistemas ingleses fossem obra da perfeição humana e da superioridade moral, e não meios, instrumentos e processos de que se serviam população e governos da ilha para a obtenção de vantagens para a Inglaterra e o povo inglês (AMADO, 1958a, p. 189-192).

Segundo Roberto Cândido da Silva (2008), com Ribeiro a História passa a ser entendida como processo de desenvolvimento social que abrange todas as formas de desenvolvimento cultural. Segundo o autor, a partir de Ribeiro a história deixa de ser a história dos governantes e passa a ser a “história natural do povo brasileiro”.

Para Amado, antes de Ribeiro, História era sinônimo de comemoração cívica, de apologia de heróis. Mesmo em Joaquim Nabuco (*Um estadista do império*) não passava de comentários dos grandes feitos políticos. João Ribeiro “foi o primeiro a vincular a nossa formação às causas gerais originárias da expansão do comércio internacional de que as navegações e descobertas foram o efeito”. (AMADO, 1958 a, p. 192). João Ribeiro tratou a história do Brasil como algo específico e não mais uma entidade igual em meio à coletividade.

Para os homens mais influentes de seu tempo, estas se modelariam sempre pelo mesmo padrão em vez de condicionar-se por vicissitudes de meio e estádios históricos. Para a história oficial em voga no Brasil antes de João Ribeiro, os portugueses haviam investido o mar tenebroso a fim de levar a cruz e as quinas aos povos bárbaros; para civilizá-los. Dizer, no ano de 1900, que foram em busca de ouro e de negros a escravizar era audácia grande do professor de Sergipe, que podia às vezes não escrever certo, mas que, para compor o seu compêndio, estudou como se deve escrever História do Brasil – leu Martius (AMADO, 1958, p. 189-192)

De acordo com Silva (2008), na introdução da primeira edição do seu livro *História do Brasil* (1900), Ribeiro afirma que quando se propôs a escrever a história nacional pensou em retomar a antiga tradição dos cronistas e primeiros historiadores que nomeavam suas histórias como *Notícia ou Tratado do Brasil* (SILVA, 2008, p 83). Segundo o autor, Ribeiro, com esta proposta, demonstrava certo descontentamento em relação à história escrita no Brasil. Uma história focada nos movimentos internos da administração, da represália e da ambição estrangeira. Uma história parecida com aquelas observadas por Amado nas conversas de senadores e deputados que visitavam o *Diário*:

tudo se passava idêntico apenas mais miúdo ao que Nabuco transpôs para as páginas de *Um Estadista do Império*... candidaturas, organização de chapas, questões apenas exteriores, senão alheias às necessidades da formação de um país que deveria ser governado cientificamente e incorporado pela atividade

de seu povo ao dinamismo do século. (AMADO, 1958, p. 192)

Segundo Ribeiro, a História do Brasil não poderia se resumir aos seus aspectos internos. A gênese do Brasil deveria ser buscada na história portuguesa. Tal concepção, segundo Silva, é um tipo de história que não escapa de uma teleologia, na qual os eventos são compreendidos como que destinados a priori a resultar na formação do Brasil (SILVA, 2008, p. 85).

Duas ideias fundamentais seriam o cerne da história de João Ribeiro de acordo com Silva (2008): ela é moldada pelo presente e é também uma história episódica, ou seja, é apenas uma página da história europeia. Ribeiro tem uma concepção presentista da História, na medida em que o historiador concebe o passado como uma construção que enxerga o presente como formulador de questões e, portanto, produtor do passado. A História seria feita “do” e “pelo” tempo, por isso não é matéria acabada, e sim uma “contínua substituição de ideias e fatos” (SILVA, 2008, p. 125).

O presente quem governa o passado e é quem fabrica e compõe nos arquivos a genealogia que lhe convém. A verdade, corrente hoje, sabe buscar, onde os há verossímeis, os seus fantasmas prediletos de antanho. Hoje elevamos estátuas a Tiradentes, porque o nosso ideal de agora determinou esse culto. A fuga de D. João VI como se lia os compêndios. Também os revolucionários de 89 ergueram um culto aos Brutos vingadores de Lucrecia. E assim, o presente modela e esculpe o seu passado levanta dos túmulos os seus heróis e constrói com suas vaidades ou a sua filosofia a hipótese do mundo antigo. A imparcialidade pode ser imoral: nós temos a obrigação de justificar o presente, de fundar a ética da atualidade. O contrário seria o suicídio de nossas aquisições (Apud. SILVA, 2008, p. 125).

O trecho acima é parte do discurso de posse do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1915. Temos que concordar com Amado que tais ideias eram, de certa forma, avançadas para uma época em que os historiadores promulgavam a imparcialidade como forma de se alcançar a verdade dos fatos. Ao reconhecer que a História é produto de questões que emergem no presente, João Ribeiro se mostra atento ao ofício do historiador e ao compromisso deste profissional na construção de uma história para seu país. Contudo, segundo Ângela de Castro Gomes, esta perspectiva não significa que Ribeiro abandone a ideia de “verdade”, mas que ele reconhece o seu papel enquanto historiador que, envolvido nos debates de construção de uma nacionalidade para o Brasil, se empenha em constituir uma identidade para o seu país, destacando a singularidade de sua história (GOMES, 1996, p. 109).

Amado, ao enfatizar a leitura de João Ribeiro como algo que descortinava a verdadeira história do Brasil, participa desta perseguição pela verdade, que segundo Gomes (1996) estava presente na história de Ribeiro. Destacar um autor que está envolvido nos debates sobre a construção da nacionalidade do país sugere também o desejo de Amado em se representar como um intelectual, que desde os seus tempos de estudante no Recife, era um sujeito de saber preocupado com a construção de uma nacionalidade para o país, prerrogativa crucial para a formação do político e intelectual que o sergipano viria ser. Evocar João Ribeiro também indica a busca por uma nacionalidade calcada numa história específica para o Brasil. Assim, a temática da nacionalidade, nos textos de Amado, também é uma narrativa que ganha um caráter essencialista como se tal preocupação sempre fizesse parte das preocupações de Gilberto Amado.

De João Ribeiro fui às fontes por êle citadas. Naturalmente cheguei, nos anos que se seguiram, a resultados que lhe escaparam e dei desenvolvimento, que não estava, aliás, na linha de seu plano, ao estudo das relações entre o meio social, as instituições políticas no Brasil, e ao papel da escravidão na estabilidade do Império. (AMADO, 1958 a, p. 191)

Nesse percurso de se voltar ao que Amado chama de “esqueleto demográfico do Brasil seu revestimento constitucional, das ligações da ossatura da nação e suas vértebras com o seu parênquima institucional”, a sociologia, juntamente com Ribeiro, aparece como balizadora dos textos de Amado: “(...) minhas intensivas leituras precoces da política de Augusto Comte concomitante com as dos ingleses (sic) Spencer e Stuart Mill, logo seguidas pelo contacto com a obra de Durkheim e de Karl Marx” (AMADO, 1958a, p. 270).

A *História do Brasil* também é evocada, na memorialística de Amado, como elemento que o distinguia da maioria dos estudantes de Direito de sua época. Para estes, segundo Amado, a história se restringia às modalidades do que ele chama de cultura popular (“florões, barrocos, azulejos e outros reflexos históricos da formação estética do país”) (AMADO, 1958a, p. 269). A verdadeira concepção de história, de acordo com o autor, parece passar despercebida pelos demais estudantes de Direito e só presente em Amado pelo seu esforço autodidático. Dentre os seus demais colegas de direito, Amado, em seu discurso, é aquele que é portador de leituras científicas e, portanto, de uma verdade científica para o Brasil. Enquanto, para seus demais colegas, história era sinônimo do que autor chama de cultura popular, que para Amado, seria relegar a história à categoria de um saber menor, ele, Gilberto Amado, munido de suas leituras de bases científicas vê a história como um saber científico por excelência, portadora da verdade dos fatos. Somente a história científica deveria balizar o

conhecimento do corpo de ilustrados capazes de produzir conhecimentos eficazes para a análise da realidade brasileira.

Contudo, o trabalho com uma trajetória intelectual demanda a problematização das supostas leituras e posicionamentos do autor na juventude, pois como aponta Pallares Burke (2005), tão importante quanto os textos produzidos pelo autor em sua maturidade, são também as imagens que foram construídas pelo autor e seu pares em seus escritos de juventude. Passemos agora a discussão sobre tais produções, destacando os embates travados pelo autor na imprensa pernambucana no início do século XX.

3.3 IMPRENSA E CONFLITOS: O NÃO DITO NA MEMORIALÍSTICA DE GILBERTO AMADO

“Por me ter forrado de positivismo é que acaso escapei à ‘crise’ a que outros contemporâneos não puderam escapar”. (AMADO, 1958a, p. 113). A crise a que Gilberto Amado se refere diz respeito à leitura de Friedrich Nietzsche, segundo o autor, “tônico vivificante do espírito, droga poderosa que aguça a vista, faz ouvir mais quebra os limites da vida neutra e nos transporta a um plano que o impossível se torna possível. (AMADO, 1958, p. 113).

O jovem Amado teria comprado os livros que vieram. O conhecimento teria ganhado um novo olhar “um banho diferente que depurou muita coisa e fez ressaltarem outras.” A Grécia deixou de sorrir num equilíbrio de linhas harmoniosas, sendo bem diferente da civilização que os manuais helenizantes haviam mostrado. O bem e o mal passam a ser vistos numa nova perspectiva no quadro dos valores humanos (AMADO 1958a, p. 108).

Os jornais do Recife, à época, testemunharam o impacto que Nietzsche exerceu sobre a geração de Gilberto Amado. Em artigo para o *Correio do Recife*, de 20 de junho de 1907, um autor de pseudônimo Chilon constata e crítica ferozmente o fascínio que o filósofo alemão exerceu sobre os rapazes de sua época:

Nietzsche formou em seu torno uma multidão de admiradores que são realmente interpretes dos desvarios do philosopho. (...) Estas almas que vibram ao contacto de suas ideias, procurando vêr através da nebulosa irreductivel formada pelos conceitos de Nietzsche, verdades de grande alcance, são casos para um demorado estudo de psychiatria.²²

²² Correio do Recife, Pernambuco, 20 de junho de 1907, p. 1.

Chilon evoca Max Nordau para chamar Nietzsche e seus adeptos, em especial Amado, de loucos e histéricos. A partir de então trava um intenso debate com o jovem Gilberto, marcado por troca de acusações e até mesmo de insultos bizarros. Gilberto Amado chega a chamar Chilon, cujo nome era Jeronymo Rangel Moreira de “Jeronymo das Orelhas.”²³ O debate travado pelos dois autores é carregado por uma discussão densa que indicam as preocupações conceituais da época. Temas como estabilidade social, histeria, degenerescência, moral, anarquismo, individualismo. Nietzsche chega a ser categorizado como individualista. O conceito de super-homem seria, segundo Chilon, a negação completa das leis sociais, “é o ser humano isolado do círculo do seu egoísmo, sem a compreensão da sociedade que será banida sem a necessidade de lei que serão apenas as que lhe regem o funcionamento exclusivo do seu eu”.²⁴ Os autores seguem em discussões ardorosas, nas quais se acusam de plágios e de leitores superficiais, “provenientes de catálogos bem organizados.”²⁵ Os conceitos se misturam e a filosofia de Nietzsche é, de fato, pouco debatida por Amado e Jerônimo Rangel. Os autores acabam restringindo o filósofo alemão a categorizações que pouco tem a ver com seu pensamento: anarquismo, individualismo, niilismo.

A discussão entre Gilberto Amado e o *Correio do Recife* não se esgotaria em 1907. Em matéria de primeira página do jornal em 3 de agosto de 1908, intitulada *O filante Gilberto Amado. Um artigo sobre Vianna da Motta filado pelo Gilberto Amado do Diário de Pernambuco*, o *Correio do Recife* acusa Amado de plágio. Amado teria copiado trechos de um texto de Jaime Batalha Reis sobre a música de Vianna da Motta que foi publicado no *Diário de Notícias de Lisboa* e no *Diário de São Paulo* em 5 de julho de 1908. São apontados no artigo trechos que jovem Amado teria copiado do autor português:

Disse o Gilberto Amado:

Aos motivos técnicos juntam-se os motivos de interpretação e, nas narrações musicais é importante o verdadeiro valor descritivo de cada incidente.

Está realmente bem feito o período, mas o de Jayme Batalha Reis é perfeitamente igual. Publicou Jayme Batalha Reis:

Aos porquês técnicos acresceu, desde então, a consideração dos “porquês” de interpretação e, nas narrações, musicais cada incidente adquiriu o seu verdadeiro valor descritivo.²⁶

²³ Diário de Pernambuco- Recife, 23 de junho de 1907, p. 1

²⁴ Correio do Recife, Pernambuco, 23 de junho de 1907, p.1.

²⁵ Correio do Recife, Pernambuco, 21 de junho de 1907, p. 1.

²⁶ Correio do Recife, Pernambuco, 3 de agosto de 1908, p. 1.

A acusação a Amado perdura por três dias em matéria de destaque na primeira página do jornal. Amado é acusado de gatuno, filante, degenerado. A matéria de 4 de agosto, de 1908 chega a mencionar o sucesso da tiragem do dia anterior: “de toda tiragem ficamos apenas com cinco números da coleção.”²⁷ E repete os trechos copiados por Amado. Segundo a matéria, nas ruas do Recife, o sucesso do artigo do *Correio* era total:

Nos bondes, nos cafés, nas esquinas e até nas casas de distintas famílias foi assumpto obrigado das conversas o artigo formidável do CORREIO DO RECIFE.

O nome do gatuno andava de bôca entre os risos de chacotas de uns e as palavras de conhecimento de outros (...)

No “Ruy”, a rapazeada entre gaitados valentes, commentava o facto, dando um tom delicioso da pandenga.

Alguns moços festejavam o acontecimento á cerveja.²⁸

O escárnio a que o *Correio do Recife* submete Amado deve-se, dentre outras razões, ao fato de que Amado se arvorar como mentor das letras, filósofo, poeta, crítico musical, jornalista “e o mais que sua arrogância empavezada concebe”. Segundo a matéria, Amado se apresentava como um espírito raríssimo.

E assim Gilberto Amado prega filosofia, faz estudos sociaes, critica livros e autores, analisa versos e publica estudos musicaes sobre a personalidade de artistas de reputação universal.

O Diário já disse que o Gilberto era uma das maiores celebrações da atual geração acadêmica e com isso augmentou no cerebro do seu redactor a quantidade de arrogância com que elle se apresenta ao público, quer vestindo o seu bem talhado paliot a Ganyinedes quer publicando os seus suporiferos artigos á La Palise.²⁹

Em 6 de agosto de 1908, o ataque a Gilberto Amado continua. Iniciando o texto de primeira página uma chacota em versos de Sylvio Murat:

Oh! Profundo Gilberto! Oh glória de Sergipe! Como foi tudo aquilo? Onde foi que encontraste
o artigo que tu lestes, o artigo que furtaste
como no hotel se furta o melhor acepipe?

Vamos eu brindo a ti! Hurrah! Hip! Hip! Hip! Hip!
E viva teu talento agora que mostraste!
Podes certificar de que os louros ganhaste
Como um cavalo bom que de que vae de equipe a equipe!

²⁷ Correio do Recife, Pernambuco, 4 de agosto de 1908, p. 1

²⁸ Idem, p. 1.

²⁹ Correio do Recife, Pernambuco, 3 de agosto de 1908, p. 1

Mas não faça assim teu cerebro se esgota,
Toma o meu parecer, Gilberto, e toma nota:
é bom não trabalhar assim como trabalhas

Depois és obrigado a novos roubalheiros
Idéas mil furtando e furtando os inteiros
Phrases de Jayme Reis, dos Reis e das batalhas³⁰.

Não seria a primeira vez que Amado seria massacrado pelos jornais nem apontando como degenerado. Como já foi dito em outra oportunidade, acerca de sua vivência no Rio de Janeiro: Gilberto Amado repudiava grande parte dos escritores daquele início de século e exibia opiniões que eram intoleráveis a muitos. (CAVALCANTE, 2009). O próprio autor constata o que ele chama de falta de *savoir-faire*.

Minha falta de *savoir-faire* era total. Dei rata sôbre rata. Incapaz de negociar meu julgamento na Bôlsa do elogio mútuo magoei a quem não queria magoar. Caminhava no plano do absoluto, exagerado e cego, não via os perigos a que me expunha, os despenhadeiros que me debruçava. Na minha falta absoluta de cabotismo – não me sentia bem com a comédia que muitos dos literatos representavam, chamando-se ‘irmãos’, beijando-se na face, abraçando-se entre lágrimas (AMADO, 1956, p. 49).

Sobre o caso do plágio em Recife, Amado dedica um pequeno espaço após a sua crônica de 4 de agosto de 1908 para o *Diário de Pernambuco*, afirmando que não leu Batalha Reis e “não sendo músico tinha que ler algo em alguma parte”. Segundo o autor, as noções que escreveu eram patrimônio universal. Amado também contra-ataca os redatores do *Correio*, chamando-os de animais que, na semana anterior, repetiram um artigo de sua autoria.

Quarenta e sete anos depois, Amado volta aos arquivos do *Diário de Pernambuco* para escrever *Minha Formação no Recife*. Confessa experimentar “sentimentos diversos, ora de vergonha, ora encabulamento, ora de surpresa em presença de achados, anotações, reflexões e felicidades de expressão.” (AMADO, 1958a, p. 144). E afirma: “Ninguém foi mais do que eu em Pernambuco nesse tempo.” (Idem, p. 152)

Como se vê, o pedantismo não abandonou Gilberto Amado. O autor se constrói, em sua narrativa, enquanto personificação do que seria um espírito ilustrado necessário a nação brasileira. Um sujeito de saber que fala em primeira pessoa advogando o imperativo da razão e da verdade. Obviamente, a chacota de que foi alvo no Recife é silenciada em seus escritos

³⁰ Correio do Recife, Pernambuco, 6 de agosto de 1908, p. 1

memorialísticos. Amado recorta imagens, discursos, palavras. Veste sua máscara de intelectual dotado de razão e idealiza um projeto em que o Brasil tenha a sua cara.

A memorialística de Amado é uma reivindicação de si, uma luta contra os diversos ataques que sofreu, contra o seu ostracismo, em favor de fundamentos racionalistas que o autor não quer ver se esvaír no tempo, uma vez que o desaparecimento de tais fundamentos seria também um desaparecimento de si. É uma luta arrogante assim como é a razão que o fundamenta. Luta em que suas armas são as palavras. Logo elas que não possuem essência alguma. Logo elas que podem se transfigurar, sofrem, a todo momento, sob os punhos de Amado a pressão para se calcificar e calcificar a “ossatura da nação e suas vértebras.” (AMADO, 1958 a, p. 270)

Discussões, como as de Amado e os redatores do *Correio do Recife*, eram constantes na imprensa pernambucana. A preocupação da imprensa, nessa época, não se restringia à informação pura e simplesmente, mas tendia à interpretação do fato, algo inclusive reivindicado pelo mestre da Escola do Recife, Tobias Barreto, para o qual o jornal teria como função a “evangelização da verdade”: “Fora bom que o aparecimento de um jornal sempre tivesse por fim a evangelização de uma ideia... uma ideia! – é muito vago - digamos antes, a evangelização de uma verdade.” (Apud. ATAÍDE e SÁ, 2015, p. 12)

As ideias divulgadas nos jornais não constituíam uma atividade secundária na trajetória intelectual dos mestres da Escola do Recife. Os periódicos funcionaram como fonte fundamental de defesa da visão de mundo daqueles homens. Os bacharéis tinham o papel de divulgar as ciências sociais e de atuar como formadores de opiniões. Segundo Gilberto Amado (1958a, p. 143), os alunos das Faculdade de Direito do Recife seguiam essa lógica, “aspiravam a fama de filósofos, continuadores de Tobias Barreto.”

Além disso, segundo Roberto Ventura (1991, p. 144), a polêmica nos jornais era uma constante no Brasil desde o século XIX. Os intelectuais se digladiavam por meio de críticas e questionamentos acerca das origens das raças, o conhecimento de línguas estrangeiras, minúcias gramaticais até desembocarem em críticas de caráter personalista. “Das ameaças e xingamentos, os adversários chegavam a processos de difamação nos tribunais e mesmo ao suicídio, recurso extremo em defesa da honra ultrajada.” De acordo com Ramos (2011, p. 333), a polêmica está na própria raiz do pensamento iluminista. Era prerrogativa do métier intelectual, “criadora e criatura da escrita.”

O escárnio a que Amado foi submetido pelo *Correio do Recife* também pode ser interpretado como uma tentativa de apuração de uma verdade sobre Amado. A imprensa, nessa perspectiva, também estava imbuída do objetivo de se desvendar e apurar verdades. No

entanto, mesmo que os intelectuais estivessem envolvidos nos debates sobre as verdades científicas acerca dos fatos abordados, permeava ainda na imprensa brasileira certa preocupação com as questões de honra e valentia, a coragem. Esse código de honra se sobressaía no Brasil devido à relativa inoperância dos aparelhos de polícia e de justiça.

O debate na imprensa pernambucana dá indícios de uma efervescente discussão de ideias nos jornais do Recife de início do século XX, algumas dessas ideias acabaram sendo deturpadas à luz do debate científico, como vimos com as categorizações que a filosofia de Nietzsche foi submetida, sendo denominada de individualista, anarquista, niilista. As grades conceituais a que estavam agarrados esses autores, presos ao cientificismo, não permitiram que autores como Gilberto Amado explorassem outras leituras possíveis, como é o caso da filosofia nietzschiana. Tais ideias parecem não encontrarem espaços em mentes e corpos forrados de positivismo. Prossigamos nosso percurso sobre o itinerário de formação de Gilberto Amado e continuamos com nossa pergunta: existiu na trajetória intelectual de Gilberto Amado a possibilidade de gestação de um outro Gilberto Amado? Passamos agora às suas leituras de Kant e Nietzsche.

3.4 KANT E NIETZSCHE: DISCURSOS DE MORAL E FORMAÇÃO

As primeiras quatro ou cinco semanas que Gilberto Amado vive numa pensão na Caxangá, após mudança da pousada da Rua das Cruzes, merecem destaque na memorialística do autor. Caxangá teria ficado na paisagem interior de Amado com um encanto especial. Teria se conservado tal qual um “quadro para o qual se volta sempre o olhar. E é interessante: nele não aparece quase figuras humanas. Só formas, cores, frescuras e a permanência grata das sensações percebidas.” (AMADO, 1958 a, p. 158-159)

Afora a figura da dona da pensão, uma dinamarquesa grandalhona, vermelhona, de cabelos cinzentos, ficara em Gilberto como um mundo de sensações: o banho no Capibaribe, espantando piabas e peixinhos que se acumulavam em águas transparentes, a grama, a zoadá de grilo e de água correndo e as estrelas profusas do céu de Pernambuco e que de tão próximas pareciam querer também cair na água do Capibaribe. (AMADO, 1958a, p. 160)

As estrelas do céu de Pernambuco faziam Amado lembrar da célebre frase de Immanuel Kant: “Há duas coisas que me deslumbram na vida: - o céu estrelado sôbre a minha cabeça e a lei moral dentro de mim.” (Apud. AMADO, 1958a, p. 161) Ao observar, às margens do Capibaribe, que os mosquitos serviam de alimento para as piabas, estas serviam

de alimento para outros peixes e assim sucessivamente, o jovem Amado questionava a existência de uma moral dentro de si como postulava o filósofo de Königsberg e a ideia de uma ordem de criação isolada, diferente, separada da criação de tudo.

O problema do bem e do mal e em consequência o da existência de um poder supremo, generoso e benfazejo, se me impôs ao espírito de maneira terrível. Por que os mosquitos tinha que sacrificar-se às piabas, as piabas aos peixinhos maiores do que elas, estes a outros peixes, e assim por diante? Então me alargava à consideração da luta das espécies em geral. (...). A dificuldade da conciliação da ordem natural com a ideia de Deus tomou vulto extraordinário dentro de mim. (AMADO, 1958 a, p. 164)

Segundo Amado (1958a), sua ignorância, à época, ainda era muito grande. Porém, provavelmente a filosofia de Kant trouxe algum alívio para o espírito do jovem Amado, tendo em vista que o kantismo, de certa forma, faz a fusão entre razão e moral, noções que fazem parte do discurso de formação de Gilberto Amado.

Historicamente, Kant pertence à tradição iluminista. De um modo geral, o Iluminismo afirma a confiança na razão como prerrogativa para o alcance do progresso material e espiritual. Contudo, para Foucault (1994), Kant ultrapassa essa concepção do Iluminismo, quando questiona a atualidade do conhecimento filosófico, fazendo da Filosofia um discurso da Modernidade e sobre a Modernidade. O texto de Kant *Aufklärung*³¹ é o ponto de emergência da modernidade como questão e faz parte de um processo histórico amplo para o estudo do século XVIII, quando o Iluminismo nomeia-se a si como movimento que inaugura o Século das Luzes, situando-se em relação ao seu passado e ao o seu futuro.

A *Aufklärung* é uma época, uma época que formula ela mesma seu lema, seu preceito e que diz o que se tem de fazer, tanto em relação à história geral do pensamento, quanto em relação a seu presente e às formas de conhecimento, de saber, de ignorância e de ilusão nas quais ela sabe reconhecer sua situação histórica (FOUCAULT, 1994, p. 5)

Assim, de acordo com Foucault, o Iluminismo é um acontecimento discursivo que inaugura a modernidade europeia como processo permanente que se manifesta na história da

³¹ Foucault se refere ao texto *Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento*, de Immanuel Kant, escrito em 1783. Para Kant, *Aufklärung* (Esclarecimento) seria uma saída para o estado de maioridade do homem, a saída do homem de sua menoridade. Por menoridade entende-se a incapacidade do homem de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem só sairia do seu estado de menoridade se operasse uma mudança em si mesmo. Essa mudança, porém, não diz respeito a uma total ruptura com uma autoridade estabelecida, e sim à capacidade de obedecer a uma determinada ordem e, mesmo assim, raciocinar sobre sua atuação. Kant indica alguns exemplos deste processo que significa a maioridade: o cidadão que deve pagar seus impostos, mas raciocinar tanto quanto se queira sobre a justiça desta obrigação. *Aufklärung* também pode ser entendido como a designação alemã para Iluminismo.

razão, no desenvolvimento e instituição de formas de racionalidade e técnica e autoridade do saber. Não é meramente uma etapa na história das ideias. É uma questão filosófica que, desde o século XIX, guia, praticamente, toda Filosofia ocidental, fundando normas, formas, classificando conhecimentos, corpos, espaços e a ideia moderna de moral. Esta última tem em Kant um de seus principais formuladores.

Para Kant, a moral é inata ao homem e é o que nos distingue dos animais, estes escravos dos instintos e, portanto, incapazes de ser livres. A lei moral é fruto da razão prática que todo homem carrega dentro de si, possibilitando a escolha entre o bem e o mal. De acordo com Kant, não possuímos liberdade quando somos governados por nossos sentidos, e sim quando seguimos uma lei universal liderada pelo princípio da razão prática. A razão prática diz a cada um o que é certo e errado no campo da moral, por isso Kant a elege com imperativo categórico, isto é, universal, válida para todas pessoas, sociedades e todos os tempos.

Nietzsche, em sua crítica à moral kantiana, constata que o problema de tal noção está no fato desta ser concebida como um dado. Todo discurso da moral tem como base uma época e uma cultura. Kant ao buscar pensar a ideia de uma moral desinteressada, na verdade, camufla as bases cristãs e racionalistas que fundamentam a noção de moral como imperativo categórico.

A moral termina por aprisionar os homens num tempo que não existe e lhes exige uma abnegação compatível apenas com a de anjos, cuja assepsia é capaz de desdenhar das nossas paixões mais vis. É o caso da moral kantiana. As exigências feitas por Kant para que uma moral fosse inscrita num patamar de universalidade, e portanto fosse legítima, coincidem, para Nietzsche, com os preceitos de uma religião que guarda uma prévia compreensão da natureza do homem e tenta, com um controle total das paixões, homogeneizar os homens. A individualidade é diluída no meio do rebanho. (OLIVEIRA, 2010, p. 173)

Assim, a moral de rebanho funciona como uma espécie de entorpecente. Camufla os instintos para que todos possam viver harmonicamente, ainda que haja sempre um grupo que invariavelmente domine o outro. Como vimos no capítulo anterior, predomina, nos textos de Amado, a busca por uma disciplinarização dos instintos. Tais prerrogativas fazem parte do discurso de formação, calcado no iluminismo, que é em grande medida, uma narrativa de contenção do que é considerado exótico, selvagem, animal.

Em seus relatos, Amado diz ignorar o que chamava de “boçalidade sexual” de seus colegas de república, preferia cultivar a “virilidade espiritual”. “A mulata provocava-me, usava de todos os meios de atração. Defendi-me, não a deixei sequer aproximar-me. Tinha

medo até do hálito distante (AMADO, 1958a, p. 21).

Em sua memorialística, Amado parece seguir a cartilha de Kant, para o qual a finalidade da educação era formar o novo homem como sujeito moral, ícone por excelência da perfeição da humanidade. Seguindo a tradição iluminista, a educação seria esse processo de adestramento dos instintos por etapas. Num primeiro momento, a criança necessita apenas de cuidados físicos. Na segunda etapa, a disciplina ajuda a controlar as paixões e os instintos. A disciplina afasta as paixões e prepara o terreno para a cultura e para a moralidade. A terceira etapa seria o período da instrução, para a qual é necessária a razão. A instrução seria o fundamento de um sociedade civil justa. (CASAGRANDE, 2012)

Para Nietzsche (1999), a existência no mundo só se justifica como fenômeno estético. É a arte e não a moral que se apresenta como atividade propriamente metafísica. Segundo Fernanda Belo Contijo (2006, p. 1), “a arte é uma atividade metafísica, pois ela se aproxima da realidade a partir de uma ‘não realidade’, isto é, por meio de uma ‘mímeses (imitação) daquela.” Um obra de arte é capaz de tecer uma verdade sobre um objeto, mesmo que não seja ele, produzindo assim, uma representação do mesmo. A arte inverte os valores de verdade e mentira. Fala da verdade sendo uma mentira.

A metamorfose artística é possível, segundo o filósofo alemão, pelo que há na arte de dionisíaco, seus elementos que expressam desmedida, exaltação, autenticidade, dor, sofrimento, sexo, música. Elementos que complementam e extrapolam as formas apolíneas, ligadas às noções de exatidão, harmonia, prudência, ilusão, razão. A modernidade, de acordo com Nietzsche, seria uma época carregada de formas apolíneas, adestradas pela razão, cujo um dos expoentes máximos seriam as artes plásticas.

Em *Espírito de Nosso Tempo* (1933, p. 42), Gilberto Amado faz considerações sobre a arte. Para este autor, a arte é libertação

é tudo que liberta o homem, mas que o liberta da idéia moral, reconduzindo-o á natureza. A arte é uma reivindicação desta sobre àquella. Allarga a esphera em que age e vive o homem, abrindo-lhe sobre a atmospheria que o envolve aquella outra atmospheria pura a que ele vive preso pela mil capillaridades e a antenas de seu temperamento animal e as sua realidade physica.

A arte, para Amado, seria imoral. “O instinto se libertando da razão. O corpo se libertando da consciência.” (AMADO, 1933, p. 44). Ao defender a arte como possibilidade de transgressão à razão, por um momento, temos um Gilberto Amado que parece lembrar o impacto que a filosofia nietzschiana teve em seu espírito na época de estudante no Recife.

Estaria Amado, por um instante, vestindo a máscara de Dionísio³² e permitindo metamorfoseia-se em outro em detrimento das engessadas formas apolíneas? Tal possibilidade cai por terra, ao percebermos que Amado retoma a justificativa essencialista de que o biológico antecede o social para justificar o elemento instintivo constitutivo da arte, noção que, como vimos, de acordo com o autor, está presente nas ideias naturalistas e na ciência positivista do século XIX.

Quanto ao pensamento de Nietzsche, podemos dizer que seu provável fascínio pelo pensamento do filósofo alemão não ultrapassou os escritos de juventude. Amado não avança na filosofia nietzschiana. Quando o assunto são os pontos fundamentais do pensamento do filósofo alemão, Gilberto Amado se esquivava e recusa boa parte das ideias do autor: a hipótese do Super-Homem, pela “Eterna Volta”³³, pelo anticristianismo, pela “moral dos senhores” oposta à “moral dos escravos”.

É de se imaginar a recusa de Amado em relação aos pontos fundamentais da filosofia de Nietzsche. A hipótese do Super-Homem, o Eterno Retorno, a moral dos senhores e dos escravos são suposições que se encontram entrelaçadas na filosofia nietzschiana. Elas indicam a proposta de Nietzsche de luta contra qualquer possibilidade de conhecimento construído em bases metafísicas. (DELEUZE, 1976, p. 90)

Segundo Gilles Deleuze (1976), na filosofia de Nietzsche, temos a percepção de que para o filósofo alemão, o cristianismo, a filosofia e a ciência moderna são fundados a partir de uma interpretação niilista da vida. Ambos são fundamentados ou na presença de um Deus que pune ou no modelo de homem ocidental que também pune, fazendo de seus seguidores uma leva de ressentidos, de escravos. Isso caracterizaria uma negação da vida em tudo que há nela de humano, demasiadamente humano. Os que negam tanto a escatologia cristã e teleologia filosófica e aceitam a vida em tudo que nela existe de acaso e de força ativa, são os senhores. Eles conseguem se livrar do ressentimento e constroem outras versões de si. Eles, na possibilidade de uma volta ao mundo, assim como sugere o eterno retorno, aceitariam viver tudo outra vez. (DELEUZE, 1976, p. 90)

Assim, podemos suscitar uma possível resposta para a indagação central deste capítulo: existiu na trajetória intelectual de Gilberto Amado a possibilidade de caminhos alternativos ao cientificismo? Se tomarmos por suposição que o autor sergipano chegou a ser

³² Segundo a mitologia grega, Dionísio era filho de uma traição de Zeus com Semele, uma mortal. Uma das formas encontradas por Zeus para fazer com que seu filho fugisse de ira de Hera foi conferir a Dionísio a possibilidade de se metamorfosear com o uso de máscaras. Dionísio é, assim, interpretado como deus da metamorfose.

³³ “Eterna Volta” é a denominação que aparece em Amado para o princípio do Eterno Retorno de Nietzsche.

acusado de louco e degenerado por ter se fascinado pela filosofia nietzschiana, poderíamos arriscar que sim. A possibilidade de um Amado menos cientificista existiu. Todavia, a opção do autor pelo positivismo, opção essa que, certamente, guiou tantos outros intelectuais, acabou por atuar não só em suas análises sobre a chamada realidade brasileira, como também na produção de sua memorialística. Os textos posteriores do autor sugerem que ele se recusa a se desenraizar, a sair do prumo que a sociologia de Comte e toda a metafísica dos séculos XVIII e XIX lhe concediam. Para ele, o importante não era, como na filosofia de Nietzsche, perguntar quem diz algo e por que o pronuncia sob o estatuto de verdade. E sim: o que é tal coisa, o que é a verdade essencial das coisas, o que eu sou? Estas, aliás, são as perguntas que influem na escrita memorialista de Gilberto Amado. A filosofia de Nietzsche vai, exatamente, na contramão da intenção de Amado em construir e sedimentar uma verdade para si. Verdade esta fundada nos ditames da razão que permeia a sua construção enquanto intelectual. Era em busca de questões essenciais que Amado se voltou para a filosofia do século XIX. E é em busca de questões essenciais que Amado escreve suas memórias, sempre demarcando aquilo que ele gostaria de ser em oposição daquele outro que ele repudia, mas guarda traços deste em si.

Em seus textos, Amado constrói sua imagem de ressentido por não ter rompido com o pai e traçado sua própria história, ressentido por não ter seus livros reeditados e pelo malogro de seus romances - daí a escrita de cinco livros de memórias funcionar como renascimento deste autor - se sobrecarrega de memórias e esquece-se de esquecer. Um ressentido, na filosofia nietzschiana, é também um escravo, escravo dos sonhos do pai, escravo do cristianismo, escravo dos dogmas da ciência.

A leitura de Nietzsche, provavelmente, desterritorializou o jovem sergipano. E podemos até cogitar a possibilidade de ter contribuído para que Gilberto Amado pensasse acerca do sentido que ele construiu para a própria vida ao supostamente optar por seguir os sonhos do pai. No entanto, sua rejeição àquelas ideias sugere a indisponibilidade daquele homem em ver seus valores se dissolverem. Ele preferiu, como na sociologia de Comte, se ver como parte de um todo: família, Estado, capitais, a ter que se dispersar em vários, apesar de suas palavras e ações, por vezes, lhe trair.

O destaque que é dado a recepção das leituras de Comte e Nietzsche e aquilo que Amado diz se apropriar ou não na sua formação intelectual é, como enfatiza, Roger Chartier (1990) um ato de apropriação cultural em que Amado adapta ao seu perfil aquilo que é interessante à sua construção enquanto intelectual que queria a todo custo se legitimar como homem de razão que como tal não podia cair no esquecimento. Por este motivo, Amado, a

todo tempo, quer, para usarmos uma terminologia de Nietzsche, figurar, em seus escritos, como senhor, buscando passar sua imagem enquanto um leitor ciente de sua posição enquanto receptor criativo de suas leituras, enquanto sujeito que sabe o que quer e que pronúncia em primeira pessoa, selecionando o que faria ou não faria parte de suas concepções de mundo e seus métodos. “O ambiente, o meio, o instante, as coisas que rodearam o pensador no momento em que ele pensava, êsse o meu sistema de estudar, que me incompatibilizou, entre outras coisas, com o apostolado positivista.” (AMADO, 1958, p. 43).

A adoção do pensamento de Nietzsche implicaria na ruptura com a própria noção de formação intelectual tão enfatizada por Gilberto Amado e defendida por este autor como condição para a elevação do povo brasileiro à condição de nação. Segundo Mônica Cragolini (2005), o filósofo alemão rejeita a ideia de formação, posto que esta pressupõe uma ideia prévia de homem que pode ser cultivada mediante valores. “Sempre que se quer ‘formar’, sabe-se previamente o que se forma, qual essência do homem deve ser cultivada para que *télos* deve avançar a humanidade.” (CRAGNOLINI, 2005, p. 1200). Daí, por exemplo, Zaratustra ser o profeta do desapego, de uma filosofia do abandono, do risco.

De acordo com Jorge Larrosa (2002), a ideia de formação – *Bildung* – aglutina três unidades de discursos diferentes. Em primeiro lugar da Filosofia da Cultura ou do Espírito, presente naquelas disciplinas que se constroem a partir de uma materialidade textual e histórica e que podem ser acessadas por meio de seu desdobramento temporal. Em segundo lugar, a noção de *Bildung* se relaciona com a Pedagogia no discurso que se produz em torno do papel formativo das humanidades. Em terceiro, a ideia de *Bildung* se articula narrativamente com o subgênero da novela de formação, no *Bildungsroman*, que é uma narrativa inspirada no Wilhelm Meister, de Goethe. Essa novela se apresenta como relato exemplar, em geral, de um jovem de boa família que ao finalizar seus estudos abandona a própria casa para se debruçar sobre si mesmo, numa viagem de formação que reproduz o modelo da escola da vida ou da escola do mundo. Tal viagem é, segundo Larrosa (2002), uma viagem interior de autodescobrimento, de autodeterminação e de auto realização.

Não por acaso Nietzsche levou Amado a conhecer Goethe, autor que inspirou a escrita de *A Chave de Salomão* (1914), título de um famoso livro de magia pelo qual Goethe tinha obsessão, servindo de inspiração para que o autor alemão escrevesse no Segundo Fausto: “Toma esta chave, e não te esqueças que o seu poder é sobrenatural. Com ela verás o que nunca viste; com ela sentirás o que nunca sentistes; com ela irás aonde quiseses.” (Apud. AMADO, 1971, p. 5). Com a chave de Salomão, Fausto viu mundos desconhecidos, coisas misteriosas, as origens do mundo, (...) foi a Grécia Antiga viu Helena e se enamorou. Com a

chave de Salomão viu prodígios do mundo antigo e as profundezas mais secretas da verdade.” (AMADO, 1971, p. 5)

Para Gilberto Amado (1971), o homem contemplativo trazia dentro de si os tesouros de Salomão. Tesouros valiosos numa sociedade que não valorizava o cultivo da contemplação, da especulação, do autodescobrimento por meio da razão e da filosofia, como era o caso da sociedade brasileira.

A ideia de formação, para Amado, está totalmente relacionada à noção de uma viagem interior de autodescobrimento, na qual busca sua identidade, sua subjetividade, aquilo que o homogeneiza e não o que diferencia, as chamadas “questões essenciais”. A narrativa de Gilberto Amado, por mais que em alguns momentos tente, não é uma narrativa que o singulariza por meio da valorização de suas experiências, e sim um relato de homogeneização, visando a construção identitária de si e de toda um ideal de formação que não poderia virar poeira no tempo. Os textos sobre sua formação são relatos intertextuais que parte de textos, tais como *O Fausto*, de Goethe. Gilberto Amado ressignifica o texto do autor alemão, toma por empréstimo sua chave com o objetivo de se autoconhecer por meio do cultivo do saber. Opta pela filosofia racionalista em detrimento da desterritorialização incitada pela filosofia nietzschiana. É, portanto, um sujeito constituído por palavras e não por essências.

Por mais que Gilberto Amado construa uma narrativa que tente singularizá-lo em meio aos demais intelectuais, desde sua época de estudante no Recife - singularidade esta, para o autor, relacionada ao domínio da racionalidade ocidental dos séculos XVIII e XIX, Amado é constituído por textos e até mesmo por plágios, leituras diversas que o permitiram se constituir como autor, sua narrativa dota-lhe de uma subjetividade específica. É o próprio Gilberto Amado que, na maturidade, reconhecia: “Quase tudo é plágio, réplica, reprodução, imitação” (AMADO, 1958, p. 304). Segundo Benito Bisso Schmidt (2012), as noções de subjetividade e sujeito estão comprometidas com a episteme do pensamento ocidental moderno que, desde o Renascimento, postula o indivíduo como

‘ponto zero’ do conhecimento, unidade dotada de razão e consciência, consistência e constância, produtora de discursos e ações que só pode ser explicados e compreendidos a partir da autoria, do interior daquele que proferiu a palavra e executou o gesto – o agente, aquele que, para evocarmos o sentido gramatical do vocábulo sujeito, pratica a ação e que, portanto, pode ser responsabilizado por ela. (SCHMIDT, 2012, p. 86)

Em sua narrativa. Gilberto Amado é esse sujeito que fala em primeira pessoa e que diz

que sabe. A autobiografia é uma escrita paradoxal: ao mesmo tempo em que é a “orgulhosa reivindicação da soberania do eu; por outro lado é uma luta interminável contra o desmoronamento desse eu, contra sua radical ausência.” (LARROSA, 2005, p. 25). Amado seleciona todas as seguranças que permitiram a consciência sedimentar-se num eu. No caso de Amado, um “eu-intelectual” capaz de lhe oferecer suporte e o equilíbrio entre cabeça e coração, corpo e alma. Um homem indolor, forte, uno.

Assim, os textos de Amado são também uma luta contra a poeira de si, seus cacos estilhaçados no espelho. De acordo com Larrosa (2002), a *Bildung* nietzschiana rejeita o imperativo de “conhecer a si mesmo”, desconstrói deslocando-o, o imperativo de ‘ter o valor de servir-se do próprio entendimento’.” (LARROSA, 2002, p. 61). O “chegar a ser o que é”, em Nietzsche, não está ao lado da lógica identitária do autodescobrimento, mas do lado da lógica desidentificadora da invenção. Invenção que se dá pela soberania do sujeito que é capaz de criar a si próprio. O sujeito que é capaz de romper com predeterminações e se auto constituir enquanto arte, enquanto estética de si, algo do qual Amado, talvez, se aproxime a partir da escrita de suas memórias já na velhice, mesmo que esta narrativa tenha ainda o objetivo de sedimentá-lo enquanto unidade homogênea, unidade fechada, trancafiada nos rijos portões de alicerces filosóficos que o autor faz questão de lembrar, repetir, calcificar por meio de grades de palavras.

Gilberto Amado se agarra aos pés da razão científica como um menino que se agarrou aos pés do pai e concretizou o sonho deste, dando a entender em seu discurso, não ser capaz de inventar a sua própria vida. Amado não cede ao convite da filosofia nietzschiana que aposta na não conservação de si, na completa perda de si, ideias pouco prováveis a um autor que prefere conceber as palavras com detentoras de verdades sobre si e sobre os outros. Levar a cabo a filosofia de Nietzsche perder a posse de si, todo domínio e não se deixar domesticar pela palavra e, nem tampouco, domesticar ninguém pela palavra como parece ser o projeto de Amado de viabilizar, no Brasil, a formação de um corpo de ilustrados.

É interessante observar a estreita relação entre uma construção de si e a produção de uma interpretação para o Brasil. É como se, para o autor, ele fosse o modelo de intelectual brasileiro a ser seguido: um homem e um corpo de razão, de moral e de autoritarismo, cujo pensamento e a formação não poderiam ser esquecidos. Daí a presença de preocupações recorrentes nos seus textos em torno da formação intelectual, da moralidade, do ascetismo, de uma disciplina que não é apenas disciplina de si, mas de um todo. Para Amado, o Brasil e os brasileiros deveria ter a sua cara.

Uma cara considerada feia pelo próprio autor, o que não importava, posto que, para este, o que merecia importância era o tanto de cientificidade que sua mente e seu corpo pudesse suportar. Assim deveria ser também o Brasil e a classe dirigente desse país, isto é, um grupo de ilustrados apto a analisar as questões brasileiras, mas somente de longe que é para não se misturar às suas mazelas, aos corpos e ruas sujas como aquelas do Recife de início do século XX. Da mesma forma que Amado não se deitava com a mulata por medo do seu hálito, o Brasil de Amado não deveria se aproximar desses hálitos antissépticos. Hálitos de escravos e trabalhadores, cujas conquistas seriam frutos do progresso material e moral regido por homens ilustrados como Amado, daí a preocupação com a educação e formação de um corpo de ilustrados que dominasse, como ele, a análise científica da realidade brasileira.

A preocupação de Gilberto Amado com a formação do povo brasileiro é, como indica Pécault (1990), uma reivindicação em causa própria. É a reivindicação de manutenção das bases de um país governado pelo autoritarismo que fundamenta os elementos formadores do pensamento deste autor.

4 UM TIRO DISPARADO CONTRA A PRÓPRIA IMAGEM: RIO DE JANEIRO, BELLE ÉPOQUE, SOCIABILIDADES E (DES)RAZÃO

Percorremos, até aqui, os relatos que tratam da instrução e formação de Gilberto Amado, seus diálogos com as ideias científicas, essencialistas, positivistas. Perscrutamos também outras possibilidades de leituras e, portanto, outras possibilidades de construção narrativa dessa trajetória intelectual tangenciadas nesse percurso, tais como a leitura inspirada nas ideias de Friedrich Nietzsche. Tais relatos demarcam também geografias de espaços, corpos e mentes. Em Sergipe, uma educação ainda precária nas palavras do autor. Uma educação que esquadrinha o corpo do outro, decodifica para poder se compor enquanto um corpo e um intelecto que se distinguia dos demais. Um corpo que, já cedo, mostra sua face violenta ao despejar um sova no seu colega de internato: Conradinho.

Em Pernambuco, o contato com um mundo de ideias que serviriam como sua construção enquanto sujeito. Construção que pretende ser enrijecida e que não pode cair no ostracismo. Tais ideias também fundamentaram a noção de uma realidade brasileira e certo conservadorismo autoritário de Gilberto Amado. Aqui chegamos a um ponto que perpassa seus trabalhos: a face violenta e autoritária presente nos textos, nos posicionamentos e ações de Gilberto. Como vimos anteriormente, o Brasil pensado por Amado é um país que deveria ser dirigido por uma elite intelectual branca, masculina que levaria o país ao rumo do progresso por meio de uma pretensa evolução moral e da análise científica da realidade. Um Brasil em que o lugar reservado aos corpos sujos, enlameados, perebentos, precários, frágeis como os dos seus colegas de Sergipe seria o de ocupados pelo trabalho braçal como veremos adiante. Como intelectual, Gilberto Amado forja uma leitura da realidade, na qual, ele se vê e com a qual se identifica.

Continuaremos nosso percurso pelos espaços e lugares de falas que compuseram o pensamento de Gilberto Amado. Nesse percurso, a então capital do Rio de Janeiro não poderia ficar de fora. O Rio de Janeiro propiciou a Amado o contato com expoentes políticos e intelectuais que atuaram na construção desse personagem. Lugar de desavenças literárias, onde, mais uma vez, a face violenta de Amado desponta com toda força no assassinato do então Secretário do Teatro Municipal, Annibal Theophilo em 1915.

Neste capítulo, a ênfase será na análise da rede de sociabilidade que permitiu a Amado um lugar de fala e contribuíram para a gestação de um pensamento autoritário sobre o Brasil. Um intelectual, como nos lembra Pierre Bourdieu (Apud. PALLARES-BURQUE,

2005, p. 19), não é só o que ele pensa, ele integra uma rede, um campo intelectual que corresponde ao feixe de relações sociais nas quais o autor está inserido e pela estrutura dos campos social e intelectual ao qual o autor esteve vinculado. Um autor, portanto, não é uma entidade independente como afirma Guerreiro Ramos (1983), ao qualificar Amado como pertencente à categoria dos intelectuais “independentes” da Primeira República (Apud. SOUZA, p. 119). Em Itaporanga, Recife, Rio de Janeiro, Gilberto Amado dispôs de um amplo campo intelectual que possibilitou que sua atuação tivesse destaque no cenário político e intelectual da época. Pretendo também discutir algumas participações de Amado na imprensa carioca, buscando confrontá-las com as ideias defendidas no momento de sua produção memorialística. A discussão acerca da rede de sociabilidade na qual Gilberto Amado esteve envolto demanda certa descrição do percurso trilhado por este autor. Julgo importante fazer tal percurso para que o leitor tenha noção das movimentações de aproximação e distanciamento que possibilitaram, num determinado momento, o acolhimento à produção do autor pelos letrados cariocas, e, num outro, em seu quase total esquecimento pela dissolução de tal rede de sociabilidade. Desembarcaremos agora no Rio de Janeiro.

4.1 AINDA RECIFE...

No dia seguinte, sem esperar a solenidade da formatura, coleí grau na secretaria e embarquei sem me despedir de ninguém. Quis abraçar-me, só, com os cinco anos que acabara de viver naquela terra, com aquela gente, com aquele ar que me fizera crescer em estatura intelectual e moral, adquirindo forças e acumulando esperanças.

Enquanto o Pará cortava o Capibaribe para entrar no Lameirão e me levar ao Rio, eu ia olhando aquele meu Pernambuco, de que meu corpo se separava mais do qual não se afastava o meu espírito. (AMADO, 1958, p. 287)

O ano era 1910. Gilberto Amado se despede de Recife sem ter contato com pessoas e, portanto, com outros corpos. De Recife, o corpo do sergipano se apartara, mas seu espírito não. Intelectualmente tornara-se filho de Pernambuco. (Idem, p. 288).

A saída do *Diário de Pernambuco* é uma incógnita na memorialística de Gilberto Amado. Após sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, onde foi recepcionado por Rosa e Silva, Amado relata apenas que sua saída não teria ocorrido se Aníbal Freire estivesse em Recife. De acordo com o autor, o encerramento de suas atividades no *Diário* não o separou definitivamente de Pernambuco como muitos concluíram. Em março de 1911, Amado era nomeado professor de Direito Penal na Faculdade de Direito do Recife.

Ao chegar em Recife para assumir a cadeira, Pernambuco, praticamente, pass das mãos de Rosa e Sílvia para as de Dantas Barreto. O órgão do Partido Republicano não era mais preponderante na opinião pública de Recife. Segundo Amado (1956), mesmo tendo saído do *Diário* e sido cortejado pelo General Dantas Barreto para fazer política com ele, o sergipano continuou fiel à política de Aníbal Freire, pois não tinha interesse de lançar-se a candidatura para deputado federal por Pernambuco.

Em novembro de 1911, a capital pernambucana viveu momentos de tensão. A disputa eleitoral para o governo do estado entre Rosa e Silva e Dantas Barreto levou às ruas de Recife combates travados entre “rosistas” e “dantistas”. Depois das eleições o *Diário de Pernambuco* anunciou a vitória de Rosa e Silva que não foi aceita pelos partidários de Dantas Barreto. A cidade de Recife passa a ser alvo de vários incidentes que culminaram com um tiroteio na Praça da Independência, várias suspensões das atividades do *Diário de Pernambuco*, bem como a paralisação de bondes, o fechamento de cinemas e casas comerciais. No final de novembro de 1911, Dantas Barreto era apontado como legítimo governador do estado tendo vencido Rosa e Silva por 1.164 votos, encerrando assim o predomínio da oligarquia “rosista” que permanecera no poder de 1896 a 1911. (NASCIMENTO, 1967)

Quanto a saída de Gilberto Amado do *Diário*, o fato é que as publicações do autor para o jornal diminuíram consideravelmente a partir de 1908. Amado escreveu regularmente para o jornal até 22 de dezembro daquele ano, encerrando, definitivamente, sua passagem pelo *Diário* com uma crônica em abril e duas em maio de 1909. Seus *Golpes de Vista*, agora, se intitulavam apenas *Golpes*, provavelmente, sinalizando sua saída do jornal, o que indica que o encerramento de suas atividades no *Diário* aconteceu de forma gradual e não somente porque Aníbal Freire não estivera em Recife na data de suspensão de suas atividades, como afirma o autor.

A queda de prestígio da oligarquia Rosa e Silva coincide com a decadência da oligarquia de Olímpio Campos em Sergipe, da qual o pai de Gilberto Amado, coronel Melk, era esteio eleitoral. A decadência dessas oligarquias se insere no contexto da chamada “política das salvaçãoes”, um surto militarista que consistia na derrubada das oligarquias que dominava as regiões Norte, alegando prática de corrupção. A derrocada do poder dessas famílias pode sugerir também que a saída de Amado de Recife esteja associada à decadência dessas oligarquias que, como vimos, chegaram a financiar os estudos de Gilberto Amado na capital pernambucana.

4.2 QUANDO A RAZÃO NÃO CHEGA: UM TIRO CONTRA O ESPELHO

Quando chega ao Rio de Janeiro, Gilberto Amado vai morar, perto da praia, na rua Almirante de Tamandaré com o tio Augusto, um vermelhão magro, já passado dos quarenta e florianista. Augusto era guarda-livros na casa de fazendas por atacado: Vieira Soares e Cia que ficava na rua Quitanda. Amado dormia numa sala que dava para rua, num sofá largo e comprido. Mais uma vez o cotidiano de pensões o acompanhará. Gilberto fazia as refeições numa pensão para empregados do comércio no andar de cima. (AMADO, 1956, p. 13)

Em sua narrativa sobre seus primeiros momentos no Rio de Janeiro, Amado qualifica a convivência nas primeiras décadas republicanas, regada a “costumes suaves característicos da grande liberdade e tolerância vigentes no Brasil” naquele período. (AMADO, 1956, p. 13). Gilberto Amado parece esquecer de suas memórias de infância que testemunharam um Brasil violento, autoritário e nada tolerante. O menino Gilberto chegou a conviver e hospedar toda a oficialidade da expedição de Canudos em sua casa por dez dias. Neste momento, Amado se contradiz, pois seus próprios relatos de infância destacam a convivência com o caráter antagônico da República que para civilizar-se precisou fazer uso de uma selvageria militarizada que, no final do conflito, como o de Canudos, exterminou centenas de sertanejos.

Ao desejar civilizar a nação, os republicanos usaram armas não menos selvagens para impor sua verdade frente aqueles que representavam o outro, a ameaça aos projetos de civilização da nação (SEVCENKO, 1998, p. 16-19). A mesma truculência republicana em nome do ideais de progresso e civilização justificou outros ataques violentos como os da Revolta da Vacina e o próprio processo de urbanização e disciplinarização dos espaços no Rio de Janeiro, processo este que serviu de modelo para modernização das demais cidades brasileiras. Amado, desde criança, conviveu com a face cruel da República brasileira. É o próprio autor que narra a truculência vivenciada em Canudos.

Cada cheia do Vaza Barris era uma ilustração aos nossos olhos da guerra de Canudos. Apanhavam-se em Itaporanga destroços que o rio carreava. Tudo que li depois em Euclides da Cunha, em frases alcandoradas, passou aos olhos das crianças de Itaporanga (AMADO, 1954, p. 154).

O caráter antagônico da República que propagava os “costumes suaves”, representados pelo ideal da *Belle Époque* carioca se assemelha com a escrita de Gilberto. Sua escrita é, em grande medida, uma maquiagem de um corpo e um intelecto violento e autoritário que, a todo momento, se constrói como um corpo dotado de razão. Desde criança,

Amado dá indícios de sua face violenta no internato e conviveu com atos de atrocidades como os de Canudos. Esta face, como veremos, viria, mais uma vez, à tona com ao assassinato do colega de letras Annibal Theophilo. Além disso, a tentativa do autor de qualificar o Brasil como um país tolerante também faz parte da tradição autoritária brasileira que nega a existência das desigualdades sociais e, portanto, dos conflitos inerentes a uma sociedade excludente. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2013, p. 18), a tendência “a negar, escamotear conflitos, diferenças e distâncias sociais, com boa disposição para incorporação (do estrangeiro...), a tolerância, a flexibilidade e a mistura racial” fazem parte da ideia de uma cultura de conciliação característica da cultura política brasileira. Tais estratégias tendem a encontrar mais sucesso quando o jogo político não inclui segmentos sociais subalternos. Em momentos de conflitos populares, como Canudos por exemplo, a tendência a soluções violentas é a mais provável.

Voltando às memórias dos primeiros momentos de Gilberto Amado no Rio de Janeiro no intuito de percorrer a teia de relações que permitiu ao autor visibilidade intelectual, Amado aponta como ponto de chegada no mundo literário da capital seu artigo sobre Luís Delfino para a *Revista Americana*. O artigo teria alçado o sergipano à categoria de “literato”. Amado chegou à *Revista* por meio de Mateus de Albuquerque, ex-cronista de *A Província* em Recife. Albuquerque figura nas memórias de Amado como homem que tinha contato direto com o Barão de Rio Branco, o que propiciou a entrada de Gilberto para a *Revista Americana*. (AMADO, 1956, p. 19-20).

É na República que o mundo das Letras ganha maior fôlego no Brasil, isso porque muitos autores atuaram na construção da imagem de um Brasil ilustre e elevado, merecedor incondicional da atenção e do crédito europeu. É nesse período que o barão de Rio Branco procura lotar as dependências do Itamarati de escritores respeitáveis (SEVCENKO, 2003, p. 36-94).

De acordo como Eliana de Freitas Dutra (2005), inicialmente articulados em torno da Escola do Recife, encontramos, na virada do século, boa parte dos intelectuais da geração de 1870 ao lado de vários outros que se juntam a eles no Rio de Janeiro em atuação na Academia Brasileira de Letras, no Colégio Pedro II, orbitando em torno de Barão Rio Branco. É interessante observar o movimento estratégico de Amado: do contato com os mestres de Recife para o contato com a “intelligentsia” carioca. O percurso trilhado por Amado nos dá indícios de uma rede de sociabilidade que foi comum a muitos homens de letras da época e que, portanto, não foi uma “tara de família” nem tampouco seus contatos foram meros golpes

do destino que disponibilizaram o sergipano à vida intelectual como o autor narra em seu conjunto memorialístico.

Gilberto Amado, no entanto, foi um autor que passou boa parte da sua vida esquecido, experienciou o insucesso de seus romances, só experimentando o reconhecimento e, por que não dizermos, o renascimento de si por meio da escrita de suas memórias no final da vida. Nesse sentido fica o questionamento: o que aconteceu nessa trajetória intelectual que permitiu o esquecimento de Gilberto Amado? Quais escolhas foram feitas? Teria mesmo Gilberto total desinteresse pelo mundo da política? Teria mesmo Amado trilhado os projetos do pai e renunciado a si mesmo, só podendo reviver por meio de suas memórias? Que tipo de percurso foi comum a tantos homens de letras de sua época e que tipo de escolhas e atitudes o singularizaram enquanto intelectual? Escolhas e atitudes estas que podem ter resultado no seu esquecimento. Continuemos nosso percurso.

Logo, Amado passa escrever e assinar por Alcindo Guanabara, dono do jornal *A Imprensa*, que em período de descrença política, raramente ia à *Redação* e mandava artigo de fundo. O dinheiro desses artigos permitiu a Gilberto mudar-se para uma pensão na rua Correia Dutra. (AMADO, 1956, p. 28)

O Rio de Janeiro, possivelmente, trouxe Amado para uma realidade distinta da suposta rotina de abnegação do autor em Recife. Já na pensão da rua Correia Dutra, Gilberto Amado teve um relacionamento com a filha da dona da pensão, segundo o autor “uma solteirona de aspecto macho, mas açucarada de modos”. (Idem, p. 28). Figuram também nas memórias de sua passagem pelo Rio de Janeiro o desfile de prostitutas misturadas às moças de família que iam ao cinema Odeon. Acrescentam-se à massa, os políticos e literatos que viviam no que Amado denominou de “facilidade de costumes e intenso tráfico carnal” que dava a esta rede de sociabilidade “o caráter regular de um negócio lícito de absoluta normalidade.” (AMADO, 1956, p. 20-21). Mesmo com todas essas facilidades e usufruindo da companhia dos literatos e das moças da moda nos restaurantes, casas de chá e na confeitaria Colombo, peças francesas e óperas italianas, Amado afirma que as facilidades sociais constituíam problema “para quem nascera com instinto de durar e de não se gastar inutilmente.” (AMADO, 1956, p. 83)

Segundo Sevcenko (2003), no século XX, o Rio de Janeiro experienciou um cosmopolitismo agressivo alavancado por seu papel estratégico na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país. A capital carioca acumulou vastos recursos no comércio e nas finanças. A mudança na natureza das atividades econômicas no Rio transformou-o no maior centro cosmopolita da jovem nação, colocando-o

“em íntimo contato com a produção e o comércio americanos e europeus, absorvendo e irradiando para todo o país.” (SEVCENKO, 2003, p. 40)

O crescimento do mercado leva a cidade ao consumo de hábitos sociais como os narrados por Amado. Emerge na imprensa carioca, segundo Sevcenko (2003, p. 52), “forte aroma panglossiano, as crônicas da grande imprensa transbordavam a embriaguez da felicidade com loas ‘à satisfação geral, ao abarrotamento de satisfação que enche a vida.’” Os relatos de Gilberto Amado estavam, pois, sintonizados com a tônica da *Belle Époque* carioca.

Logo, Gilberto passa a escrever para o jornal *O Paíz*. Sua narrativa, mais uma vez, descreve a entrada para esse jornal como um golpe do acaso: quando terminados os trabalhos na *Imprensa*, Amado tinha o costume de, na companhia de alguns amigos, ir para a redação de *O Paíz* à noite. Excepcionalmente, encontrava-se Amado à tarde na redação do jornal, quando é indicado por Lindolfo Azevedo para escrever um artigo sobre o centenário do poeta português Alexandre Herculano. De acordo com Gilberto, ninguém queria encarregar-se do trabalho. O texto deveria figurar na primeira página e contar com 2 a 3 colunas. Dois meses depois, com a morte de Carmem Dolores, em decorrência desse artigo, Amado é chamado por João Lage para escrever no lugar da autora uma crônica semanal no *O Paíz*. A coluna de Carmem Dolores, além de ser a mais bem paga da época, era prestigiada por grandes nomes da literatura brasileira, segundo o autor; seu suposto encontro fortuito com João Lage teria possibilitado a Amado a investidura no cargo tão cobiçado meses depois (AMADO, 1958, p. 46)

O fato é que o editorial de *O Paíz* de 28 de abril de 1910 era uma verdadeira homenagem a Alexandre Herculano, contando com vários textos sobre o poeta português. Amado não foi, portanto, o único colaborador que se arriscou a falar sobre Herculano, nem tampouco seu texto saiu na primeira página. Sua estreia no *O Paíz* se deu no final da segunda página, se estendendo para a terceira. Seu curto texto, segundo o próprio autor, fruto de pesquisa rápida em dicionário biográfico, figurou após dois textos enormes de outros colaboradores que se encarregaram do trabalho de escrever sobre Herculano, ao contrário do que Amado afirmou em suas memórias. Como já indicado em análise de sua passagem pela imprensa pernambucana, Gilberto Amado, amante da verdade positivista, parece ser, mais uma vez, traído pelas palavras e pelas versões que a pesquisa histórica traz à tona.

O contato com o filão de letrados de sucesso que tem no arrivismo político uma dos principais financiadores de suas literaturas, faz de Gilberto Amado um intelectual anatoliano, segundo a denominação de Sérgio Miceli:

intelectual profissional, assalariado ou pequeno produtor independente, vivendo de rendimentos que lhes propiciam as diversas modalidades de produção, desde a assessoria jurídica, as conferências passando pela colaboração na imprensa até a participação nos acontecimentos mundanos e nas campanhas de mobilização em favor do serviço militar, da alfabetização, do ensino obrigatório, etc. (Apud. AZEVEDO, p. 112)

Anatole France se tornou referência intelectual para letrados de diversas matrizes ideológicas na Primeira República. O envolvimento do literato francês no Caso Dreyfus repercutiu na opinião pública parisiense e exerceu fascínio no literatos beletristas, fazendo do escritor francês um expoente da intelectualidade na Belle Époque brasileira. Gilberto Amado corrobora com essa concepção ao afirmar que “Anatole France é (...) a maior expressão do espírito crítico”. (AMADO, 1932, p. 23) Estudando o período, Joachin Azevedo Neto³⁴ (2015, p. 141) afirma que “Anatole foi aclamado pela cidade das belas letras por ter sido um dos grandes escritores que colaboraram para a instituição e profissionalização do ofício do homem de letras moderno”. O caso Dreyfus é um marco da emergência da figura moderna do intelectual que passa a ocupar o lugar “do árbitro e do franco-atirador [que] usa da sua posição de exterioridade com relação à esfera política para proferir uma palavra ao mesmo tempo autorizada e carismática” (Apud. AZEVEDO, p. 140).

Voltando a trajetória de Gilberto Amado, após ocupar o cobiçado cargo de Carmem Dolores, o sergipano começa vida nova. Agora, Amado encontrava-se rodeado de amigos dentro da vida literária e social. Enquanto multiplicavam-se as amizades, as desafeições também aumentavam:

Em grande parte culpa minha. Faltava-me de todo a capacidade de conviver mentindo. Dava minhas opiniões com franqueza. Não temia ferir a suscetibilidade da gens irritável por excelência – a literária. Eu não sabia que devia pagar em admiração ao ‘autor’ as gentilezas que recebia do anfitrião. (...) Na minha falta absoluta de cabotinismo – não me sentia bem com a comédia que muitos dos literatos representavam, chamando-se irmãos, beijando-se na face, abraçando-se entre lágrimas. (...). Com um dos literatos que me tratava com carinho quando estive doente, que me deu banhos (era tratamento da moda para febres), pratiquei uma ingratidão atroz... não lhe retribui um elogio aos versos, os serviços que prestara, de médico. No entanto, meu coração lhe pertencia. Teria feito por ele tudo que me pedisse no quadro dos favores possíveis. Mas... gostar dos seus poemas – isso realmente eu não podia. (AMADO, 1956, p. 48-49)

Um dos literatos que recebeu o autor sergipano em sua casa e que, possivelmente,

³⁴ Sobre as distintas apropriações que os literatos da Primeira República fazem da literatura de Anatole France conferir: NETO AZEVEDO, Joachin. **Vida literária e desencantos: Uma história da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922)**, SC, 2015. 342 p. Defendida pelo Programa de Pós Graduação em História de Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH/SC)

atuou na inserção do autor sergipano no meio intelectual carioca foi Coelho Neto. Coelho Neto foi um dos mais assíduos colaboradores da imprensa carioca, mestre de cerimônias de festas oficiais e semioficiais e conferencista de sucesso garantido; atingiu a marca de onze livros editados em 1898 e, ainda, em 1924, com setenta anos, publicou nove livros. Para Sevcenko, Coelho Neto fazia parte do grupo dos “vencedores”, o filão letrado que produzia uma literatura ao estilo impessoal e anódino da *Belle Époque*. O segredo de seu sucesso estava, exatamente, em atender o gosto da burguesia carioca, “daí suas temáticas sedições e sua linguagem aparatosa repontada de retórica” (SEVCENKO, 2003, p. 130)

Amado e Coelho Neto desenvolveram uma relação de amizade quando o autor sergipano chegou ao Rio de Janeiro. Em sua crônica de despedida do Jornal *O Paíz* no dia 30 de abril de 1911, Amado destaca a “carinhosa amisade” de Coelho Netto, em cuja grandeza, Gilberto Amado teria encontrado “uma generosidade verdadeiramente paterna.” Em outro texto, ao denunciar o analfabetismo no Brasil, Amado lamenta o fato de livros, como o de Coelho Neto, *A Treva*, “quatro annos depois de publicados ainda permanecerem em montes pelas livrarias.”³⁵

Gilberto Amado passou a frequentar as rodas literárias na casa de Coelho Neto que também arranhou um emprego para o sergipano junto a Pinheiro Machado³⁶. Porém, certo tempo depois, soube-se que ao sair dali, Gilberto andava pelas esquinas a fazer críticas aos que conviviam nas rodas literárias na casa do literato maranhense. (LEE, 2006, p. 33)

O comportamento ambíguo de Gilberto Amado resultou no episódio que Amado não queria narrar na sua obra memorialística e que, supomos, ser a grande ferida na trajetória do autor: o assassinato do poeta Annibal Theophilo, em junho de 1915, à época, secretário do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

O homicídio ocorreu no salão do Jornal do Commercio, palco da inauguração da Sociedade dos Homens de Letras. A Sociedade era uma tentativa de reproduzir a Société des Gens de Lettres, fundada em Paris com o objetivo de defender os direitos autorais dos escritores. A criação da Sociedade objetivava ser uma reação contra a Academia Brasileira de Letras, acusada de permitir o ingresso não pela expressão que se tinha na literatura, mas pela projeção social - os chamados expoentes. (LEE, 2006)

³⁵ Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1910.

³⁶ ³⁶ Gilberto Amado desenvolveu uma relação de intimidade com Pinheiro Machado. O líder do Partido Conservador, na época, viabilizou a eleição de Amado como deputado federal pelo Sergipe. De acordo com os relatos memorialísticos de Amado, foi Jorge Lage que mediou a relação entre ambos, pois Pinheiro tinha verdadeira admiração pelas crônicas do sergipano. (AMADO, 1956, 109-131)

Em depoimento publicado para o jornal *A Província* de 20 de junho de 1915, Coelho Neto atestou que logo que soube que Amado fazia comentários desagradáveis sobre o grupo que frequentava sua casa, os literatos expulsaram Gilberto Amado de seu convívio e entre os amigos mais revoltados estava Annibal Theophilo que cortou relações com o sergipano. Naquele mesmo ano, o sergipano havia sido eleito deputado federal pelo seu estado.

Amado foi apontado pela imprensa carioca como o “deputado criminoso” (Conf.: CAVALCANTE, 2009). O periódico que atuou com mais veemência na acusação ao autor foi, sem dúvidas, a revista *O Malho*: “(...) ninguém no Rio-literário, político, mundano ou não – desconhecia o caráter baixo, a pequenez moral e os processos ignóbeis usados pelo criminoso, visando tão só galgar uma posição commodata, e decorativa sobretudo para facilmente viver a vida...”³⁷

A revista *O Malho* era propriedade do deputado Luís Bartolomeu de Sousa e Silva. Anos antes, Lindolfo Collor, sogro de Luís Bartolomeu, foi tomar satisfações de críticas literárias que o sergipano lhe fizera, atacando Amado a bengaladas, “ao que o escritor sergipano respondeu com vários tiros para o alto colocando Lindolfo para correr” (LEE, 2006, p. 158). E é o próprio Amado que fala sobre a sua faculdade de revide: “minha faculdade de reagir tinha sido já demonstrada anos antes em revide a dois literatos que me agrediram ao mesmo tempo um pelas costas outro pela frente”³⁸.” (AMADO, 1958, p. 6).

Segundo depoimento de Gilberto Amado publicado no jornal *O Paíz* de 21 de junho de 1915, “não havia motivo para o ódio do malogrado escritor.” Amado atribuía tal sentimento ao fato do sergipano ter atacado literariamente alguns amigos de Annibal Theophilo e de ter sido irreverente com o escritor Coelho Neto, quando tratou “aliás com elogio do seu livro *Relíquias*. Como já vimos, segundo Ventura (1991), era comum naquele Brasil de início do século que as desavenças literárias resultassem em morte. Em uma de suas muitas críticas ao trabalho de Coelho Neto, Amado afirmava:

Recebi por mãos deles, e com as mais penhorantes dedicatórias, os seus livros. Mas, ao lê-los, foi a minha impressão ante a volumosa nulidade literária, tão prestigiosamente impingida ao público ingênuo, que a minha serenidade e o meu bom gosto se revoltaram. É demais!... Simples espíritos medíocres incapazes de um esforço para além da mediana... (Apud. LEE, 2006, p. 178)

Como já foi mencionado, a literatura produzida por Coelho Neto tinha um caráter anódino e impessoal que atendia o gosto da burguesia carioca. No entanto, cabe o

³⁷ Revista *O Malho*, Rio de Janeiro-RJ, junho de 1915.

³⁸ Idem

questionamento: por que só um ano antes do assassinato de Annibal Theophilo, Gilberto Amado declara a nulidade literária dos livros de Coelho Neto, uma vez que, anos antes, Amado chega a lamentar a falta de leitura de um dos livros do autor maranhense? O que teria feito Amado despertar para a “nulidade literária” de seu ex-amigo? O aprimoramento no gosto literário? Talvez. Outra possibilidade também plausível, dado as estratégias políticas do autor sergipano, é cogitada pela redação do jornal pernambucano *A Província*, segundo a qual, Coelho Neto pretendendo introduzir Gilberto na política de Pernambuco, telegrafou “n’esse sentido ao general Dantas Barreto que não atendeu ao pedido. Gilberto Amado zangando-se por semelhante motivo, atacou ao Sr. Coelho Netto, contra quem levantou verdadeiras infâmias.”³⁹ Pelo visto, a política de Amado, em Pernambuco, não era tão somente a de Rosa e Silva como mencionado anteriormente. Amado parecia estar disposto a tudo para conquistar o que dizia ser o sonho do velho Melk.

O assassinato do poeta Annibal Theophilo pode ser interpretado como o evento que atua na dissolução da rede de sociabilidade que enredou Amado ao filão de letrados arrivistas da Belle Époque carioca. Os espaços de sociabilidades também são um espaços “afetivos”, onde “amores, ódios, ideais e ilusões perdidas se chocam, fazendo parte da organização da vida relacional.” (GOMES, 1993, p. 65). O homicídio cometido por Amado afastou este autor da rede que sustentava sua possível projeção na cena literária da época.

A imprensa teve papel fundamental na acusação de Gilberto Amado (Conf. CAVALCANTE, 2009). Afinal, o tiro de Amado atinge a fina flor da Belle Époque carioca: “a gens literária.” O crime, aliás, pode ser interpretado não apenas como a grande ferida na trajetória de Gilberto Amado; o tiro disparado contra Annibal Theophilo representa também um ataque à elite letrada da época e seus anseios civilizatórios. Amado atacou o projeto de civilidade ao disparar um tiro contra seu colega de letras, justamente no dia da inauguração da Sociedade Brasileira de Letras, que foi criada como mais um sinônimo do progresso nos Trópicos. O homicídio cometido contra o poeta Annibal Theophilo mancha de sangue o palco iluminado das letras brasileiras. O desfecho daquele dia de festa para os homens de letras na época, não podia ter sido mais irônico, uma vez que terminou com o

extermínio de um intellectual pelo outro no vestibulo iluminado do edificio onde tão promissora empresa se iniciára, cheio ainda do rumor e da graça das senhoras que foram levar o encanto feminino ao torneio (?) de arte. Triste fecho esse de uma hora literária por um inesquecível segundo de

³⁹ Jornal A Província, Recife, 21 de junho de 1915.

sangue e de desolação!⁴⁰

A contenda entre escritores que acabou com a morte de Annibal Theophilo foi alvo privilegiado daquela imprensa sedenta por notícias. Uma imprensa, em grande parte, constituída por homens de letras que experimentavam a banalização de estilo em suas escritas, fazendo uma literatura também cosmopolita, em que imperavam os clichês do amor e a preocupação com rimas e formas. A literatura deixava de ser atributo de aristocratas de gostos refinados e se tornava um meio de se conquistar *status* que conferia a garantia de uma existência segura com poucos recursos ou até mesmo um meio de angariar cargos políticos, como era o caso de Amado. (SEVCENKO, 2003, p. 122-129).

Numa notícia de impacto como daquele crime entre homens que desfrutavam de notoriedade no cenário nacional, a própria imprensa participa como júri e, muitas vezes, testemunha de acusação. Segundo Sevcenko (2003), os jornalistas chegaram a desafiar a própria Igreja na disputa pelo controle das consciências. Como o próprio Amado afirma, a imprensa da época, caiu sobre ele. (AMADO, 1958, 340).

O Jornal *O Século* foi um dos que parcialmente atuou na acusação de Amado. O texto que noticiou o assassinato de Annibal Theophilo não se ocupou em entrar nos pormenores do crime. A acusação foi feita de maneira tácita “As referências que o *Século* pode fazer em torno do caso, somente podem ser desfavoráveis em torno do assassino, por que nada, absolutamente nada, justifica seu gesto”. De acordo com a notícia, não restavam dúvidas pelo próprio depoimento de Amado, de que o crime contra o poeta sul rio-grandense tinha sido algo premeditado pelo deputado, uma vez que Amado só havia tolerado as ofensas de Annibal Theophilo, enquanto não ocupava posição privilegiada. Bastou ser eleito para cometer o delito, acreditando na segurança que seu cargo lhe conferia. Segundo o texto que figurou na primeira página do jornal, Amado como bom advogado que era, soube articular muito bem toda a sua retórica de defesa, enfatizando a ocorrência de humilhações que, segundo os depoimentos, não existiram⁴¹.

Mesmo com o forte acusação impulsionada pela imprensa da época, com defesa de Evaristo de Moraes e Aníbal Freire, os quais alegaram que o crime foi motivado por impulso, Amado foi absolvido. O código penal de 1890 que conferia amparo aos crimes motivados por questões de impulso, responsabilizando os hormônios pela produção de comportamentos

⁴⁰ Jornal O Paíz – Rio de Janeiro –RJ 20/06/1915, p. 1.

⁴¹ Jornal O Século, 21 de junho de 1915, p. 01.

desviantes, amparou o caso do deputado sergipano.

O código de 1890 deixava de considerar crime o homicídio praticado sob um estado de total perturbação dos sentidos e da inteligência. (...). Nesse caso, [o criminoso] não teria responsabilidade sobre seus atos e não sofreria condenação criminal.”(ELUF, 2007, p. 164)

De acordo com Alcidesio de Oliveira Júnior (2005), as teorias biodeterministas e a sociologia criminal francesa, discutidas em meados do século XIX, na Europa, fazem parte das discussões que vigoraram na produção do código penal de 1890. A discussão em torno dos fatores responsáveis pela execução dos crimes trava um debate entre as teorias biodeterministas, segundo as quais os fatores naturais seriam determinantes do ato criminoso; e a sociologia criminal, para esta, os fatores sociais é que seriam cruciais à motivação do crime. Para Oliveira Júnior, a apropriação das teorias biodeterministas tiveram maior peso na produção do código de 1890 no Brasil, estando também presentes também no código penal de 1940. As mesmas teorias que fizeram parte da formação de Gilberto Amado, das quais o autor devia ter grande conhecimento - pois, na época, era professor extraordinário da cadeira de Direito Penal da Faculdade de Direito de Recife – possibilitaram a absolvição de Gilberto, o que nos leva a entender que as teorias biodeterministas fazem parte da episteme moderna, da forma moderna de pensar a realidade e os indivíduos como dotados de uma essência imutável que, no caso de crimes como os praticado por Amado, governava-lhe os sentidos a ponto deste não poder ser condenado criminalmente.

Na escrita de suas memórias, Amado também constrói sua argumentação em defesa do crime praticado contra Anníbal Theophílo. O autor lança mão dos argumentos cientificistas para discorrer sobre a enfermidade de que era vítima, caso se encontrasse de estômago vazio, ficava “um sujeito impossível, uma onça furando o mato, com os seus urros, à procura da presa para os dentes” (AMADO, 1956, p. 441), ou seja, até mesmo o autor se descreve como um selvagem, se além de contrariado, ainda estivesse com fome.

Doem-me os olhos; passam-me vertigens sucessivas na cabeça; os lábios não logram agenciar sorrisos. E justamente na hora em que preciso ser amável, correspondia a cumprimentos, responder a perguntas convencionais. O ôco do meu peito queima. Quantos incidentes por êste motivo!

O fenômeno se processa em dois planos – no vegetativo ou somático (que palavras horríveis!) e no psíquico ou cerebral; naquele um escuro delirar; neste uma claridade ampla. Agredindo um amigo eu via a rata que dava. E tinha pena de mim ao estar dando. Ó sofrimento! Ansiava por proceder como

cavalheiro, e me encrespava numa agressividade selvagem. (AMADO, 1956, p. 441-442)

Tais observações dizem respeito a um desafeto que Amado teve com outro sul-americano em Paris no ano de 1914, um ano antes do assassinato, época em que o autor diz não “se apaceber da enfermidade de que era vítima” (AMADO, 1956, p. 442), pensando que aquilo era natural ao seu feitio. Tendo Amado consciência ou não de sua “enfermidade”, o interessante é que a ênfase do debate jurídico, seja por parte da acusação ou da defesa, se processa em meio a uma discussão pautada em argumentos biológicos em torno dos fatores que motivavam atitudes tidas como selvagens. Era como tema de ciência que se definia os critérios de denominação de atos impulsivos como sendo sintomas de selvageria.

Como já foi abordado em outro texto (Conf. CAVALCANTE, 2009), nos discursos de acusação ou defesa de Amado os elementos biodeterministas se fazem presentes. Essa prerrogativa dá indícios de um momento histórico em que os homens de ciência naturalizam os comportamentos humanos. Nessa perspectiva, até mesmo a intelectualidade dos indivíduos parece ser constituída por fatores biológicos que os determinam como seres que têm uma constituição mental diferenciada dos demais mortais. O discurso que ampara a defesa de Amado camufla os privilégios sociais de um homem bem relacionado politicamente, utilizando para isso o aparato legal que tem nas teorias biodeterministas, em suas mais variadas versões, o aporte epistemológico que lhe conferia sustentação.

As teorias biodeterministas, além de servirem a absolvição de Amado, atuaram também na produção de suas memórias escritas, visando, a todo momento, construir uma ideia de uma predisposição ao mundo intelectual. Tal argumento atuou na produção memorialística de sua defesa.

4.3 QUANDO A ESCRITA CHEGA: A RECOMPOSIÇÃO DE CACOS DE SI

AGORA UM ASSUNTO de que, se pudesse, não me ocuparia. Triste demais, repugna-me evocá-lo. Quebrei o segmento cronológico para não abrir o volume com êle. Cedo à fraqueza de temer interpretação errônea do meu silêncio. Mas não devia ceder. Houve muita conciliação. Desfizeram-me numerosos mal-entendidos. Inimigos tornaram-se amigos... Lamentar o irremediável não é meu gênero. Meus sofrimentos não os exibo; não os exploro literariamente. Tenho horror ao dolorismo, que considero indecência. Dor a gente oculta; não a ‘utiliza’ (AMADO, 1958, p. 328).

Gilberto Amado reluta em narrar o assassinato de Annibal Theophilo, para tanto, burla a sequência cronológica que visava dar sentido aos “múltiplos desenvolvimentos” de sua vida. Até o livro *Mocidade no Rio e Primeira Viagem a Europa*, o autor organiza seu livro por anos. A partir de *Presença na Política*, sua memorialística passa a ser organizada em partes ou temas. E o acontecimento que deveria abrir o livro, caso Amado continuasse sua linha cronológica, seria o homicídio de Annibal Theophilo. No entanto, o relato desse episódio é relegado a um curto capítulo no final de *Presença na Política*.

Amado burla a sequência cronológica de sua narrativa numa clara demonstração de que a vida e a história não seguem uma pretensa linearidade, não caminham para uma perfeição idealizada como lhe ensinaram seus mestres iluministas. Uma clara demonstração de que a vida e a história são os trajetos, as rupturas, os cortes, os tiros que, por vezes, disparamos contra nós mesmos, como parece ter acontecido com Amado. O tiro que Gilberto dispara contra Annibal foi também um tiro contra sua imagem. Sua escrita é uma tentativa de sanar essa ferida, recompor os cacos de si, sua imagem de intelectual necessário ao estudo e ao progresso da nação. Sua escrita é uma luta contra o esquecimento, contra um corpo convalescente, uma maquiagem para um corpo feio, violento que pretende se autodisciplinar. Sua escrita é, como nos lembra Foucault (1992), uma forma de adestramento de si. Em suas memórias, Amado comporta-se como um discípulo ascético: utiliza suas memórias como uma forma de confissão, autopunição e disciplina de si.

No entanto, ao perseguir a “verdade”, esta máxima positivista, o autor não escapa ao assunto tão caro à sua reputação, mesmo que para isso ele sacrifique a própria Literatura, uma vez que, na sua concepção, “dor não se explora literariamente.” Em nome à sua pretensa devoção à verdade, Amado sacrifica sua própria imagem de um homem “intelectualmente superdesenvolvido, sensibíllissimo”, porém de uma “animalidade febril” (AMADO, 1958, p. 337).

Contudo, como vimos até aqui, Amado, a todo instante, retoca sua pretensa verdade. Brinca com a palavra e, portanto, brinca com a história. Constrói sua versão. Amado diz se dispor a escrever a verdade “objetivamente”. Entretanto, o que era para ser uma narrativa objetiva do acontecimento em questão começa pela evocação de discursos de seus colegas de letras que, em 1914, pareciam, segundo o autor, prever o que estava por acontecer em 1915. O autor evoca o discurso de Félix Pacheco que atestava a vocação literária e o compromisso intelectual de Gilberto Amado, quando este concorreu à cadeira na Academia Brasileira de Letras, perdendo apenas por um voto. Candidatura essa em que, aliás, contou com o apoio de Olavo Bilac, algo que nunca foi compreendido por seu amigo Coelho Neto. Numa estratégia

que tem o intuito de se manter a parte daquele assunto tão caro às escritas das páginas de sua vida e ao mesmo tempo transformar aquela narrativa num discurso de sua defesa, Amado evoca as linhas deixadas por Pacheco. De acordo com Pacheco, naquele discurso de 1914, com 27 anos, o jovem Amado era o exemplo de intelectual que os novos tempos necessitavam, “estandarte da renovação nas letras, como nas artes na política e em tudo mais” (Apud. AMADO, 1958, p. 329).

O autor segue numa lista enfadonha e detalhada de todas as pessoas possíveis com as quais se relacionou e com as quais poderia ter tido um desentendimento a ponto de cometer um crime, chegando à conclusão que poderia ter “brigado com qualquer pessoa com quem de qualquer maneira direta ou indireta tivesse tido qualquer divergência ou qualquer encontro de qualquer ordem por qualquer motivo” (AMADO, 1958b, p. 335), mas nunca com Annibal Theophilo, homem maduro, “a quem o destino despachou para a desgraça que sucedeu”, o qual, segundo Amado, não tinha nenhum vínculo com o mundo da Letras. Por mais que os jornais enfatizassem os belos versos de Theophilo e a ascensão meteórica que teve aquele poeta no ciclo literário carioca, Amado o desqualificava como homem de letras, sendo por esta condição uma vítima improvável de seu ato de impulso e desrazão ao disparar o tiro que acabou com a vida do poeta sul-rio-grandense. Para Amado, Annibal foi magnetizado por amigos que não o amavam e “de que foi sem dúvida nenhuma a vítima inocente. (AMADO, 1958, p. 336)

E prossegue Gilberto Amado narrando o conjunto de casualidades que teria feito com que ele atirasse contra Annibal Theophilo, a série de insultos e ameaças que se prolongava com o passar dos dias, o medo de Amado de sair às ruas, a sua discrição ao optar por não tratar do assunto com a família. Segundo Amado, sempre que se cruzavam Annibal, “homem atlético, de alta estatura, conhecido desde a mocidade pelo vigor físico”, (AMADO, 1958, p. 336) o ameaçava com “puxões de orelha” em seus encontros nos bondes e nas ruas. Como odiava Amado a expressão “puxar-lhes as orelhas”, como se estivesse tratando “de um pelintra que devesse ser exemplado” (AMADO, 1958, p. 340).

A repercussão do assassinato do poeta sul-rio grandense parece fazer desmoronar parte do edifício que tinha construído em prol da constituição de uma vida, marcada pelo esforço para corresponder ao que Amado diz ser anseios de seu pai. Melk ao encontrar seu filho no julgamento da ação não teria desmoronado, conversou com Gilberto como se estivessem numa das manhãs de sua meninice em Itaporanga, “preparando-nos para uma das nossas viagens”. (AMADO, 1958, p. 345-346) A relação com o pai, destacada em suas memórias de infância, foi assunto retomado no discurso pronunciado pelo autor em seu

aniversário de oitenta anos. Vale apenas reproduzir parte substancial de tal passagem, tamanha a riqueza de detalhes com que Amado narra a suposta relação de subserviência aos projetos do pai.

Eu não queria a “ação” queria o “pensamento”. Essa é a verdade, louca, boba, pueril, o que quiserem, mas era a ideia que me dominava. Bem cedo me apercebi da infantilidade desse sonho. Meu amor a meu pai, minha fraqueza diante dele e a responsabilidade em que ele me investia de chefe e esperança da família (família que ele aumentava contando comigo e se apoiando com uma ingenuidade bíblica na confiança que eu lhe infundia), anularam todos esses planos (...) infantis. Sufoquei-os dentro de mim “para dar gosto a meu pai”. Para ele dar-lhe “gosto” era ser deputado, escrever nos jornais, fazer discursos, brilhar “mostrar como se tem talento, fazer como os homens que ele admirava, aparecer, ocupar lugar importante. Mais de uma vez comuniquei-lhe minha falta de entusiasmo por suas idéias e programa. Ele me olhava da maneira que sabia: de me amolecer o coração. Soltava a frase esmagadora “você não quer me dar gosto? Criança que não chorava, já com a mania de ser forte, chorei homem feito quase ao sair da adolescência, por ter sido forçado a não voltar à Bahia e continuar curso de Medicina⁴².

E prossegue Amado falando do seu interesse que, inicialmente, seria pela área de ciências biológicas, mas que, mais tarde foi transposto para as ciências humanas. O forte apego pelo determinismo biológico, além de uma prerrogativa de seu tempo de estudante no Recife, também é fruto de sua formação inicial na área de ciências da saúde⁴³. Além disso, seu discurso dá indícios da violência simbólica de uma educação voltada para formar homens, na qual não se é permitido chorar, na qual seus sonhos foram supostamente anulados para seguir e sustentar até materialmente as vontades de um patriarca viril. Os frutos de tal educação se mostram no crime cometido em 1915 e nas demais posturas e posicionamentos autoritários do autor, o que contradiz a imagem de rapaz “sensibilíssimo” que Amado afirmava ter em sua juventude.

Buscando superar o momento de ruptura em sua existência com o homicídio do poeta sul-riograndense, uma das alternativas encontradas por Amado foi a escrita de si.

Em todo o caso recuperado o direito de existir, cumpri para comigo mesmo, durante todo o suplício, o dever de não esmorecer. Eu não preservei apenas meu corpo de pancadas e de golpes físicos, mas a minha condição de ser humano, que não é apenas um conjunto de órgãos e de vísceras, mas o

⁴² FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Discurso pronunciado pelo Embaixador Gilberto Amado no Banquete que lhe foi oferecido por seus amigos no Copacabana Palace*, por ocasião do seu 80º aniversário. Rio de Janeiro. 7 de maio de 1967.

⁴³ As memórias de Amado remetem à sua formação inicial na área de Farmácia. Suponho que a menção ao curso de Medicina se deva a uma possível continuidade à formação farmacêutica.

depositário de uma alma, de uma herança, de um sentido, de uma unidade, ligada por vínculos eternos à própria significação da pessoa humana. A outra vítima, desprendida desses laços ou deles segregada brincou com a sua realidade humana, ignorando na renúncia da própria, os direitos imprescritíveis da outra. (AMADO, 1958, p. 343)

Para Amado, ele e Annibal eram vítimas da “gens literária”, na época, liderada por figuras como Coelho Neto e Olavo Bilac. No entanto, no discurso do autor, a maior vítima do homicídio foi ele Gilberto Amado que tinha um nome a zelar perante sua família. A noção de unidade, em Amado, está intimamente relacionada a ideia de uma hereditariedade e de um sentido para a vida, que Annibal não teria, pois se desprendera cedo dos laços familiares⁴⁴. Gilberto se constrói, em sua narrativa, como vítima de sua própria ação, o que em parte é plausível, uma vez que o assassinato foi um tiro em sua própria imagem de intelectual que ele tenta reaver por meio da escrita de si. Daí, talvez, a constante necessidade de produzir a sua narrativa memorialista numa perspectiva essencialista, como se desde a sua infância, ele fosse alguém predestinado ao mundo das letras, sendo seus relatos encarados pelo próprio autor como uma escrita redentora, na qual ele tinha a possibilidade de escrever o que tinha ficado em sua alma, emancipando-se da tutela de seu pai e construindo sua imagem tal qual queria ser visto. Em *História da Minha Infância*, Amado escreve:

Fixando nestas recordações os meus estados de espírito dentro da atmosfera que respirava, senti-me no dever para comigo mesmo, para quem sobretudo escrevo... (êste livro é antes de tudo minha história para mim... sou eu no meu próprio espelho) senti-me no dever de não mentir a mim próprio, de me copiar tal qual eu era então. (AMADO, 1954, p. 288)

Uma escrita para si. A escrita memorialista de Amado traz uma reivindicação de um eu que quisera se emancipar dos sonhos do pai. Como já indicado em capítulo anterior, em todos os seus livros a aversão à prática da advocacia e à política é, vez por outra, destacada. Amado, nesse momento, diz se interessar pelo magistério e a carreira literária. A resistência em advogar, segundo o autor, o tornara incompreensível a muitos de seus contemporâneos, demais colegas nortistas do Direito.

Serviram-me os duzentos ou trezentos mil réis que recebia, sem ônus nenhum para a minha sensibilidade, de anteparo contra um perigo que me ameaçava e de que eu corria como o diabo corre da cruz: o perigo de advogar. Colegas mais velhos do norte já em vias de prosperar na profissão, a par dos meus títulos de estudante ‘distinto’, diziam-me: - ‘Venha trabalhar

⁴⁴ Segundo Ana Lee (2006, p. 14), Annibal nasceu em 1873 no Mato Grosso, quando o pai trabalhava na Fortaleza de Humaitá. Morou no Amazonas e no Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Militar. Era conhecido por seu tipo atlético e, desde cadete, tinha certa habilidade para os versos.

conosco!’ (...) O sangue esfriava-me diante de tal perspectiva. Uma repugnância invencível me subia das entranhas por tais propostas túmidas de possíveis proventos. – ‘Que futuro pode ter você na imprensa?’ – ‘Literatura...’ – ‘Você está maluco?’ Um dêles, ressabiado com uma resposta mais viva que lhe dei, exclamou: - ‘Bem... Se você quer acabar comendo empada em quiosque e tomando caninha na Colombo... Isto é lá com você!’ e se afastou. Êsse ficou rico logo, mas nunca o pude ver alegre (...) Que tinha eu contra a profissão. Em princípio – nada! Obstáculo de ordem intelectual nenhum. Trata-se antes de tudo de uma tara de um modo de ser de família. Dos cinco bacharéis que somos lá em casa, nenhum advogou propriamente. (...) Isso vem de dentro. Reconhecemos o desproveito econômico e a desvantagem social de nos mantermos a margem das atividades específicas da profissão. Mas a idéia de ganho nos é estranha, a quase todos nós. ‘Dinheiro me atrapalha’. (...) Se tivesse de ficar rico, não saberia como me haver. Lutei sempre quanto à possibilidade de enriquecer. Botei fora ocasiões únicas...

Conquanto não me esperasse viver em Pernambuco, habilitava-me para o concurso da Faculdade de Direito do Recife com o fim de nomeado, revestir desde logo a minha extrema juventude, de idade e de aspecto, do prestígio da beca na mais bela das posições então abertas no país a um ‘intelectual’. Eu teria sem possibilidade de dúvida, sido professor, custasse o que custasse (AMADO, 1956, p. 36)

A carreira literária era socialmente definida como feminina, ocupava no espectro das carreiras dirigentes uma posição dominada em relação à carreira militar, à advocacia e à carreira política (MICELI, 2001). No discurso de Amado, o gosto pela vida intelectual, corresponderia à sua “sensibilidade de rapaz intelectualmente superdesenvolvido”, causando estranhamento aos seus demais colegas do Norte, homens empenhados na legitimação do seu lugar enquanto machos viris, protótipo do modelo que atuaria na construção da ideia de homem nordestino a partir da década de 1920 (ALBUQUERQUE JR, 2003). A escolha pelo direito e a carreira política, impulsionadas pelo sonho do pai, em muito significava a busca por uma manutenção no poder e legitimação de uma antiga elite financeira e intelectual que no início do século XX já se encontrava em declínio no Brasil.

O gosto pelo magistério aparece, mais uma vez, na memorialista de Amado, como algo hereditário, como algo que se situa além de suas próprias forças, como no episódio do assassinato do poeta Annibal Theophilo. A suposta predisposição ao mundo intelectual indispunha Amado até para o ganho de dinheiro. Amado participa de uma máxima recorrente na tradição filosófica, segundo a qual o sujeito “é algo que encontramos como uma ‘être-la’, algo do domínio de uma suposta natureza humana” (GUATARRI; ROLNIK, 1996, p. 25-73).

A representatividade do intelectual, devotado ao magistério e à Literatura, parece ser muito mais interessante a Amado, do que a possibilidade de se ganhar dinheiro advogando. Segundo Albuquerque Jr., em países que experimentaram o desenvolvimento tardio das relações tipicamente capitalistas, como é o caso do Brasil, o acesso ao título universitário e ao

bacharelismo tem mais um sentido de legitimação e perpetuação de um *status* social, do que um sentido de formação de um profissional voltado à produção de um saber útil à sociedade capitalista, seja para condená-la, seja para legitimá-la (ALBUQUERQUE JR., 2005, p. 43-66).

A cátedra numa escola superior correspondia há cinquenta anos, no Brasil, para um rapaz de minha origem, à ordenação sacerdotal ou ao oficialato no exercício para os filhos de famílias pobres na monarquia e no comêço (sic) da República (AMADO, 1956, p. 38).

De acordo com Miceli (1979), narrativas como a de Amado, dão ênfase a certas experiências, através das quais os intelectuais buscam justificar sua “vocação”, se empenhando em reconstruir as circunstâncias sociais que, no seu entender, se colocam na raiz de suas inclinações para as profissões intelectuais que é, na verdade, a tentativa de manter o poder de certas famílias que se encontravam decaídas no momento da produção de suas escritas de si. Ainda, segundo o autor, se os intelectuais insistem tanto em descrever as circunstâncias em meio às quais se sentiram atraídos pelo trabalho simbólico, quase sempre evocando prerrogativas que, no caso de Amado, remete à intelectualidade como uma tara familiar, é porque não conseguem ocultar de todo os rastros que possibilitam reconstruir as circunstâncias sociais e históricas de sua existência (MICELI, 1979, p. 23).

A escrita de si, em Gilberto Amado, em muitos momentos, parece funcionar como grito de liberdade aos anseios do pai. No entanto, o questionamento persiste: seria a vida política tão somente um sonho do Coronel Melk? Vimos com Sevcenko (2003) que a literatura, muitas vezes, era vista como uma forma de galgar cargos políticos. Política e literatura encontravam-se entremeadas no Brasil de início do século XX. O próprio Coelho Neto também eram deputado federal pelo Maranhão. Os sonhos de Amado e de seu pai parecem ter um ponto de encontro e trazem consigo traços de um tempo. E é o próprio Gilberto que dá indícios do quanto sua eleição para deputado federal viabilizaria sua vida em vários sentidos: ajudar a extensa família, além de resguardá-lo contra o risco de voltar a Pernambuco, onde como professor extraordinário recebia quinhentos mil réis por mês e ainda teria que viver na casa da sogra. (AMADO, 1958, p. 332). É interessante observar a mudança de discurso de Amado nesse momento da vida. Teria a realidade de provedor de família o despertado para a necessidade da política como forma de sobrevivência ou, como indica a historiografia, política e literatura pareciam estar imbricadas nos interesses dos homens de letras de então? O magistério que seria a grande predisposição de Amado é deixado de lado

em prol da carreira política, fazendo com que Amado tivesse na política uma atuação de comparsa como o próprio autor afirma.

O amor pelo mundo das letras seja na literatura ou no magistério parece não ter sido tão forte quanto uma tara de família, sugerindo que tal inclinação não faz parte de uma predisposição hereditária. Ela traz traços de um tempo. A trajetória de Amado não foi única naquele Brasil de início do século XX. Amado soube se movimentar em meio à intelectualidade recifense e carioca e dispôs de capitais simbólicos que possibilitaram sua notoriedade no mundo intelectual da época. Contudo, um momento de desrazão, como o homicídio de Annibal Theophilo, parece fazer ruir toda sua trajetória até aquele momento fatídico. A escrita de suas memórias, a ênfase em seus mestres iluministas com sua valorização da razão e no corpo disciplinado é uma tentativa de Amado dar sentido à sua vida por meio de palavras. Sarar a ferida, recompor os cacos de sua imagem feia refletida no espelho. Reconstruir seus cacos e sedimentá-los para que ele não fosse esquecido ou lembrado como um corpo e uma mente desarrazoados e, portanto, impróprio para a formação da classe dirigente do Brasil.

4.4 IMPRENSA CARIOCA: NOTAS SOBRE UM PAÍS EM RUÍNAS

À medida que Gilberto Amado escreve seus relatos acerca de sua vivência no Rio de Janeiro, emergem suas memórias sobre sua passagem pela imprensa carioca. Amado faz o mesmo percurso que fez ao relatar sua formação no Recife: reler suas crônicas e reproduz algumas em sua memorialística. O momento de releitura e o destaque que é dado a alguns temas permitem que o autor produza relações entre passado e presente, muitas vezes, aclamando a atualidade de escritos anteriores, outras vezes, construindo pontes para abordagens de determinados temas. Esta sessão tem como objetivo a problematização de alguns textos que Amado produziu para o jornal *O Paíz* entre os anos de 1910 e 1911. Buscamos destacar aqui textos que indicam a recorrência de algumas temáticas nas abordagens de Amado, tais como a preocupação com a educação do povo brasileiro, a questão da unidade nacional e os usos do conceito de raça.

Como vimos nos capítulos anteriores, a preocupação com a unidade nacional é recorrente nas abordagens de Amado. Nada surpreendente naquele Brasil republicano que convoca os intelectuais da época a pensar sobre a nacionalidade brasileira. Para Sevcenko (2003), a noção de nação, bem como a de verdade, justiça e humanidade eram referenciais básicos, unidades semânticas constitutivas da produção artística e intelectual da época. Em

Amado, a questão da formação intelectual seria a ponte que levaria o Brasil ao patamar de nação moderna e civilizada. Em crônica do dia 22 de agosto de 1910, Amado aclamava a Argentina como um país que sabia ler, diferente do Brasil, um país analfabeto.

La se cuida da instrução primária da educação cívica do povo, avivando o sentimento de nacionalidade que hoje esfervilha nos pulsos de patriotismo demasiado ardente por vezes. Aqui cuidamos da instrução superior, que agora mesmo tanto preocupa, enquanto por alguns Estados do norte sob o pretexto de econômicos subitos governos ha que ordenam patrioticamente supressão das escolas.⁴⁵

A falta de atenção para com a educação causava uma antinomia, de acordo com Amado: de um lado, uma elite intelectual que “a cada dia se apura na mais alta cultura isolada, sobrenadando na superfície sem raízes, um Brasil “supercivilizado que pensa e veste como Paris, tem anceios intelectuaes e nevroses literárias, discute as ideias mais finas e detesta o Trópico.” Este grupo era cada vez mais estranho no país “pela desproporção da maioria inculta e bisonha.” (Idem, p.1). Do outro lado, o Brasil (...) da matta, há quatrocentos annos, victima de todas as invasões e tropelos, fetichista e nú.”⁴⁶

Para Amado, o historiador que se dispusesse a estudar o país e as contradições de seu regime, corria o perigo de enlouquecer. O Brasil era um país novo, povoado de ruínas, não conhecia a evolução nos moldes positivistas; experimentara apenas sopros de civilização:

o Maranhão teve sua primeira civilização e tão florescente que pôde ouvir o padre Vieira e gerar a literatura do século seguinte; a de Minas foi esplendida e ruidosa. (...). Hoje, entretanto, Ouro Preto é uma ruína soturna. Toda margem do Parahyba, em São Paulo, foi o cenário de uma riqueza comparável de três seculos que hoje nada revela, escreveu Euclýdes da Cunha, da pompa antiga.⁴⁷

O Brasil não conhecia uma unidade nacional, experimentou alguns “esforços arquejantes” como a catequização dos índios, liderada por José de Anchieta e a tentativa de integração dos nativos à população, realizada por José Bonifácio. Esses esforços não se conjugavam, não se integravam. “Não conhecemos a marcha continuada o lento ascender de passo firme.”⁴⁸

⁴⁵ Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1910, p. 1.

⁴⁶ Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1910, p. 1

⁴⁷ Idem, p. 1

⁴⁸ Ibidem, p.1.

Os trechos acima pertencem a um texto de Amado sobre as comemorações da data da Independência em 1910. A questão da não integração dos índios à sociedade brasileira aparece no discurso do autor como principal entrave à unidade nacional. O Brasil estava dividido em dois Brasis. De um lado o Brasil culto e civilizado que respirava os ares de Paris e, de outro lado, o Brasil selvagem da mata. Esses dois Brasis faziam de nossa sociologia uma monstruosidade, dificultando qualquer estudo científico da história do país, pois, ao contrário do que postulava os ideais científicos preponderantes na época, a história não segue a marcha do progresso e da civilização. O fato da história não seguir os moldes pré-estabelecidos pelo positivismo parece desconcertar Amado, assim como acontece ao lidar com sua vida, com seus tiros disparados contra o espelho, suas rupturas que o desconcertam a ponto de levá-lo a buscar dar sentido linear por meio da escrita de si.

De acordo com Amado, os índios deveriam ser assimilados à atividade intrínseca da nação que seria o progresso, o alcance da civilização. Os índios representavam “oito milhões de brasileiros que rolam desperdiçados pelo interior, nômades nas caatingas, estéreis nos engenhos e nas fazendas abandonadas, que nascem, vegetam-se, morrem quase sem ter servido à sua Pátria.” O índio pela “resistência própria e pela vitalidade rude de suas energias” seria “o elemento mais eficaz para a obra da libertação da nossa economia.”⁴⁹

Dotados de braços rudes e resistentes, para Amado e para a elite que pensara o Brasil, a contribuição indígena à nação brasileira é convocada apenas para trabalho braçal que sustentaria a economia brasileira, assim como os negros sustentaram em mais de três séculos de escravidão. Para os índios, não é pensada uma integração à nação pela via da formação intelectual como para os filhos das elites. Certamente, na interpretação biodeterminista e positivista de Amado, os índios, posicionados num estágio de selvageria e, sendo por este motivo, incapazes de evoluir, só seriam aptos para o trabalho braçal. O modo de lidar com os índios, pensado por Amado, é o mesmo modo pelo qual seus ancestrais portugueses lidaram com os nativos no processo de exploração das terras brasileiras. O discurso de Gilberto Amado é, a todo instante, um discurso em causa própria, um discurso de conservação de um lugar de uma elite e de conservação de uma pretensa identidade individual que para se erigir precisa de um todo sólido que o conserve como tal. Aliás, é por isso que Gilberto Amado concebe o Brasil como um país constituído por ruínas. As ruínas do país impossibilitavam a solidificação de um ideal de nação unificado, no qual os índios contribuiriam com o trabalho que libertaria nossa economia, possibilitando o progresso material necessário a formação

⁴⁹ Ibidem, p. 1

intelectual das elites dirigentes do país. Esse todo corresponde, justamente, a um projeto de nação brasileira desigual que visa manter uma estrutura de manutenção de privilégios para elite.

Enxergar o Brasil como um país constituído de ruínas não significa, em Amado, um total ceticismo em relação ao futuro do país. Gilberto Amado defendia a ideia de que uma democracia de cunho elitista aliada ao cultivo do nacionalismo guiaria a nação ao progresso. Enfatizava o amor à terra, a crença no potencial brasileiro e no poder renovador da cultura como fertilizador da democracia. A crença no domínio da cultura e da educação como prerrogativas necessárias à formação da classe dirigente do Brasil é, justamente, o que o leva a assumir posições conservadoras no que se refere a crença do sufrágio universal secreto. Sobre a crença no futuro promissor do país, dirigido por uma elite intelectual, Amado afirma:

Por enquanto, cabe-nos, apenas, praticar política que tem uma dupla face: negativa — aquela em que se reflete necessidade de negar apoio a todo ponto de vista que não seja nítido e claro... negar apoio a tudo que participe das ideologias transplantadas ou nascidas de impressões mal assimiladas pelo meio. A face positiva será aquela em que se reflita a necessidade de não demorar a fazer tudo que possa concorrer para a grandeza material do país, pelo fortalecimento de seu crédito, pelo desenvolvimento de suas riquezas... Para isso, precisamos antes de tudo de cultura, de instrução política, de estudos científicos e de um pouco de orgulho nacional. Chamo de orgulho nacional a convicção que devemos ter de nossas responsabilidades na formação de um grande país, onde tudo é fácil aparentemente e tudo é difícil substancialmente (AMADO, 1999, p. XVIII)

Como vimos, as ideias iluministas, o evolucionismo e as teorias raciais fundamentam a ideia defendida por Amado de uma supremacia intelectual que para se estabelecer enquanto tal, necessita do trabalho braçal de negros e índios que carregariam em suas costas o progresso material da nação. As ideias de nacionalismo e patriotismo são noções que nascem das classes mais ilustradas e só depois chega às massas. É uma ideia imposta de cima para baixo. O nacionalismo que, na maioria das vezes, se acentua em períodos de crise, tem como meios de veiculação a educação e os meios de comunicação. O projeto de Amado estava, pois, sintonizado com a noção de nacionalismo que emerge com a construção dos Estados Nacionais, fazendo jus à sua formação iluminista. Essas ideias parecem ter acompanhado Gilberto Amado em suas análises sobre o Brasil por muito tempo, fazendo parte até mesmo da sua produção memorialística, mas prossigamos aqui com alguns questionamentos: que usos do conceito de raça Amado fez ao longo de sua trajetória intelectual? Existiu, em seus

posicionamentos, a possibilidade de não adoção desse conceito? Prossigamos seguindo os rastros da trajetória intelectual deste autor.

4.5 USOS E (DES) USOS DO CONCEITO DE RAÇA

Ao fazer o percurso de voltar às crônicas produzidas para o Jornal *O Paíz*, Gilberto Amado destaca, em suas memórias, determinados temas que constituem pontes para demarcar posicionamentos um tanto quanto distintos daqueles que fizeram parte de sua produção quando jovem e jornalista.

Vou olhando para a memória e para os artigos que escrevi, nesses primeiros meses de colaboração no *O Paíz*, encontrando capítulos e capítulos a me pedirem referência neste livro. É claro que a quase todos recuso admissão. Abro a porteira apenas aos que têm mais peito, empurram-na e berram, impondo-se à atenção. (AMADO, 1956, p. 84)

Amado abre as portas da memória para sua crônica sobre a Revolta da Chibata a qual denomina de Revolta dos Marinheiros. Em crônica de 27 de novembro de 1910, o autor aclama a personalidade de João Cândido, alegando que o marinheiro teria reavivado o patriotismo nacional que andara numa fase de falta “de grandeza, de ação, de vigor.” Qualquer ato nutrido dessas virtudes suscitaria a gratidão popular. Em sua crônica, Amado chega a mencionar as reivindicações dos marinheiros pelo “direito da dignidade humana, o primeiro de todos os direitos, que a chibata freia.” (Idem, p. 87). No entanto, o texto visa mais construir João Cândido como novo herói nacional do que enfatizar as reivindicações dos marinheiros.

Ao reler em 1956 - momento de produção de seus relatos memorialísticos acerca de sua passagem pelo Rio de Janeiro - os demais artigos sobre o movimento liderado por João Cândido, Amado chama a atenção para a preocupação da imprensa carioca com a imagem que o país estava deixando para a Europa:

‘O que vai pensar de nós a Europa?’ era a iterativa lamentação. Nenhuma alusão aos Estados Unidos. Nenhuma. Não se perguntava o que iria pensar de nós a hoje república líder do continente e do mundo ocidental. Há cinquenta anos, no Brasil do Barão de Rio Branco, os Estados Unidos não constituíam preocupação ou ponto de referência para os nossos estadistas e políticos.

A ascensão dos Estados Unidos como potência detentora de poder e propagadora de valores e conhecimento, como vimos, é algo constatado por Amado desde sua conferência *A Chave de Salomão* em 1914. A ascensão de uma nova configuração mundial na década de 1950, momento de escrita de suas memórias, é algo que parece atormentar Amado, pois representa a ruína do modo de conhecimento filosófico e científico que faz parte da formação de sua geração e de sua produção de si, daí a constante atenção ao tema de sua formação em sua memorialística.

O que aparece de novo, no destaque dado a Revolta da Chibata, bem como no comentário acima é que tais ênfases servem de referência para que Amado aborde um outro tema. Segundo Amado (1956), a Revolta dos Marinheiros teria chamado a atenção de um observador estrangeiro, autor de *American Commonwealth*, que, em outro livro sobre as repúblicas sul-americanas defende a tese de “que não seria hoje esse país [o Brasil] se em vez de achar-se em mãos de uma raça incapaz estivesse em mãos dos anglo-saxônios?” (Apud.: AMADO, 1956, p. 90). Para Amado, era assim que em maior ou em menor precisão se exprimia o professor da Universidade de Oxford.

A Revolta dos Marinheiros explodindo das máquinas perfeitas dos suntuosos vasos de guerras construídos nos estaleiros de seu país com o dinheiro resultante de empréstimos originários da City, ilustrava de maneira gritante, a doutrina do juris-consulto quilotado nas concepções do liberalismo imperialista do século. Com êle não pensava apenas os ingleses da sua escola, mas franceses e italianos, ‘latinos’, que nem mais ousava debater o problema, tão dominados que achavam pelo que se tornara verdade axiomática – o estúpido preconceito da superioridade britânica, senhora do mar e governadora do mundo. No Brasil, então, onde, como é sabido, sofre tantos eclipses a objetividade, essa concepção superficial e errada prevalecia sem contrastes com a imponência de um dogma. Os escritores brasileiros chegavam a experimentar, em acatá-la sem comentários, uma espécie de prazer. Reconheciam e proclamavam a própria inferioridade, contentes de dobrar os joelhos como escravos diante do senhor. Essa superioridade tinha para eles qualquer coisa de apodíctico, certo e sagrado como o credo. (AMADO, 1956, p. 90).

O professor da Universidade de Oxford era James Bryce. Seu livro *América do Sul, observações e impressões* (1912) não despertou reações apenas por parte de Amado. João Pires Rio (1972), outro observador da época, afirma que Bryce coloca os portugueses como responsáveis dos males brasileiros e “nega a valiosa colaboração dos negros e dos índios na formação da nacionalidade brasileira.” As afirmações de Bryce seriam fruto de uma rápida passagem pelo Brasil, desprovida de qualquer conhecimento científico e histórico do país.

Para Rio (1972), a análise científica deveria ser baseada na geologia dos países. O determinismo, em Rio, não era o racial e, sim, o geográfico.

Sobre as ideias de Bryce, Amado se interroga se, à época, já teria noção da falácia da tese do autor irlandês, ao que responde que não pode dizer com segurança, mas evoca uma discussão que teria tido com o italiano, presidente da Câmara de Comércio Ítalo-Brasileira de Gênova, o qual dizia pertencer brasileiros e italianos a uma raça incapaz. Amado teria evocado toda a história dos feitos de Portugal e Florença para demonstrar ao italiano que o progresso histórico não era uma questão de *raça*.

Egípcios, caldeus, fenícios, gregos, árabes, iniciadores, organizadores, propagadores, de civilizações imperecivelmente marcadas na face da terra... pertencia a uma raça superior a anglo-saxônica? E os séculos de miséria e corrupção de obscurantismo em que a Inglaterra apodrecia antes de florescer? Por que só no século XIX, após a queda de Napoleão, é que aparece e se afirma a superioridade britânica? É evidente, é solar. O fato nada tem a ver com raça. Esta fôra sempre inferior na Inglaterra... quando conjunto de causas naturais, econômicas sobretudo, não havia ainda concorrido (como ressaltou logo na primeira metade do século Karl Marx) para o estabelecimento de condições propiciadoras do progresso material e consequentemente do esplendor político do país.' (AMADO, 1956, p. 92-93).

Não por acaso as lembranças sobre a discussão de Amado com o presidente da Câmara de Comércio Ítalo-Brasileira de Gênova são evocadas pelo autor como datada de 1912, ano de publicação do livro *América do Sul, observações e impressões* de James Bryce. É interessante observar como Gilberto Amado manipula as memórias de modo a se construir como um intelectual atualizado com as discussões de seu tempo e como o modo de ler a história muda de acordo com o momento histórico e seus posicionamentos intelectuais e políticos. Amado parece esquecer dos textos de sua formação, na década de 1910, quando defendia a escravização de negros e índios por serem uma sub-raça. Textos que, vale lembrar, foram republicados até a década de 1930.

A crítica que Amado faz a Bryce fala de dois lugares: de um lado, serve para demarcar seu lugar de intelectual, avesso ao progresso do mundo da técnica que representava também a decadência dos pilares de sua formação; por outro lado, ao que tudo indica, o conceito de raça interessa a Amado quando é para refutar a suposta ideia de uma superioridade anglo-saxônica em relação aos latinos, especialmente aos portugueses. O uso da matriz teórica que embasa seus argumentos muda não só com o passar do tempo, mas também ao sabor de seus posicionamentos intelectuais e políticos. Quando o assunto é a existência de uma suposta superioridade racial entre europeus a ponto desta desqualificar o elemento português, até

mesmo Karl Marx é evocado para explicar as circunstâncias históricas e materiais que propiciaram o progresso da Inglaterra; quando o assunto é a necessidade de escravização de negros e índios no Brasil, o conceito de sub-raça embasa os argumentos de Amado. Lembremos, mais uma vez, que textos de Amado, baseados na ideia de raça, foram, como apontamos no primeiro capítulo, publicados na década de 1920 e republicados na década de 1930, período de publicação de *Casa Grande & Senzala*, livro que marca um novo momento para se pensar a questão da formação sócio histórica brasileira e que põe o conceito de raça em xeque.

É o próprio Amado que, em texto publicado em livro de comemoração do vigésimo quinto aniversário de *Casa Grande & Senzala*, destaca a renovação que Freyre opera na análise sociológica da formação histórica e social brasileira:

Foi êle o iniciador e se não tal – faço uma ressalva em respeito a opiniões acaso destoantes da minha ou mais autorizadas e com a preocupação de ser exato – o renovador dos processos de inquérito e de análise quem uma vez chamei de “interiorização” da pesquisa, Freyre não é só uma Obra é um método. Direi mais: por sua preparação especializada nos grandes centros, com os grandes mestres, trouxeram êle as chaves que precisávamos para poder entrar não só nos palácios encantados, nos casarões mal-assombrados, solares, engenhos, senzalas, sobrados e mucambos, como para descermos aos desvãos e camadas inferiores de onde emergiu o Brasil de nossos dias. Por seu caráter ecumênico, não é de estranhar assim que sua obra interesse a tanta gente e que dela se possa servir e nela encontrar caminho por onde andar não só o homem de ciência especializado.⁵⁰

Para Amado (1958), depois de Silvio Romero, só Freyre teve uma obra de prospecção no terreno social. *Casa Grande & Senzala* teria contribuído para um maior conhecimento das questões brasileiras, esmiuçando as peças interiores (AMADO, 1958, p. 271), verificando objetivamente os fenômenos dos fatos sociais. A obra de Freyre teria desvendado horizontes que “nos fez ver não só o Brasil que conhecemos ou que pensamos conhecer, como o que desconhecíamos”. O autor pernambucano teria, segundo Amado, dado ao Brasil uma imagem real e não uma representação alegórica, mesmo se utilizando de uma linguagem artística da “‘Gaya Cienza’ dos humanistas que Nietzsche prezava. Freyre “raramente [utilizava] de jargões abstratos, os termos genéricos, tão úteis a enunciação de formulas, mas tão precários a fixação artística do objeto”. Se Amado pudesse resumir a obra de Freyre em uma palavra, essa palavra seria “DISTABUZAÇÃO”. Freyre seria o grande destruidor de tabus no Brasil.⁵¹

⁵⁰ FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA/ARQUIVO MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA. Texto em comemoração do vigésimo quinto do aniversário de Casa Grande & Senzala. Acervo Pessoal de Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria

⁵¹ Idem, p. 1-2.

Tabus que fizeram parte da formação de Amado a ponto impregnar até mesmo sua escrita de si e, portanto, sua constituição enquanto sujeito. Segundo Elide Rugai Bastos (1999), a obra *Casa Grande & Senzala* foi pioneira no Brasil por diversos aspectos. E um desses aspectos está relacionado, justamente, a refutação das interpretações sociobiológicas que fizeram parte da formação de Gilberto Amado e de sua leitura sobre as questões brasileiras de seu tempo. Apoiando-se no diálogo com Franz Boas, a obra de Freyre apresentou propostas que superaram as explicações sociobiológicas e as fundadas no determinismo geográfico, representando uma ruptura no patamar analítico das interpretações do Brasil. O diálogo com Boas propiciou a ênfase no conceito de cultura, combatendo o evolucionismo biológico e racial. Esse diálogo mostra ser anticientífica a afirmação da superioridade ou da inferioridade de uma raça sobre a outra. Gilberto Freyre inaugurou um outro método de estudo ainda não utilizado nas reflexões sociológicas: o estudo do cotidiano, que será feito a partir do trabalho com uma amplitude de fontes históricas: diários íntimos, cartas, folhetins, autobiografias, cadernos de receitas, romances e artigos de jornais. “A metodologia permitirá ao autor transferir a análise da formação nacional ao âmbito privado e não ao das instituições públicas, prática usual das análises anteriores.” (BARROS, 1999, p. 234). Por estes motivos, *Casa Grande & Senzala* representou uma verdadeira revolução nos estudos sociais do país.

Neste sentido, podemos inferir que a oportunidade usada por Amado, no relato de suas memórias sobre sua experiência na imprensa carioca, para se colocar contra o conceito de raça como chave teórica para estudar a formação sócio histórica dos povos, é, mais uma vez, uma estratégia que o autor utiliza para se construir discursivamente como intelectual sintonizado com os debates de seu tempo e que, portanto, não poderia cair no ostracismo. Sendo a sua memorialística, desde o primeiro volume, a obra que lhe dá projeção a nível nacional, Amado tenta se ressignificar por meio da escrita de si. Afinal, na década de 1950, momento de escrita de suas memórias, o conceito de raça está ultrapassado nas ciências sociais e, até mesmo a obra de Gilberto Freyre, sofre a crítica da sociologia marxista. Para estas interpretações, Gilberto Freyre teria “adocicado” as relações entre senhores de engenho e escravos, chegando, em muitos momentos, a não dar destaque ao caráter exploratório e violento intrínseco às relações de dominação. A análise freyriana, nessa perspectiva, teria contribuído para a construção da ideia de uma democracia racial no Brasil.

Não queremos com isso dizer que a obra de Freyre não causou impacto na trajetória intelectual de Amado e de sua geração. Como vimos, *Casa Grande & Senzala* foi pioneira em muitos aspectos: temáticas, fontes, linguagem e método. Mas, ao se remeter a uma memória

de uma discussão ocorrida supostamente no ano de 1912 para destacar que, desde aquele período, o autor já denunciara os equívocos do conceito de raça, Gilberto Amado demonstra a intensa vontade de construir sua imagem de intelectual que, neste caso, estava à frente de seu tempo, tendo em vista que, na década de 1910, as teorias sociobiológicas era baliza teórica para a construção de conhecimento sobre o Brasil. Amado, estudante da Faculdade de Direito do Recife no início do século XX, dificilmente, questionaria ou não utilizaria o conceito de raça para analisar as questões sociais de seu tempo, como fica claro em seus textos da época.

A admiração pela obra de Freyre indica também a relação de proximidade entre os dois Gilbertos. Não é à toa que Gilberto Amado é convidado para escrever um texto em comemoração ao vigésimo quinto aniversário de *Casa Grande & Senzala*. Freyre e Amado foram, de acordo com o primeiro, companheiros de boemia pelas ruas do Rio de Janeiro, o que contraria as memórias de Amado quando este afirma que “o boêmio com suas extravagâncias não passa muitas vezes de exibicionista, que está sempre representando, ninguém me vê com “mulheres” na rua, seja em Paris, em Nova York, onde quer que seja. Nunca me sentei em bar, café ou restaurante com “amigas” de ocasião. (AMADO, 1960, p. 203). No entanto, de acordo com Freyre:

Vendo-o, como o vi, pleno de glória, aos oitenta e poucos anos, recordei-me, por vezes, de outro Gilberto Amado: o das nossas noites fraternas e sinistras de peregrinação pelas pensões de mulheres perdidas da Lapa e da Glória, bebendo uísque e às vezes cognac, terríveis alienados, quase desesperados, mas sempre lúcidos na alienação e no desespero, eu considerado por parentes seus "rapaz perdido", que não covinha a um até há pouco Senador da República ter por companheiro tão constante, enquanto o meu tio Juca advertia do Rio a meu Pai, recifense, que só podia prejudicar-me, a mim e aos meus, ser visto com tanta frequência, noites altas e através de madrugadas boêmias, com um "homem perdido" como Gilberto Amado, segundo êle, se tornara, depois da chamada Revolução de 30. (FREYRE, 1964)

Freyre, em suas recordações de Amado desconstrói a empreitada memorialista de Amado de se constituir como um intelectual racional e civilizado, um membro de uma classe dirigente não só do norte decaído, mas de toda uma nação. As divergências de lembranças entre os dois Gilbertos sugerem, para além do atributo de quem está falando a verdade ou não, as diferentes identidades que ambos pretendem construir para o sergipano, indicando que a disputa pelo poder de manipulação das memórias privilegia distintas formas de construção indenitárias. Enquanto Freyre, em 1964, vê em Amado mais um protótipo do nordestino: o homem boêmio e viril que andava pelas pensões com “mulheres perdidas” da Lapa e da Glória; Gilberto Amado segue seu projeto memorialístico de se construir enquanto intelectual

de boa conduta, que possui um corpo, sobre o qual consegue exercer a disciplina de seus instintos e sublimá-los no cultivo de sua intelectualidade. “O corpo, este território no qual a modernidade ancorava todas as suas esperanças.” (AGRA DO Ó, 2008, p. 110). Por isso, em Amado, a insistência em se qualificar enquanto um corpo disciplinado, um corpo de razão, um corpo que teima em aparecer, em suas memórias, como, praticamente assexuado. Um corpo moderno, contido, bem diferente do corpo rústico, viril e desregrado que seu amigo Gilberto Freyre almeja imprimir-lhe ao recordar do outro Gilberto de Sergipe que, para Freyre, era recifense.

Gilberto, além de Amado por alguns, admirados por muitos, foi - e é - para nós, do Recife, tão nosso - tão recifense - como a Rua da Aurora; tão nosso como a Rua do Sol; tão nosso como a Praça da Independência; e, ainda, tão nosso como a Faculdade de Direito, como o Convento de Sto. Antônio dos Franciscanos, como a Igreja de São Pedro dos Clérigos, como o Teatro Santa Isabel. (FREYRE, 1964)

As diferentes narrativas acerca da relação de Amado com seu corpo - um corpo disciplinado no discurso de Amado, um corpo desregrado na narrativa freyriana - indicam o quanto a batalha pelas memórias carrega consigo um projeto de construção de identidades que permeia interesses diversos que mudam de acordo com o lugar e os projetos de quem escreve e fala em primeira pessoa. Freyre ambiciona enquadrar Amado no estereótipo do nordestino viril, ou melhor, dizendo, um recifense viril, uma vez que nas palavras de Freyre, o sergipano nasce de novo ao se formar no Recife.⁵² O recifense pretende agregar Amado ao seu projeto de restituir um norte desgastado pelo declínio material que, no regionalismo de Freyre, também é a perda de uma virilidade não só dos antigos senhores do norte, mas de toda uma nação a qual, segundo este autor, teria seus maiores representantes naqueles homens. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013). Amado, por sua vez, deseja se dispersar desta identidade e construir para si um perfil necessário a sua justificativa enquanto um intelectual exemplar, um homem que parece escutar apenas os ditames da razão em tudo que fez e que por isso não poderia cair no ostracismo, pois a condição de intelectual racional confere, no discurso de Amado, a condição necessária à construção de uma elite dirigente da nação moderna.

⁵² Gilberto Freyre almeja construir Amado como um recifense, baseando-se apenas no relato de *Minha Formação no Recife*, mas Gilberto Amado parece não demonstrar a mesma intenção. Apesar de ter orgulho do que ele chama de “crosta sergipana”, as lembranças de Amado remetem mais ao amor pelo Rio de Janeiro, por exemplo, do que ao Recife, como pretendia Freyre. Além disto, o fato de Amado sempre relatar suas várias viagens à Europa denotam também a vontade daquele autor em se fazer ver como um homem viajado e cosmopolita. (AMADO, 1956, 1958).

O destaque dado à sua formação, sendo esta atuante não apenas no espírito, mas também na regularização dos corpos - esse corpo disciplinado, higiênico que tudo observa, que tudo nomeia - é também uma tentativa de Amado de se construir como um corpo diferente daquele que assassinou outro homem, motivado por querelas literárias. Um corpo diferente daquele que, por um ato de (des)razão, como o assassinato de Annibal Theophilo, manchou a inauguração daquela que seria uma das marcas da Belle Époque carioca: a Sociedade Brasileira dos Homens de Letras.

O foco dado a sua formação intelectual e a disciplina do corpo é a resposta que Amado dá àqueles que o acusaram de “deputado criminoso”. O eixo corpo/ intelecto sob o qual a modernidade se fundou, sendo o corpo subordinado à razão, foi também uma das prerrogativas utilizadas por Amado para narrar os diversos acontecimentos de sua vida.

A unidade que Gilberto Amado visa construir em suas memórias indica também uma preocupação que acompanhou este autor em sua trajetória intelectual: a preocupação com a questão da unidade nacional. Tal questão foi preocupação recorrente nos intelectuais de início do século XX. Em Amado, a imagem de um Brasil constituído por ruínas significa a ausência de condições para o progresso da nação. Significa também a ruína de seu projeto de formação de uma classe dirigente para o país e, portanto, a ausência de um lugar para o próprio Amado na jovem nação brasileira. Por este motivo, a narrativa memorialística de Amado está impregnada de sua interpretação do Brasil. Amado precisa da ideia de um todo unificado tanto a nível individual quanto coletivo, por isso persegue os ideais científicos em ambas as esferas que, no discursos deste autor, estão imbricadas. Persegue tais ideais usando e abusando de teorias e conceitos como o de raça: ora se apropria ora descarta ao sabor do seu amadurecimento intelectual e do seu desejo de se construir enquanto intelectual que não poderia ser esquecido, como se seu esquecimento fosse também o esquecimento de toda uma geração, de toda uma base epistemológica que serviria de explicação científica da nação brasileira e como constituição de si.

5 ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO: A REPERCUSSÃO DA OBRA

No capítulo anterior, analisamos a rede de sociabilidade que permitiu a Gilberto Amado um lugar de fala e a construção de um pensamento elitista sobre o Brasil. Vimos que este autor construiu uma trajetória intelectual curiosa em meio às circunstâncias históricas de que foi contemporâneo: Amado foi um autor abraçado pela elite intelectual, na chamada Belle Époque carioca, na Primeira República e, ao mesmo tempo, repudiado por parte significativa dessa mesma elite. As prováveis desavenças políticas e as críticas que o autor sergipano tece à literatura de Coelho Neto resultaram no assassinato do poeta Annibal Theophilo. Amado parece ser algoz e vítima das luzes ofuscantes que a Belle Époque trouxera para o Brasil. Como tantos, reivindicava os valores civilizatórios para a edificação da jovem nação brasileira e, no entanto, ataca, ferozmente, este mesmo projeto de civilidade ao disparar um tiro contra seu colega de letras, justamente no dia da inauguração da Sociedade Brasileira de Letras, que era uma tentativa de reproduzir a *Société des Gens de Lettres*, como mais um sinônimo da civilidade nos Trópicos. Os estilhaços de luz quebra sua própria imagem refletida no espelho. Espelhos que não são mais os espelhos grandes do Hotel de França, em Recife, que teria lhe mostrado como ele, Amado, era feio. Seu espelho agora são, mais do que nunca, suas palavras. Palavras que, na sua crença positivista, deveriam ser cristalinas e, portanto, reluzir sua essência de intelectual e homem de letras essencial ao progresso da nação brasileira.

Vimos, ao longo desta abordagem, que a memorialística de Gilberto Amado é justamente uma tentativa de dar sentido a uma vida e também de preencher a ferida que o tiro disparado contra Annibal Theophilo deixou em sua imagem de intelectual, formado na tradição das luzes iluministas e cientificistas. O tiro disparado contra o poeta sul rio-grandense é o ato de selvageria que fere a aparente civilidade das *gens literária*. E atinge em cheio a imagem do autor sergipano. De literato aclamado pelos jornais do Rio de Janeiro e Recife, Amado passa a ser o “deputado criminoso”. Suas memórias demarcam seu renascimento para o mundo literário após o malogro de seus romances. Suas memórias gestam um outro Gilberto Amado, diferente do “deputado criminoso”. Suas memórias constroem uma versão de si, procuram deslocar significante de significado, busca um outro sentido para o nome Gilberto Amado.

Sua escrita de si é também uma luta contra o seu ostracismo e de sua geração. Este capítulo tem como finalidade abordar a movimentação intelectual e política de Gilberto Amado, no final de sua vida, bem como a rede de sociabilidades que atuou em prol e contra seu esquecimento. Veremos, nas páginas que se seguem, a ligação da figura de Gilberto

Amado com diversos intelectuais conectados aos mais variados aportes teóricos que delineiam a cartografia cultural dos anos 1940 e 1950, bem como sua relação com setores autoritários ligados a deflagração do Golpe Civil-Militar de 1964.

5.1 RELATOS DE UM “HOMEM PERDIDO”? OS ACONTECIMENTOS DE 1930 E A REPERCUSSÃO NA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE GILBERTO AMADO

Como vimos, no terceiro capítulo, em 1964, Gilberto Freyre publica texto intitulado *Recordação de Gilberto Amado, o recifense*. Em suas recordações sobre o colega sergipano, Freyre relata as prováveis noites de boemia na Lapa e na Glória, ao lado do então ex-senador, o qual, com a destituição de seu mandato em 1930, teria se tornado um “homem perdido”, segundo advertência do tio Juca. Amado, por outro lado, afirma em suas memórias, nunca ter gostado de boemia. O boêmio, para ele, não passava de um exibicionista.

Não sabemos se, de fato, o tio Juca teria mesmo qualificado o já maduro Gilberto Amado como “homem perdido” ou se tal lembrança não passou de mais uma criação de Gilberto Freyre⁵³. De todo modo, é interessante observar que a ideia de “homem perdido”, provavelmente, não está apenas relacionada à provável boemia de Gilberto Amado. A chamada Revolução de 30, que destituiu políticos como Amado, é construída, enquanto fato histórico, em oposição à ideia de uma República Velha. Essa denominação passa a designar o antigo modo de se fazer política, denotando a ideia de um período de atraso na história brasileira. 1930 é construído no discurso dos vencedores como marco de ruptura (VESSENTINE, 1997). A provável qualificação de Amado enquanto “homem perdido” pode ter relação com essa conjuntura política. Segundo Agra do Ó (2008), a Revolução significou um momento de ruptura com as formas sociais tradicionais e, conseqüente, esquecimento de protagonistas da República Velha. Assim, 1930 pode ter sido, para Amado, também um momento de desterritorialização, fazendo deste um dentre tantos outros homens perdidos aos olhos dos contemporâneos que vivenciaram tal época, como parece ter sido o caso do tio Juca.

Na memorialística de Amado, a Revolução de 1930 não aparece como acontecimento que repercutira em seu espírito. O fim da carreira política do sergipano se dera anos antes, com a morte de Raul Soares, em 1924. Este acontecimento cortara o contato que o deputado

⁵³ Freyre é conhecido por seus estudiosos como exímio criador de histórias, atuando, muitas vezes, na produção dos documentos acerca de sua trajetória. Segundo Pallares Burke (2005), muitos dos relatos de sua trajetória inicial, principalmente os mais recentes, são enganosos. Exemplo disso é a publicação do Manifesto Regionalista do Recife em 1952, afirmando que o tinha apresentado em 1926.

pelo Sergipe tinha com um representante de um estado grande que era Minas Gerais. De acordo com o autor, “o prestígio e a autoridade de deputados e senadores do Norte se graduavam pelo teor das relações conhecidas com estes chefes.” (AMADO, 1958, p. 207)

O mandato no Senado só veio em 1926, numa segunda tentativa, após recusa de sua indicação por parte de Artur Bernardes. Aquele fato entra para as memórias de Gilberto Amado como mais um golpe do destino. Tal qual o homicídio, que cometera em 1915, Amado enxerga a recusa do presidente em aceitá-lo na cadeira do senado “como mais um desconforto em sua vida que ele encarou sem esmorecimento”. (AMADO, 1958, p. 236). Tal acontecimento, no entanto, mais uma vez, nutriu no sergipano certo ressentimento, chegando, nas suas palavras, a “crispar seus nervos”. Diversas atitudes do presidente mineiro despertou a antipatia que Amado criou em relação a Bernardo, dentre elas o cancelamento das obras contra a seca no sertão nordestino⁵⁴.

Sim, parou aquilo tudo. E não houve barulho em nada. Achou que era demais os trezentos mil contos que Eptácio empenhara nos trabalhos e não deu ouvido a quaisquer outras considerações. Era preciso cumprir as despesas, restringir os créditos, pôr freio a inflação. (AMADO, 1958, p. 279)

O fato é que, nas palavras do autor, “aquilo não durou”. A investidura no cargo do Senado, que para Gilberto Amado poderia representar até vinte e sete anos de carreira política, ou seja, uma estabilidade profissional que parecia garantir certezas. Mas aquilo tudo – a República Velha - ruiria e junto com ela uma porção de políticos, muitos dos quais chegaram a ser presos. O próprio Amado chegou a ser levado por policiais à delegacia em um dos períodos em que chegou da Europa.

Aquilo não durou. Oh falácia do presumir e do imaginar! Oh perecibilidade das situações políticas estáveis! Menos de três anos depois rolávamos todos na voragem. A surpresa de muitos foi grande. A saudade do paraíso perdido ainda plange em alguns corações. No meu, tudo sumiu. Os acontecimentos que chamamos “políticos” passaram por mim, não me demoraram na alma. Exageraria dizendo que para mim a queda da República Velha não teve importância. Teve. Ver-se-á adiante em mais de um capítulo a sua repercussão na minha existência. Mas (...) minha memória pula por cima deles. Os personagens, porém, no seu físico, com seus tiques, os traços morais que os individualizam, esses, sim, ficam dentro da gente. E querem

⁵⁴ Segundo Boris Fausto (1978), Bernardes governou em situações difíceis. Extremamente impopular nas áreas urbanas, especialmente no Rio de Janeiro, lançou-se nestas áreas a uma dura repressão policial para os padrões da época. Além disso, Bernardes desagradou quase todos os setores. O Nordeste reclamou a paralisação das obras contra a seca, os gaúchos queixaram-se da inflação e a insatisfação dos assalariados foi constante.

reviver. A pena não precisa de esforço para os apanhar. Eles se precipitam para ela. (AMADO, 1960, p. 2)

Mesmo tendo sido levado para a delegacia, Amado não foi preso como muitos de seus colegas. Segundo o autor, ele foi bem recebido pelos revolucionários os quais o aclamavam: “No Palácio... todos são seus admiradores... A Revolução precisa de homem como Você.” (AMADO, 1960, p. 148). Amado diz que, naquele momento, não passava pela sua cabeça voltar a vida política.

Tendo dado adeus a República Velha despediram-me de tôda esperança de tornar à política. Era da mais rutilante evidência que mesmo que eu procurasse me aproximar dos vencedores – probabilidade absurda e inadmissível – jamais lograria erguer-me a situação que desfrutara na República Velha. (AMADO, 1960, p. 144)

Não se colocar como vencido da Revolução de 1930 faz parte da estratégia de Gilberto Amado para justificar o lugar cativo que o sergipano teve no governo Vargas. Em 1934, Amado foi nomeado Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, iniciando assim sua carreira diplomática. A diplomacia, segundo o próprio autor, permitiu que o mesmo desse continuidade a sua vida literária, a partir da produção de suas memórias, as quais foram responsáveis pelo seu ressurgimento no ciclo literário. Por este motivo, podemos entender também a total desqualificação de Amado ao modo de se fazer política na República Velha, mesmo sendo parte de tal conjuntura. Em sua atuação como deputado, Amado afirma que a Câmara parecia um “clube agradável que se conversava de tudo e nada se fazia de fato pelo Brasil!” (AMADO, 1958b, p. 42). Ora, ao desqualificar aquele modo de fazer política, confessando até mesmo a sua atuação como comparsa, Gilberto Amado sinaliza para a ideia de que ele, intelectual ilustrado, se perdera “no meio do pessoal avelhantado e roído pelos hábitos.” (AMADO, 1958b, p. 116). E, que, portanto, poderia ser reaproveitado no que seria a nova forma de se fazer política no Brasil a partir do movimento de 30.

Para Ângela de Castro Gomes (2007, p. 103), o Estado pós 1930 foi a primeira tentativa de se edificar uma arquitetura de Estado Moderno no Brasil, o que implicou na ampliação das prerrogativas de intervencionismo econômico e social, ao mesmo tempo, em que se montava uma burocracia tecnicamente qualificada e impessoal. A desconfiança internacional em relação ao liberalismo propiciou, no Brasil, que o pensamento autoritário capturasse a bandeira da democracia, “preenchendo-a de sentidos inteiramente novos e encontrando ampla recepção tanto junto às elites, como junto as camadas populares da

população.” De acordo com a autora, o significado histórico da palavra democracia, na experiência brasileira, esteve associado à dimensão social e não política, o que propiciou a confecção de um conceito aparentemente paradoxal: “democracia autoritária.” Além disso, a conjuntura do Pós-Primeira Guerra Mundial, despertou na intelectualidade brasileira grande desconfiança em relação ao liberalismo, embora permanecesse de pé o ideal de urbanização, industrialização e da modernização da economia. Tal desconfiança ofereceu terreno fértil ao pensamento autoritário brasileiro. Nesse contexto, a ideia de igualdade liberal, baseada na equidade política do indivíduo cidadão apto a votar foi conflitada pela ideia de desigualdade natural dos seres humanos que, como tais, não poderiam ser tratados de maneira igual pelo Estado e pelas leis. Não é à toa, portanto, que a ideia de Gilberto Amado de uma democracia das elites, calcada na desigualdade natural dos grupos sociais, encontra na conjuntura política das primeiras décadas do século XX, terreno de fácil absorção pela oficialidade do Estado. Em *Eleições e Representação*, livro de 1932, Gilberto Amado reconhecia a tendência para a adoção do sufrágio universal em sociedades avançadas, ao mesmo tempo em que nutria desconfiança quanto ao direito ao voto. Tal desconfiança encontra apoio, justamente, na sua ideia de que um povo sem acesso à educação era inábil para o exercício da democracia:

É um axioma da ciência política verdadeiro em todos os regimes — no regime democrático como nos demais — que a sociedade deve ser dirigida pelos mais avisados (*sages*), pelos mais inteligentes, pelos mais capazes, pelos melhores, em uma palavra pela elite. Para que essa elite possa aceder à direção da sociedade, têm sido postos em prática, através da história política dos povos, os seguintes meios — 1º) o censo alto, o critério da fortuna, propriedade ou renda, e o critério da instrução ou capacidade intelectual. É o sufrágio restrito pela fortuna ou pela capacidade. O legislador nestes casos define por si mesmo a competência eleitoral, estabelecendo *ex auctoritate* a elite. 2º) o sufrágio universal. Em vez de fixar ex-offício a elite, o legislador reúne o maior número possível de indivíduos, confere-lhe o ‘direito’ ou ‘função’ eleitoral independentemente das condições de fortuna ou de capacidade. A elite (espera o legislador) emergirá naturalmente da massa pela pressão dos mais aptos, dos mais inteligentes, dos mais capazes” (AMADO, 1999, p. 13).

O Estado que emerge em 1930 é um Estado que passa a investir na incorporação de intelectuais no seu aparato oficial. A nomeação de Gustavo Campanema para o Ministério da Educação e Saúde de Pública, em 1934, propiciou uma política sistemática de assimilação da *intelligentsia*. Vários exemplos podem ser citados: Carlos Drummond de Andrade foi escolhido para chefiar seu gabinete. Com o Estado Novo, Mário de Andrade deixou de chefiar o Departamento Cultural da Prefeitura de São Paulo, mas contribuiu com o Instituto de

Patrimônio Histórico Artístico e Nacional. O próprio Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) contou com a colaboração de Cassiano Ricardo, Menotti Dell Pichia e Cândido Mota Filho (Conf. VESLAQUES, 2000, p. 28). Gilberto Amado foi nomeado Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores. O Estado que emerge com o movimento de 1930 parece, de certa forma, corresponder ao projeto de Amado para o Brasil: formar uma classe dirigente que pensasse a realidade brasileira. Daí, talvez, o seu não descontentamento com os acontecimentos daquele período.

A questão da unidade nacional, alvo do interesse de Amado desde os tempos de estudante no Recife, também encontra circunstâncias favoráveis para o debate de suas ideias. Em capítulo intitulado *Opiniões*, no seu livro de memórias *Depois da Política*, Amado elenca alguns de seus posicionamentos acerca do governo Vargas, apresentados no ano de 1932, destacando a total liberdade que teve naquele período de divulgar suas opiniões na imprensa.

O Movimento Constitucionalista de 1932⁵⁵ foi alvo das opiniões do autor sergipano, segundo as quais, o movimento tinha origem na falta de uma política de unidade nacional para o país. Para o autor, o Brasil não tinha uma política nacional, especificamente e originalmente preocupada com os problemas brasileiros e sim a tentativa de adequação de planos políticos estrangeiros à realidade brasileira. Por este motivo, não existia, segundo ele, uma unidade nacional, o que possibilitava a emergência de movimentos separatistas como os de São Paulo. Segundo Amado, “o Brasil nunca pagará ao realismo de Getúlio Vargas de ter varrido em dois tempos aquela maluquice”. (AMADO, 1960, p. 174). Amado insistia sobre o perigo dos movimentos separatistas, porque, naquela época, “o separatismo deixava de ser um tema de regionalistas líricos para tornar-se uma verdadeira ameaça para o Brasil”. (AMADO, 1960, p. 181).

Ao reivindicar uma política nacional capaz de dar ao Brasil uma unidade e ao qualificar os diversos debates em torno da construção de identidades específicas para cada região de “regionalismos líricos”, Amado se contrapõe a muitos dos regionalistas nordestinos que, em meados das décadas de 20 e 30, reivindicavam um identidade regional que também

⁵⁵ Movimento armado ocorrido, entre julho e outubro de 1932, e que foi uma reação a Revolução de 30 e ao governo centralizador de Getúlio Vargas que diminuiu a autonomia dos Estados. O estado de São Paulo foi o que mais sentiu a centralização política do governo Vargas. Segundo Miceli (1979), Vargas nomeou interventores militares para o Estado de São Paulo que não tinha qualquer vínculo com as antigas oligarquias e nem pertencia as famílias dirigentes do estado. A Revolução Constitucionalista de 1932 foi, em grande medida, uma reação a este conjunto de medidas tomadas por Vargas que minou a participação de São Paulo no cenário político da época.

seria uma identidade nacional. A própria denominação “lírica” contrasta com o que o autor concebia como solução para o problema da unidade nacional brasileira, indicando aí alguns aspectos a serem destacados: Gilberto Amado parece fiel à ideia acerca da importância da construção do ideário nacional para o país, a ponto de descartar qualquer possibilidade de fragmentação política, seja por movimentos separatistas, seja pelos movimentos regionalistas. Se para o jovem Amado, como vimos no primeiro capítulo, a literatura deveria inflar o ideário de nação e não dissolvê-lo, para o Amado, maduro e político, a problemática da unidade nacional parece não ser tema de literatura, mas um problema estritamente político que merece uma análise científica da realidade, daí se contrastar com o que o autor denomina de “regionalismos lírico”. O projeto de Amado para o Brasil era que a nacionalidade brasileira suplantasse todas as especificidades regionais. Para o autor, mais importante do que ter uma identidade regional era ter uma identidade nacional que permitisse diluir as fronteiras locais em prol do bom andamento da nação.

Minha ansiedade em relação a formação de partidos nacionais impregnava-se da esperança de que no seio das grandes organizações que englobassem as opiniões de todos os Estados, em face da unidade oceânica dos ideais em comuns, quem nascesse em Pernambuco seria como se houvesse nascido em Minas para todos os efeitos políticos e, para os mesmos efeitos, quem houvesse nascido em Minas seria como se nascesse no Piauí ou em Sergipe. Daí a sedução que exercia sobre meu espírito a representação proporcional, que a Alemanha ensaiava e que na prática da mesma Alemanha, como alhures e sobretudo na França, tão desastrosa se revelou. (AMADO, 1960, p. 180)

A cooptação das ideias de Amado, dada, em grande medida, por sua nomeação a um cargo do alto escalão da oficialidade do Estado, permite que, ao invés de vilão na história de um político da República Velha como foi Amado, Vargas seja instituído pelas memórias do autor sergipano, como demiurgo de uma escrita. Sem a presença de Vargas as memórias de Amado não teriam sido escritas e, talvez, “[entrassem] nas cogitações de uma vida que teria seguido o curso ordinário”. (AMADO, 1960, p. 111). Sem a presença de Vargas, Amado talvez não tivesse a oportunidade de construir uma versão de si e, portanto, renascer por meio de sua escrita, tendo em vista que, como já mencionado, a produção memorialística de Gilberto Amado é o que faz que este autor ressurja para o mundo das letras, depois do malogro de seus romances.

Os anos 1930 também ficaram marcados pela fundação de diversas faculdades de Filosofia, Letras e de Ciências Humanas como as da USP. As Universidades ganham o

espaço do IHGB no ensino e pesquisa de História. Por mais que os intelectuais ainda se utilizassem de teóricos estrangeiros para explicarem a “realidade brasileira” (Simmel, Weber, Franz Boas, Marx), foi uma época produtiva para o pensamento social brasileiro. Temos, em 30, a mobilização de uma série de discursos, provenientes dos mais variados aportes teóricos: naturalismo, culturalismo, marxismo, etc, os quais buscam descobrir e construir uma cara para o povo brasileiro, um elemento que singularizasse o povo da nação brasileira em meio às demais nações.

É interessante observar que a criação da Universidade de São Paulo aguçou a divisão entre eruditos e intelectuais brasileiros, ao iniciar o processo de institucionalização das Ciências Sociais. Em artigo sobre a atuação propagandista de Câmara Cascudo, em periódicos integralistas na cidade de Natal (RN), Arthur Luís de Oliveira Torquato (2009), atenta para o fato de que as novas exigências do saber científico demandadas pela criação das universidades fizeram com que eruditos, como Cascudo, se sentissem excluídos dos novos moldes de produção de conhecimento. De um modo geral, a produção erudita se distingue da intelectual por apresentar pouca preocupação com as regras do saber científico, como a exigência das fontes de suas informações, a bibliografia em que se apoiava e notas de rodapé. Todas essas características fizeram parte dos escritos de Cascudo. Para Torquato (2009), a marginalização de grande parte dos eruditos, na década de 1930, serviu de combustível necessário ao movimento da Ação Integralista Brasileiro (AIB) que recrutou muitos desses letrados na propagação de suas ideias.

Como já foi discutido, Gilberto Amado mescla, em sua trajetória intelectual, repertórios de inclinações eruditas e intelectuais, marca de um percurso intelectual longo, que se estende desde meados do século XIX até meados do XX, com sua morte. Mesmo advogando a importância da análise da sociedade brasileira nos moldes cientificistas das Ciências Sociais e tendo sua inserção no meio acadêmico como professor, a maior parte dos textos de Amado são também caracterizados por certa despreocupação no que diz respeito ao uso das regras acadêmicas: poucas notas de rodapé e referências às fontes de informações. Grande parte de sua produção está mais ligada à tradição ensaística do que acadêmica propriamente dita.

Amado, diferentemente de Cascudo, não foi recrutado como letrado pelo movimento integralista, apesar de ter contatos diretos com expoentes da AIB, tais como Antônio Gallotti, empresário que aderiu ao movimento de Plínio Salgado e, mais tarde, atuou na deflagração do Golpe Civil-Militar de 1964. Antes de abordarmos tal relação, é necessário continuar

seguindo as pistas das movimentações e produções amadianas na multifacetada cartografia cultural dos anos 1940 e 1950.

5.2 1940 E 1950: O DIÁLOGO COM A CULTURA POPULAR

O período que vai de 1945-1964 experiencia a ampliação das carreiras reservadas aos intelectuais, ao mesmo tempo em que se tem o recrutamento de novas categorias de especialistas (economistas, sociólogos, técnicos em planejamento e administração). Os bacharéis em Direito procuraram compensar a concorrência das demais carreiras, que foram ganhando notabilidade no governo Vargas, transitando em posições administrativas nas quais eram, por vezes, alojados por força da fluidez que caracterizavam sua competência. Por este motivo, recebiam salários melhores do que outros servidores. Estes homens passam a ocupar os altos escalões da carreira de oficial administrativo. Muitos dos quais foram os primeiros secretários do corpo diplomático, como foi o caso de Amado que, como vimos, foi Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores e, em 1948, é nomeado Ministro de Carreira. Ocupando estes cargos, intelectuais como ele, passam a desfrutar das vantagens que os vencimentos mensais de seus encargos conferiam: viagens a estudo, especialização no exterior, possibilidade de acumular os vencimentos, designação para trabalhos extraordinários e participação em comissões e toda sorte de expedientes visando complementar os salários de base. (MICELI, 1979, p. 142).

Para Pécault (1999), a partir de 1945, houve intelectuais dispostos a apagar os arcaísmos corporativistas iniciados a partir de 1930 e reativar o diálogo com as noções liberais, contudo, esses intelectuais constituíram uma minoria. A maioria concordou que o regime no poder nos anos 30-45 concretizou o objetivo de fortalecer o Estado Nacional e a própria nação. Apoiando Getúlio Vargas, em 1945, durante a campanha “queremista”, os comunistas contribuíram com a legitimação dessa ideia. No entanto, a partir de meados da década de 1940, o conservadorismo autoritário deixou de ser hegemônico e o discurso de revolução social, que culmina nos anos 1960, começa a ser delineado.

Em 1945, a discussão gira em torno da democratização. Emerge a ideia do povo como sujeito político. Pensa-se como articular a sua mobilização com a soberania nacional. “Ninguém mais duvidava da existência de uma nação brasileira, e nem era mais preciso buscar seus sinais no ‘caráter’ ou no ‘temperamento’ da população, nem apelar ao Estado para forjar a sociedade”. A nação estava constituída em torno dos seus interesses econômicos, de

sua cultura e de sua vontade política. Cabia a soberania popular afirmar-se contra as nações dominantes. “O sentimento de identidade é substituído pelo de confronto”. (PÉCAULT, 1999, p. 99)

O suicídio de Vargas, em 1954, segundo Pécault (1999), instituiu o nacionalismo como modalidade da cidadania popular. Sua carta-testamento colaborou para vincular a luta contra os adversários da nação ao reconhecimento do povo como encarnação concreta da nação. Colocou a responsabilidade da crise “à intervenção ‘subterrânea de grupos internacionais’ e às maquinações dos privilégios para impedir as reformas sociais”. Além disso, apresentou o sacrifício pessoal do presidente como uma dádiva que permitiria a sobrevivência do povo.

Em capítulo sobre Getúlio Vargas, em seu livro *Depois da Política* (1960), Gilberto Amado afirma que o caráter do ex-presidente deveria ser estudado pela luz da arte, acima da ideia do bem e do mal. Contudo, o próprio Amado utiliza de uma prerrogativa que, para ele, parece definir a personalidade e a trajetória política de Vargas. Para o autor sergipano, Getúlio Vargas possuía a “faculdade de enganar”. Tal faculdade teria delineado a sua ruptura sorrateira com Washington Luís e acompanhado o ex-presidente até o ato do suicídio, posto que nem seu irmão Benjamin Vargas, nem sua filha Alzira, “falando com ele minutos antes do suicídio, viram nos seus olhos o anúncio da morte. A impassibilidade não o abandonou. Enganou a todos”. (AMADO, 1960, p. 113)

A morte de Vargas selou a ligação do povo com a nação. O getulismo a torna mito fundador da identidade nacional. Até mesmo o PCB, de opositor feroz se transforma em herdeiro da última mensagem populista. A partir da década de 1950, os jovens intelectuais brasileiros procuram ir ao encontro do povo, ensiná-lo e deixar-se ensinar por ele e, ao mesmo tempo, poder mostrar ao povo brasileiro, o que ele era: a própria nação. Assim, O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) pretendia construir “o sentimento das massas”. Os artistas do Centro Popular de Cultura (CPC) objetivavam chegar até o povo e fomentar a consciência política.

Sob o ângulo conservador, o folclorismo também busca o povo por meio da invenção da Cultura Popular. Tal movimento tem sua gênese na década de 30, e, a partir da década de 1950, passa a ter grande visibilidade, intensificada pela industrialização que aprofunda o fosso entre os estilos de vida das camadas populares e das elites das camadas médias da região nordeste, entre a vida daqueles que viviam no campo e aqueles que viviam na cidade. (ALBUQUERQUE JR, 2013)

O movimento folclorista tinha como epicentro a Academia Brasileira de Letras e as correntes intelectuais nacionalistas de cunho conservador junto à burocracia oficial da Cultura, como a Comissão Nacional do Folclore (ligada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura/Ministério das Relações Exteriores). Ora, como vimos, em 1934, Amado inicia sua carreira diplomática como consultor jurídico desse mesmo Ministério. A gênese do folclorismo se encontra, justamente, nos anos 1930. Acreditando que a cultura popular era “uma coisa em si”, ameaçada pela modernização e pela cultura de massa, o folclorismo, conjugava esforços na identificação e catalogação das manifestações tradicionais das classes populares brasileiras, principalmente as ligadas às comunidades rurais. Os folcloristas acreditavam-se imbuídos de uma verdadeira missão salvacionista.

Em *História da Minha Infância*, Gilberto Amado nos dá uma dimensão do que para ele seria cultura e folclore, ao relatar a ausência de manifestações folcloristas em Itaporanga.

Em Itaporanga o folclore relativo a cantigas e danças era nulo. Enriquecia-se, porém, com as secas. Toda chegada de retirantes correspondia a uma invasão de músicas e a cantos populares sertanejos, importando numa verdadeira renovação musical do ambiente. O sertão trazia vida à morna lassidão dos costumes em senzala. Lembro-me desses periódicos movimentos de renovação. As cantigas populares que existiam em Itaporanga no período do meu crescimento, antes das primeiras levas de flagelados, eram poucas. (AMADO, 1954, p. 120)

Alinhando-se à perspectiva folclorista, a Cultura Popular, em Amado, tem sua origem no sertão. Essa ideia sustenta, até hoje, a definição de Cultura Popular. Além disso, vemos em Amado, certa idealização do sertão, como lugar de costumes mais desenvolvidos e de maior autonomia. “Todo canto sertanejo (...) é ação dramática, como personagem ligada à vida pastoril em que o indivíduo que nunca conheceu senzala se afirma no seu tipo como unidade e não perdido no eito.” (AMADO, 1954, p. 121).

Na memorialística amadiana, a cultura precisa de um ato inaugural, de uma grande iniciativa para se estabelecer em Itaporanga. A iniciativa procede então de seu pai que, segundo Amado, trouxe o teatro para cidade, ou melhor, para sua própria casa que, de início, é palco das representações. O teatro aparece como palco não só de arte, mas de disputas políticas, sociabilidades diversas. Crianças, velhos e moços poderiam participar desde que estes soubessem “ao menos ler as ‘partes’”. Mas e os populares? Poderiam eles participar dos espetáculos? Segundo o autor, “as classes populares venceram; foram admitidas nos espetáculos. Mas os estragos, a cusparadaria, as cadeiras quebradas, os pretinhos que se

sujavam, o mau cheiro entraram entre as causas determinantes da escolha de uma casa própria” (AMADO, 1954, p. 195-196)

Não por acaso, em carta datada de 18 de outubro de 1954⁵⁶, Gilberto Amado recebe uma série de elogios de Câmara Cascudo, um dos maiores representantes do movimento folclorista brasileiro.

Tenho o seu livro como um dos mais perfeitos da espécie em qualquer biografia. Todos que tenho lido não o superaram no rico plástico e legítimo conteúdo humano, palpitante de veracidade e de ternura contagiante. Já o reli quatro vezes. (...) livro gabado e bajulado, reeditado e citado como astro de foot-bal ou rádio... Grande Gilberto na força de sua naturalidade linda, simples, forte, raro, um dos homens livres nesse colonato de presidiários letrados...

Ao se referir aos “estragos” promovidos pelos populares, Gilberto Amado corrobora com a máxima folclorista que cataloga, nomeia o que é popular, mas se distancia dos estratos populares, os quais, teoricamente, seriam a fonte primeira de inspiração para o Folclore e para a Cultura Popular.

Segundo Albuquerque Jr (2013), o Folclore emerge como saber a partir da inauguração de um morto. É a partir da iminente morte da cultura popular que nasce o Folclore. A produção desse campo de estudo busca resgatar e preservar um conjunto de práticas culturais ligadas ao meio rural. É, justamente, a partir da década de 1930, no momento em que a urbanização começa a ocorrer com maior rapidez, que o universo do que seria considerado material folclórico é alargado. “(...) a própria vida rural, a vida no campo, vai se tornando matéria de Folclore, vai passando a ser vista (...) como uma realidade em vias a desaparecer e que deveria, pois, ser guardada pelo folclorista”. (ALBUQUERQUE JR, 2013, p. 249). O saber folclorista, aliás, operava ao gosto das regras positivistas de produção de saberes, que elegem um objeto particular sobre o qual os estudiosos devem se debruçar, conservando a distância necessária, à pretensa objetividade científica. Distância essa que, como vimos até aqui, permite que intelectuais, como Amado, se apartam de seus objetos, fazendo que estes atuem como coadjuvantes de sua produção escriturária.

O próprio conceito de Cultura Popular e a narrativa de Amado acerca dos “estragos” cometidos pelos populares no teatro, que funcionou em sua casa, remetem à conceituação de cultura como bem material, concepção que, como vimos nos capítulos anteriores, é parte

⁵⁶ Fundação Casa de Rui Barbosa. Carta de Câmara Cascudo a Gilberto Amado. Natal (RN). 8 de outubro de 1954. Acervo pessoal de Gilberto Amado

substancial do pensamento amadiano. Cultura, além de sinônimo de bem material e de acúmulo de raridades como na Cultura Popular, é prerrogativa das elites e de espíritos evoluídos como na tradição positivista defendida por Amado.

O povo brasileiro parece ter sido a grande categoria perseguida pelos intelectuais, entre meados da década de 1940 até 1964. Contudo, apesar da mutação realizada entre a construção do Estado Nacional e a questão da soberania nacional, tal inversão, de acordo com Pécault (1999, p. 106), não questiona a estrutura do conjunto. Tanto na geração 1930, quanto na de 1950, sob a forma do nacional-popular⁵⁷, “é ainda a nostalgia do uno que transparece; na exaltação do povo-nação e da ideologia: é ainda a busca de uma construção racional do Brasil”, prerrogativa que atua na construção do intelectual como árbitro do conhecimento, o que é crucial no discurso de Gilberto Amado quando se trata de contestar seu ostracismo intelectual.

5.3 ENTRE A MORTE E O RE (NASCIMENTO): A REPERCUSSÃO DA OBRA DE GILBERTO AMADO

A partir de meados de 1950⁵⁸, quando a saúde de Amado passa a dar sinais de falência, emerge um movimento que denuncia alianças e conflitos que envolveram a discussão sobre a reedição de suas obras. Gilberto Freyre, em texto já mencionado no capítulo anterior, nos dá indícios de tal contenda ao afirmar que Amado lamentava,

por vezes, que seus livros, esgotados nas livrarias, não estivessem sendo "reeditados regularmente". Queixava-se do seu e meu amigo José Olympio que até certo ponto merecia ser advertido dessa incúria, muito menos dêle, sempre admirável em suas relações com os escritores mais autênticos no Brasil, que da editôra, por êle criada, e hoje complexa e grandiosa. (FREYRE, 1964)

A contenda entre Gilberto Amado, José Olympio e até mesmo Gilberto Freyre merece destaque em carta de Amado a Octávio. A carta não faz referência ao sobrenome do destinatário, mas podemos supor tratar-se de Octávio Tarquínio de Souza, advogado e historiador, ligado a José Olympio, que foi diretor da coleção *Documentos Brasileiros* publicado pela editora. Vale citar parte da carta, na qual Amado revela toda sua indignação em relação a um texto enviado por José Olympio que, suponho, comporia um livro intitulado

⁵⁷ Por nacional-popular entende-se o conjunto de experiências construídas no debate cultural e na pesquisa estética marcadas pela produção de um nacionalismo de viés progressista. Nessa perspectiva, o nacional-popular é eleito como eixo de políticas culturais de esquerda.

⁵⁸ A partir da década de 1950, várias cartas recomendam que Amado cuidasse da saúde.

*A vida dos livros*⁵⁹, como indica a correspondência. O livro, provavelmente, seria composto de uma série de apreciações sobre diversos autores. Alguns textos foram escritos por Freyre, o qual também não é poupado por Amado.

Acabo de receber um envelope de José Olympio, contando duas páginas datilografadas em tinta vermelha intitulada – A vida dos livros Nº 208 – com data de 1/10/55. Aí, nessas páginas que peço a Você procurar, encontram-se apreciações sobre o José Lins do Rego na Academia Brasileira de Letras. É o primeiro texto. Note a ternura, o carinho, a exaltação, a justiça com que é tratado o nosso querido e grande romancista. Segue-se uma apreciação sobre um espanhol, vem logo outra sobre José Condé, também impregnada de amizade. Leia, em seguida, o texto “Gilberto Amado e a Crítica” e veja a perfídia com o que foi escolhido, o único trecho de crítica até hoje publicado em menoscabo a mim. Um cachorro do Paraná, um cretão rotundo, decide diminuir-me, transformar-me num “oratório”, num “orador”, num “grego” de merda, e esse trecho infame e burro, que o José Olympio, tão melodioso em declarações verbais de amizade, escolhe para figurar em seu papel de propaganda ao meu respeito!!! Escrevo fora de mim numa exaltação incrível que teria resultados talvez graves se eu me encontrasse aí, pois estou disposto a não permitir que se brinque com minha velhice e que se desrespeite a minha obra séria e o meu trabalho digno. Você naturalmente leu os artigos do nosso caro Freyre. Tive pena. É melhor não falarmos neles.

Chegarei aí disposto a verificar realmente qual é a minha situação junto do José Olympio, pois tenho sofrido muito com as gentilezas por fora a que não corresponde afeto por dentro.

(...). Ao chegar aí, farei, depois, de conversa minha total com José Olympio, à imprensa as declarações que me incumbe fazer para a minha defesa, para a clarificação do ambiente e evitar o pior no futuro. Você sabe a que me refiro... a presença de certas pessoas em altos cargos do governo⁶⁰.

Apesar de afirmar, como vimos em capítulos anteriores, a sua “falta de savoir-faire” ao tecer críticas aos seus colegas de letras em sua *mocidade no Rio de Janeiro*, Gilberto Amado parece não aceitar bem as críticas de que era alvo, além de, mais uma vez, dar indícios de sua face violenta ao afirmar que a crítica de que foi vítima poderia ter resultados graves, caso ele estivesse no Brasil.

Os posicionamentos em relação aos textos de Freyre, os quais infelizmente não tive acesso, sugerem também trocas de rusgas entre os dois Gilbertos. Em carta de 7 de novembro de 1958, Freyre se refere a uma crítica de Amado a seus textos que teria ficado sabendo por José Lins do Rêgo. Tal crítica teria sido publicada num artigo da revista *O Cruzeiro*:

⁵⁹ Não encontramos nenhuma referência que indique que o livro foi publicado.

⁶⁰ Fundação Casa de Rui Barbosa. Carta escrita em Nova York em 8 de novembro, ano ilegível. Acervo Gilberto Amado.

Nesse artigo eu me referi pela segunda vez a uma restrição sua feita há anos e ouvida por José Lins do Rêgo à minha arte de escrever. Restrição, independentemente, é claro da sua estima por mim como homem de estilo, como possível pensador, como homem de ciência e como pessoa⁶¹.

Freyre, apesar de dizer admitir que Amado tivesse pleno direito de considerá-lo “deficiente como escritor”, não abre mão de revidar a crítica ao afirmar que tinha restrições a “algumas de suas produções como aquela conferência sobre Goethe.”⁶²

Ao que tudo indica, a contenda em torno da produção escrita não abandonou Amado, nem no final da vida, nem tampouco é uma prerrogativa exclusiva do autor sergipano. Faz parte do métier intelectual, sobrecarregado de vaidades, delineadas pelas circunstâncias históricas, que permitem que algumas dessas críticas tenham desencadeado finais trágicos como foi o assassinato de Annibal Teophilo, na Belle Époque carioca ou se reduza a confissões privadas como a de Amado feita a Octávio.

O que é interessante destacar, neste momento, é, além do campo de relações que rodearam Amado, no fim de sua trajetória, a luta desse autor para ter suas publicações reeditadas e publicadas. A relação conflituosa que Amado teve com José Olympio e as correspondências de outras editoras sobre a possibilidade de publicação de sua obra indicam o desconforto do autor sergipano com a possibilidade de ter a obra esquecida. A própria livraria José Olympio chegou a recomendar ao então governador do estado da Bahia, Luiz Vianna Filho, a adoção do livro de Homero Senna, *Gilberto Amado e o Brasil*⁶³, no ensino ginasial e clássico do estado, propondo venda de dois mil exemplares pelo preço de 5, 00 (cinco cruzeiros), quase pela metade do preço que era cobrado nas livrarias, 9,00 (nove cruzeiros). A proposta foi feita em novembro de 1968, nove meses antes da morte de Gilberto Amado⁶⁴.

José Olympio foi, da década de 1930 a 1964, o editor mais influente do país. O sucesso inicial veio com a publicação de Humberto de Campos, que foi seguida do êxito obtido com os “romancistas do nordeste”, em especial José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e Raquel de Queiróz. Em 1936, José Olympio lançou a coleção *Documentos Brasileiros*, coordenada por Gilberto Freyre. Durante a primeira década, sua editora obteve a marca de seiscentos títulos produzidos com mais de 2,2 milhões de exemplares vendidos. Sua hegemonia durou até o início dos anos 1960, em parte, motivada pela proximidade de José Olympio com Getúlio Vargas. Como vimos, em carta, Amado menciona a relação de “certas

⁶¹ Fundação Casa de Rui Barbosa. Carta de Gilberto Freyre a Gilberto Amado. Recife. 7 de novembro de 1958. Acervo Gilberto Amado

⁶² Idem.

⁶³ SENNA, Homero. *Gilberto Amado e o Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1º ed. Coleção Documentos Brasileiros, vol.: 134. 1968.

⁶⁴ Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1968. Acervo Pessoal de Gilberto Amado.

peessoas” com altos cargos do governo. Podemos presumir que a referência seja ao editor paulista, que não só tinha intimidade com Vargas, mas com outras figuras que ocuparam o alto escalão político, chegando até mesmo a estabelecer contatos com autoridades durante o período militar.

O livro de Homero Senna constitui uma compilação comentada da produção de Gilberto Amado, baseando-se, principalmente, em sua obra memorialística. O investimento da editora José Olympio na proposição da venda deste livro, no ensino ginásial do estado da Bahia, pode ser lido como fruto de um momento em que o editor paulista já não desfrutava de hegemonia no mercado editorial. Segundo Fernando Paixão (2008), a partir de 1964, José Olympio passa a investir em livros didáticos, cooptando a Editora Sabiá a seus catálogos. Contudo, o investimento não obteve sucesso e o editor teve prejuízos significativos.

Além das questões mercadológicas envolvidas na negociação do livro de Homero Senna sobre a produção amadiana, a possível adesão do estado da Bahia a esse livro sinaliza para a recepção da obra de Gilberto Amado em escolas ginásiais no período de ditadura militar no Brasil. Infelizmente, não podemos afirmar se a proposta de José Olympio teve sucesso junto ao governo do estado da Bahia. Sabemos, contudo, que existiu a possibilidade de tal adoção o que sinaliza para a possível recepção da produção de Gilberto Amado no ensino ginásial no pós Golpe de 1964. Possivelmente, tal empreitada corresponderia ao principal objetivo de Amado: ter seus textos como parte da formação de jovens e adolescentes. Tal adoção também indicaria a recepção das ideias de Amado em anos de chumbo, algo que não passou longe dos objetivos das autoridades que financiaram o Golpe de 1964, como veremos adiante.

É lugar comum na historiografia brasileira afirmar o salto editorial do período que vai de 1930 a 1940. Laurence Hellewell chega a citar estimativas entusiásticas do editor José Olympio que, em 1937, falava em edições de cinco mil a dez mil exemplares. Não existem dúvidas de que o salto vivenciando no número de publicações entre 1930 e 1950 foi significativo. Contudo, tal conjuntura foi utilizada pelo discurso estado-novista de modo a apresentar a obra da revolução como um período inaugurador de uma nova era na relação Estado-sociedade, ainda que a ênfase não estivesse exclusivamente nas políticas do Estado, e sim na atuação de escritores e editores. (VESLAQUES, 2000, p. 178)

Segundo Paixão (2008), certa feita, José Olympio teria declarado que escolhia os livros a serem publicados por instinto. Sabemos, no entanto, que instinto não é critério suficiente. A escolha editorial leva em consideração vários indicativos como a receptividade

da obra e a crítica. O editor atua como uma espécie de interprete do gosto do público diante do qual ele intervém por conta de sua escolha e publicação.

Para Roger Chartier (1999), a figura do editor emerge nos anos 1830. Corresponhia a uma profissão de natureza intelectual e comercial que buscava textos, encontrava autores, controlava o processo que vai da impressão da obra à sua distribuição. Seu sucesso depende de sua inventividade pessoal, por vezes do apoio do Estado e, outras vezes, da invenção de novos nichos de mercados. Para Chartier (1999, p. 53),

(...) até recente recomposição⁶⁵, tudo gira em torno deste empreendedor singular que se vê também como intelectual e cuja atividade se faz em igualdade com outros autores; daí, aliás, suas relações frequentemente difíceis e tensas.

Gilberto Freyre, com olhar apurado, discute o processo de morte do autor desencadeado pelo crescimento das editoras:

As editôras são como os jornais: quando crescem muito, tendem a quase matar, como indivíduos, não só os grandes editôres como os seus grandes editados. Os jornais, quando se tornam grandes emprêsas, tendem a tornar impossíveis os grandes jornalistas: os efetivos e os colaboradores. Só conheço uma exceção: a do extraordinário em tudo que foi, até o fim da vida, Assis Chateaubriand. (FREYRE, 1964)

O insucesso de *Inocentes e Culpados* (1941) e *Os interesses da Companhia* (1942), ao que tudo indica, despertou a desconfiança de José Olympio quanto a reedição e publicação do demais livros de Gilberto Amado. O texto que o editor paulista sugere para a publicação no livro *A vida dos livros*, segundo Amado, também dá indícios da relação ambígua entre autor e editor. O fato de José Olympio escolher um texto que parece reduzir Amado à figura de orador dá a entender certa desqualificação da produção literária de Gilberto Amado. O insucesso dos romances, em algum momento, atuou na identificação desse autor como mau escritor, estigma que parece ter perdurado, dado o desconhecimento da obra do autor sergipano. A publicação de suas memórias desconstrói tal ideia, segundo a crítica e alguns leitores famosos, como veremos a seguir, o que nos alerta sobre a importância de não tomarmos o estigma do fracasso como fundante da obra de Gilberto Amado, até porque tal percepção atua na naturalização da ideia de esquecimento desse autor, apagando assim, os ecos de seu pensamento em momentos posteriores.

⁶⁵ Roger Chartier se refere às mudanças ocorridas nas práticas de produção, editoração e publicação com o advento da Internet.

A análise dos indicativos da recepção de uma obra por parte do público não representa o julgamento final quanto a qualidade da obra, no entanto, a relação autor e editor atua na projeção do autor a nível social. Para Chartier (1999), o editor chega a operar como coautor. Este, aliás, é também um tema repleto de lacunas na historiografia brasileira e que penso trazer fundamental contribuição para uma história da leitura e história intelectual, a saber: a discussão de como as sociabilidades em torno da produção, editoração e publicação de uma obra podem contribuir para o destaque dado a alguns autores e o esquecimento de outros, atuando assim, na projeção de determinadas produções, temáticas e interpretações e a desqualificação e, por que não dizer, o sepulcro de outras. Para Benjamin (Apud, GAGNEBIN, 2009), a obra é transmitida ao nosso presente ou negligenciada, lembrada ou esquecida num processo histórico-político conflituoso, que leva à construção de um cânone ou a exclusão de vários outros autores. Existem, na historiografia brasileira, lacunas no que diz respeito a estudos que contribuam para uma melhor discussão em torno desse processo conflituoso que leva muitos autores ao ostracismo.

De acordo com Antônio Cândido (1999), do ponto de vista da história do gosto, os anos 1930 e 1940 são marcados pela aceitação crescente das obras de cunho modernista. Ao seu lado emerge o regionalismo crítico do Nordeste. O modernismo não deixou de se voltar ao passado, mas rejeitava a cultura da elite construída pelas instituições do Império e da Primeira República, atacada por ser considerada artificial, provinciana, cópia malfeita do academicismo europeu e de transformar o popular em exótico. Se os anos 1920 foram de luta modernista, os anos 1940 foram de modernização geral desde a ciência até às artes, passando pelo ensino, produção, edição, a crítica, a produção literária. Na década de 1950, temos a concretização da tônica modernista na prosa e na poesia, seja pela vertente da linguagem como exame do ser do mundo como *Grande Sertão: veredas* (1956) e *Morte e Vida Severina* (1955).

Os anos de 1940, ao que tudo indica, não foi um período favorável à publicação e recepção dos romances de Gilberto Amado. O autor só faria certa abertura ao modernismo⁶⁶ na escrita de suas memórias. Luiz Costa Lima Filho (1960) situa Gilberto Amado em um momento de transição na história da literatura brasileira. Para o autor, Amado fez parte da geração de Olavo Bilac e Coelho Neto - expoentes de uma literatura contra a qual o Modernismo se levantou. Essa geração, segundo o autor, produziu uma literatura “cinzelada e

⁶⁶ A mudança de estilo em seus livros de memória é fruto segundo Luiz Costa Lima da abertura ao Movimento Modernista. Todavia, como afirma, Madureira de Pinho (1971), Amado não se definiu como modernista. (Conf.: AMADO, 1971, p. XIV-L)

estática.”. Ao mesmo tempo, a escrita de seus primeiros livros de memórias dá indícios de uma mudança de estilo que visa trazer a representação do povo para a literatura brasileira, abrindo espaço para uma linguagem coloquial e menos canônica. Gilberto Amado, segundo Lima Filho (1960), deve ser pensado como escritor de um momento transicional, que teve alguns momentos de sucesso com a escrita de alguns poucos ensaios e seus primeiros livros de memórias, mas que decaiu em termos de estilo, chegando a produzir dois “romances infelicíssimos”⁶⁷. A hipótese de Lima Filho (1960) é que a influência da atuação política de Gilberto Amado, bem como o servilismo deste autor para com os jornais com os quais colaborou, comprometeu o estilo e a qualidade da produção do autor sergipano⁶⁸.

Em 1957, *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa* se destaca, ao lado de *Grande Sertão: Veredas*, como um dos livros mais discutidos pela crítica brasileira. O destaque foi dado pelo jornal *O Semanário*, que enfatiza “a unanimidade em considerá-lo uma das obras mais bem escritas da nossa literatura. Segundo a coluna *Porta de Livraria*, de *O Globo*, o livro apareceu como best-seller mais vendido da primeira quinzena de dezembro”.⁶⁹

Em carta a Gilberto Amado, Érico Veríssimo destaca suas impressões acerca de *História da Minha Infância*:

Que livro espontâneo. Que banho de Brasil: que prosa gostosa, jovem, colorida. Considero esse seu livro uma verdadeira proeza, mesmo se levarmos em conta que foi escrito por um dos sujeitos mais inteligentes do Brasil. Porque a obra é mais do que o produto do ‘first rate brown’. O livro tem coração, tem nervo, tem poesia. Toda família de Upshur Street leu com delícia⁷⁰.

Os elogios de Veríssimo se estenderam à *Minha Formação no Recife*, livro que foi devorado pelo literato porto alegreense⁷¹. É interessante frisar os elogios à linguagem de Gilberto Amado. Sua literatura memorialística, com destaque para os dois primeiros livros,

⁶⁷ Madureira de Pinho (1971) aponta como algumas das falhas do romance *Os interesses da Companhia*, por exemplo, o fato de Gilberto Amado sobrecarregar nas descrições técnicas acerca das situações em que seus personagens estavam envolvidos. “As minúcias sobre o câncer de Dona Fausta, os detalhes sobre as lucubrações matemáticas de André, as fórmulas e expressões estatísticas, nada me parece acrescentar à beleza e ao interesse da estória. O autor dirá que tais elementos completam o retrato psicológico dos seus personagens. O fato é que leitor comum de romance (eu sou um deles) não gosta desses contatos com o mundo da técnica.” (AMADO, 1971, p. XXIII). Como sugere, Lima e Filho (1960) a linguagem parece ter sido o grande entrave dos romances de Amado. Até mesmo para escrita de romances, Amado transpõe sua linguagem técnica das áreas de exatas e saúde, denunciando o peso de sua formação inicial na área de Farmácia.

⁶⁸ Conf.: LIMA FILHO, Luiz Costa. **Gilberto Amado ou a presença de uma transição**. Revista Brasileira de Letras, Rio de Janeiro/ RJ, Ano X, n. 27, 1960, p. 51-71.

⁶⁹ O Semanário Letras e Artes. Ano 1. Nº2. Janeiro de 1957.

⁷⁰ Fundação Casa de Rui Barbosa. Carta de Érico Veríssimo a Gilberto Amado. 01 de novembro de 1954. Acervo Pessoal de Gilberto Amado.

⁷¹ Fundação Casa de Rui Barbosa. Carta de Érico Veríssimo a Gilberto Amado. 20 de março de 1956. Acervo Pessoal de Gilberto Amado

são verdadeiros documentos sobre o Brasil, em que o autor, por meio de uma linguagem coloquial, característica do gênero biográfico, parece se aproximar dos leitores. Nelson Werneck Sodré também observa isso:

Seus trabalhos são documentos humanos e insubstituíveis e lúcidas interpretações de um país que não aprecia análise que só agora vai amadurecendo para ela. Sua obra, por isso mesmo, me parece daquelas que ficarão através do tempo, servindo a muitos como me serviram. (...). Você sempre se apresentou e se apresenta, em suas memórias, inteiro, na sua personalidade específica, que não tem nenhuma necessidade de trocar ou de podar, pleno de calor humano, vivo em suma. Note-se que falo como leitor⁷².

Em carta manuscrita e de difícil leitura, Amado agradece os elogios de Sodré e destaca que a literatura nacional ignorava o historiador carioca, “um dos bons (?) homens do pensamento que possuímos.”⁷³ Ao que parece, Gilberto Amado não quer vestir a carapuça do esquecimento sozinho, emprestando-a a Nelson Werneck Sodré. Contudo, segundo João Alberto da Costa Pinto (2011), o conjunto da obra do historiador carioca envolve uma larga cronologia de publicações que vai de 1938 a 1995. Foram 58 livros publicados, muitos deles com várias reedições, sofrendo também reformulações abrangentes, sendo, portanto, livros “mutantes” que escondem por trás de um mesmo título uma ampla reavaliação conceitual. Pinto (2011) afirma que a produção sodreana possui dois momentos distintos que indicam a reavaliação de seus conceitos. O primeiro momento vai de 1938 a 1945, em que o autor carioca apoia e justifica o modelo de Estado Corporativo de Getúlio Vargas; na segunda fase (1958 a 1964), o historiador sugere uma ampla participação democrática das classes sociais timbradas pela luta do nacionalismo em confronto contra os interesses políticos imperialistas. (Apud. PINTO, 2011, p. 162)

Quase toda produção do segundo período, em que Sodré revisa e em parte abandona conceitualmente sua produção anterior, quando se consagra como professor do ISEB, nasceu de trabalhos apresentados no Instituto. Por este motivo, para Pinto (2011), o modelo explicativo das teses do autor se definiu na cultura intelectual advinda de sua experiência no ISEB e não, como é comum afirmar, no endosso de teses importadas da Terceira Internacional Comunista que serviriam como modelos explicativos para a América Latina. A reflexão teórica de Sodré é um instrumento mediador de sua atuação política. No entanto, o que as análises historiográficas quase sempre afirmam é a redução de sua obra ao marxismo

⁷² Fundação Casa de Rui Barbosa. Carta de Nelson Werneck Sodré a Gilberto Amado. 23 de setembro de 1957. Acervo Pessoal de Gilberto Amado

⁷³ Carta de Gilberto Amado a Nelson Werneck Sodré a Gilberto Amado. Paris. 10 de setembro de 1957. Disponível em <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/38506>

importado, fazendo com que permaneça sobre o historiador carioca “o estigma de autor esquemático, marcadamente ideológico e pouco ‘científico’”. Para Pinto (2011), a ignorância contida nessas afirmações se deve à cultura acadêmica uspiana que, na década de 1970, procurava “esmagar” os “ideologismos nacionalistas” da tradição isebiana. (PINTO, 2011, p. 154)⁷⁴

Não sabemos, ao certo, a que se refere a observação de Amado, de que Sodré seria ignorado pela literatura nacional. 1957, ano da troca de correspondências entre os autores, está inserido no período de grande produtividade do historiador carioca como membro do ISEB⁷⁵. Uma suposição é que Gilberto Amado se refira especificamente a *História de Literatura Brasileira*, livro de 1938 que teve, na terceira edição de 1960, mais que o dobro de páginas com profundas reformulações metodológicas. (PINTO, 2011, p. 152).

Em 1957, Sodré se demonstrava otimista em relação ao futuro brasileiro, solicitando a presença de Amado no Brasil no lançamento de suas memórias:

(...) os seus amigos gostariam de vê-lo aqui pelo lançamento do novo volume das memórias. O Brasil está mudando todos os dias e quem chega nota logo as alterações – está mudando para melhor no conjunto. O seu depoimento nos ajudaria a sentir e compreender as mudanças: você é um homem que conheceu a “política dos governadores” e o Brasil antigo, tão próximo entretanto, e está assistindo com sua mocidade o Brasil moderno. Só você tem a sorte de poder confrontar dois mundos tão vizinhos, às vezes confundidos. Perceber o novo é tarefa da inteligência interessada, e a sua não deixa escapar nenhum traço importante⁷⁶.

⁷⁴ Segundo Pinto (2011), “os trabalhos de Caio Navarro de Toledo [*Iseb: fábrica de ideologias*] (1997 [1ª. Edição é de 1977]) e de Maria Silvia de Carvalho Franco [*O tempo das ilusões*] (1978) configuram bem esse propósito geral de esmagamento ideológico do ISEB e o trabalho de Carlos Guilherme Motta [*Ideologia da Cultura Brasileira* (1933-1974)] (1985) dá o tom particular da crítica à obra de Nelson Werneck Sodré, numa série de adjetivações desqualificadoras, termos visivelmente retóricos que demonstram efetivamente o fato de que o “famoso” professor uspiano nada tinha lido da obra sodreana” (PINTO, 2011, p. 154)

⁷⁵ Sodré foi diretor e professor de Formação Histórica do Brasil do Departamento de História do ISEB. O ISEB foi criado como entidade de formulação de estratégias e linhas ideológicas que visavam contribuir para a construção de um projeto coerente de desenvolvimento econômico e social. A diversidade de matrizes teóricas – contou com a participação de ex integralistas como Roland Corbisier e intelectuais marxistas como Werneck Sodré - atuou na construção de diversas fases para o Instituto. Para Pácault (1999), o ISEB, em sua história, possui três fases: de 1956 até o início de 1959, um momento mais “ecletico” dentro de uma instituição de agência governamental que tinha como objetivo assessorar o planejamento das diretrizes do Estado, fortalecendo-se como centro de estudo voltado ao diagnóstico das questões nacionais. De 1959 a 1963, com a saída de Guerreiro Ramos e Hélio Jaguaribe, o Instituto redefinirá a sua prática institucional centrando-se no nacionalismo, aproxima-se do PCB e do conjunto sindical nacional, atentando-se ao debate estudantil do período. E, em meados de 1963 a março 1964, definiu-se como o mais importante emblema do “nacionalismo” de esquerda na luta antiperista. Sodré organizou cursos para sindicalistas, para militares nacionalistas e, principalmente, para estudantes em busca de uma prática estudantil mais engajada. Após o Golpe Civil-Militar de 1964, as instalações do Instituto foram tomadas pelos golpistas. Muito dos seus membros foram presos, inclusive Werneck Sodré.

⁷⁶ Fundação Casa de Rui Barbosa. Carta de Nelson Werneck Sodré a Gilberto Amado. 23 de setembro de 1957. Acervo Pessoal de Gilberto Amado.

Werneck Sodré reconhece a importância do sergipano como interprete da “realidade” brasileira, sugerindo o pertencimento desse autor ao Brasil antigo, que o projeto de modernização dos anos 1950 queria esquecer. Amado, no discurso de Sodré, seria útil à comparação desses dois Brasis, dado a longa trajetória intelectual do autor sergipano. O entusiasmo do historiador marxista, com o desenvolvimento nacional e a efervescência da atuação de esquerda na época, indica que, provavelmente, Sodré não imaginava o que estava reservado para o país sete anos depois com a conflagração do Golpe de 1964.

Para Sodré, a Revolução Brasileira teria se iniciado com a Revolução de 1930. O autor defende a ideia de que a intervenção do Estado, por meio do “monopólio estatal do câmbio em benefício dos empreendimentos nacionais” seria crucial para o desenvolvimento nacional e deveria ser protegida dos interesses imperialistas (Apud. PINTO, 2011, p. 161). Tais proposições advêm, de acordo com Pinto (2011), de sua herança estado-novista. A visão de mundo do autor permanece nos quadros da democracia corporativista. No entanto, às vésperas do Golpe Civil-Militar de 1964, o historiador radicalizava sua defesa do regime democrático, pois a afirmação da democracia seria “a peça fundamental para a continuidade das práticas constituidoras de estruturas capitalistas nacionais dimensionadas por critérios e necessidades do povo brasileiro”. (PINTO, 2011, p. 161)

É interessante observar que o contato com figuras como Câmara Cascudo, Érico Veríssimo e Nelson Werneck Sodré constrói uma multifacetada teia de relações que dá visibilidade a produção memorialística de Amado. Mesmo que, em certa medida, se situassem teoricamente em polos distintos, os discursos desses autores, que estavam em evidência na época, legitimam a produção amadiana. Essa recepção também sugere o debate em torno da importância de se conhecer o que Sodré chama de Brasil antigo. Os relatos de Amado seriam documentos históricos, essenciais ao conhecimento de um Brasil que ainda persistia, mas que evoluía rumo à modernidade. Tais relatos também eram essenciais para o conhecimento do povo brasileiro, categoria perseguida por intelectuais de diversas matrizes teóricas ente 1940 e meados de 1960.

A luta pela reedição dos livros de Amado, o acompanhou até o final da vida. É o que indicam algumas correspondências com outras editoras brasileiras. Em carta de 20 de março de 1969, cinco meses antes da morte do autor, a editora *Record* alega que existiam vários exemplares do livro *Eleições e Representação*, o que dificultava o relançamento imediato da obra. Propõe como alternativa lançar o romance *Inocentes e Culpados* e em seguida as obras completas. O remetente pondera:

Sei de sua opinião a respeito da conveniência de relançar os romances. Todavia, data vênha, discordar do ponto de vista do querido mestre. Seus romances precisam ser lidos e relidos pelos que outros que buscam verdade mesmo nos mestres de ontem⁷⁷.

O insucesso dos romances de Amado parece ter sido uma das grandes máculas na trajetória intelectual desse autor, a ponto de cogitar a reedição de livros de cunho mais analítico, em detrimento dos romances. Logo Amado, que tanto amava Literatura e se ressentia do fato de ter a negligenciado para se adequar ao sonho do pai de seguir a carreira política. O investimento de suas últimas forças na reedição de *Eleições e Representação* indica o projeto de Amado de construir sua imagem de intelectual importante para o conhecimento do Brasil. Se a Literatura, no que diz respeito aos seus romances, não lhe deu bons frutos, seus trabalhos de análise da “realidade” brasileira e suas memórias - que o colocam como testemunha de longo período da história, e, portanto, como documentos históricos, seriam a possibilidade de alçar seu nome como intelectual importante para a análise do Brasil e que, portanto, não poderia cair no esquecimento.

Mesmo se ressentindo por não ser reconhecido, no Brasil, como achava que merecia, Gilberto Amado parece ter produzido até o fim de sua vida, sendo sua atuação como embaixador da ONU as últimas atividades sobre a qual se debruçou:

Antes da vinda ao Brasil, a temporada na Suíça. De Genebra, do hotel de Bergues, dizia: “Estou com a vida me renascendo o espírito, apesar de superocupado. Nunca trabalhei tanto e com tanto gosto. Foram publicados os últimos Anais com os Compte-Rendus dos três anos precedentes. Mostrá-los-ei aí. Desvaneço-me do que faço, lamentando que o Brasil ignore o que faço⁷⁸”

A eleição para Academia Brasileira de Letras (ABL), almejada em 1914, só veio a se concretizar em 1963, já no fim de sua vida. Em seu discurso de posse na ABL, Gilberto Amado relembra a sua primeira candidatura à Academia, destacando que sua eleição ratificava, cinquenta anos depois, os sufrágios de seus convivas, alguns dos quais, Carlos de Laet, João Ribeiro, Olavo Bilac, Graça Aranha, Rodrigo Otávio, Félix Pacheco, Paulo Barreto. Enfatiza ainda não ter se mortificado por não ter sido eleito em 1914:

⁷⁷ Fundação Casa de Rui Barbosa. Carta da Gráfica Record Editora. Assinatura ilegível. Rio de Janeiro, 20 de março de 1969.

⁷⁸ Trecho de carta, datada de 2 de julho de 1964, de Gilberto Amado a Péricles Madureira de Pinho descrito pelo último na introdução de *A Chave de Salomão e Outros Escritos*, em sua quarta edição publicada pela editora José Olympio.

Incorrido desde cedo na fama de pretensioso, a verdade é que jamais o fui no grau que me atribuíam. Era afirmativo. Nos primeiros tempos, desarmado de prudência, magoei muita gente com franquezas supérfluas, defeito de que só me ficou certa intransigência em matéria de julgamento literário⁷⁹.

Amado também afirma ser questionado por muitos dos seus leitores sobre o motivo da ausência do autor sergipano na ABL. Essa preocupação revelaria, de acordo com o autor, “até que ponto a Academia penetrou as camadas da população, [constituindo-se como] uma presença não só prestigiosa como sagrada...”⁸⁰ Certamente, o fato de Amado não ter tentado outras eleições à cadeira na Academia Brasileira de Letras está relacionado aos diversos acontecimentos que fizeram parte da trajetória intelectual deste autor, dentre os quais o assassinato de Annibal Theophilo e o insucesso de seus romances. A publicação de suas memórias, as quais representam o re (nascimento) do autor sergipano para o mundo literário, provavelmente, encorajou uma segunda tentativa de Gilberto Amado de ter assento na Casa de Machado de Assis. A recepção na Academia só se daria em 1964, ano conturbado na história do Brasil, em que se conflagra um Golpe Civil-Militar. É interessante observar que a inauguração de um período, notadamente marcado pelo autoritarismo, seja o terreno fértil para a volta de Amado ao Brasil e a sua eleição como imortal, o que denuncia a perenidade de muitas das ideias de Gilberto Amado, naquele momento, e também o feixe de relações que permitiram o ressurgimento de Amado nesse período. Passemos ao desfecho dessa história.

5.4 A RESSONÂNCIA DO PENSAMENTO DE GILBERTO AMADO EM “ANOS DE CHUMBO”

O final da vida de Gilberto Amado é marcado pelo estreitamento de laços com um ex-aluno, que teve papel substancial no Golpe Civil-Militar de 1964: Antônio Gallotti. O empresário catarinense teve atuação assídua na comemoração do aniversário de oitenta anos do sergipano. Em carta de 7 de maio de 1967, Gallotti envia a José Olympio um cheque de cinco mil cruzeiros, destinado ao vencedor do concurso Gilberto Amado. Segundo Péricles Madureira de Pinho (1970), Antônio Gallotti foi um dos amigos mais fiéis do sergipano. Em discurso proferido em comemoração ao seu 80º aniversário, Gilberto Amado enfatiza:

Servime-ei todavia de palavras para referir-me a Antônio Gallotti: o meu Toni. Que presença na minha vida: Adolescente era meu leitor. Seu dom de

⁷⁹ Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/gilberto-amado/discurso-de-posse>

⁸⁰ Idem.

ouvir dava a Edmundo de Luiz Pinto, homem para quem viver era conviver e sobretudo ser ouvido e a mim o prazer de seu silêncio palpitante. (...). Era-me agradável também falar para aquela atenção ultra-sensível ao que se dizia. O encanto do adolescente persistiu na idade adulta.

É das minhas maiores alegrias ver hoje no adolescente que gostava dos meus escritos e sentia prazer em ouvir-me um dos brasileiros mais dignos da minha admiração e a quem ouço com respeito⁸¹.

Gallotti foi fundador do Centro Acadêmico de Estudos Jurídicos (CAJU) ao lado de Gilson Amado, irmão de Gilberto, Hélio Viana e Francisco Clementino de San Tiago Dantas. O grupo dedicou-se ao combate às teses marxistas, recorrendo, para tanto, aos teóricos fascistas. Essa aproximação às ideias fascistas levou Gallotti à adesão ao integralismo de Plínio Salgado. O catarinense assumiu postos na Ação Integralista Brasileira (AIB), chegando a ser um de seus dez secretários nacionais, além de professor de doutrina integralista. No final da década de 1930, Gallotti inicia seu processo de afastamento do integralismo e de adoção do liberalismo. Em 1945, o catarinense observou que sua opção pelo fascismo se deu pela necessidade de combate ao comunismo, uma vez que “ao internacionalismo, o fascismo respondia com o nacionalismo, à luta de classes, com o corporativismo; ao materialismo com o espiritualismo”.⁸²

Na década de 1960, Gallotti foi um dos fundadores do IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, ligado a Light, empresa responsável pela geração e distribuição de energia elétrica no eixo Rio-São Paulo. Sob a presidência de Gallotti, a Light autorizou a contribuição mensal da quantia de duzentos mil cruzeiros para o IPES, o que configura o Instituto como um dos principais financiadores do Golpe Civil-Militar de 1964.

O IPES foi criado sobre o embasamento teórico anticomunista. Suas ideias adivinham dos anos 1950, no final do governo de Juscelino Kubitschek, marcado pelos excessos inflacionários que desencadearam apreensão em setores empresariais e intelectuais da época. O arcabouço político-ideológico do empresariado nacional e internacional se juntou ao dos militares. Não por acaso, a comemoração do 80º aniversário de Gilberto Amado contou com a presença de vários representantes do regime militar:

As homenagens recebidas por Gilberto Amado pelos 80 anos foram excepcionais. Antônio Gallotti, o amigo dedicadíssimo convidou-nos, a um grupo de cem pessoas, para jantar com Gilberto em 6 de maio no salão nobre

⁸¹ Fundação Casa de Rui Barbosa. Discurso pronunciado pelo Embaixador Gilberto Amado no Banquete que lhe foi oferecido por seus amigos no Copacabana Palace, por ocasião do seu 80º aniversário. Rio de Janeiro. 7 de maio de 1967, p. 1. Acervo Pessoal de Gilberto Amado.

⁸² GALLOTTI, Antônio. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gallotti-antonio>

do Copacabana Palace Hotel. As presenças eram as mais eminentes. O ex-Presidente Castelo Branco, ministros e ex-ministros, homens representativos de todos os setores sociais e intelectuais. Falaram Roberto Campos e Ernani Sátiro, respondendo Gilberto Amado num dos seus admiráveis improvisos. Ao terminar o jantar, aguardavam no salão ao lado para cumprimenta-lo, outras altas figuras à frente das quais, o presidente da República, Marechal Costa e Silva. (PINHO. Apud. AMADO, 1970, p. xlvii)

Dois anos antes de sua morte, a realização da cerimônia de comemoração de seus 80 anos, assim como a eleição para Academia Brasileira de Letras, parecem coroar a obra desse autor, bem como seu pensamento que, na figura de Antônio Gallotti, parece se concretizar, principalmente com a criação do IPES.

Em seus estudos, o IPES objetivava examinar as práticas políticas e econômicas, objetivando analisar o caminho para o progresso social do Brasil, algo não muito diferente daquilo que propunha o mestre de Antônio Gallotti, Gilberto Amado. De início, o IPES atuou em propaganda contrária ao governo de João Goulart e demais setores de esquerda da cena política brasileira. Publicou folhetos e livretos, patrocinou palestras e financiou viagens aos Estados Unidos para os estudantes que se interessavam por suas ideias. Contudo, a atuação dos IPES não se restringiu ao aspecto meramente propagandista. Após o Golpe de 1964, grande parte de seus membros ocupou cargos ministeriais nos governos militares e articulou os interesses entre Estado e representantes do capitalismo moderno, industrial e financeiro, excluindo as camadas populares das decisões políticas.

Esse projeto de governo chegou aos setores da Educação e Cultura, alinhando-se à tradição conservadora, elitista e autoritária brasileira, da qual, como vimos, Gilberto Amado foi porta-voz. O advento da telemática e da microeletrônica contribuiu para a revolução técnico-científica dos anos 1960. Tais transformações chegam à Educação. O ensino tecnocrático procurou atender a necessidade de mão-de-obra especializada pela indústria e passou a levar em conta a crescente procura por estudos superiores. O tecnicismo colocava em xeque os ideais de formação de Amado, pois questionava a Universidade tradicional como um lugar de formação da “classe dirigente” para os quadros de funcionamento do Estado e da administração. O tecnicismo implantado, no Brasil, no período da ditadura militar, vê a educação como “treinamento técnico” para a realização de tarefas, ao invés de produção de conhecimento científico e humanizado. Assim, buscava-se a formação de mão-de-obra mais qualificada nos mais altos escalões da administração e da indústria. Segundo Dreiffus (1981), a educação, a partir de 1964, passa a ser vista como investimento, visando preparar indivíduos para o trabalho, como forma de abastecerem as empresas privadas, na lógica da oferta e da procura de mão de obra.

Como vimos, no segundo capítulo, desde 1914, Gilberto Amado alertava para o avanço do tecnicismo na educação brasileira, chegando até mesmo a criticar certa vertente do projeto escolanovista, implantado pelo governo Vargas, na década de 1930. Amado, além disso, demonstrava-se assustado com o avanço do mundo da técnica, uma vez que tal advento punha em xeque os ideais de sua formação e, portanto, da importância de sua atuação intelectual, prerrogativa ostensivamente defendida por Amado como vimos até aqui.

Comecei este capítulo nos primeiros dias de janeiro de 1959, em Paris, enquanto um foguete cósmico dos Sovietes, depois de ter rolado à procura da lua para além da zona do silêncio, se abisma no turbilhão dos astros. (...) Os fatos que trato de reviver, as reminiscências que eles suscitam, o meio e a hora em que produziram, fogem, apagam-se da retina como relevos da paisagem sob o avião em que voamos. Clarões que nos ofuscam tornaram-se réstias fugidias. Estrondos assurdinaram-se em ruídos inaudíveis. O Passado tornou-se... “Passadinho”

Em quinze anos a Rússia, que não teve nem Copérnico nem Descartes em Laplace, senhora dos espaços, como a ciência a seu serviço, ataca os enigmas do universo. Para utilizar as forças da natureza nas estepes geladas, outrora mudas, onde os mujiques dormitavam, erguem-se colossais usinas em que os filhos daqueles mujiques, tornados engenheiros e matemáticos, comandam todas as técnicas, inventam técnicas novas, emulando-se na tensão de ultrapassar, graças à teoria as objetivações da prática. A lua banalizar-se-á dentro em pouco em ponto de parada das comunicações planetárias. (AMADO, 1960, p. 199-201).

Em 1959, a União Soviética deu início à “conquista da lua” com o projeto Luna que enviou várias naves ao satélite. A chamada Guerra Fria dividia a ordem mundial entre Estados Unidos e União Soviética que disputavam as lideranças ideológicas, territoriais e espaciais, desde o pós-guerra. O mundo que, no passado de Amado, tinha a Europa como modelo de civilização, de comportamentos e de formação dos intelectuais brasileiros passa a ser delineado por novos padrões de sociabilidades e o modo de vida norte-americano chegava ao Brasil pelas telas de cinema. Brasília está prestes a ser inaugurada, sob os auspícios do plano de metas de Juscelino Kubitschek. É todo o florescimento do mundo da técnica que Amado via despontando. Mundo este que o autor vira emergir desde 1914, quando escreve a conferência *A Chave de Salomão*, texto em que já denunciava o desaparecimento do interesse pelo conhecimento das humanidades e o aparecimento dos Estados Unidos como potência instauradora da técnica e de novos modos de comportamentos. (AMADO, 1971)

A produção memorialística de Amado é, em grande medida, uma escrita de pesar por um mundo de ideias que parecia não voltar mais, posto que não davam conta de explicar o

ritmo de descobertas e transformações frenéticas no conhecimento e nas maneiras de se pensar e sentir um novo mundo. Como toda escrita de si, as memórias deste autor é uma luta contra o tempo, uma luta contra a morte. Morte de leituras e teorias diversas. Morte de personagens também diversos. Morte de Amados diversos. De cada Amado que foi tocado, construído e até mesmo esquecido em cada leitura, na descoberta de um novo livro, de um novo autor. A escrita memorialista deste autor é, em grande parte, uma luta contra o seu ostracismo intelectual e de uma geração. É uma narrativa de assombro pela possibilidade da morte e, ao mesmo tempo, desejo imanente de ter seu lugar no presente, como se as palavras tivessem o poder de sedimentar uma dada existência.

A preocupação de Amado com o avanço do tecnicismo é uma reivindicação em causa própria, que pela recorrência com que é afirmada, ao longo de sua trajetória intelectual, pode também ser interpretada como uma questão que despertou o seu mais legítimo interesse: a formação de uma classe dirigente para o Brasil, na qual ele se inseria. Nesse sentido, podemos problematizar a linha tênue que liga o pensamento de Amado - que atuou na formação de um dos fundadores do IPES, Antônio Gallotti - com as transformações pelas quais passaram a educação a partir da década de 1960. Vale salientar, aqui, que o IPES não foi a única instituição que dialogou com a Políticas Nacionais de Educação durante a Ditadura Militar. O nome de Antônio Gallotti não condensa todas as propostas do Instituto. Todavia, optei por fazer uma breve analogia entre algumas de suas ideias, por ter sido o IPES um dos principais financiadores do Golpe de 1964 e por esta instituição ter como um dos criadores uma pessoa estreitamente ligada a Gilberto Amado.

No que diz respeito à formação de uma classe dirigente para a nação, podemos dizer que, mesmo que Amado tenha exercido a crítica ao modelo de educação pautado no tecnicismo como baliza de conhecimento; e que tal modelo tenha sido amplamente adotado pelo governo militar, o projeto de Gilberto Amado de formação de uma classe dirigente para a nação, não se diferiu por completo do projeto educacional proposto pelo governo ditatorial. Projeto esse que teve forte ligação com as discussões suscitadas pelo IPES, o qual publicou vinte e três reformas de base, sendo várias delas dedicadas à reforma educacional. No *Programa Estratégico de Desenvolvimento de 1968-1970* umas das formulas para se cumprir as metas para educação era “viabilizar o acesso dos mais capazes ao ensino superior, corrigindo distorções existentes”. Além disso, a educação deveria atuar na criação de uma “mística nacional” a partir de “valores espirituais” e de uma “nítida afirmação nacional”,

ideias pertencentes à tradição nacionalista e patriótica também defendida por Gilberto Amado. Tais ideias seriam condensadas, em 1969, na implantação da disciplina *Moral e Cívica*, um dos principais instrumentos da educação “no culto da obediência à lei da fidelidade ao trabalho e da integração na comunidade”. (Apud, SOUZA, 1978)

Ao que tudo indica, mesmo que a emergência do mundo da técnica tenha significado, em certo sentido, o esfacelamento de muitas das ideias que atuaram na formação de Gilberto Amado. E mesmo que esse autor, desde os anos 1914, alertasse para o avanço do modo de vida norte-americano como baliza para a produção do conhecimento e formação das carreiras profissionais; seu pensamento ecoou em muitas das formulações projetadas pelo IPES para educação brasileira no regime ditatorial. Até porque, apesar de conhecer as matrizes de crítica à razão ocidental como as formuladas por Nietzsche e Marx, Gilberto Amado nunca se aliou a tais ideias, optando por apropriações conservadoras das filosofias iluministas tradicionais, por isso seus textos enfatizam a “evolução dos espíritos”, a “exaltação do Brasil” e a formação de uma classe dirigente ilustrada como projeto de nação. Inspirada em Larrosa (2006) podemos dizer que, Gilberto Amado, em suas leituras, se apropriou da palavra de uma maneira domesticada, fugindo da transformação suscitadas por elas, por mais que, por vezes, lhe traíssem e produzissem outras versões de si.

Além disso, como bem aponta Rodrigo Patto Sá Motta (2014), o Estado Militar é produto da cultura política brasileira que tem como recurso a ideia de conciliação, isso explicaria o caráter modernizador e autoritário do Estado ditatorial e a diversidade de propostas em relação às universidades brasileiras, por exemplo. O impulso conservador foi importante, mas em vários momentos entrou em contradição, chegando mesmo a permitir a permanência de professores de inclinação à esquerda no quadro docente, o que não anula a forte repressão enfrentada nas Universidades. Todavia, o traço personalista da cultura política brasileira permitiu a tendência a acomodação inter-elites (muitas delas de orientação à esquerda) nos quadros universitários. Mesmo assim, o projeto conservador se sobressaiu, pautando-se na exclusão dos segmentos subalternos como atores políticos, bem como no combate ao pensamento de esquerda, defendendo valores tradicionais como pátria, família e religião, incluindo a moral cristã, ideias formadoras da tradição elitista e autoritária brasileira da qual Gilberto Amado foi porta voz.

Estudamos, neste trabalho, os elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado, ou seja, estudamos o Gilberto Amado, leitor, receptor e, até mesmo, ressignificador

das ideias que fizeram parte de sua trajetória intelectual. Contudo, Amado também foi formador de uma geração, por meio de sua atuação no mundo das ideias. Temos, com Antônio Gallotti, um exemplo da ressonância das ideias defendidas pelo conservadorismo de intelectuais como Amado. A atuação do IPES na Educação e Cultura indica, em certa medida, a adoção das ideias de Amado nesses âmbitos. Educação e Cultura, para o IPES, seriam prerrogativas da formação da classe dirigente, que guiaria a nação rumo ao progresso. Afora as circunstâncias históricas que delinearam momentos distintos da história brasileira – a Primeira República e o período ditatorial, este notadamente marcado pelo fortalecimento do capitalismo no Brasil – o cerne da questão é o mesmo: o Gilberto Amado que defendia a formação de uma classe dirigente ilustrada às custas do trabalho braçal de índios e negros, ecoa no projeto do IPES de desvalorização e domesticação da educação popular e valorização de mão de obra qualificada para atuação em altos cargos. Mesmo que seja necessário assinalar que Amado não defendeu o autoritarismo como sistema político, (apesar de deixar claro, em suas memórias, certa admiração por figuras como Mussolini⁸³), o seu projeto de formação de uma classe dirigente elitista para o Brasil ecoou na configuração do IPES e ressoa em certos setores da sociedade brasileira até hoje.

O estudo da formação e trajetória de Gilberto Amado oferece indícios para a problematização de algumas questões que esta tese defende. Uma delas é a importância de estudar letrados que parecem esquecidos no circuito acadêmico por terem suas produções vinculadas a posicionamentos conservadores e elitistas. Questionar, aliás, a própria ideia de esquecimento que circunda tais autores. Estariam as ideias desses autores, de fato, esquecidas? A historiografia brasileira aponta para uma gama de trabalhos que trataram de abordar os intelectuais elitistas e autoritários que defendiam o nacionalismo de direita entre os anos 1910 e 1930. Existe, porém, certo fosso quanto a atuação desses intelectuais a partir de 1950, demandando a necessidade de se conhecer os projetos culturais e intelectuais do período para além do campo das esquerdas, bem como a recepção dessas ideias. Instituições como o IPES não surgiram do nada, nem tampouco tem sua ascensão ligada tão somente ao momento de crise inflacionária, no final dos anos 1950. O IPES traz em suas entranhas a tradição elitista brasileira, da qual Gilberto Amado foi, em amplo sentido, porta voz. Não sendo à toa que um dos seus principais idealizadores foi aluno e grande admirador de Amado, chegando a estar na linha de frente da luta contra o esquecimento da produção de seu mestre, o que indica a recepção e o investimento em prol da perenização de tais ideias. O que esta

⁸³ Conf. AMADO, 1958, p. 168-176

tese supõe e suscita é a necessidade de historicizar tal tradição conservadora e autoritária e o corpo de ideias que a embasam, uma vez que tais noções passam pelo processo de reatualização no momento presente. Os elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado não foram de todo sepultados, como parece ter sido este personagem para a cena acadêmica. Suas ideias deterministas, iluministas, positivistas, que perpassam sua memorialística e seu projeto de nação de construir uma elite dirigente para o país, ainda ressoam na cena nacional, e daí a necessidade de historicizá-las, de conhecer seus alicerces, na tentativa de balançar suas grades e, até mesmo, promover o deslocamento necessário para analisarmos a irrupção e ressignificações de tais noções na contemporaneidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem que pensa
 Tem a fronte imensa
 Tem a fronte pensa
 Cheia de tormentos.
 O homem que pensa
 Traz nos pensamentos
 Os ventos preclaros
 Que vêm das origens.
 O homem que pensa
 Pensamentos claros
 Tem a fronte virgem
 De ressentimentos.
 Sua fronte pensa
 Sua mão escreve
 Sua mão prescreve
 Os tempos futuros.
 Ao homem que pensa
 Pensamentos puros
 O dia lhe é duro
 A noite lhe é leve:
 Que o homem que pensa
 Só pensa o que deve
 Só deve o que pensa

(Poema para Gilberto Amado, Vinícius de Moraes, 1963)

“O homem que pensa.” Talvez não exista, para Gilberto Amado, melhor forma de ser lembrado. “Fronte virgem de ressentimentos?”. Esta é uma questão que esta tese suscita, apontando para certo contraponto à afirmação de Vinícius de Moraes. O ressentimento é parte da narrativa de Gilberto Amado. E, como o próprio poeta indica, Gilberto Amado teria a “fronte pensa, cheia de tormentos.” A própria menção aos ressentimentos, em meio a afirmação de que Amado era um homem que pensava, sugere que tal sentimento fez parte da narrativa construída acerca da trajetória intelectual desse autor e aparece em destaque nas narrativas que construiu.

Em carta do mesmo ano, a remetente que, ao que parece, se chamava Francisca⁸⁴ afirma que Gilberto Amado se tratava de uma figura dicotômica: “arisco, imprevisível, jovem,

⁸⁴ FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Carta de Francisca (?) a Gilberto Amado. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1963. A assinatura dificulta a leitura do nome.

amante da vida, ríspido e delicado, rancoroso e bondoso, orgulhoso e generoso.” Mais uma vez, a ideia de apego ao passado aparece nas possíveis qualificações construídas para Gilberto Amado. Rancor e ressentimento são sinônimos. Ambos denotam a ideia de certo vínculo ao passado consubstanciado pela noção de mágoa.

Esta tese não vislumbrou construir uma imagem fechada para o autor, enclausurá-lo sobre nas grades do ressentimento. Como o próprio relato de Francisca (?) indica, Amado foi também definido de outras formas: era jovem, amante da vida, delicado, bondoso e generoso. E tudo isso o que sugere é algo que Amado parece ter relutado em aceitar: a ideia de que as palavras não dão conta das coisas. E que, portanto, é difícil sedimentar uma tal imagem de si. É difícil se manter uno. É difícil e sacrificante manter a unidade entre mente, corpo e razão, contrariando a tessitura que Gilberto Amado alinhava para si ao afirmar que “não havia cisões dentro de [si]; tudo era unido, bem ajustado. Cabeça e coração se entendiam bem. Nada de contradições separando-[lhe] ou quebrando-[lhe] em pedaços soltos. Nenhum complexo ou recalque.” Para Amado, tal postura diante da vida teria sido possível pelo cultivo do “estudo, o exame das causas das coisas, a boa literatura que explica sem explicar, mostrando só”. (AMADO, 1958, p. 303)

Eis o investimento discursivo de Amado: o exame da causa das coisas, o positivismo, a ciência, o determinismo biológico, a literatura - que, na sua acepção naturalista, só mostra como as coisas são na realidade - são os elementos fundantes de sua construção de si. No entanto, eis que, num determinado momento, a razão parece lhe abandonar. E o corpo daquele homem dotado de razão, se vê ceifando outra existência. Por um momento, Amado assiste a implosão do edifício, supostamente, construído pelos sonhos do pai. Justamente, no ano em que é eleito deputado pelo Sergipe, Gilberto Amado comete o homicídio contra o poeta Annibal Theophílo e vê, por um momento, sua imagem estilhaçada no espelho, isso porque o tiro disparado contra Annibal também é um tiro contra a imagem de intelectual sensibílíssimo que o sergipano constrói em suas memórias. Logo ele que detestava se ver em espelhos, pois mirar-se em espelhos grandes, como aqueles do Recife, e se ver por completo, dava-lhe a sensação do quanto ele era feio. Feio não só fisicamente, mas feio também de alma. Afinal, ele, Gilberto Amado, cristão e moralista por excelência, assassinou um homem para defender sua honra dos constantes ataques de que era vítima. Pelo visto, a leitura dos moralistas que Amado chega a reivindicar em *Presença na Política*, não havia surtido tanto efeito. A propósito, por onde andava os moralistas da década de 1950, questionava o autor sergipano. (AMADO, 1958, p. 304)

Este trabalho buscou analisar historicamente a construção das imagens que Gilberto Amado elaborou para si. Desconfiar de sua pretensa crosta racionalista. E desconstruir, em certo sentido, a própria ideia de que Amado optou pela carreira política tão somente para seguir os sonhos do pai. Como vimos, a carreira literária e a política andaram de mãos dadas em determinados momentos da História, fazendo com que vários intelectuais tivessem a mesma trajetória, num jogo de trocas de capitais simbólicos entre as duas esferas da vida social. Não se trata aqui de negar a violência simbólica de que homens como Amado foram vítimas por meio de uma educação sedimentada em moldes patriarcais e pela própria ideia de formação que Amado defende. Contudo, como foi discutido, Amado se beneficiou de sua carreira política, chegando, em muitos momentos, a preferi-la em detrimento ao magistério, por exemplo, o que contraria a ideia de que a predisposição à docência era algo como uma “tara de família.” Aliás, a sua cooptação como intelectual pelo estado corporativista, inaugurado nos anos 30, também foi o que possibilitou que suas memórias fossem escritas, permitindo assim, um gestão de si que é também uma invenção de si. Assim, o ressentimento que Amado constrói em relação à figura paterna foi também uma imagem criada pelo autor para justificar a sua ideia de que ele, Amado, era um homem mais de pensamento do que de ação. E como tal, deveria ter lugar cativo no papel de guia da nação no rumo do progresso. O ressentimento, além de dar indícios de uma experiência, é também fundante de uma escrita de si e de um projeto de Brasil.

Assim, Amado se apegava aos ideais de sua formação a tal ponto de não construir apenas uma essência para si, mas também para o Brasil, uma vez que ambas as coisas parecem interligadas: a nação brasileira era carente de intelectuais que pensassem seriamente e cientificamente os problemas nacionais. A nação brasileira pouco valorizou o pensamento de Gilberto Amado como testemunha de um longo período histórico e parte substancial do pensamento social brasileiro. Logo ele que preferia o pensamento à ação. A luta de Gilberto Amado é uma luta contra a passagem do tempo. Sua produção deveria ser lembrada. Deveria entrar para história do pensamento brasileiro.

Todavia, a figura de Gilberto Amado parece ter caído em certo ostracismo. Foi situação comum, no percurso desse trabalho, que as pessoas, mesmo aquelas ligadas à Academia, nem sequer soubesse quem era o autor. Ao referir-me a Gilberto Amado, seu nome era quase sempre confundido com o nome de seu primo mais famoso: Jorge Amado. O que indica a invisibilidade de Gilberto Amado no senso comum e no ambiente acadêmico.

Apontamos, neste texto, alguns caminhos que buscam entender as circunstâncias de tal invisibilidade: o assassinato do poeta Annibal Theophilo, o insucesso de seus romances, a

convivência, ao que tudo indica, conturbada com editores famosos como foi o caso de José Olympio e, até mesmo, sua ligação com setores autoritários ligados à ditadura militar.

A propósito, se a obra de Gilberto Amado parece esquecida, o mesmo não acontece com suas ideias. Sua ideia de construção de uma classe dirigente ilustrada e, consequente, exclusão de camadas subalternas do projeto de formação educacional não é tão original, mas ecoou na construção do Estado corporativista varguista, no qual o autor sergipano teve lugar cativo e, em certo sentido, no projeto autoritário para a educação no período ditatorial. Aliás, tal ideia ressoa no nosso presente. A resistência de setores reacionários da sociedade brasileira à Política Nacional de Cotas, por exemplo, tem fundamento na tradição elitista brasileira da qual Gilberto Amado fez parte.

Portanto, este trabalho foi também um questionamento do estatuto do esquecimento por meio da problematização das forças, dos jogos políticos envolvidos na canonização de certos autores e no ostracismo de outros, indicando que as ideias que fizeram parte da construção do pensamento de Gilberto Amado não foram sepultadas. Elas ainda estão presentes na própria ideia de formação que guia muitas concepções de educação. E que tem se mostrado, em certo sentido, falhas, justamente por conceber a formação como um *télos* que produziria um tipo ideal a ser alcançado.

Este trabalho também foi um questionamento do estatuto da verdade. Gilberto Amado, como homem de seu tempo, falava em nome de uma verdade, cujas balizas estão inscritas historicamente. Assim, este trabalho buscou historicizar e problematizar as condições de possibilidade e os alicerces conceituais que deram sustentação às ideias de Amado acerca das questões políticas e sociais de seu tempo. Este trabalho é, pois, uma construção de uma outra versão possível para Gilberto Amado. Construção essa pautada pelas problemáticas, teorias e metodologias que permitem ao historiador o exercício de seu ofício. Ofício que vai além da plena aceitação do discurso como referência a uma pretensa verdade e que, portanto, questiona os lugares construídos para um determinado pensamento, seja eles lugares de memória ou lugares de esquecimento.

Além disso, este trabalho busca alertar para o cuidado no trato de ideias que parecem soterradas pela construção de uma frágil e questionável democracia que, no momento presente, possui suas veias e vértebras expostas. Não problematizar estas ideias é também comungar com a ilusória noção de que alcançamos o ideal de civilização. É, portanto, também compactuar com projeto de nação idealizado por Gilberto Amado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual; o modelo socrático. In.: GROSS, Fredáric. ARTIÈRES, Phillippe. Trad.; Marcos Marcionilo. *Foucault: a coragem de verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 39-62.

AGRA DO Ó, Alarcon. In.: *Velhices Imaginadas: memória e envelhecimento no nordeste do Brasil (1935, 1937, 1945)*. Recife, 2008.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *De amadores a desapaixonados: Eruditos e Intelectuais como Distintas Figuras do Conhecimento no Ocidente Contemporâneo*. Trajetos, Fortaleza/CE, v. 03, n. 06, 2005.

_____. *De armazém a campo cultivável: a instrução e a formação como diferentes formas de aprendizagem e como diferentes relações com o saber e com a leitura, produzindo subjetividades e sujeitos outros*. Línguas e Letras, Cascavel/ Paraná, v. 6. N. 10, 2005.

_____. *A invenção do nordeste e outras artes*. 2. ed – Recife: FJN, Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 2001.

_____. “O morto vestido para um ato inaugural”: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 19-34; p. 247-269.

AMADO, Gilberto. *História da minha infância*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

_____. *Minha Formação no Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958a.

_____. *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

_____. *Presença na política*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1958b.

_____. *Depois da Política*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

_____. *Espirito de nosso tempo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

_____. *A Chave de Salomão e Outros Escritos*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

_____. Tobias Barreto. *Conferência proferida no Centro Oswald Spengler na inauguração do curso de extensão acadêmica*. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.

_____. *Eleição e Representação*. Brasília. Senado Federal, 1999, 161p.

_____. *Discurso de posse na Academia de Letras*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/gilberto-amado/discurso-de-posse>. Acesso em: Abr. 2017.

AMADO, Genolino. *O menino sergipano: memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1977, 225p.

ATAÍDE Regina Alves e SÁ, Vera Borges de. *Os Bacharéis e a Imprensa do Século XIX no Recife: a produção de Tobias Barreto*. In.: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2982-1.pdf>. Acesso em Dez. 2015.

BARBOSA, Ivan Fontes. *Tobias Barreto: mestiçagem e sociologia no Brasil do século XIX*. Disponível em: <http://ojs.ub.gu.se/ojs/index.php/modernasprak/article/viewFile/2876/2490>. Acesso em: mar. 2015.

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre: Casa Grande & Senzala. In.: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico, 1*. São Paulo: Editora Senac, 1999.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Centro Edestain de Pesquisas Sociais, 2008.

BRACHT, Valter. *A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física*. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99, p. 69-88.

BRAGA, Rui. Sob a sombra do precariado. In.: *Cidades Rebeldes: Passe Livre e manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013, p. 79-82.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASAGRANDE, Euclédes Fábio. *O problema da formação moral em Kant*. In.: IV ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012, 13p. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2511/932>. Acesso em: dez. 2015.

CAVALCANTE, Maria Claudia. *Em frente ao espelho, recompondo e decompondo cacos de si: intelectualidade e memória em Gilberto Amado* / Campina Grande, 2009.125f.

CAVALCANTI, André. *Entenda porque o “Impeachment” de Dilma é Golpe*. Disponível em: <https://andredemessias.jusbrasil.com.br/artigos/317608764/entenda-porque-o-impeachment-de-dilma-e-golpe>. Acesso em: mar. 2017.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Trad. De Maria Manuela Garlhado. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad.: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP. 1999.

COMTE, Auguste. *Auguste Comte*: seleção de textos de José Arthur Giannotti. Trad.: de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CONTIJO, Fernando Belo. *O apolíneo e o dionisíaco como manifestações da arte e da vida*. In.: Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II – janeiro a dezembro de 2006. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/2_Edicao/O%20APOLiNEO%20E%20DIONISiACO%20COMO%20MANIFESTACOES%20DA%20ARTE%20E%20DA%20VIDA%20%20Fernanda%20Belo%20Gontijo.pdf. Acesso em: nov. 2015.

COSER, Ivo e HOLANDA, Cristina Buarque de. *Liberais e autoritário orgânicos, a representação política no pensamento de José de Alencar, Assis Brasil, Gilberto Amado, Alberto Torres e Oliveira Vianna*. Texto publicado 38º Encontro Anual da ABCP. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt19-1/9002-liberais-e-autoritarios-organicos-a-representacao-politica-no-pensamento-de-jose-de-alencar-assis-brasil-gilberto-amado-alberto-torres-e-oliveira-vianna/file>. Acesso em: mar. 2017.

COSTA, J.Cruz. *O POSITIVISMO NA REPÚBLICA* (Notas sôbre a história do positivismo no Brasil, 1953. Disponível em: www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35732. Acesso em: Jul 2017

CUNHA. *Memória dos Ressentimentos: a luta armada através do cinema brasileiro 1980 e 1990*. Dissertação (Mestrado em História) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e Filosofia*. Trad. Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro. Editora Rio, 1976.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes Literários da República: História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora, 2005, p. 21-28.

ELUF, Luíza Nagib. *A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres de Ponte Vigueiro a Pimenta Neves*. São Paulo: Saraiva, 2007.

FAUSTO, Boris e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano Sociedade e Instituições*. São Paulo: difel.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FREYRE, Gilberto. FREYRE, Gilberto. *Recordação de Gilberto Amado, o recifense*. Revista Brasileira de Cultura. Rio de Janeiro, a. 1, n. 2, out./dez. 1964

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? e A escrita de si In.: *O que é um autor*. Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Ed, Passagens, 1992, p. 29-87; p. 129-160.

_____, Quest-ce que les Lumières?», *Magazine Littéraire*, n° 207, mai 1984, pp. 35-39. (Retirado do curso de 5 de Janeiro de 1983, no Collège de France). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, p. 679-688. Por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://www.revistaartereal.com.br/wp-content/uploads/2014/02/O-QUE-%C3%89-ILUMINISMO-Foucault.pdf>. Acesso em: Jul. 2017.

GAGNEBIN, Jeanne- Marie. Walter Benjamin: estética e experiência histórica. In.: ALMEIDA, Jorge e BABER, Wolfgang (Orgs.). *Pensamento alemão no século XX. Grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil*. Volume I. São Paulo: Cosac Naify, 2009, pp. 141-158.

GALLOTTI, Antônio. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gallotti-antonio>. Acesso em: mai. 2017.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A palmatória era a sua vara de condão: práticas escolares na Paraíba (1890-1920). In.: FILHO, Luciano Mendes de Faria. (Org.) *Modos de Ler e formas de escrever*. Belo Horizonte: autêntica, 1988, p. 117 – 140

GANDRA, Edgar Ávila e SILVA, Admilson José da. *A Orientação político-educacional no populismo e a evolução na estratégia liberal para conter a mobilização operária*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.19, p. 117 - 133, set. 2005 - ISSN: 1676-2584.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *ESSA GENTE DO RIO...* Os intelectuais carioca e o Modernismo. In.: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 62-77.

_____. *Autoritarismo e Corporativismo no Brasil: Oliveira Vianna, Francisco Campos, Azevedo Amara e a construção do mito Vargas*. In.: Estudos Sociais 33 [Segundo Semestre 2007], p. 101-121

GRAGNOLINI, Mônica. *Estranhos Ensinos: Nietzsche e Deleuze*. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, Set./Dez. 2005, , p. 1195-1203. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: jun. 2016.

GUATARRI. Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Trad.: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____, *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____, *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. Barcelona: Laertes, 1996, p. 13-262.

LEE, Anna. *O sorriso da sociedade: o crime que matou um tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 3º ed. São Paulo, Pioneira, 1976.

LIMA FILHO, Luiz Costa. *Gilberto Amado ou a presença de uma transição*. Revista Brasileira de Letras, Rio de Janeiro/ RJ, Ano X, n. 27, 1960, p. 51-71.

MARTINS, Carlos Benedito. *O que é sociologia?* São Paulo: Brasiliense, 2006, 98p

MARTINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*: v.3- Republica: da Belle époque a era do rádio. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo/ Rio de Janeiro, 1979.

_____, *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 13-68; p. 345-356; p. 369- 396.

MORAES, Vinícius. *Poema para Gilberto Amado*. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/poema-para-gilberto-amado>. Acesso em: mai. 2017.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Meninos e meninas de rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha*. In.: Revista Brasileira de História [online] Set, 1999, vol 19, nº 37, 13p.

NETO AZEVEDO, Joachin. *Vida literária e desencantos: Uma história da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922)*, SC, 2015. 342 p. Defendida pelo Programa de Pós Graduação em História de Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH/SC)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhetm, 1844-1900. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. - São Pauto. Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade de. *Legislação e educação. O ideário reformista do ensino primário em Sergipe na Primeira República 1889-1930*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Fundamentos da Educação pela UFSCAR Santa Catarina, 2004.

OLIVEIRA, Érico Andrade M.de. *A crítica de Nietzsche à moral kantiana: por uma moral mínima*. In.: Cadernos Nietzsche 27, 2010, p. 169-179. Disponível em: <http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/home/item/150-a-cr%C3%ADtica-de-nietzsche->

%C3%A0-moral-kantiana-por-um-moral-m%C3%ADnima. Acesso em: dez. 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, Alcidésio. *Penas especiais para homens especiais: as teorias biodeterministas na Criminologia Brasileira na década de 1940*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História de Ciências da Saúde, da casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2005.

PAIM, Antônio. *A Escola do Recife*. Rio de Janeiro: Uel, 3ªed. 1997.

PAIXÃO, Fernando. *José Olympio: um editor de risco*. In.: Estudos Avançados, 22 (64), 2008, pp. 357-360. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000300024. Acesso em: mai. 2017.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PATRIM, Augusto. *Oswald Spengler: um enigma histórico-intelectual no século XX (A Decadência do Ocidente de Oswald Spengler: seu conceito de história e seus intérpretes)*. In.: ANAIS DOM XX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE: ANPUH SÃO PAULO, Cd-Rom, Franca: UNESP, 2010, p. 01-07.

PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad.: Maria Júlia de Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990, p. 5-75.

PINHO, Péricles Madureira. Depoimento sobre Gilberto Amado. In.: AMADO, Gilberto. *A Chave de Salomão e Outros Escritos*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1971, p. 14-40.

PINTO, João Alberto da Costa. *Nacionalismo e História em Nelson Werneck Sodré (1911-1999)*. Revista Espaço Acadêmico – N° 119 – Abril de 2011. Ano X. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12992>. Acesso em: abr. 2017.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. *José de Alencar: entre o Romance e a História*. Projeto História. Revista do Programa de Estudo dos Pós Graduados em História, n° 43. Dezembro de 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/4159>. Acesso em: abr. 2017.

RIO, J. Pires. *O Brasil e a colonização portuguesa (contestação a James Bryce)*. Prefácio e notas de Gondim da Fonseca, Livraria São José, 1971.

ROLNIK, Raquel. Apresentação – As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In.: *Cidades Rebeldes: Passe Livre e manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013, p. 79-82.

ROMERO, Sylvio. *Doutrina contra Doutrina: o evolucionismo e o positivismo na República do Brasil*. Rio de Janeiro: Editor – J.B. Nunes, 1894.

_____. *A America Latina (Analyse do livro de igual titulo do Dr. Manoel Bomfim)*. Porto: Livraria Chardron, 1906.

SALOMÃO, Ivan Colangelo. Influências do positivismo na formação do pensamento desenvolvimentista brasileiro. *Revista Econômica*, volume 18, número 1, jun.2016, p. 1-16. Disponível em: www.revistaeconomica.uff.br/index.php/revistaeconomica/article/download/.../245; Acesso em Jul. 2017.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. Ruptura e continuidade na ditadura militar brasileira: a influência da cultura política. In.: ABREU, Luciano Aronne de e SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (Orgs). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, p. 9-32.

_____, *A Ditadura nas Universidades: repressão, modernização e acomodação*. Cienc. Cult. [online]. 2014, vol.66, n.4, pp. 21-26. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252014000400010&script=sci_arttext. Acesso em: abr. 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. Do que falamos quando empregamos o termo “subjetividade” na prática da história oral?. In. LEVERDI, Robson [et. Al] (Orgs). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Ed. Universitária de UFPE; [Florianópolis/ SC]: Ed. Da UFSC, 2012, p. 83-96.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SENNA, Homero. *Gilberto Amado e o Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1º ed. Coleção Documentos Brasileiros, vol.: 134. 1968

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Hebe Cristina. *Imagens da Escravidão: uma leitura dos escritos políticos e ficcionais de José de Alencar*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 01-03; 55-131.

SILVA, Leandro Assunção. *História, Filosofia e Espaços: a ideia de Ocidente em Oswald Spengler*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2008, p. 10-24.

SILVA, Roberto Candido da. In: *O Polígrafo Interessado. João Ribeiro e a construção da brasilidade*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP. São Paulo, 2008, p. 9-67; p. 83-134.

SOUSA, Márcio Ferreira de. *A obra memorialística como instrumento de análise metateórica*. Soc. Estado, Brasília, v. 26, n. 2, Aug. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Sept. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922011000200007>.

SOUZA, Maria Inêz Salgado de. *Estudo sobre o pensamento educacional das elites no Brasil*. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de Filosofia e Educação, 1978;

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Método, raça e identidade nacional em Sílvia Romero*. Revista de História Regional, 9(1): 9: 30, 2004.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *Intelectuais e Modernidade no Recife dos anos 20*. Saeculum Revista de História. I (1): 89-98, Jul/Dez/ 1995. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11097>. Acesso em: abr. 2017.

TORQUATO, Artur Luís de Oliveira. *As verdes páginas na biografia cascudiana: uma análise da atuação propagandista de Câmara Cascudo nos periódicos integralistas (1932-1937)*. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT11/11.1.pdf>. Acesso em: mar. 2017.

VELASQUES, Maria Clara Chaves. *Homens de Letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História Social. Niterói, 2000. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/6.pdf>. Acesso em: abr. 2017.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil: 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, 207p.

VESENTINI, Carlos Alberto. *A teia do fato*. Uma proposta de estudo sobre memória histórica. São Paulo: editora hucitec, 1997, 219p.

APÊNDICES A - JORNAIS CITADOS

Correio do Recife, Pernambuco, 20 de junho de 1907, p. 1.
 Correio do Recife, Pernambuco, 21 de junho de 1907, p. 1.
 Correio do Recife, Pernambuco, 23 de junho de 1907, p. 1.
 Correio do Recife, Pernambuco, 3 de agosto de 1908, p. 1.
 Correio do Recife, Pernambuco, 4 de agosto de 1908, p. 1.
 Correio do Recife, Pernambuco, 6 de agosto de 1908, p. 1.

Diário de Pernambuco. Recife – Sabbado, 8 de junho de 1907, p. 1.
 Diário de Pernambuco. Recife – Sabbado, 15 de junho de 1907, p. 1.
 Diário de Pernambuco, Recife, 23 de junho de 1907, p. 1.
 Diário de Pernambuco, Recife, 4 de agosto de 1908, p. 1.

Jornal A Província, Recife – Domingo, 20 de junho de 1915.
 Jornal A Província, Recife – Segunda-Feira, 21 de junho de 1915.

Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 28 de abril de 1910, p. 1
 Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1911, p. 1
 Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1915, p. 1
 Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1910, p.1.
 Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1910, p.1.
 Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1910, p. 1.

Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1911.
 Jornal O Paíz, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1915.

Jornal O Século, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1915, p. 01.

Revista O Malho, Rio de Janeiro, junho de 1915.

O Semanário Letras e Artes. Ano 1. Nº2. Janeiro de 1957

APÊNDICES B - ACERVO PESSOAL DE GILBERTO AMADO - FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA/ARQUIVO MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA:

Carta de Gilberto Amado a Olívio Montenegro. Rio de Janeiro. 3 de novembro de 1956.

Carta de Câmara Cascudo a Gilberto Amado. Natal (RN). 8 de outubro de 1954. Carta de Câmara Cascudo a Gilberto Amado. Natal (RN). 18 de outubro de 1954.

Carta de Gilberto Freyre a Gilberto Amado. Recife. 7 de novembro de 1958.

Carta de Érico Veríssimo a Gilberto Amado. Washington. 01 de novembro de 1954.

Carta de Érico Veríssimo a Gilberto Amado. Washington. 20 de março de 1956.

Carta de Nelson Werneck Sodré a Gilberto Amado. Rio de Janeiro. 23 de setembro de 1957.

Carta da Gráfica Record Editora. Assinatura ilegível. Rio de Janeiro, 20 de março de 1969.

Carta de Francisca (?) a Gilberto Amado. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1963. A assinatura dificulta a leitura do nome.

Carta de Nelson Werneck Sodré a Gilberto Amado. Paris. 10 de setembro de 1957.

Disponível em <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/38506>.

Discurso pronunciado pelo Embaixador Gilberto Amado no Banquete que lhe foi oferecido por seus amigos no Copacabana Palace, por ocasião do seu 80º aniversário. Rio de Janeiro. 7 de maio de 1967.

Texto em comemoração do vigésimo quinto do aniversário de Casa Grande & Senzala. 1958